

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO - PPGInfo

JULIANA MARQUES RAMOS

**CLUBE DE LEITURA ODS (ONU) NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS: FORMANDO LEITORES E
CIDADÃOS CONSCIENTES**

FLORIANÓPOLIS

2024

JULIANA MARQUES RAMOS

**CLUBE DE LEITURA ODS (ONU) NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS: FORMANDO LEITORES E
CIDADÃOS CONSCIENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha Informação, Memória e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Gestão da Informação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Daniella Camara Pizarro

FLORIANÓPOLIS

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Juliana Marques Ramos – CRB 14/1818

R 175c Ramos, Juliana Marques
Clube de Leitura ODS (ONU) nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: formando leitores e cidadãos conscientes / Juliana Marques Ramos. -- 2024.
267 p. : il. color.

Orientadora: Daniella Camara Pizarro
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão da Informação, Florianópolis, 2024.

1. Agenda 2030 da ONU. 2. Clube de Leitura ODS. 3. Biblioteca escolar. 4. Leitura. I. Pizarro, Daniella Camara. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão da Informação. III. Título

JULIANA MARQUES RAMOS

**CLUBE DE LEITURA ODS (ONU) NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS: FORMANDO LEITORES E
CIDADÃOS CONSCIENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha Informação, Memória e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Mestrado Profissional em Gestão da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Daniella Camara Pizarro, Doutora em Ciência da Informação
Universidade do Estado de Santa Catarina

Jorge Moisés Kroll do Prado, Doutor em Ciência da Informação
Universidade do Estado de Santa Catarina

Guilherme Martins, Mestre em Gestão de Unidades de Informação
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

Fernanda de Sales, Doutora em Educação
Universidade do Estado de Santa Catarina

Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade Bamberg, Mestre em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 27 de agosto de 2024.

Dedico este trabalho a todos que vivem o dia a dia da biblioteca escolar e lutam pela sua resistência.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de mestrado. Dois anos intensos, com muitas mudanças na minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Ao longo dessa montanha-russa de emoções, percorri descidas que pareciam intermináveis, mas tive sorte de contar com a presença de pessoas especiais que me impulsionaram para cima e, não só celebraram as subidas comigo, mas também suavizaram as quedas. E, por isso, tenho tanto a agradecer e reconhecer.

Primeiramente à toda minha família, em especial ao meu companheiro Luã, que suportou meus estresses quase diários e garantiu que nosso lar fosse sempre um porto de paz e segurança em meio ao caos da rotina. Obrigada por compartilhar a vida comigo. Aos meus pais, Jacilene e Edelson, e meus sogros, Márcia e Jaime, por todo o cuidado, carinho e compreensão dedicados a nós, sempre encontrando maneiras de facilitar nosso caminho.

Aos meus amigos (e aqui prefiro não citar nomes, para não deixar ninguém de fora), pela paciência em ouvir, toda a vez que nos encontrávamos, meus desabafos sobre a dificuldade de conciliar o mestrado com uma jornada de trabalho de 44 horas semanais. Obrigada por levantarem minha cabeça e sempre me lembrarem que eu estava fazendo o melhor que podia dentro das minhas limitações.

Aos meus colegas (Polvos do PPGInfo) e professores do mestrado, que sempre me deram todo o apoio acadêmico necessário, obrigada por compartilharem as alegrias e as dores dessa jornada, tornando-a menos solitária!

Agradeço à minha orientadora Daniella Camara Pizarro, por sua paciência e dedicação em me apoiar e me guiar para a realização deste trabalho. Obrigada por toda a confiança que sempre demonstrou ter em mim como pesquisadora, até quando eu mesma duvidava.

Aos integrantes da banca, Guilherme e Jorge, com seus olhares sempre atentos que trouxeram grandes contribuições para a construção deste trabalho. À minha querida professora Fernanda e minha amiga Callu, que aceitaram o convite de suplência da banca.

Aos bibliotecários participantes dessa pesquisa, que cederam um tempo em meio à correria do trabalho na biblioteca escolar e enriqueceram essa pesquisa com seus discursos. Obrigada por se mostrarem acessíveis e compartilharem suas experiências.

A todos que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, expresso aqui minha gratidão!

[...] a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. (Petit, 2010, p. 289)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender de que forma o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF). Na fundamentação conceitual foram abordados conceitos sobre as bibliotecas escolares, o poder da leitura e da literatura infantojuvenil, bem como a apresentação da Agenda 2030 da ONU e do Clube de Leitura ODS. A fundamentação teórico-metodológica que norteia a pesquisa parte de uma abordagem qualiquantitativa, sendo esta uma pesquisa aplicada e descritiva, que utilizou como instrumentos: levantamento em catálogo bibliográfico on-line, questionário e entrevista. Para análise das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin, com a organização dos discursos por categorização. A partir dos resultados encontrados, verificou-se que a rede possui 43 dos 175 títulos do Clube de Leitura ODS (de acordo com o catálogo bibliográfico on-line), contemplando 24,57% das obras do Clube em seu acervo. Ainda em relação ao acervo, a pesquisa demonstrou que existe uma relação direta entre a presença destes livros do Clube nas bibliotecas e a distribuição de livros pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), já que mais da metade dos títulos do Clube que as bibliotecas possuem foram entregues pelo programa. Compreendeu-se também que, apesar de a maioria dos bibliotecários não conhecerem o Clube de Leitura ODS, uma parte considerável destes já utiliza os livros selecionados para o Clube em suas mediações de leitura. O objetivo 5 – Igualdade de Gênero recebeu destaque na pesquisa, pois além de ser o ODS com mais livros contemplados no Clube e na RMEF, também foi o ODS mais votado como interessante para se trabalhar nas bibliotecas. Nas entrevistas, além do foco na questão da igualdade de gênero, os bibliotecários deram destaque também para os temas relacionados ao meio ambiente e à redução das desigualdades. Os participantes consideram os temas trabalhados pelos livros do Clube de grande relevância e importância e mostraram-se favoráveis à utilização de obras do Clube nas bibliotecas, pois reconhecem que este pode servir como um guia para trabalhar temas específicos por meio da literatura. A partir dos dados coletados é proposta uma capacitação voltada para bibliotecários da RMEF, com o objetivo de contemplar a importância das temáticas dos ODS nas práticas dos bibliotecários, por meio do Clube de Leitura ODS.

Palavras-chave: Agenda 2030 da ONU. Clube de Leitura ODS. Biblioteca escolar. Leitura.

ABSTRACT

The present research aims to understand how the SDG Book Club can contribute to the formation of readers focused on the Sustainable Development Goals (SDGs) in the school libraries of the Municipal Education Network of Florianópolis (RMEF). The conceptual framework addressed concepts related to school libraries, the power of reading, and children's and youth literature, as well as an introduction to the UN 2030 Agenda and the SDG Book Club. The theoretical-methodological foundation guiding the research is based on a qualitative-quantitative approach, making it an applied and descriptive study that used the following instruments: an online bibliographic catalog survey, a questionnaire, and interviews. For the analysis of the interviews, Bardin's content analysis was employed, organizing the discourses by categorization. From the results found, it was verified that the network has 43 out of 175 titles from the SDG Book Club (according to the online bibliographic catalog), covering 24.57% of the Club's works in its collection. Furthermore, the research demonstrated a direct relationship between the presence of these books in libraries and the distribution of books by the National Program for the Book and Teaching Material (PNLD), as more than half of the Club titles that the libraries possess were delivered by the program. It was also understood that, despite most librarians being unaware of the SDG Book Club, a considerable number already use the selected books for the Club in their reading mediation activities. SDG 5 – Gender Equality was highlighted in the research, as it not only has the most titles represented in the Club and RMEF but was also the most voted SDG as interesting to work on in the libraries. In the interviews, in addition to focusing on gender equality, librarians also emphasized topics related to the environment and the reduction of inequalities. Participants considered the themes addressed by the Club's books to be of great relevance and importance, and they expressed support for using the Club's books in the libraries, recognizing that it can serve as a guide for addressing specific themes through literature. Based on the collected data, a training program is proposed for librarians in the RMEF, aiming to highlight the importance of the SDG themes in librarians' practices through the SDG Book Club.

Keywords: UN 2030 Agenda. SDG Book Club. School library. Reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	35
Figura 2 - Novos ODS propostos para o Brasil	36
Figura 3 - Logotipo do Clube de Leitura ODS	37
Figura 4 - Capa do catálogo do “Clube de Leitura ODS: Capítulo Brasil”	41
Figura 5 - Mapa das Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis	45
Figura 6 - Títulos do Clube de Leitura ODS presentes nas bibliotecas escolares da RMEF ...	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de títulos por ODS.....	68
Gráfico 2 - Distribuição de títulos e exemplares por biblioteca	70
Gráfico 3 - Distribuição de bibliotecas e exemplares por título	72
Gráfico 4 – Percentual inicial de conhecimento sobre a existência do Clube de Leitura ODS	74
Gráfico 5 - Percentual corrigido de conhecimento sobre a existência do Clube de Leitura ODS	74
Gráfico 6 – Percentual inicial de utilização de livro(s) pertencente(s) ao Clube de Leitura ODS	75
Gráfico 7 - Percentual corrigido de utilização de livros(s) pertencente(s) ao Clube de Leitura ODS	76
Gráfico 8 - Percentual de utilização de livro(s) por motivação	77
Gráfico 9 - Percentual de desenvolvimento de atividades pautadas nos ODS	77
Gráfico 10 - Percentual de relevância do Clube de Leitura ODS.....	78
Gráfico 11 - Percentual dos ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Metodologia da pesquisa.....	50
Quadro 2 - Obras do Clube de Leitura ODS presentes no catálogo bibliográfico on-line da rede de bibliotecas	52
Quadro 3 - Distribuição das respostas dos questionários por temática	80
Quadro 4 - Categorias e unidades de registro.....	85
Quadro 5 - Contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores ..	87
Quadro 6 - Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS.....	96
Quadro 7 - Formas de trabalhar para o alcance dos ODS	106
Quadro 8 - Livros do Clube utilizados e faixa etária da atividade	111
Quadro 9 - Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube	113
Quadro 10 - Principais temas identificados nas obras utilizadas.....	119
Quadro 11 - Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS.....	133
Quadro 12 - Percepções sobre o Clube de Leitura ODS	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Brapci	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
CBL	Câmara Brasileira do Livro
DIBEC	Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GFC	Gerência de Formação Continuada
GT Agenda 2030	Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030
IBBY	International Board on Books for Young People
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IPA	International Publishers Association
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
RIDI	Repositório Institucional do IBICT
RMEF	Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SME	Secretaria Municipal de Educação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	OBJETIVO GERAL.....	19
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1.3	JUSTIFICATIVA	19
2	BIBLIOTECA ESCOLAR E O INCENTIVO À LEITURA	23
2.1	O FAZER DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR.....	23
2.2	O VALOR DA BIBLIOTECA NO CONTEXTO ESCOLAR	25
2.3	A LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR	26
3	O PODER DA LEITURA E DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	28
3.1	DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA ...	28
3.2	FUNÇÕES DA LEITURA	31
3.3	LEITURA, POLÍTICA PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	32
4	AGENDA 2030 DA ONU	34
4.1	A AGENDA NO BRASIL	35
5	CLUBE DE LEITURA ODS	37
5.1	O CLUBE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CAPÍTULO BRASIL	37
6	METODOLOGIA.....	43
6.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	43
6.2	UNIVERSO DE PESQUISA	44
6.3	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	47
7	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
7.1	LEVANTAMENTO DOCUMENTAL DAS OBRAS DO CLUBE DE LEITURA ODS PRESENTES NO CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO ON-LINE	51
7.2	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	73
7.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	83
7.3.1	Categorização do conteúdo das entrevistas.....	85
7.3.1.1	Contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores.....	86
7.3.1.2	Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS	94
7.3.1.3	Formas de trabalhar para o alcance dos ODS.....	105
7.3.1.4	Livros do Clube utilizados e faixa etária da atividade.....	111
7.3.1.5	Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube	112
7.3.1.6	Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS	132

7.3.1.7	Percepções sobre o Clube de Leitura ODS.....	137
7.3.2	Contextualização da realidade a partir dos discursos dos/as entrevistado/as	150
7.3.2.1	O sentido da biblioteca escolar na visão dos bibliotecários	150
7.3.2.2	Atuação do bibliotecário.....	155
7.3.2.3	Atividades de mediação de leitura realizadas pelas bibliotecas da rede.....	157
7.3.2.4	Interação dos estudantes com as atividades.....	160
7.3.2.5	Interação dos professores com as atividades	161
8	PRODUTO DA PESQUISA: CAPACITAÇÃO “CLUBE DE LEITURA ODS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: FORMANDO LEITORES CONSCIENTES”	164
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
	REFERÊNCIAS	172
	APÊNDICE A - MODELO DO QUESTIONÁRIO	179
	APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	181
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DOS QUESTIONÁRIOS.....	182
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DAS ENTREVISTAS	185
	APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.....	188
	APÊNDICE F – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	189
	ANEXO A - METAS DOS ODS DA AGENDA 2030.....	252
	ANEXO B - OBRAS BRASILEIRAS DO CLUBE DE LEITURA ODS	260

1 INTRODUÇÃO

As preocupações com o futuro do planeta têm se intensificado nas últimas décadas, à medida que se reconhece que a humanidade tem enfrentado desafios nas esferas ambientais, sociais e econômicos que podem ter efeitos irreversíveis. O modelo atual de produção e consumo tem levado à degradação do meio ambiente e ao aumento da desigualdade social.

Diante deste cenário, diversas organizações têm trabalhado para a conscientização sobre práticas mais sustentáveis de existir no planeta, de modo a reverter ou reduzir os efeitos de ações prejudiciais ao meio ambiente e à sociedade como um todo. Dentre estas organizações, está a Organização das Nações Unidas (ONU), que a partir da criação da Agenda 2030 estabeleceu 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) para resolver problemas nos âmbitos ambientais, sociais e econômicos a nível global, até o ano de 2030.

Após o lançamento da Agenda em 2015, diversas instituições ao redor do mundo demonstraram apoio à causa e, entre elas, estão as instituições que representam as bibliotecas e os serviços de informação a nível internacional e nacional: a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), respectivamente.

A participação destas instituições evidencia o papel social que as bibliotecas podem ter na sociedade, contribuindo para o alcance de objetivos para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio de projetos e atividades desenvolvidos por bibliotecários com a participação dos interagentes¹ das unidades de informação. A partir do lançamento da Agenda 2030, novos projetos foram criados para fortalecer o movimento, entre eles, o Clube de Leitura ODS.

O Clube de Leitura ODS é um projeto criado pela ONU, com o apoio da International Publishers Association (IPA), que tem como resultado a divulgação de uma lista de livros infantojuvenis que abordam as temáticas propostas nos 17 ODS da Agenda 2030.

O Brasil foi convidado a participar do projeto e selecionar livros para compor o Clube. Uma das instituições que participou do projeto no Brasil foi a FEBAB, que incentiva que as bibliotecas brasileiras disseminem as obras literárias do Clube de Leitura ODS e que desenvolvam atividades sobre o projeto, visando à formação de leitores voltada a uma consciência sobre a importância do desenvolvimento sustentável do planeta. Essa formação pode ser incentivada em bibliotecas, a partir da disseminação e utilização das obras do

¹ Termo adotado para se referir aos sujeitos pertencentes das comunidades de unidades de informação, conforme concepção tratada no artigo: CORRÊA, Elisa C. D. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, vol. 19, núm. 41, septiembre-diciembre, 2014, pp. 23-40

Clube. Neste contexto, reconhece-se a importância da Literatura Infantojuvenil e do seu papel para a formação dos cidadãos.

A Literatura Infantojuvenil é fundamental para estimular a imaginação e o pensamento crítico desde cedo, ajudando a formar uma geração mais consciente sobre diversas questões. Esse gênero pode abordar temas complexos, como sustentabilidade e justiça social, de forma acessível para crianças e adolescentes. A leitura de livros infantojuvenis é capaz de influenciar valores e atitudes, podendo ser um ótimo instrumento para encorajar os jovens a compreenderem melhor o mundo e a importância de suas ações na construção de um futuro mais sustentável.

Nesse processo, as bibliotecas desempenham um papel crucial. Elas não apenas oferecem acesso a essas obras essenciais, mas também promovem mediações de leitura, atividades e discussões que enriquecem a compreensão sobre os temas tratados nos livros. Ao fomentar a leitura e o debate sobre questões de sustentabilidade, as bibliotecas ajudam a cultivar uma geração mais engajada e informada.

Dentre as diversas tipologias de bibliotecas que podem ser beneficiadas ao implantarem o Clube de Leitura ODS, destaca-se a escolar. Acredita-se que com a implantação deste projeto e a disseminação das obras indicadas é possível subsidiar a formação de leitores mais críticos e conscientes sobre as temáticas tratadas pelos 17 ODS da ONU. Destaca-se que na escola, estes estudantes/leitores estão em fase de formação para se constituírem sujeitos mais críticos e reflexivos para melhor atuarem na sociedade.

Além disso, a IFLA e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (1999, p. 2), em seu Manifesto para Biblioteca Escolar apresentam entre os objetivos da biblioteca escolar “desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem”. Considerando que as obras do Clube de Leitura são indicadas para o público infantil, a disseminação do projeto por parte das bibliotecas escolares é, também, uma forma de atingir esse importante objetivo.

Haja vista que as obras são indicadas para crianças de 6 a 12 anos de idade, foram analisadas bibliotecas inseridas no contexto do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), que contempla essa faixa etária. Para esta pesquisa, optou-se pelas bibliotecas escolares das escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Estas são coordenadas pela Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DIBEC), a qual garante formações continuadas para os bibliotecários, assistentes de biblioteca e estagiários atuantes nas bibliotecas escolares da rede, de modo que estejam sempre buscando formas de incentivar a leitura para as crianças de suas unidades educativas.

Mediante a apresentação da temática e os pressupostos da pesquisa, formula-se então, a seguinte problemática de estudo: **como o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis?**

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para o alcance do objetivo geral, apresentam-se os objetivos específicos:

- a) Analisar quais obras do Clube de Leitura ODS as bibliotecas escolares possuem em seus acervos, considerando a divisão das obras por ODS, com base na quantidade de obras do Clube encontradas no catálogo bibliográfico on-line das bibliotecas escolares;
- b) Mapear se os bibliotecários já desenvolveram atividades utilizando obras do Clube ou relacionada aos ODS;
- c) Coletar discursos dos bibliotecários que já atuaram com obras do Clube de Leitura ODS, ou com os ODS, com vistas a compreender suas percepções a respeito das possíveis contribuições da disseminação e utilização das obras literárias do Clube de Leitura ODS para a formação de leitores voltada aos ODS;
- d) Propor uma capacitação para a disseminação do Clube de Leitura ODS para os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

1.3 JUSTIFICATIVA

Acredita-se na importância de ampliar a divulgação do Clube de Leitura ODS para o fomento da leitura e a formação de leitores. A partir da interação das crianças com as obras do Clube, entende-se que estas poderão interagir também com os princípios da Agenda 2030 da ONU, que busca alcançar o desenvolvimento sustentável a nível global.

O trabalho é relevante por trazer um panorama do que está sendo realizado em bibliotecas escolares em relação ao Clube de Leitura ODS da ONU e suas contribuições. Além disso, destaca-se pelo seu ineditismo, considerando a inexistência de trabalhos nesta temática na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Foram realizadas buscas pelos termos “Clube de Leitura ODS” e “SDG Book Club” em bases de dados como a Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Repositório Institucional do IBICT (RIDI). Os poucos trabalhos recuperados sobre o Clube de Leitura ODS são trabalhos publicados nas áreas da Literatura e Educação.

Mediante os resultados a serem obtidos nesta pesquisa, será possível realizar uma análise da quantidade de obras pertencentes ao Clube presente nos acervos das bibliotecas pesquisadas, bem como uma análise sobre o uso das obras do Clube pelos bibliotecários: se as obras foram utilizadas com um conhecimento prévio sobre o seu pertencimento ao Clube ou, no caso de o bibliotecário não ter trabalhado com nenhuma das obras, se já foram realizadas atividades da biblioteca escolar pautadas nos ODS da Agenda 2030.

Além disso, com os discursos coletados dos bibliotecários é possível compreender de que forma estes utilizaram as obras do Clube ou trabalharam com os ODS da Agenda 2030, com vistas a trazer subsídios para a elaboração da proposta de capacitação para a utilização do Clube de Leitura ODS nas bibliotecas da rede. Quanto a isso, também foram levantadas as necessidades e as expectativas dos bibliotecários em relação à esta capacitação.

A partir dos resultados deste trabalho, acredita-se que será possível inspirar os bibliotecários a trabalharem com o Clube e, assim, impactarem positivamente a sociedade, ao trabalhar com questões de conscientização ambiental, econômica e social, para a melhoria da qualidade de vida e para o desenvolvimento sustentável do planeta. O Clube é direcionado para crianças, o que traz ainda mais importância ao projeto, tendo visto que este público têm a vida toda pela frente e pode contribuir para um futuro melhor, ao interagir com os ODS da Agenda 2030 através da leitura. Além disso, o resultado da pesquisa apresentará um panorama para a FEBAB – uma das entidades responsáveis pela promoção do projeto no Brasil - em relação às contribuições do Clube para bibliotecas escolares da rede pública.

A justificativa social para este trabalho está na necessidade de formar leitores críticos e engajados com os desafios globais contemporâneos. Em um mundo cada vez mais interconectado, as bibliotecas escolares desempenham um papel essencial na educação de jovens cidadãos, oferecendo acesso à literatura que não apenas enriquece o conhecimento, mas também pode promover valores fundamentais ligados ao desenvolvimento sustentável.

Ao investigar o impacto do Clube de Leitura ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, esta pesquisa também busca ampliar o uso de obras literárias que abordam os ODS, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com as metas da Agenda 2030. Por meio da capacitação dos bibliotecários e da integração mais eficaz dos temas dos ODS nas bibliotecas, pode-se potencializar as práticas de leitura direcionadas aos ODS, de modo a capacitar os estudantes a refletirem sobre as grandes questões do nosso tempo, tornando-os agentes de mudança em suas comunidades.

O tema é bastante atual, haja vista que o catálogo com as obras do Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa foi lançado em 2021. Por fim, o trabalho reforça o papel do bibliotecário como agente de transformação social e traz ainda mais visibilidade ao Clube, permitindo que mais pessoas conheçam e interajam com as obras, dando destaque também à participação da FEBAB, o que evidencia o papel importante que as bibliotecas podem ter na sociedade.

Como justificativa pessoal, trago minha trajetória como leitora, pesquisadora e bibliotecária. Os livros me acompanham desde a infância, quando eu ainda os tinha apenas como fonte de lazer. A partir da adolescência, alguns deles foram essenciais para lidar com todas as mudanças desta fase de transições. Os livros sustentaram alguns processos importantes, como a formação de minha identidade, comportamento, visão política e social do mundo. Me fizeram questionar crenças limitantes e permitiram os diálogos que eu não poderia ter com mais ninguém.

Não foi por acaso que meu primeiro estágio na graduação aconteceu em uma biblioteca escolar. Nessa unidade de informação, eu aprendi muito sobre contação de histórias e a Literatura Infantojuvenil. Após seis meses de estágio, fui convidada a tornar-me efetiva, como assistente de biblioteca, função que exerci por quase cinco anos nesta mesma biblioteca, com um público de crianças de 3 a 10 anos.

Em 2019, meu último ano de graduação, conheci a Agenda 2030 da ONU, por meio de minha orientadora, Profa. Dra. Elisa Cristina Delfini Correa, do Departamento de Biblioteconomia e Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que sugeriu a Agenda 2030 em bibliotecas como tema central do meu TCC. A ideia me pareceu empolgante, pois ainda na adolescência eu me interessava muito sobre o trabalho realizado pela ONU, sobre o qual estudei nas aulas de geografia e história na escola. Como forma de alinhar o assunto com minha área de trabalho, o foco da minha pesquisa foram boas práticas alinhadas à Agenda 2030 em bibliotecas com o público infantojuvenil.

Em 2021, fiquei encantada quando tive conhecimento do lançamento das obras brasileiras do Clube de Leitura ODS, pois enxerguei a iniciativa como um guia para os bibliotecários escolares trabalharem os ODS da Agenda 2030 com o público infantojuvenil. E da melhor forma possível: por meio da literatura! Porém, com o passar dos meses, realizando pesquisas simples na Internet e observando mídias sociais da Biblioteconomia, notei que pouco se debatia sobre as obras ou trabalhos desenvolvidos a partir destas. Foi daí que surgiu a ideia da problemática desta pesquisa.

Com esta pesquisa, em curto prazo, pretende-se trazer benefícios práticos, como a proposta de capacitação que poderá ser aplicada futuramente com os bibliotecários escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) para a utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas, uma vez que se trata de um mestrado profissional. Após analisar os dados coletados, o que se pretende elaborar é um modelo de capacitação para inspirar ações em prol da utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares.

Pretende-se trazer um panorama à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) sobre o que tem sido realizado nestas bibliotecas com relação ao Clube de Leitura ODS. Já em médio e longo prazo, busca-se incentivar a leitura desde a infância e a interação das crianças com os princípios dos ODS da Agenda 2030, que visam ao desenvolvimento sustentável do planeta, reforçando o papel importante que as bibliotecas escolares podem exercer neste sentido.

A pesquisa seguirá sua estrutura iniciando com uma fundamentação conceitual dos principais temas da pesquisa: a da biblioteca escolar para o incentivo à leitura, a importância da leitura e Literatura Infantojuvenil, a Agenda 2030 da ONU, por fim, o Clube de Leitura ODS. Em seguida apresentam-se os procedimentos metodológicos e os resultados, com suas respectivas análises e discussões. Por fim, encontram-se o produto da pesquisa, as considerações finais, os apêndices e as referências utilizadas na pesquisa.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR E O INCENTIVO À LEITURA

A biblioteca escolar tem potencial de ser um espaço dinâmico que estimula o interesse pela leitura, apoia o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e promove a criatividade. Ao realizar atividades que envolvam a comunidade escolar, esta unidade de informação pode contribuir significativamente para o processo de aprendizagem e o enriquecimento da experiência escolar, além de colaborar para o processo de formação de leitores críticos e conscientes.

Segundo o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (IFLA; UNESCO, 1999, p. 1), esta “habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”. Para que a biblioteca escolar cumpra com esta missão, é importante que esteja integrada ao plano pedagógico da escola à que pertence, podendo assim oferecer serviços além do empréstimo de livros ou de um espaço para leitura.

2.1 O FAZER DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

A Lei 12.244/2010 determinava que até 2020 todas as instituições de ensino do país deviam ter uma biblioteca, com pelo menos 1 livro por estudante, respeitando-se a profissão do bibliotecário na unidade de informação (Brasil, 2010).² Essa lei trouxe à tona a importância tanto da biblioteca nas instituições de ensino, como do bibliotecário, que podem contribuir para a educação por meio do apoio e contribuição ao projeto pedagógico de cada instituição.

Além disso, a parceria do professor com o bibliotecário escolar também é essencial para que atividades conjuntas sejam elaboradas e atraiam os estudantes para este espaço. Silva e Moro (2021) apontam para a importância da criação de vínculos por parte do bibliotecário com toda a comunidade escolar: estudantes, professores, coordenadores, direção e familiares, mostrando que não está distante nem isolado do processo de formação educacional dos estudantes. As autoras dão destaque para a relação do bibliotecário com o professor, apontando que é necessário formar parcerias com estes profissionais, a fim de desenvolver trabalhos em conjunto que serão valiosos para o desenvolvimento da comunidade escolar e dos estudantes.

² Durante a redação deste projeto, foi criada a Lei nº 14.837, de 8 de abril de 2024, que altera a Lei nº 12.244, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE).

Segundo Moro e Estabel (2021, p. 26), “para que a biblioteca se efetive no espaço de aprendizagem e de construção do conhecimento é necessário que o bibliotecário possua competência para atuar como mediador da informação, da leitura e das mídias e como educador”. Garcez e Carpes (2006, p. p.67), apresentam sete deveres fundamentais do bibliotecário escolar:

1. Cativar toda a comunidade escolar;
2. Elevar a qualidade do acervo;
3. Conscientizar o estudante de que o espaço é de uso coletivo e que as regras devem ser observadas e respeitadas;
4. Criar atividades que garantem a participação de toda a comunidade escolar;
5. Atender com presteza o usuário;
6. Garantir ao usuário o livre acesso às estantes, estimulando o exercício na busca do material;
7. Organizar a biblioteca de forma que facilite o acesso, procurando respeitar o perfil do usuário.

Percebe-se que todos os deveres estão centrados no público desta tipologia de biblioteca: a comunidade escolar, que envolve estudantes, professores, pais e funcionários da escola. Assim, o foco deve estar sempre nesse público e nas suas necessidades informacionais.

Almeida Júnior (2018, p. 77) enxerga o bibliotecário escolar como “aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social.” Assim, para além da organização do acervo, é preciso que o bibliotecário escolar possua um olhar atento às necessidades dos interagentes da biblioteca, que são todos aqueles pertencentes à comunidade escolar.

Quanto à função do bibliotecário escolar, segundo Lankes (2016, p. 74), este “pode orientar os estudantes para o aprendizado baseado em pesquisa, livre das restrições e dos limites do ‘ensino’ demasiadamente estruturado, comprovado e unilateral.” Segundo Caldin (2006, p. 164), o bibliotecário escolar deve fazer algumas indagações para atender os interagentes de forma eficiente:

quanto à sua **identidade profissional**, deve-se indagar sobre seus objetivos e responsabilidades, Seu valor para a sociedade e status entre as demais carreiras profissionais e, conseqüentemente, o nível de sua remuneração; quanto à **organização da profissão** como área do conhecimento, deve-se indagar sobre a forma pela qual está organizada – como carreira profissional ou como campo de investigação, como se processa sua formação profissional e como se comunica com seus pares; quanto à **relação com o usuário**, deve-se indagar como vê o usuário da biblioteca e como esse o vê; quanto ao **desempenho profissional**, deve-se indagar em que consiste sua excelência, o que considera sucesso ou fracasso, se está buscando emprego ou trabalho.

Dessa forma, é importante que o bibliotecário escolar esteja constantemente refletindo sobre sua prática, tanto de maneira individual, pensando no seu desempenho e identidade profissionais, quanto de maneira coletiva, tendo consciência dos interesses, direitos e deveres

da sua classe e contribuindo para a luta de seus pares. Ainda sobre a reflexão coletiva, é preciso pensar na sua relação com a comunidade escolar, questionando se suas práticas afastam ou aproximam a comunidade da biblioteca.

2.2 O VALOR DA BIBLIOTECA NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo Castro Filho (2008, p. 73) “a biblioteca escolar é, geralmente, a primeira biblioteca conhecida pela maioria das pessoas, sendo responsável pelo primeiro contato com o livro e pela primeira leitura.” Bamberg e Eggert-Steindel (2020, p. 13) consideram a biblioteca escolar um “importante espaço dentro da escola, em especial no que diz respeito à promoção da leitura, ao acesso à informação e à formação do educando como cidadão crítico.”

Correa *et al.* (2002, p. 107) defendem que a biblioteca escolar “possui uma clara função socioeducativa quando integrada ao cotidiano escolar, sendo uma plataforma de encontro entre professores e estudantes na complementação do ensino pedagógico”.

Para Hillesheim e Fachin (2003) a biblioteca escolar é um espaço em que os estudantes podem, além de encontrar materiais para complementar o aprendizado em sala de aula, desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico.

Campello (2003, p. 17) aponta que a biblioteca escolar “representa recurso imprescindível para a formação de leitores capazes de, além de decifrar o código linguístico, saber interpretar o que leem, encontrando significados no texto e desenvolvendo práticas de intertextualidade”, considerando que esta unidade de informação reúne de forma organizada e acessível diversos materiais informacionais para uso coletivo de toda a comunidade escolar. Assim, não basta disponibilizar os materiais, pois como apontam Romão e Ferrarez (2008, p. 142), “refletir sobre biblioteca escolar reclama tomar o estudante como sujeito discursivo no contato com diversos materiais, várias concepções que mostrem a ele que a informação não é neutra nem isenta de historicidade.” As informações que recebemos estão sempre imersas em valores, ideias e contextos históricos que influenciam sua apresentação e interpretação. Para que os estudantes desenvolvam uma compreensão crítica, é fundamental que sejam incentivados a questionar e refletir sobre as fontes e conteúdos que encontram. Ao contribuir com este incentivo, a biblioteca escolar pode auxiliar os estudantes a analisar e reconhecer o impacto das diferentes perspectivas e contextos históricos, tornando-os sujeitos ativos e críticos na interação com diversos recursos e concepções.

Assim, as bibliotecas escolares desempenham um papel fundamental não apenas como repositórios de conhecimento, mas como espaços de formação crítica e reflexão, essenciais para a construção de uma educação que vai além do simples acúmulo de informações.

2.3 A LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Castro Filho (2012, p. 16) afirma que “o valor da leitura na biblioteca escolar também implica movimentos de descoberta e uma proposta dialógica que ultrapasse os ambientes domesticados de leitura e escrita no contexto escolar.” Ainda em relação à leitura na biblioteca, Almeida Júnior (2018) aponta que, diferente da sua atribuição na sala de aula, a leitura ultrapassa o sentido de uma simples decodificação de palavras, ao realizar-se um bom trabalho de mediação na biblioteca, através da atribuição de significados. Significados estes que podem ser encontrados tanto na leitura de obras literárias, como na realização de pesquisas na biblioteca.

Assim, considera-se a biblioteca escolar um espaço importante para a mediação da informação e o incentivo à leitura, com vistas a promover uma educação crítica e o desenvolvimento da cidadania desde a mais tenra idade.

Para Castrillón (2011, p. 38), “precisamos de bibliotecas que fomentem o interesse e o gosto pela leitura, que permitam a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro.” A autora defende também que este espaço deve possibilitar debates políticos que provoquem críticas, questionamentos e reflexões, com vistas a formar cidadãos capazes de agir como tais.

Petit (2011, p. 273) diz que “a biblioteca é particularmente qualificada para dar lugar às várias facetas da leitura, a seu caráter complexo e múltiplo”, não sendo apenas um espaço para acesso à informação:

Estas são também conservatórios de sentido onde se encontram metáforas científicas que ordenam o mundo e o esclarecem, mas também metáforas literárias, poéticas, geradas pelo exercício lento de escritores ou artistas que realizaram um trabalho de transfiguração de seus próprios questionamentos e dos vários conflitos que estão no cerne da vida psicológica e social (Petit, 2011, p. 125).

Assim, é através das metáforas encontradas na biblioteca, que a criança ou o adolescente pode encontrar caminhos para construir sua identidade e resolver conflitos. O bibliotecário pode participar desse processo, não apenas permitindo o acesso aos livros, mas também mediando esse acesso, indicando as melhores leituras de acordo com o contexto de cada público.

Nesse sentido, segundo Caldin (2006), o bibliotecário tem as importantes funções de estimular, coordenar e organizar o processo de leitura, indo além da atividade passiva de processamento técnico de livros, desempenhando um papel de agente de mudanças sociais e tornando a biblioteca escolar um centro promotor da leitura.

Dessa forma, a partir do processo de leitura promovido pelo bibliotecário, os interagentes poderão desenvolver capacidades críticas e reflexivas, para atuarem melhor na sociedade. Essa promoção se torna ainda mais significativa quando se trata da literatura infantojuvenil, que desempenha um papel crucial na formação de crianças e adolescentes.

3 O PODER DA LEITURA E DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e adolescentes, e a literatura infantojuvenil é um meio poderoso para cultivar o amor pelos livros desde cedo. Com suas histórias cativantes e personagens memoráveis, esta possui uma rica trajetória histórica que reflete a evolução das sociedades e dos valores culturais ao longo do tempo, tendo seu início fortemente marcado por seu vínculo com as instituições de ensino.

3.1 DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Segundo Becker (2002), as escolas surgiram com o objetivo de desenvolver as qualidades necessárias para inserir as crianças no mundo adulto. A educação era um meio para a imposição de valores burgueses, que iam desde hábitos disciplinares e de higiene até uma determinada visão de mundo.

Em meio a este contexto começou-se a pensar numa literatura voltada para as crianças, de modo a servir como ferramenta para disseminar certos valores e comportamentos, como o orgulho nacional e valores morais de disciplina e obediência. Os textos utilizados eram contos tradicionais que não possuíam representações que se amoldam à visão do mundo das crianças (Becker, 2002).

No contexto brasileiro, a Literatura Infantil passou a fazer parte dos planos pedagógicos a partir do fim do século XIX. Zotz (2005) aponta que a Literatura Infantojuvenil no Brasil pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da década de 1970. “Antes, tinham o objetivo de ensinar, moralizar, educar, no pior sentido da palavra.” (Zotz, 2005, p.12).

Bitencourt (2005) afirma que, nesse período, os escritores utilizavam uma linguagem infantilmente artificial e tinham enredos pouco criativos. Os textos possuíam caráter pedagógico e cívico, utilizando de moralismos e linguagem culta, quando deveriam despertar o imaginário e os desejos infantis, desenvolvendo sua interpretação de mundo e afinando sua sensibilidade (Becker, 2002). “A falta de qualidade artística e o excesso de intenções moralizantes vêm juntos e, aliados, contribuem para o descrédito da literatura nacional para a infância e para a atrofia do gosto de ler” (Zilberman; Lajolo, 1986).

Uma exceção neste período foram as obras de Monteiro Lobato, autor que possuía um “estilo fluente, coloquial e objetivo de escrever para as crianças” (Bitencourt, 2005, p. 95). Nesse período os livros retratavam o sítio como o cenário em que as crianças viviam suas

aventuras, apresentando o ruralismo na ficção. Esta tendência vinha da Europa moderna, que se utilizava de contos de fada e de narrativas folclóricas dos camponeses para inspirar a escrita para o público infantojuvenil. Posteriormente, a vida urbana começa a aparecer nas histórias, mas de forma vaga, sendo apenas o local do qual os protagonistas retiram-se, para viver suas aventuras, longe de casa e da escola (Lajolo; Zilberman, 2009).

Entre as décadas de 1960 e 1970 houve um aumento e melhora da produção editorial, causados principalmente por conta da industrialização (que estimula o consumo de bens pouco duráveis) e da reforma educacional, que passou a estimular a adoção de livros de autores nacionais. Porém, a Literatura Infantil continuava tendo como foco seu papel civilizador e educativo, deixando de lado sua natureza estética, que é capaz de provocar experiências sensoriais e emocionais por meio da linguagem. (Becker, 2002).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº4024/1961) propôs que a escola enfatizasse a leitura em seus currículos. Por conta desta mudança, Bitencourt (2005, p. 97) aponta que “houve um crescimento significativo nas publicações literárias e os livros infantis passaram a ser acompanhados por fichas de leitura, auxiliando o trabalho de leitura nas escolas.”

Seguindo o raciocínio de Zotz (2005, p. 12), após a década de 1970, “os textos passaram a ter qualidade literária. E também a questionar, a levantar problemas e dúvidas.” Nesse período, as histórias dos livros infantojuvenis saem do espaço rural para passar a acontecer nas cidades, representando as marcas das concentrações urbanas, perdendo o cenário das cidades do interior e dos espaços rurais (Lajolo; Zilberman, 2009).

Os livros começam a expor problemas da sociedade, como a violência, a injustiça e a miséria, com representações bastante realistas (Bitencourt, 2005). Segundo a autora, os autores que publicaram na década de 1970 e início da década de 1980 “através de suas obras, dialogam com o seu tempo e valem-se da metalinguagem e da intertextualidade para criar textos que carregam uma característica essencial a todo bom texto literário: a pluralidade de significados” (Bitencourt, 2005, p. 99).

A partir da década de 1980, a edição de livros infantojuvenis cresceu tanto quantitativa, quanto qualitativamente. Já a partir da segunda metade da década de 1990, há uma expressiva melhora na qualidade literária destes textos. Segundo Zotz (2005, p. 34), neste período foram revelados escritores excepcionais, que “respeitam os sentimentos e a inteligência dos menores, procuram atender o mundo particular das crianças e jovens, escrevem e interpretam assuntos atuais e de interesse dos seus leitores.”

Bitencourt (2005, p. 102) afirma que nesse período a Literatura Infantojuvenil brasileira “adquiriu uma dimensão artística e tornou-se um instrumento preocupado, de uma maneira

geral, com a formação intelectual e afetiva dos jovens leitores”. Essa evolução reflete não apenas a qualidade estética das obras, mas também a consciência dos autores em abordar temas relevantes para a formação da identidade e da cidadania das crianças e adolescentes. Além disso, a literatura infantojuvenil passou a se estabelecer como um espaço de resistência e reflexão, onde os jovens leitores podem se ver representados e, ao mesmo tempo, desafiados a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor.

Essa formação vai de encontro com a visão de Becker (2002) sobre a função da Literatura Infantojuvenil, que deve se conformar à estrutura mental da criança através da identificação dela com heróis que resolvem seus problemas de maneira independente. Isso pode ajudá-las a solucionar conflitos internos e a desenvolver uma compreensão mais adequada da própria realidade. Além disso, a Literatura Infantil pode estimular a criatividade, o senso crítico e a sensibilidade. Para o autor, este deveria ser o foco de autores, editores, pais, professores e bibliotecários.

Tratando-se da Literatura Infantojuvenil brasileira na contemporaneidade, Lajolo e Zilberman (2017) dão destaque para a inserção dos leitores na cibercultura, onde as plataformas são diversas e facilitam a associação entre texto, imagem, movimento e som, como no caso de e-books com hipertexto. As autoras também apontam como característica desse período a criação de diversas subcategorias dentro da Literatura Infantojuvenil, principalmente por parte das editoras, que têm cada vez mais fortalecido e expandido seu mercado no Brasil, oferecendo a efetiva profissionalização de escritores e ilustradores de obras dedicadas às crianças e adolescentes, o que era muito difícil antes de meados do século XX.

Para Lajolo e Zilberman (2009, p. 20), a Literatura Infantojuvenil “traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que, se exige, para efeitos de análise, a atitude decifrador do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança.”

Outra característica importante dos livros infantojuvenis são suas ilustrações. Segundo Nunes e Gomes (2014, p.1), “nos livros literários infantis, as ilustrações funcionam como elemento enriquecedor das obras, sendo um aspecto visual que tanto atrai as crianças pela sua beleza quanto ajuda a contar a história, não devendo, portanto, ser menosprezadas pelos mediadores de leitura.” Portanto, as ilustrações podem auxiliar no incentivo à leitura, ao chamar a atenção da criança para o livro.

Além disso, as ilustrações devem ser consideradas também como objeto de leitura, pois como expõe Massoni (2018), estas podem produzir um discurso gráfico-visual para o livro, às vezes substituindo ou completando o texto, mostrando que nem tudo precisa ser dito com

palavras. Nunes e Gomes (2014) destacam que a interpretação daquilo que é expresso iconicamente é tão importante quanto a interpretação do texto, pois as ilustrações são também uma forma de expressar ideias e pensamentos.

3.2 FUNÇÕES DA LEITURA

Frequentemente vê-se a leitura divulgada como mera fonte de lazer e diversão, uma fuga da realidade ou uma maneira de “viajar sem sair do lugar”. De fato, a leitura pode proporcionar tudo isto, mas reduzi-la dessa forma, segundo Castrillón (2011, p. 55) “associou a leitura a uma ação inútil e descartável”. Petit (2010, p. 289) dialoga com Castrillón ao afirmar que

[...] a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências.

Assim, mais do que um complemento ou uma forma de lazer, a leitura permite ao sujeito se ver representado por situações vividas por personagens da literatura ou ideias expressas nas narrativas, a fim de buscar significado a suas próprias experiências. “A literatura reconduz o indizível para o campo da linguagem” (Brutin, 2000, p. 145), traduzindo através de metáforas os pensamentos mais profundos de cada ser. Sobre essas questões, Zotz (2005, p. 19) afirma que

A leitura contribui, de forma decisiva, para preencher esta lacuna na formação do ser humano. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo. Propicia o crescimento interior. Leva-nos a viver as mais diferentes emoções, possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar nossos próprios sentimentos.

Segundo Umberto Eco (2011, p. 12), “as obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida.” Assim, a leitura pode ser um convite à reflexão sobre os diversos conflitos e encontros da trajetória humana. E ainda mais do que isto, a leitura é um direito: ainda segundo Castrillón (2011, p. 93) “teríamos então [...] de definir a leitura e a escrita como direitos, como práticas que ajudam as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e a estabelecer relações com os demais.” A leitura segue sendo um direito e um ato político, já que é “imprescindível para que a pessoa possa se apropriar dos

mecanismos de opressão da sociedade que visam mantê-la do modo como está, nada de transformações, de alterações, de mudanças.” (Almeida Júnior, 2018, p. 73).

Para Candido (2011, p. 177), considerando a literatura como manifestação cultural e forma de fabulação sobre o mundo, esta “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”.

Sendo a literatura um direito, é imprescindível que existam ações desenvolvidas pelo governo para garantir o acesso à mesma, as chamadas políticas públicas de leitura. Segundo Rosa e Oddone (2006, p. 185) “uma política pública reflete a vontade de diferentes setores da sociedade em avançar para uma determinada direção e representa uma articulação coerente de medidas para transformar uma situação.”

3.3 LEITURA, POLÍTICA PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Dentre as principais políticas públicas de leitura do Brasil, está o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que tem como principal função avaliar e distribuir de forma gratuita obras didáticas, pedagógicas e literárias para as escolas públicas de educação básica brasileiras (Brasil, 2018). É o programa mais antigo voltado à distribuição de materiais didáticos nas escolas, tendo iniciado em 1937 e passado por várias mudanças de nome ao longo dos anos. Até 2017, a sigla PNLD significava “Programa Nacional do Livro Didático” e o programa não incluía obras literárias. A distribuição de obras literárias era realizada pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997. Com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, os dois programas foram unificados, tornando o Programa Nacional do Livro e do Material Didático responsável tanto pela distribuição de livros didáticos, quanto literários (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2023).

Um levantamento realizado por Bamberg *et al.* (2024) revelou que 37 das 175 obras do Clube de Leitura ODS são obras que foram também selecionadas para compor o PNLD Literário. Como a distribuição dos livros é destinada a escolas públicas de todo o país, espera-se que as bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis possuam boa parte dos livros do Clube de Leitura ODS que foram distribuídos pelo PNLD.

A Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2019, p. 21), em seu documento “*ODS y Lectura*”, afirma que a leitura é também “*como la materia prima en torno a la cual operan industrias creativas e instituciones y servicios culturales que constituyen un recurso notable para generar medios de subsistencia y generación de valor añadido en la economía de cada país.*” No documento, a fundação aponta que a leitura afeta diversas áreas, como:

- *La formación del capital humano;*
 - *El acceso a la información;*
 - *La comunicación entre hablantes de un mismo idioma;*
 - *La circulación de ideas y la generación de alianzas en el medio digital de Internet;*
 - *La creación y la protección de propiedad intelectual;*
 - *La construcción de una cultura compartida que impulsa el sentimiento comunitario.*
- (Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2019, p. 26)

Nesse sentido, a Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2019, p. 11) defende que “*si se pone la lectura en contacto con los ODS se está propiciando una especie de “reacción química” en la que ambos componentes pueden cobrar otro valor*”. Assim, a ideia de unir a leitura aos ODS da Agenda 2030 já existe há um tempo, com vistas de que essa união possa contribuir para a trajetória na direção do alcance de um desenvolvimento sustentável.

4 AGENDA 2030 DA ONU

Os debates acerca dos desafios globais, relacionados a questões ambientais, sociais e econômicas, já vêm ocorrendo há muitas décadas. Como resultados destas preocupações, segundo a organização Objetivos de Desenvolvimento no Brasil (ODM Brasil, [s.d]), no ano 2000, líderes representantes dos países membros da ONU reuniram-se e estabeleceram os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM), estes focados no desenvolvimento mundial a nível ambiental, econômico e social:

- 1) Acabar com a fome e a miséria;
- 2) Oferecer educação básica de qualidade para todos;
- 3) Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;
- 4) Reduzir a mortalidade infantil;
- 5) Melhorar a saúde das gestantes;
- 6) Combater a Aids, a malária e outras doenças;
- 7) Garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente;
- 8) Estabelecer parcerias para o desenvolvimento.

Durante os quinze anos após o estabelecimento dos objetivos, progressos significativos foram feitos. Segundo o Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil (2022), a pobreza diminuiu no mundo todo, o número de crianças frequentando a escola primária aumentou e as mortes infantis caíram drasticamente. Além disso, aumentou-se significativamente o acesso à água potável e as metas de investimento para combater a malária, a aids e a tuberculose salvaram milhões de pessoas.

Assim, foi comprovado que as medidas tomadas a partir do estabelecimento de objetivos provocaram um avanço real no desenvolvimento do planeta, trazendo mudanças positivas para a vidas das pessoas. Porém, os objetivos não foram alcançados por completo. Por isso, uma nova agenda foi criada para dar continuidade aos ODM: A Agenda 2030, “um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal, por meio de parcerias” (Movimento Nacional ODS, [2015?a]).

A Agenda 2030 foi discutida na Assembleia Geral da ONU, onde os países-membros e a sociedade civil negociaram suas contribuições. Lançada em setembro de 2015 durante a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável (Organização das Nações Unidas, 2015), a Agenda 2030 constitui-se dos seguintes objetivos:

Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Nações Unidas Brasil ([2016])

As 169 metas (Anexo A) contidas no ODS especificam e explicam ainda melhor os objetivos, trazendo base e integridade a estes (no Apêndice C deste trabalho encontram-se as metas). Apresentada a Agenda, percebe-se a importância dos seus objetivos e metas, que contemplam, de modo geral, questões sociais, ambientais e econômicas essenciais ao desenvolvimento sustentável e qualidade de vida em sociedade. É importante ressaltar também que o alcance de uma meta pode impactar positivamente outras metas, trazendo benefícios que se conectam e se fortalecem mutuamente.

4.1 A AGENDA NO BRASIL

A organização responsável por comunicar, visibilizar e monitorar o alcance dos ODS no Brasil, garantindo que estes se transformem em ações concretas, é o Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 (GT Agenda 2030). Este foi formalizado em 2014 e é composto por cerca de 50 entidades de diferentes setores, incluindo a FEBAB. O GT Agenda 2030 reúne, analisa e produz conteúdos sobre os impactos da Agenda 2030 e, entre os documentos produzidos e divulgados pela organização, está o Relatório Luz (Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030, [2015?]). Este documento é elaborado e publicado anualmente pelo GT Agenda 2030 e tem por objetivo avaliar a implementação dos ODS no Brasil e destacar as ações necessárias para que o país cumpra o compromisso assumido

com a ONU de alcançar as metas globais até 2030 (Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030, [2015?b]).

Como forma de fortalecer o compromisso brasileiro com a Agenda 2030, apresenta-se também o Movimento Nacional ODS, movimento social composto por voluntários, de caráter suprapartidário, ecumênico e plural, organizado por núcleos estaduais em todas as regiões do país. Segundo o Movimento ODS ([2015?b]), sua missão é “mobilizar e articular todos os setores da sociedade para promover o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) em nível nacional, estadual e municipal até 2030.” Assim, o GT Agenda 2030 e o Movimento ODS atuam em parceria em busca do alcance dos ODS no território brasileiro.

Em 2020, uma parceria entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp) resultou na publicação do livro eletrônico intitulado “Guia Agenda 2030: integrando ODS, educação e sociedade”, no qual foi proposta a criação de três novos ODS para o Brasil: ODS 18 - Igualdade Racial; ODS 19 – Arte, Cultura e Comunicação e ODS 20 – Povos Originários e Comunidades Tradicionais (Cabral; Gehre, 2020).

Figura 2 - Novos ODS propostos para o Brasil



Fonte: Cabral; Gehre (2020)

Em setembro de 2023, o atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou em seu discurso na 78ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, que o Brasil adotou voluntariamente um 18º ODS, para o alcance da Igualdade Racial (Universidade Federal do Sul da Bahia, 2023). Desde então, o Ministério da Igualdade Racial, em colaboração com o Ministério dos Povos Indígenas, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, e outras instituições, tem empreendido esforços para a criação do ODS 18 – Igualdade Racial, bem como de suas metas e demais diretrizes necessárias (Brasil, 2024).

A Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2019, p. 26) defende a ideia de que “[...] *la Agenda 2030 tiene un acercamiento casi completamente transversal y exige diseños nuevos que superen los planteamientos organicistas y lineales.*” Dentre estes projetos, está o Clube de Leitura ODS, que procura unir o incentivo à leitura à busca por sustentabilidade.

5 CLUBE DE LEITURA ODS

Lançado em 2019, na Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, o Clube de Leitura ODS é um projeto criado pela ONU, com o apoio da da International Publishers Association (IPA), que tem como objetivo “usar livros como ferramenta que incentiva crianças entre 6 e 12 anos a interagirem com os princípios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (Nações Unidas Brasil, 2021), por meio da divulgação de uma lista de obras de várias partes do mundo que abordam temas ligados aos ODS.

Figura 3 - Logotipo do Clube de Leitura ODS



Fonte: Câmara Brasileira do Livro [2020?]

Em 2020 iniciou-se a pandemia e a ONU divulgou em seu site oficial um guia para realizar clubes de leitura on-line, intitulado “*Organize your SDG Book Club Online*”³, tendo como sugestão para leitura os livros selecionados para compor o Clube de Leitura ODS. Inicialmente o projeto contemplava somente obras escritas nas línguas oficiais da ONU: árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

5.1 O CLUBE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CAPÍTULO BRASIL

Em 2020, iniciou-se o movimento para o desenvolvimento do Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa. Dentre os países falantes do idioma, apenas dois foram selecionados: Brasil e Portugal (Organização das Nações Unidas, 2021). O Brasil foi convidado a participar em agosto de 2020 quando, segundo as Nações Unidas Brasil (2021), a ONU convidou a

³ UNITED NATIONS. **Organize your SDG Book Club online. 2020.** Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2020/04/How-To-Organize-Your-Own-SDG-Book-Club-ONLINE.pdf> Acesso em: 17 jul. 2024.

Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para desenvolverem, no Brasil, o projeto Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa.

Fundada em 20 de setembro de 1946, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) é uma entidade e associação sem fins lucrativos. Responsável por grandes eventos literários, como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e por importantes premiações literárias brasileiras, como o Prêmio Jabuti, a entidade tem como missão “fortalecer todos os elos da cadeia produtiva do livro e promover a democratização do acesso ao livro e à leitura” (Câmara Brasileira do Livro, 2022b).

A associação é composta pelos seguintes órgãos: Assembleia Geral; Diretoria; Conselho Fiscal; Conselho Consultivo, de Fundadores e de Ex-Presidentes; e Comissões de Trabalho. Entre seus associados, estão editores, livreiros, distribuidores e importadores de livros, empresas de venda direta de Livros e os fundadores. Também possui participantes especiais, que podem ser autores, colaboradores, profissionais do livro, honorário e correspondentes. (Câmara Brasileira do Livro, 2022a).

A instituição responsável pela seleção das obras foi a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), “organização sem fins lucrativos que representa uma rede internacional de pessoas de todo o mundo que estão empenhadas em aproximar livros e crianças” (International Board on Books for Young People, 2023). Criada em 23 de maio de 1968, a FNLIJ tem status oficial na UNESCO e no Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), tendo um importante papel de formulação de políticas como defensor dos livros infantis (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 2023).

Os órgãos que compõem a FNLIJ são o Conselho Deliberativo, o Conselho de Administração, o Conselho Diretor e o Conselho Fiscal. A instituição tem como objetivo principal “difundir a educação, a leitura e a cultura.” (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 2022).

A instituição responsável pela elaboração do catálogo das obras brasileiras foi a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). Fundada em 26 de julho de 1959, a FEBAB é uma sociedade civil, cuja principal missão é defender e incentivar o desenvolvimento da profissão (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2021). Segundo o Artigo 2º de seu estatuto, a FEBAB possui como finalidades:

- I. Congregar seus Integrantes;

- II. Defender, coordenar, desenvolver, divulgar as legítimas reivindicações da categoria;
- III. Atuar na defesa dos interesses de seus filiados;
- IV. Atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação e Centro de Referência de assuntos nacionais e internacionais correlatos;
- V. Desenvolver e apoiar projetos de marketing e extensão cultural, na área de informação e bibliotecas;
- VI. Desenvolver e apoiar projetos de pesquisa, edição de publicações, educação continuada presencial e a distância, cursos de extensão e treinamento, visando o aprimoramento cultural, técnico-científico e socioeconômico dos bibliotecários, pessoal das bibliotecas e instituições de ensino de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação;
- VII. Desenvolver e apoiar projetos de cunho cultural; de promoção e democratização da leitura, do livro e da internet; sobre a preservação da memória nacional; sobre os direitos autorais e sobre o acesso à informação;
- VIII. Realizar e implementar programas e projetos, promovendo parcerias da entidade com órgãos públicos, instituições privadas, organismos de cooperação técnica e financeira, nacionais e internacionais, nas suas áreas de atuação.
- IX. Contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das Comissões Brasileiras e Grupos de áreas especializadas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2015, p.1)

Segundo o regulamento de seleção⁴, os livros inscritos precisavam atender alguns pré-requisitos, entre eles: ser publicado entre 01 de janeiro de 2016 e 30 de outubro de 2020; ser de autoria de brasileiro(s) nato(s), naturalizado(s), ou estrangeiro(s) com residência permanente comprovada no País; conter tema associado a pelo menos um ou mais dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Editoras e autores enviaram sugestões de obras, totalizando 1111 títulos para a seleção. De janeiro a abril de 2021, os livros foram lidos, analisados, comentados e selecionados, pelo grupo de leitores-votantes da FNLIJ (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021). Conforme informado no catálogo das obras, o grupo de leitores votantes é composto por 19 pessoas: 17 mulheres e 2 homens. A coordenação do grupo foi realizada por Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ/IBBY, formada em Pedagogia. Os integrantes têm formação em três diferentes áreas: Letras, Biblioteconomia e Pedagogia, sendo que boa parte deles possuem pós-graduação em Educação.

Evidentemente, existe também o interesse financeiro do mercado editorial na criação desta bibliografia selecionada. Este interesse está nítido no catálogo “Capítulo Brasil: Clube de

4 CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. 1ª seleção: Clube de Leitura Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 2020. Disponível em: https://www.cbldeservicos.org.br/clube-de-leitura-ods/Regulamento_Clube_de_Leitura_ODS.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

Leitura ODS em Língua Portuguesa”, na seção reservada ao Brazilian Publishers, grupo de editoras brasileiras:

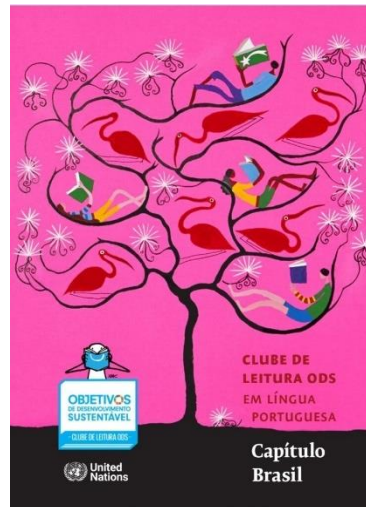
Um dos pilares que trabalhamos com veemência no programa é o da promoção comercial do nosso setor. Acreditamos que o Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa é uma plataforma muito poderosa, que pode resultar em vendas de direitos autorais brasileiros para editoras internacionais. Vemos o projeto como uma chancela que potencializa as possibilidades das casas participantes do Brazilian Publishers no mercado global — e temos muito orgulho de poder nos apropriar do Clube de Leitura, e usá-lo estrategicamente para fomentar negócios. (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021, p. 9)

Além de toda a questão comercial envolvida numa seleção de livros que pode servir como uma vitrine para editoras e autores, outra questão também precisou ser esclarecida no catálogo: o motivo pelo qual excelentes obras literárias, apesar de suas qualidades, não foram aceitas para compor o Clube. A FNLIJ reservou um espaço no catálogo para tratar sobre isso, intitulado “*A seleção da FNLIJ dos títulos em português para o Clube de Leitura ODS/ONU: esclarecimentos para educadores e outros mediadores de leitura*” (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021, p. 102), no qual afirma que “muitas vezes a potência do literário foge à possibilidade de categorização em eixos temáticos para a aprendizagem, uma vez que a função da literatura não deve ser, precipuamente, a de ensinar, de apresentar conhecimentos pedagógicos”. Assim, a Fundação buscou esclarecer que apesar da qualidade literária de algumas obras, estas não estavam relacionadas às temáticas dos ODS. A FNLIJ apontou ainda que, ainda que as obras estejam divididas por eixos temáticos, a Fundação rejeita uma visão utilitarista da Literatura Infantojuvenil, ressaltando que

a indicação desses ODS não deve implicar uma leitura de caráter utilitário das obras, ou seja, uma leitura limitada e limitadora, especialmente daquelas obras em que o caráter de literariedade é preponderante. A correlação estabelecida entre as obras e os ODS é apenas o reconhecimento de que os textos para crianças e jovens – literários ou não – podem oferecer caminhos para debates necessários à formação das crianças e dos adolescentes como cidadãos do mundo, habitantes do planeta. (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021, p. 102)

Quanto à seleção realizada pela FNLIJ, após uma intensa análise individual e em grupo, 986 títulos foram considerados aptos a participar. Entre esses, 175 obras foram selecionadas para compor o clube e, em junho de 2021, a ONU anunciou a lista dos títulos. Em dezembro de 2021, foi divulgado o catálogo “Clube de leitura ODS: capítulo Brasil”, elaborado com a participação da CBL, da FNLIJ/IBBY e da FEBAB, com o apoio do Brazilian Publishers (Câmara Brasileira do Livro, 2021).

Figura 4 - Capa do catálogo do “Clube de Leitura ODS: Capítulo Brasil”



Fonte: Câmara Brasileira do Livro (2021)

Com base em informações apresentadas pelo site oficial da CBL⁵, elaborou-se um quadro que apresenta, por ordem de ODS, as obras selecionadas, bem como seus respectivos autores, editoras, ISBNs e anos de publicação. O quadro encontra-se Anexo B.

Após uma análise da quantidade de obras do Clube distribuídas por ODS, verificou-se que cerca de 40% das obras concentram-se nos seguintes três objetivos:

- ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres meninas;
- ODS 10 - Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países;
- ODS 15 - Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade.

No catálogo, a FEBAB reforça a importância de se trabalhar com as obras do Clube em bibliotecas:

No seu compromisso de incentivar e defender a profissão, a FEBAB está promovendo o engajamento das equipes, pois as bibliotecas são espaços que devem possibilitar o acesso gratuito às obras, bem como acontece com toda sua rede de serviços. Temos a certeza de que a inclusão de atividades em torno do “Clube de Leitura dos ODS” permitirá disseminar ainda mais a Agenda 2030 engajando a sociedade para contribuir na construção de um mundo melhor. (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021, p.21)

⁵ CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Confira os livros selecionados para o Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa.** 2021. Disponível em: <https://www.cbllibros.org.br/clube-de-leitura-ods/obras-selecionadas/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

O Presidente da FEBAB, Jorge Moisés Kroll do Prado, também reforça a importância de se trabalhar com o Clube em bibliotecas, ao afirmar que

Agora que temos uma rica seleção de títulos, nosso compromisso é construir a reflexão, a conscientização e a disseminação com bibliotecas a fim de contribuir para a formação de cidadãos capazes de viver em uma sociedade alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, mesmo depois de 2030. Há um engajamento de bibliotecas e bibliotecários pelo país, uma vez que temos certeza que os livros selecionados têm potencial de transformação e as bibliotecas têm a competência de oferecer o ambiente para que as leituras aconteçam. (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições, 2021)

Esta afirmação corrobora com a visão apresentada pela Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2019, p. 27), quando cita especialmente as bibliotecas escolares

[...] es crucial vincular con este ODS acciones como las que se producen en el terreno de las bibliotecas escolares [...] (por ejemplo, que se disponga de un tiempo para la lectura o que se vincule el manejo de la información desde el uso de la bibliografía en todas las disciplinas académicas)”

Assim, as bibliotecas podem contribuir para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, através da utilização do Clube de Leitura ODS como ferramenta para unir a leitura de obras literárias aos princípios ligados à sustentabilidade.

6 METODOLOGIA

As seções a seguir apresentam os procedimentos metodológicos da pesquisa: sua caracterização, que contempla a natureza, o problema e o caráter em relação aos objetivos do estudo; o universo de pesquisa; e os procedimentos técnicos da pesquisa, que incluem os instrumentos de coleta, organização e análise dos dados, bem como as questões relacionadas aos preceitos éticos da pesquisa.

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Segundo o delineamento de pesquisa, o estudo tem como natureza a pesquisa aplicada, em relação ao problema é qualiquantitativa, em relação aos objetivos é exploratória e descritiva e em relação aos procedimentos técnicos é bibliográfica e documental.

Segundo Fleury e Werlang (2016, p. 11), a pesquisa aplicada pode ser definida como um “conjunto de atividades nas quais conhecimentos previamente adquiridos são utilizados para coletar, selecionar e processar fatos e dados, a fim de se obter e confirmar resultados, e se gerar impacto”. Assim, uma pesquisa aplicada precisa ter objetivos práticos que tenham relevância para um ou mais grupos de interesse.

Inicialmente, foi realizada uma abordagem quantitativa, com um levantamento documental da quantidade de títulos do Clube de Leitura ODS que cada unidade de informação possui em seu acervo, por meio da busca no catálogo bibliográfico on-line das bibliotecas. Segundo Alves (2003), a pesquisa quantitativa parte de parâmetros e é metrificante, pressupondo-se a utilização da estatística.

A partir da análise quantitativa das obras encontradas no catálogo bibliográficos on-line, considerando a divisão destas por ODS, foi realizada uma análise qualitativa dos dados encontrados, a fim de descobrir qual é o destaque de cada acervo em relação aos ODS.

Foram realizados questionários e entrevistas semiestruturadas, seguidas de uma análise qualitativa dos discursos dos participantes. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 114), neste tipo de análise “o pesquisador faz uma abstração, além dos dados obtidos, buscando possíveis explicações (implícitas nos discursos ou documentos), para estabelecer configurações e fluxos de causa e efeito.” A entrevista é considerada semiestruturada pois, apesar de ter um roteiro pré-estabelecido, novas perguntas podem surgir no decorrer da entrevista, para esclarecimentos ou mesmo comentários por parte da pesquisadora.

De acordo com os objetivos, a presente pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva. Segundo Alves (2003, p. 52), a pesquisa exploratória tem como objetivo “tornar mais explícito o problema, aprofundar as ideias sobre o objeto de estudo”, além de permitir “o uso de entrevistas com pessoas que já tiveram experiência acerca do objeto a ser investigado.” Já a pesquisa descritiva, ainda segundo Alves (2003, p. 52), “descreve as características de uma população ou de um fenômeno, ou ainda estabelece relações entre fenômenos (variáveis).”

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Severino (2017, p. 122) aponta que a pesquisa bibliográfica “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados” em documentos como livros, artigos e teses. Já a pesquisa documental, utiliza de documentos “que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico” (Severino, 2017, p. 122), como jornais, fotos, filmes, sites e portais. Os dados coletados foram descritos e analisados de acordo com o que aponta a literatura para que possam dar subsídio ao alcance dos objetivos de pesquisa.

6.2 UNIVERSO DE PESQUISA

O universo da pesquisa foram as bibliotecas escolares das Escolas Básicas Municipais (EBMs) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com recorte para seus acervos e para os 33 bibliotecários escolares que atuam nestas unidades.

O bibliotecário passou a fazer parte do quadro funcional da Secretaria Municipal da Educação (SME) de Florianópolis em 1988, com a Lei nº 2897/88, de 07 de julho de 1988. A criação deste cargo na Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) foi resultado da mobilização por parte dos bibliotecários e entidades de classe (Souza, 2011).

Atualmente, a rede de bibliotecas da SME é composta por 35 bibliotecários. Destes, 33 atuam em bibliotecas escolares das EBMs e duas atuam na Biblioteca Central e na Biblioteca Pública Municipal Professor Barreiros Filho (Prefeitura de Florianópolis, 2024a). O município de Florianópolis possui 39 Escolas Básicas Municipais e todas possuem biblioteca. Atualmente, destas 39 bibliotecas, 32 possuem bibliotecário. Assim, 7 bibliotecas encontram-se sem bibliotecário e uma das bibliotecas (pertencente à EBM Professora Herondina Medeiros Zeferino) possui duas bibliotecárias, totalizando os 33 bibliotecários escolares citados acima. Segue o mapa com a localização das EBMs:

Figura 5 - Mapa das Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis



Fonte: Prefeitura Municipal de Florianópolis (2024b)

É possível notar a predominância de Escolas Básicas Municipais na região norte da cidade, com 14 unidades. A região continental possui o menor número de escolas, apenas uma. As regiões leste, central e sul possuem o mesmo número de unidades, contendo 8 unidades.

As bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis são coordenadas pela Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DIBEC). Esta foi criada em 1988, tendo como finalidade auxiliar a gestão das bibliotecas escolares da rede, de forma a trazer melhorias, tanto em atividades ligadas à mediação na educação e ao estímulo da leitura, quanto em áreas como aquisição, contratação de pessoal e ativação de espaços (Capistrano, 2019).

Segundo Capistrano (2018), além de possuir funções como o planejamento, a organização e o assessoramento das bibliotecas, a DIBEC tem uma equipe de assessoramento,

responsável pelas formações continuadas dos profissionais atuantes nas bibliotecas. Além disso, a DIBEC desenvolve diversos projetos literários e de letramentos, como o “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco”, a “Ciranda Literária”, o projeto “Viajando com e nas palavras: a formação de leitores na educação básica”, o projeto “Biblioteca para ler, ver e ouvir”, a “Semana Municipal do Livro Infantil”, o projeto “Floripa letrada: a palavra em movimento” e a “Mostra de Cinema Infantil”.

Entre os projetos mencionados, o “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco” se destaca pela sua relevância e pela resistência ao longo dos anos na SME, mantendo-se ativo e relevante, além de já ter sido objeto de pesquisa de alguns estudos. O projeto foi criado em 2009 por Heliete Schütz Millack, sendo este

pensado para a formação de leitores e de mediadores de leitura [...] minha intenção foi a de atender às necessidades de promoção da leitura, advindas tanto dos educadores quanto da instituição. [...] A SME não só autorizou o desenvolvimento do projeto, mas também, viabilizou encontros com escritores e realizou aquisição de livros para compor o acervo do projeto. (Millack, 2015, p. 16)

Em sua dissertação de mestrado, Millack entrevistou profissionais que participaram do projeto, entre eles, professores e bibliotecários. Sobre os entrevistados, ela afirma que estes “possuem uma relação singular com a leitura literária que os impulsiona sobremaneira para se valerem do trabalho de mediação de leitura literária no seu fazer pedagógico cotidiano” (Millack, 2015, p. 8).

O projeto também foi tema da tese de doutorado de Silva Neto (2022, p. 214), que afirma que a RMEF possui “uma cultura de leitura, revelada por meio [de] profissionais mediadores, que de maneira orgânica atuam em um projeto de leitura sem obrigatoriedade, acreditando na potência que a literatura tem no fazer pedagógico da escola, na cultura acessada por meio da leitura e da oralidade.”

Assim, a DIBEC desenvolve e participa de projetos que contribuem para a formação dos bibliotecários e para o incentivo à leitura na comunidade escolar. Em relação aos acervos das bibliotecas, o sistema utilizado para o gerenciamento é o Pergamum. Este “contempla as principais funções de uma Biblioteca, funcionando de forma integrada, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, melhorando a rotina diária com os seus usuários” (Pergamum, 2004).

Segundo Silva, Alves e Viapiana (2008), o sistema foi adquirido em 2005 pela SME e, em 2006, iniciou-se o processo de informatização dos acervos. No artigo publicado pelas autoras, apresenta-se a informação de que, em 2007, das 38 bibliotecas existentes na época, 30

já estavam com o Pergamum e a meta seria atingir todas até o final do mesmo ano (Silva, Alves e Viapiana, 2008, p. 217).

É importante ressaltar que a realidade do acervo expressa na pesquisa representa somente o que foi encontrado no catálogo bibliográfico on-line e que esta pesquisa não se propôs a realizar o levantamento presencialmente nos acervos físicos das bibliotecas. Considera-se que os resultados a partir deste levantamento aproximam-se bastante da realidade, haja vista que, como citado acima, em 2007 cerca de 80% das bibliotecas já possuíam o sistema Pergamum.

6.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram levantamento documental em catálogo bibliográfico on-line, questionário e entrevista semiestruturada.

O levantamento documental foi realizado no catálogo bibliográfico on-line integrado da rede de bibliotecas da SME. O catálogo bibliográfico está disponível no sistema Pergamum, cujo acesso é livre e aberto. Foi realizada uma busca com vistas a identificar a quantidade de obras do Clube de Leitura ODS presentes na rede. O fato de a consulta ao catálogo bibliográfico on-line integrar todas as bibliotecas facilita o levantamento, já que foi necessário realizar a busca por cada obra apenas uma vez (e não uma vez para cada biblioteca).

Para a realização de questionários e entrevistas com os bibliotecários, foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da UDESC a “Declaração de Ciência e concordância das Instituições Envolvidas” devidamente assinada pela pesquisadora e pelos responsáveis das duas instituições envolvidas (Centro de Ciências Humanas e da Educação e Gerência de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação).

Os contatos de e-mail dos 33 bibliotecários que atuam nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação (RME) de Florianópolis foram solicitados por e-mail à Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DIBEC). O questionário (Apêndice A) foi enviado a esses bibliotecários através de um link do Google Forms. Na primeira seção do formulário, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos questionários (Apêndice C), juntamente com a questão para confirmação do participante, que dizia: “Li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordo em responder às perguntas.” A segunda seção, contendo as perguntas, só foi liberada após a aceitação do TCLE.

Um dos objetivos principais do questionário foi identificar os participantes em quatro grupos distintos:

1. Desenvolveram atividade com alguma obra do Clube, ciente de que esta obra pertencia ao Clube e ao seu respectivo ODS.
2. Desenvolveram atividade com alguma obra do Clube, sem estar ciente de que esta obra pertencia ao Clube e ao seu respectivo ODS.
3. Não desenvolveram atividades com obras do Clube, mas já trabalharam com os ODS de alguma forma.
4. Não desenvolveram atividades com obras do Clube, nem trabalharam com os ODS.

Esta divisão serviu como critério para a seleção de bibliotecários convidados a realizarem a entrevista. Inicialmente, seriam selecionados para participar da entrevista somente os bibliotecários pertencentes ao Grupo 1. Caso não houvesse um número considerável de bibliotecários pertencentes a este grupo, seriam selecionados também os bibliotecários pertencentes aos Grupos 2 e assim por diante. Quanto ao grupo 4, este não seria considerado como apto para participar da entrevista.

Aos bibliotecários selecionados foi enviado por e-mail o convite para participar da entrevista (Apêndice B), juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) das entrevistas (Apêndice D) e o Termo de Consentimento Para Fotografias, Vídeos e Gravações (Anexo C). No e-mail foi enviado também um link do Google Forms, no qual eram apresentados os dois termos citados acima e a questão “Li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Consentimento Para Fotografias, Vídeos e Gravações e estou de acordo em participar da entrevista.” A entrevista ocorreu apenas após o participante acessar este formulário com seu e-mail, preencher seu nome e aceitar a questão. As entrevistas foram realizadas por videoconferência, pelo programa Microsoft Teams, por uma questão de praticidade, especialmente considerando que as Escolas Básicas Municipais estão distribuídas por todas as regiões da cidade. Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas (Apêndice E) com o apoio da própria plataforma, que converte áudio em escrita automaticamente, necessitando apenas de algumas correções.

Quanto à organização e análise dos dados do levantamento documental no acervo bibliográfico, estes foram apresentados em gráficos, para melhor visualização e análise. Os resultados quantitativos do questionário também foram apresentados em gráficos. Já as respostas das questões discursivas foram distribuídas em um quadro, subdividido por temáticas presentes nas respostas. Em relação às entrevistas, foi realizada uma análise descritiva do conteúdo dos discursos dos bibliotecários entrevistados, de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), utilizando-se da categorização.

A metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin (2004), é composta por três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material, categorização ou codificação; 3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretação (Bardin, 2004).

A pré-análise é realizada em quatro etapas: leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores (Bardin, 2004). Destaca-se que em relação a este último passo da pré-análise, o mesmo não será contemplado na pesquisa, pois não há necessidade no contexto deste estudo. Assim, tomamos como instrumentos da leitura flutuante o levantamento bibliográfico no catálogo on-line, as respostas dos questionários e o conteúdo das respostas das entrevistas.

Na etapa de escolha dos documentos, tanto o levantamento bibliográfico quanto os questionários e as entrevistas foram analisados seguindo o critério da exaustividade, avaliando-se a relevância dos dados coletados, visando trazer significados que atendam aos objetivos da pesquisa. Após a escolha dos documentos, foi possível determinar o objetivo de propor uma reflexão direcionada aos resultados. Em relação à hipótese, trata-se de uma proposição proveniente da intuição e que permanece suspendida enquanto não for submetida à prova de dados seguros (Bardin, 2004).

Após a primeira fase, foi realizada a exploração do material por meio da categorização do conteúdo dos discursos. Esta etapa funciona por meio do “desmembramento do discurso em categorias, em que os critérios de escolha e de delimitação orientam-se pela dimensão da investigação dos temas relacionados ao objeto de pesquisa, identificados nos discursos dos sujeitos pesquisados” (Bardin, 2004, p. 126).

Para Bardin (2004, p. 123), a categorização pode ser feita de duas maneiras: uma quando “é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados” (a priori) e a outra quando as categorias ainda precisam ser desenvolvidas a partir da classificação dos elementos (a posteriori). As categorias pensadas a priori foram baseadas no roteiro da entrevista, tendo cada categoria surgido de uma pergunta da entrevista. Durante a análise do conteúdo dos discursos, encontrou-se a necessidade da criação de uma nova categoria, pois um tema mostrou-se relevante e notável em vários discursos dos participantes. Por isso, esta categoria foi criada a posteriori.

A partir da análise do conteúdo das entrevistas em categorias, este foi dividido em “unidades de registro”, que podem ser uma palavra, um tema, um acontecimento ou um personagem. Estes temas foram identificados em trechos dos discursos, os quais são chamados de “unidades de contexto” e correspondem ao segmento da mensagem, que pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (Bardin, 1977).

Após a distribuição das unidades de contexto nas unidades de registro correspondentes a cada categoria, foi possível tratar os resultados por meio de uma análise que envolveu inferências e interpretação do conteúdo dos discursos dos entrevistados, além de considerar as informações obtidas nos resultados do levantamento do catálogo e nos questionários.

As informações coletadas deram subsídios à elaboração da proposta de uma capacitação que poderá ser aplicada futuramente para os bibliotecários da RMEF sobre o Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares.

Todas as questões referentes a essa pesquisa seguiram os preceitos éticos da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, passando por uma avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEPSH/UDESC), através do cadastro da pesquisa na Plataforma Brasil.

Em resumo, o quadro abaixo apresenta a metodologia da pesquisa, caracterizando sua natureza, abordagem, objetivos, procedimentos técnicos e o universo da pesquisa.

Quadro 1 - Metodologia da pesquisa

Natureza	Aplicada
Abordagem	Qualiquantitativa
Objetivos	Exploratória e descritiva
Procedimentos técnicos	Bibliográfica e documental
Universo de pesquisa	Bibliotecários e acervos das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.
Instrumentos de coletas de dados	Questionário, entrevista semiestruturada e levantamento em catálogo bibliográfico on-line.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na próxima seção serão apresentados a análise e a discussão dos dados coletados a partir do levantamento documental das obras no catálogo bibliográfico on-line das bibliotecas, bem como dos questionários e das entrevistas com os bibliotecários.

7 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção apresentam-se os dados coletados, bem como suas respectivas análises e discussões. Primeiramente, apresentam-se os resultados obtidos a partir do levantamento documental das obras do Clube de Leitura ODS presentes no catálogo bibliográfico on-line das bibliotecas escolares da SME. A segunda subseção apresenta os resultados encontrados a partir das respostas dos bibliotecários nos questionários virtuais. A terceira subseção trata dos resultados encontrados a partir das entrevistas realizadas com os bibliotecários selecionados.

7.1 LEVANTAMENTO DOCUMENTAL DAS OBRAS DO CLUBE DE LEITURA ODS PRESENTES NO CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO ON-LINE

Durante o desenvolvimento da pesquisa, o sistema Pergamum, utilizado pelas bibliotecas da Rede Municipal de Educação, permaneceu fora do ar durante quase todo o ano de 2023, retornando apenas em janeiro de 2024. Por conta disso, o levantamento documental das obras do Clube de Leitura ODS presentes nas bibliotecas da rede foi realizado com certo atraso no cronograma inicial da pesquisa: de 25 de janeiro de 2024 a 04 de fevereiro de 2024.

A busca foi realizada na opção “Pesquisa Geral”, utilizando-se dos filtros “Termo livre”, “Título”, “Título (palavra em qualquer posição)”, “Autor (palavra em qualquer posição)”, “Editora” e “ISBN”, respectivamente. Vale ressaltar que em diversas buscas, o filtro “Termo livre” trazia resultados mais precisos do que os filtros específicos. Inclusive, durante o levantamento, a pesquisadora percebeu que o filtro “Editora” não traz resultados relevantes, por isso, quando a busca era realizada pelo nome da editora, utilizou-se o filtro “Termo livre”.

Apesar de o Clube de Leitura ODS ter como critério para escolha das obras, apenas edições publicadas a partir de 2016, para o levantamento realizado foram consideradas também as edições dos títulos anteriores a esta data. Esta decisão deu-se pelo entendimento de que a seleção das obras foi realizada levando em consideração o tema central do livro (e sua relação com os ODS) e, mesmo que existam alterações entre edições, acredita-se que o tema permanece sendo o mesmo.

As obras do Clube presentes na Biblioteca Central da SME também foram consideradas. Esta unidade de informação encontra-se no Centro de Educação Continuada (CEC), atendendo à comunidade em geral e aos estudantes do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além disso, a Biblioteca Central dá apoio às outras bibliotecas escolares e realiza empréstimo entre bibliotecas.

As informações foram registradas no quadro abaixo, que apresenta o título das obras, a presença do título na rede (sim ou não), o nome das escolas cujas bibliotecas possuem o título e a quantidade de exemplares do título por biblioteca.

Quadro 2 - Obras do Clube de Leitura ODS presentes no catálogo bibliográfico on-line da rede de bibliotecas

ODS 1 - ERRADICAÇÃO DA POBREZA				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Crianças na escuridão	Sim	EBM João Alfredo Rohr	1	1996
		Biblioteca Central	1	2012
Da minha janela	Não	-	-	-
Dois meninos de Kakuma	Não	-	-	-
Donana e Titonho	Não	-	-	-
Eu sou uma noz	Não	-	-	-
Foi ele que escreveu a ventania	Não	-	-	-
O cometa é um sol que não deu certo	Não	-	-	-
O garoto da camisa vermelha	Sim	EBM Henrique Veras	1	2014
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	
		EBM Anísio Teixeira	1	
		EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	3	
		EBM Retiro da Lagoa	1	
Para onde vamos	Não	-	-	-
ODS 2: FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Abecedário de aromas: cozinhando com tempero e poesia	Não	-	-	-
O rei de quase tudo e as vinhas de ouro	Não	-	-	-
ODS 3: SAÚDE E BEM-ESTAR				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Estrela Kaingáng: a lenda do primeiro pajé	Não	-	-	-
Família de todo jeito	Não	-	-	-
Fuga para Xangai	Não	-	-	-

O leão da neve	Não	-	-	-
O menino e o mar	Não	-	-	-
O menino que amava o passapreto	Sim	EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Henrique Veras EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Beatriz de Souza Brito EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM José do Valle Pereira EBM Maria Conceição Nunes EBM Tapera Escola do Futuro	1 2 1 1 2 1 2 1 1 1 2	2018
Opa	Não	-	-	-
Reconexão	Não	-	-	-
ODS 4: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
99 brincadeiras cantadas	Não	-	-	-
A cadeira do rei	Não	-	-	-
A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha	Não	-	-	-
Caderno alado: a passarada do infinito em prosa e verso	Não	-	-	-
Direitos do pequeno leitor	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Beatriz de Souza Brito EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM Adotiva Liberato Valentim EBM Retiro da Lagoa EBM Tapera Escola do Futuro	2 1 2 2 2 2 2 1 2	2019
Escola em jogo	Não	-	-	-
Festa do Maneco	Não	-	-	-
Gato preto, gata branca	Não	-	-	-
Kakopi, Kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos	Sim	EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância	1	2018
Kamo e a agência babel	Sim	EBM Henrique Veras EBM João Alfredo Rohr	1 1	1995
O nascimento de Zeus e outros mitos gregos	Não	-	-	-
O olho bom do menino	Não	-	-	-

O secador de livros	Não	-	-	-
Os casamentos da dona baratinha	Não	-	-	-
Palavras sapecas	Não	-	-	-
Pequeno manual de peixes marinhos e outras maravilhas aquáticas	Não	-	-	-
Rosa	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM Vitor Miguel de Souza EBM Henrique Veras EBM Batista Pereira EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM José Jacinto Cardoso	1 2 1 1 1 1	2017
ODS 5: IGUALDADE DE GÊNERO				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A bela ou a fera	Sim	EBM Brigadeiro Eduardo Gomes <hr/> EBM Vitor Miguel de Souza EBM Professora Herondina Medeiros Zeferino EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM Dilma Lúcia dos Santos <hr/> EBM José Amaro Cordeiro EBM Henrique Veras EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	1996 1998 1993
A valentia das personagens secundárias	Não	-	-	-
ABCDelas	Sim	EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	2019
As aventuras de sargento verde				-
Caderno sem rimas da Maria	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Henrique Veras EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Almirante Carvalhal EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Beatriz de Souza Brito EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira EBM Adotiva Liberato Valentim	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	2018
Coisa de menina ⁶	Sim	EBM Osmar Cunha EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Acácio Garibaldi São Thiago	3 2 1 3 2	2019

⁶ No catálogo bibliográfico há a presença do livro “Coisa de menina ou coisa de menino”, título que é literalmente uma junção dos livros “Coisa de menina” e “Coisa de menino”.

		EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM João Alfredo Rohr EBM Adotiva Liberato Valentim EBM Tapera Escola do Futuro	2 1 1 2 4	
Coisa de menino ¹²	Sim	EBM Osmar Cunha EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM João Alfredo Rohr EBM Adotiva Liberato Valentim EBM Tapera Escola do Futuro	3 2 1 3 2 2 1 1 2 4	2019
Contos de sacisas	Não	-	-	-
Empoderadas! Mulheres eternas	Não	-	-	-
Enreduana	Não	-	-	-
Ernesto, o leão faminto	Não	-	-	-
Eu sou uma menina	Não	-	-	-
Grace O`Malley: a pirata invencível	Não	-	-	-
Impossível	Não	-	-	-
Lá no meu quintal... o brincar de meninas e meninos de norte a sul	Não	-	-	-
Layla, a menina síria	Sim	Biblioteca Central EBM Almirante Carvalhal EBM João Alfredo Rohr	1 1 1	2018
		EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM José do Valle Pereira EBM José Jacinto Cardoso	1 1 2 1	2018
Leila	Não	-	-	-
Malala e seu lápis mágico	Não	-	-	-
Malala: pelo direito das meninas à educação	Sim	EBM José Amaro Cordeiro	1	2019
Marinela	Não	-	-	-
Minha família Enauenê	Não	-	-	-
O silêncio de Alice	Não	-	-	-
Pinóquia	Sim	EBM Osmar Cunha EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Henrique Veras EBM Almirante Carvalhal EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM Adotiva Liberato Valentim	1 1 1 4 1 2 1 2 2	2018

		EBM José Jacinto Cardoso	3	
Princesas guerreiras	Não	-	-	-
Princesas, bruxas e uma sardinha da brasa: contos de fadas para pensar sobre o papel da mulher	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Henrique Veras EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Almirante Carvalhal EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM João Alfredo Rohr EBM Taperá Escola do Futuro	2 1 1 1 1 1 1 2 1	2022
Rônia: a filha do bandoleiro	Não	-	-	-
Super	Sim	EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Henrique Veras EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Beatriz de Souza Brito EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira EBM Maria Conceição Nunes EBM José Jacinto Cardoso EBM Taperá Escola do Futuro	3 1 2 1 4 4 1 2 2 2 2 1 1	2018
ODS 6: ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A mancha	Não	-	-	-
Caminhos de São Francisco	Não	-	-	-
ODS 7: ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Eu, Ota, o rio de Hiroshima	Não	-	-	-
No corredor dos cobogós	Não	-	-	-
ODS 8: TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil	Não	-	-	-
Meu pai, o grande pirata	Não	-	-	-
O olho da rua	Não	-	-	-

Se os tubarões fossem homens	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira EBM José Jacinto Cardoso EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância	1 1 1 2 1 1 2	2018
ODS 9: INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
Alinhavos: o futuro do planeta está no seu guarda-roupa	Não	-	-	-
Mobilidade	Não	-	-	-
ODS 10: REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A boca da noite	Sim	Biblioteca Central EBM José Amaro Cordeiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Henrique Veras EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira	1 1 1 1 1 1 1 1	2016
A cor de Coraline	Sim	EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância EBM João Alfredo Rohr	1 1 1	2017 2018
A guerra do pão com manteiga	Não	-	-	-
Ah... nisso eu não tinha pensado!	Não	-	-	-
Amarelindo	Não	-	-	-
Balada da estrela e outros poemas	Não	-	-	-
Entre cães e gatos	Não	-	-	-
Era uma vez uma bruxa	Sim	EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Henrique Veras EBM Adotiva Liberato Valentim EBM João Alfredo Rohr	1 1 1 2	2006 2001
Gente de cor, cor de gente	Sim	Biblioteca Central EBM Osmar Cunha EBM José Amaro Cordeiro EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Donícia Maria da Costa EBM Henrique Veras EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Dilma Lúcia dos Santos	1 2 2 1 1 2 1 2 2 2 2	2018

		EBM José do Valle Pereira	2	
		EBM Adotiva Liberato Valentim	2	
		EBM José Jacinto Cardoso	2	
		EBM Tapera Escola do Futuro	2	
Honorina	Não	-	-	-
Macapacarana	Sim	EBM Vitor Miguel de Souza	2	2020
		EBM Luiz Cândido da Luz	2	
		EBM Henrique Veras	1	
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	2	
		EBM Mâncio Costa Escola do Futuro	1	
		EBM Almirante Carvalhal	1	
		EBM João Alfredo Rohr	1	
		<hr/>		
		Biblioteca Central	1	2009
		EBM Osmar Cunha	3	
		EBM José Amaro Cordeiro	2	
		EBM Vitor Miguel de Souza	1	
		EBM João Gonçalves Pinheiro	1	
		EBM Donícia Maria da Costa	1	
		EBM Osvaldo Machado	1	
		EBM Henrique Veras	1	
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	
		EBM Mâncio Costa Escola do Futuro	4	
		EBM Herondina Medeiros Zeferino	1	
		EBM Almirante Carvalhal	2	
		EBM Anísio Teixeira	2	
		EBM Antônio Paschoal Apóstolo	1	
		EBM Batista Pereira	1	
		EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	1	
		EBM Dilma Lúcia dos Santos	3	
		EBM Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS)	1	
		EBM João Alfredo Rohr	2	
		EBM José do Valle Pereira	1	
Mexique	Não	-	-	-
Nós de axé	Não	-	-	-
Nós: uma antologia de literatura indígena	Não	-	-	-
O Menino Nelson Mandela	Sim	EBM José Amaro Cordeiro	2	2021
		EBM Almirante Carvalhal	1	
		EBM Batista Pereira	1	
		EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	2	
		EBM José do Valle Pereira	2	
O menino que vendia sonhos	Não	-	-	-
Olha aqui o Haiti! Voici le Haïti!	Não	-	-	-
Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro	Não	-	-	-
Um lençol de infinitos fios	Sim	EBM José Amaro Cordeiro	2	2022
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	
		EBM Almirante Carvalhal	1	
		EBM João Alfredo Rohr	2	
		EBM Tapera Escola do Futuro	1	
Zum zum Zumbiiiii: história	Não	-	-	-

de Zumbi dos Palmares para crianças				
ODS 11: CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A cor do dinheiro da vovó	Não	-	-	-
A história de Akykysia, o dono da caça Akykysia	Não	-	-	-
A história do Monstro Khátpy	Não	-	-	-
Das crianças Ikpeng para o mundo	Não	-	-	-
Depois do ovo, a guerra	Não	-	-	-
Dois pinheiros e o mar: e outras crônicas sobre meio ambiente	Não	-	-	-
Em algum lugar do mundo	Não	-	-	-
Greta e os gigantes	Não	-	-	-
Manaus	Não	-	-	-
No tempo do verão	Não	-	-	-
O convidador de pirilampos	Não	-	-	-
O que tem no bairro de Ana?	Não	-	-	-
Palermo e Neneco	Não	-	-	-
Sem palmeira ou sabiá	Sim	Biblioteca Central	1	2018
Ubuntu	Não	-	-	-
ODS 12: CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A garrafa	Não	-	-	-
Carona	Não	-	-	-
Chapéu fora de moda	Não	-	-	-
Ecologia até na sopa	Não	-	-	-
Gigi e Napoleão ⁷	Sim	Biblioteca Central EBM José Amaro Cordeiro EBM Vitor Miguel de Souza EBM José do Valle Pereira EBM Adotiva Liberato Valentim	1 2 1 2 2	2018

⁷ Título com registro duplicado no catálogo bibliográfico on-line.

		EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância	1	
		EBM Vitor Miguel de Souza*	1	
		EBM José do Valle Pereira*	1	
		EBM Costa da Lagoa	5	
		EBM Lupércio Belarmino da Silva	1	
Menininho	Não	-	-	-
O Lórax	Não	-	-	-
Poeminhas da terra	Sim	EBM Osmar Cunha EBM Vitor Miguel de Souza EBM Luiz Cândido da Luz EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Herondina Medeiros Zeferino EBM Almirante Carvalhal EBM Anísio Teixeira EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM Beatriz de Souza Brito EBM José do Valle Pereira EBM Maria Conceição Nunes EBM Maria Tomázia Coelho EBM Adotiva Liberato Valentim EBM Lupércio Belarmino da Silva EBM Virgílio dos Reis Várzea EBM Taperá Escola do Futuro EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância	1 2 1 2 2 5 1 1 4 1 2 2 2 1 4 1 4 1 4 2	2016
Sagatrisuitorana	Não	-	-	-
Terra de cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão	Sim	EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Batista Pereira EBM José do Valle Pereira EBM José Jacinto Cardoso	1 1 2 1	2016
Um canto para o rio	Não	-	-	-
Um dia, um rio	Não	-	-	-
ODS 13: AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A árvore	Não	-	-	-
Cadê o bicho?	Não	-	-	-
Estranhas criaturas	Não	-	-	-
O amuleto da chuva	Sim	EBM Almirante Carvalhal EBM Batista Pereira EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM João Alfredo Rohr	1 1 2 2	2018
O corte e a chama	Não	-	-	-
ODS 14: VIDA NA ÁGUA				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação

A baleia e o submarino	Não	-	-	-
Águas encantadas	Sim	EBM Professora Neuza Paula da Silveira Escola da Infância	1	2017
Antes de mim	Não	-	-	-
Bichos da terra dos bichos: africanos	Não	-	-	-
Histórias guardadas pelo Rio	Não	-	-	-
Ludi vai à praia: a odisseia de uma marquesa	Sim	Biblioteca Central EBM Osmar Cunha EBM José Amaro Cordeiro EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Donícia Maria da Costa EBM Luiz Cândido da Luz EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Professora Herondina Medeiros Zeferino EBM Anisio Teixeira EBM Batista Pereira EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM José do Valle Pereira EBM Maria Conceição Nunes EBM Paulo Fontes EBM Lupércio Belarmino da Silva	1 5 1 2 1 1 4 1 3 1 3 1 1 1 1 1 1 3	2003
O rio	Não	-	-	-
Os animais	Não	-	-	-
ODS 15: VIDA TERRESTRE				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação
A água e a águaia	Não	-	-	-
A alma secreta dos passarinhos	Não	-	-	-
A casa da árvore	Não	-	-	-
Bichos de um lugar mágico: australianos	Não	-	-	-
Bichos vermelhos	Não	-	-	-
Brasileirinhos	Sim	EBM Beatriz de Souza Brito EBM João Alfredo Rohr	1 1	2001
Brasileirinhos da Amazônia	Não	-	-	-
Chove chuva: aprendendo com a natureza - sabedoria popular	Sim	EBM Osmar Cunha EBM Vitor Miguel de Souza EBM Henrique Veras EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira EBM Retiro da Lagoa	1 1 1 1 1 1 1 1	2017
Cobra-tatu	Não	-	-	-

Dinossauros podem ser adestrados?	Não	-	-	-
Guayarê: o menino da aldeia do rio	Não	-	-	-
João Graveto e João Pessoa	Não	-	-	-
Lendas de frutas e árvores do Brasil	Não	-	-	-
Lendas e fábulas de bichos do Brasil	Não	-	-	-
Ludi na Floresta da Tijuca	Não	-	-	-
O mistério do Colecionador	Não	-	-	-
O mundo nunca dorme	Não	-	-	-
O olho do lobo ¹⁰	Sim	EBM Luiz Cândido da Luz	2	2021
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	
		EBM Almirante Carvalhal	1	
		EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	1	
		EBM João Alfredo Rohr	1	
		EBM José do Valle Pereira	2	

		Biblioteca Central	1	2017
		EBM Batista Pereira	1	
Pequenas armaduras	Não	-	-	-
Poemas da minha terra tupi	Sim	EBM José Amaro Cordeiro	2	2019
		EBM Vitor Miguel de Souza	1	
		EBM João Gonçalves Pinheiro	1	
		EBM Luiz Cândido da Luz	1	
		EBM Henrique Veras	1	
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1	
		EBM Beatriz de Souza Brito	2	
		EBM Dilma Lúcia dos Santos	2	
		EBM João Alfredo Rohr	1	
		EBM Tapera Escola do Futuro	2	
Por todos os bichos	Não	-	-	-
Sertão	Sim	Biblioteca Central	1	2016
Uma festa na floresta	Não	-	-	-
ODS 16: PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES				
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação Ano de publicação
A Bola de Folhas de Bananeira	Não	-	-	-
A caixa de Zahara	Não	-	-	-
Amal: e a viagem mais importante da sua vida	Não	-	-	-
Apontamentos	Não	-	-	-
Cada um no seu lugar	Sim	Biblioteca Central	1	2018
		EBM Osmar Cunha	1	
		EBM Henrique Veras	1	
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	2	

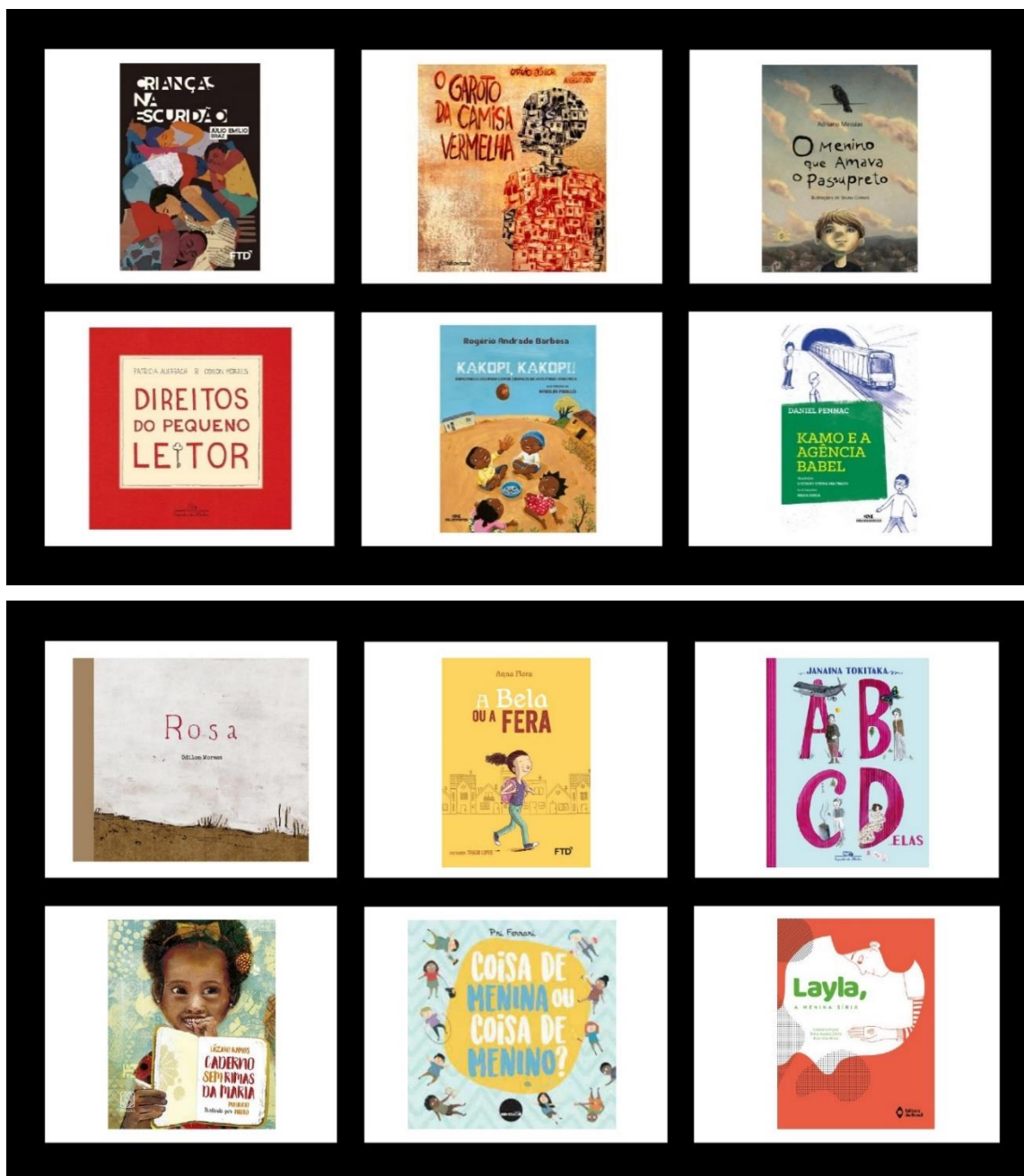
		EBM Albertina Madalena Dias EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Beatriz de Souza Brito EBM Dilma Lúcia dos Santos EBM João Alfredo Rohr EBM José do Valle Pereira EBM Adotiva Liberato Valentim EBM José Jacinto Cardoso	2 2 2 2 2 1 2 2	
Crianças	Não	-	-	-
Em fuga	Sim	Biblioteca Central EBM João Alfredo Rohr	1 1	2018
Kianda	Não	-	-	-
Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró	Não	-	-	-
Marcado pelo triângulo rosa	Não	-	-	-
Memórias de um adolescente brasileiro na Alemanha nazista	Sim	EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Batista Pereira EBM Beatriz de Souza Brito EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM João Alfredo Rohr EBM Tapera Escola do Futuro	1 1 2 1 1 1 1	2021
Mustafá	Não	-	-	-
O conto do carpinteiro	Não	-	-	-
O Dragão do Mar	Não	-	-	-
O Haiti de Jean	Não	-	-	-
Paz	Sim	EBM Vitor Miguel de Souza EBM Luiz Cândido da Luz EBM Acácio Garibaldi São Thiago EBM Mâncio Costa Escola do Futuro EBM Almirante Carvalhal EBM Antônio Paschoal Apóstolo EBM João Alfredo Rohr	1 3 2 2 2 2 1	2014
Reis, moscas e um gole de astúcia: contos de fadas para pensar sobre justiça	Não	-	-	-
Você é livre!	Sim	EBM José Amaro Cordeiro EBM Luiz Cândido da Luz EBM Almirante Carvalhal EBM Batista Pereira EBM Brigadeiro Eduardo Gomes EBM José do Valle Pereira <hr/> Biblioteca Central EBM Vitor Miguel de Souza EBM João Gonçalves Pinheiro EBM Donícia Maria da Costa EBM Luiz Cândido da Luz EBM Henrique Veras EBM Anísio Teixeira EBM Batista Pereira EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	2 2 1 1 1 4 1 1 1 1 1 1 1 1	2018 2012

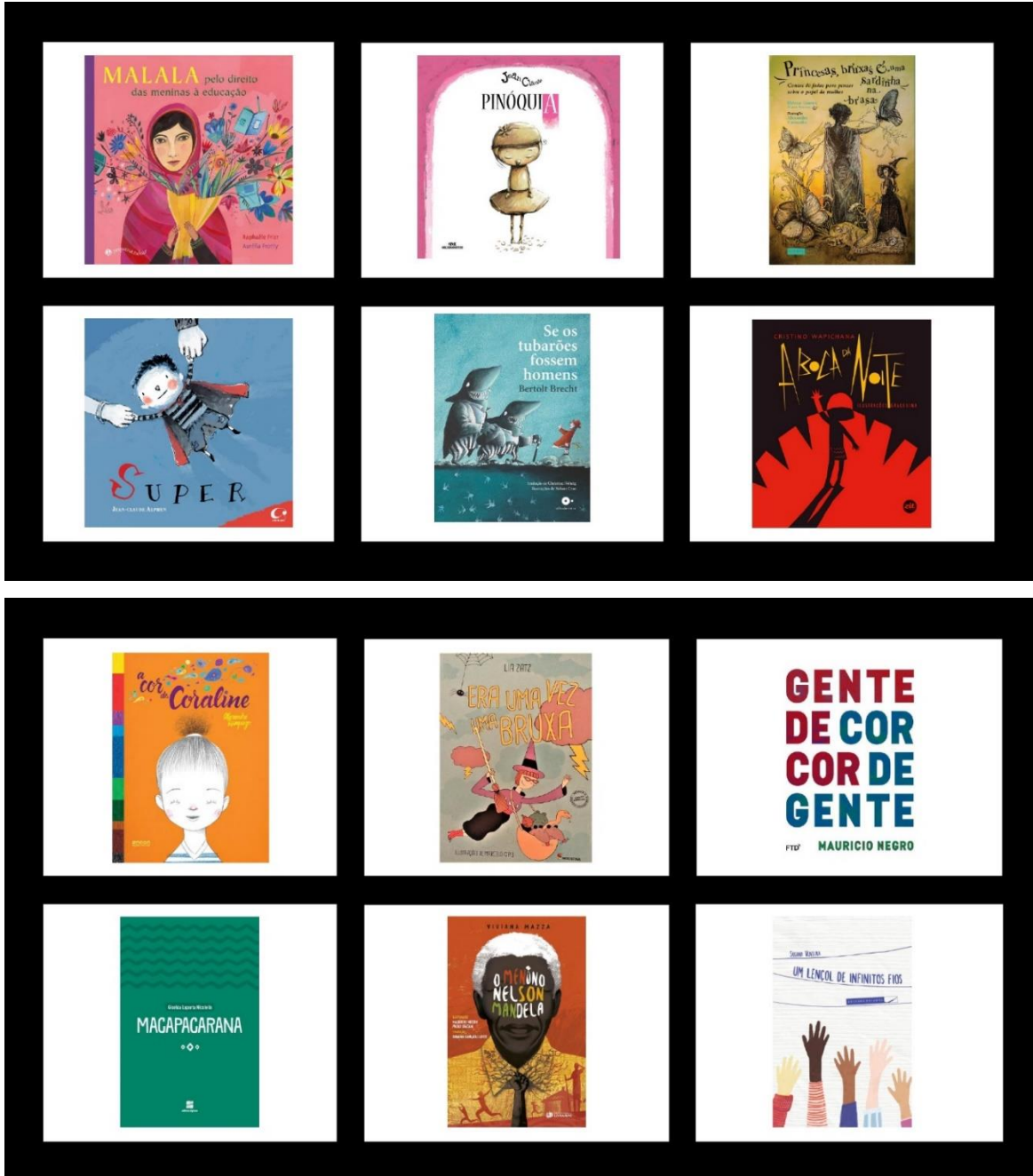
		EBM Dilma Lúcia dos Santos	1			
		EBM Maria Conceição Nunes	1			
ODS 17: PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO						
Título	Presença do título na Rede	Bibliotecas que possuem o título	Quant. de exemplares do título por biblioteca	Ano de publicação		
A reforma da natureza	Sim	Biblioteca Central	1	2012		
		EBM Osmar Cunha	1			
		EBM Luiz Cândido da Luz	1			
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1			
		EBM Mâncio Costa Escola do Futuro	1			
		EBM João Alfredo Rohr	1			
		EBM José do Valle Pereira	1			
		EBM Maria Conceição Nunes	1			
		<hr/>				
		EBM Osmar Cunha	3	2004		
		EBM João Gonçalves Pinheiro	1			
		EBM Donícia Maria da Costa	1			
		EBM Henrique Veras	2			
		EBM Acácio Garibaldi São Thiago	1			
		EBM Herondina Medeiros Zeferino	2			
		EBM Antônio Paschoal Apóstolo	2			
		EBM Beatriz de Souza Brito	1			
		EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	1			
		EBM Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS)	1			
		EBM João Alfredo Rohr	1	2017		
EBM José do Valle Pereira	1					
<hr/>						
EBM Maria Conceição Nunes	1					

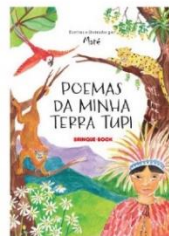
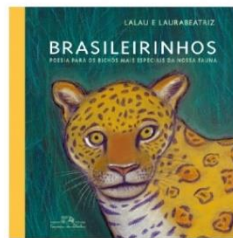
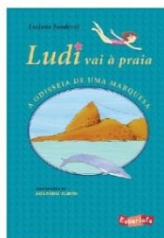
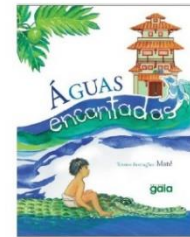
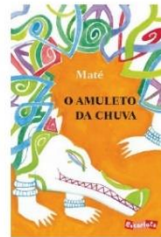
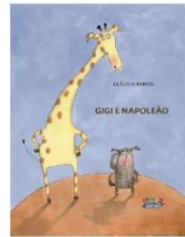
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

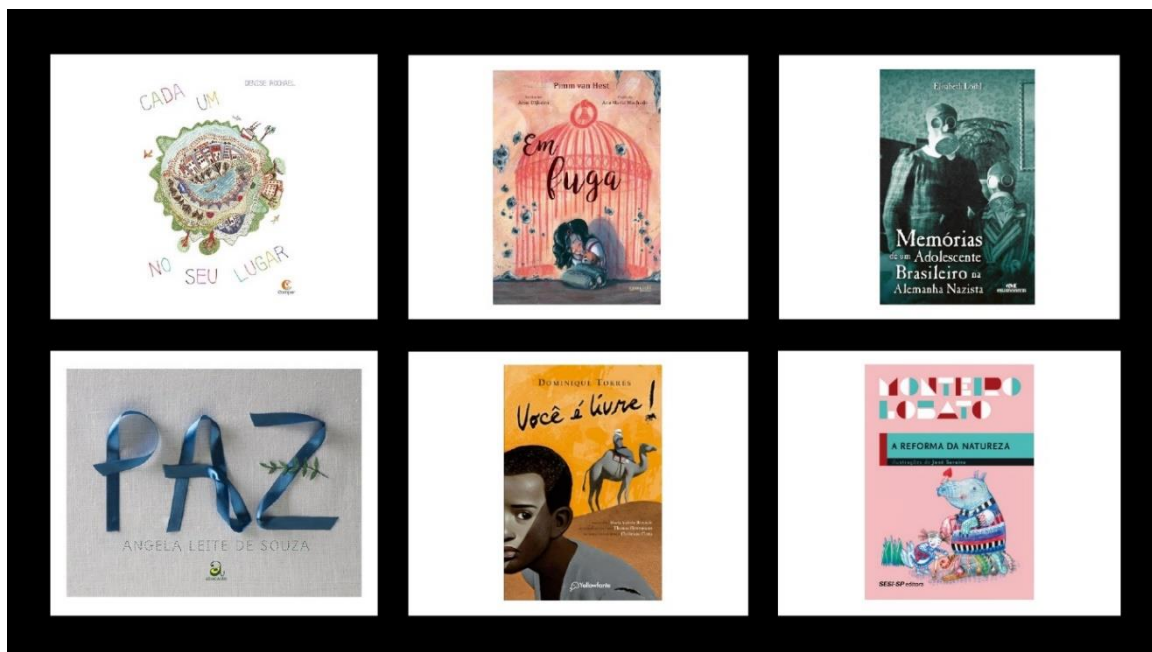
Assim, de acordo com o catálogo bibliográfico on-line, a rede possui 43 dos 175 livros do Clube de Leitura ODS, contemplando 24,57% das obras do Clube em seu acervo. A seguir apresentam-se as imagens das capas dos títulos encontrados no catálogo bibliográfico on-line.

Figura 6 - Títulos do Clube de Leitura ODS presentes nas bibliotecas escolares da RMEF





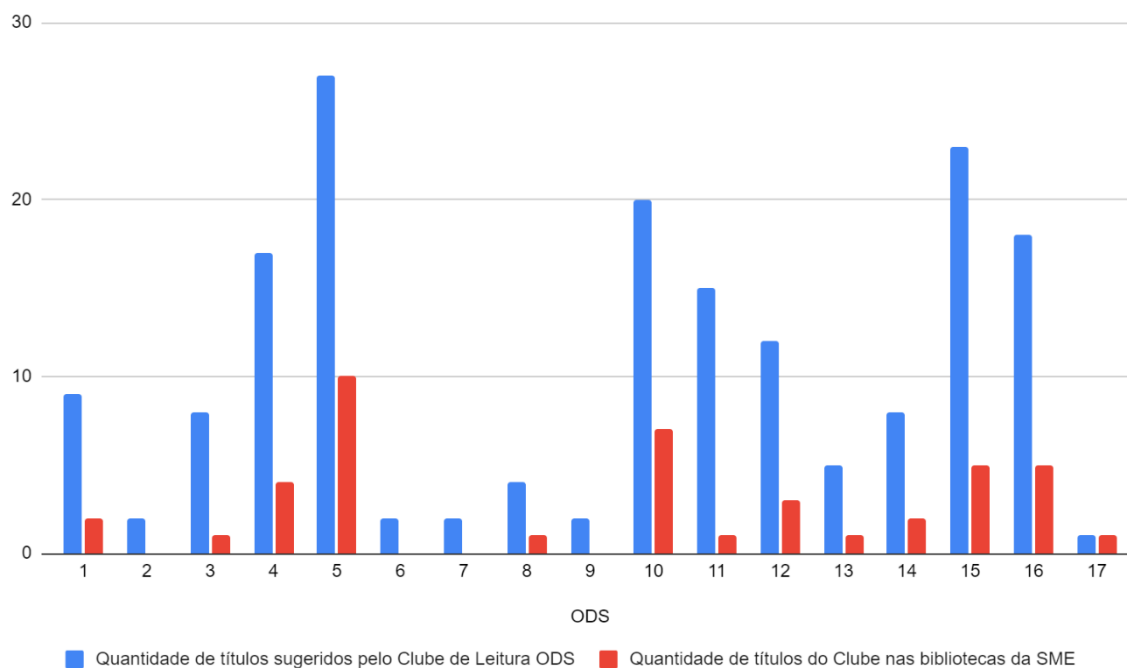




Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

O quadro a seguir apresenta a relação da quantidade de títulos por ODS dentro do Clube de Leitura ODS e a quantidade de títulos por ODS dos livros do Clube encontrados no catálogo bibliográfico on-line.

Gráfico 1 - Distribuição de títulos por ODS



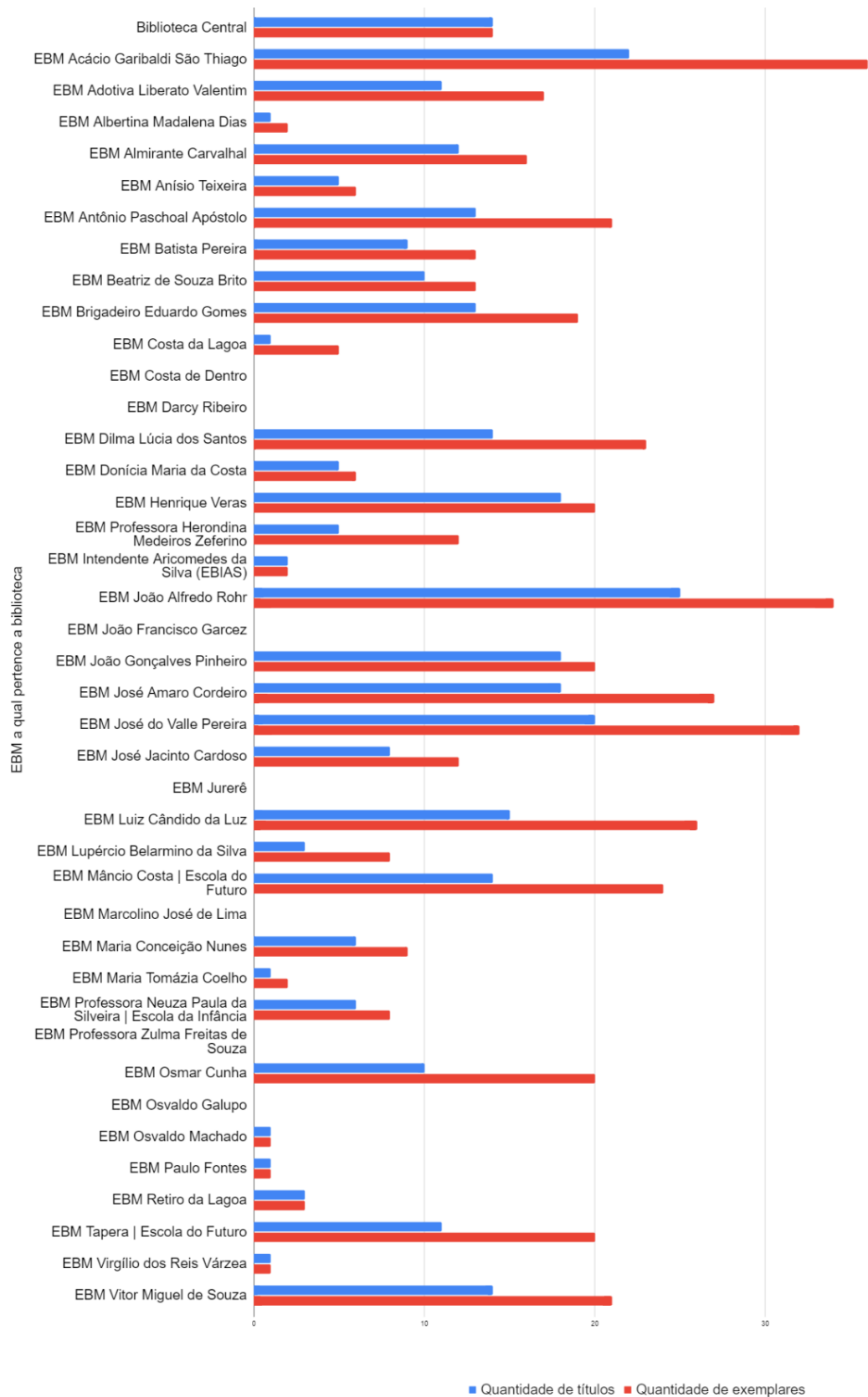
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

A rede possui o mesmo destaque que o Clube de Leitura ODS em relação à quantidade de obras por ODS: a maior parte dos títulos do Clube de Leitura ODS presentes no acervo da rede pertence aos ODS 5 – Igualdade de Gênero (10 títulos), ODS 10 - Redução das Desigualdades (10 títulos) e ODS 15 – Vida Terrestre (10 títulos).

As obras de quatro ODS não estão presentes na rede: ODS 2 – Fome Zero, ODS 6 – Água Limpa e Saneamento, ODS 7 – Energia Acessível e Limpa, ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura. É importante ressaltar que estes são os ODS menos contemplados pelo próprio Clube de Leitura ODS, contendo o menor número de títulos, juntamente com o ODS 17 – Parcerias e Meios de Implementação. Este possui apenas um título e que está presente no catálogo bibliográfico on-line das bibliotecas.

A seguir apresentam-se a distribuição da quantidade de títulos e a quantidade de exemplares de cada título presentes em cada uma das bibliotecas das escolas básicas municipais.

Gráfico 2 - Distribuição de títulos e exemplares por biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

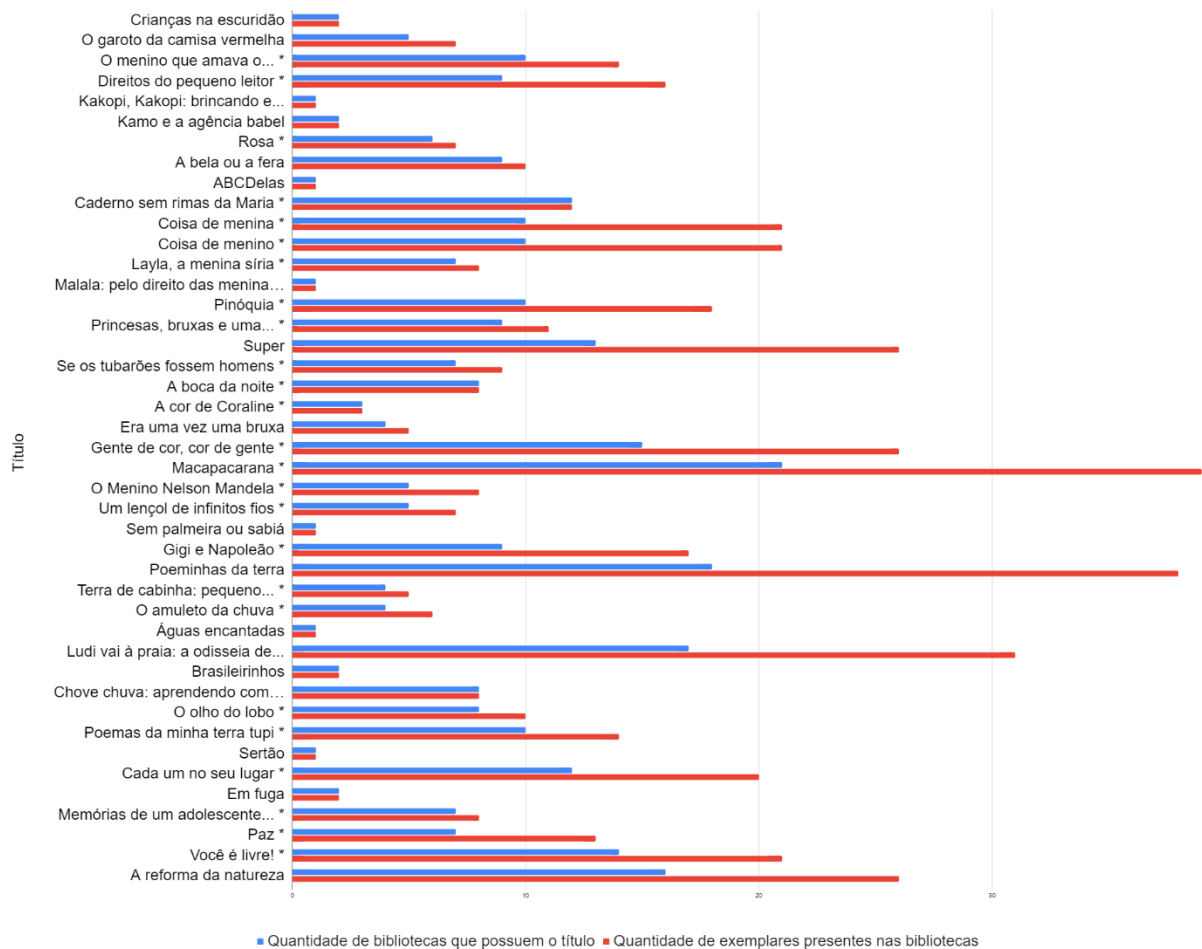
As três bibliotecas com mais títulos do Clube (presentes no catálogo bibliográfico on-line) pertencem às escolas básicas municipais João Alfredo Rohr (25 títulos), Acácio Garibaldi São Thiago (22 títulos) e José do Valle Pereira (20 títulos). As três escolas estão localizadas nos bairros Córrego Grande (região central), Barra da Lagoa (região leste) e João Paulo (região central), respectivamente.

Estas mesmas três escolas são as que possuem um número maior de exemplares de livros pertencentes ao Clube: a biblioteca da EBM Acácio Garibaldi São Thiago é a que possui mais livros do Clube, num total de 36 exemplares, seguida da EBM João Alfredo Rohr, com 34 exemplares e EBM José do Valle Pereira, com 32 exemplares.

No levantamento realizado no catálogo bibliográfico on-line, houve sete escolas que não apresentaram nenhum título: EBM Jurerê, EBM Marcolino José de Lima, EBM Professora Zulma Freitas de Souza, EBM João Francisco Garcez, EBM Osvaldo Galupo, EBM Costa de Dentro e EBM Darcy Ribeiro. É importante ressaltar que, no momento, as três últimas escolas mencionadas estão sem bibliotecário. Além disso, a maioria dessas escolas são unidades menores, atendendo apenas alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Vale destacar também que a EBM Darcy Ribeiro é uma escola recente, inaugurada em 2023, o que explica a possível ausência de registro de seu acervo no sistema Pergamum.

No quadro a seguir, apresenta-se os livros do Clube de Leitura ODS presentes no catálogo bibliográfico, bem como a quantidade de bibliotecas que possuem cada título e a quantidade de exemplares presentes na biblioteca.

Gráfico 3 - Distribuição de bibliotecas e exemplares por título



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa
 Legenda: * = Livros pertencentes ao PNLD

O título que está presente em mais bibliotecas é “Macapacarana”, de Giselda Laporta Nicolelis. Pertencente ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o título está presente com 39 exemplares em 21 das 39 escolas básicas municipais. O livro pertence ao ODS 10 – Redução das Desigualdades, um dos três ODS mais contemplados no Clube de Leitura ODS.

A presença dos títulos do Clube de Leitura ODS nas bibliotecas deve-se principalmente ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), já que dos 43 títulos encontrados na rede, 26 foram distribuídos pelo programa, representando mais da metade dos títulos encontrados. Ressalta-se aqui a importância das políticas públicas de leitura no país, que proporcionam o acesso a materiais diversos pelas comunidades escolares da rede pública de educação. É preciso também ter um olhar atento sobre a forma como estas políticas públicas são implementadas, para que sejam realizados trabalhos além da distribuição das obras, que

pode ser vista como o ponto de partida para o desenvolvimento de ações que busquem formação de leitores, como argumentam Perroti e Verdini (2008, p. 15)

Se a distribuição permite, sem nenhuma dúvida, que milhares de crianças e jovens se relacionem com a materialidade indispensável dos objetos de leitura, por outro lado, não permite necessariamente que se relacionem com a imaterialidade indispensável dos objetos de leitura.

Acreditamos que com o desenvolvimento desta pesquisa, será possível caminhar no sentido de desenvolver ações que permitam que as crianças se relacionem com esta imaterialidade presente nos livros que foram distribuídos para as bibliotecas. Nesse sentido, o produto desta pesquisa possibilitará que os estudantes interajam com o conteúdo destes livros, por meio de ações mediadas na biblioteca, com ideias que podem surgir a partir da capacitação sobre o Clube de Leitura ODS.

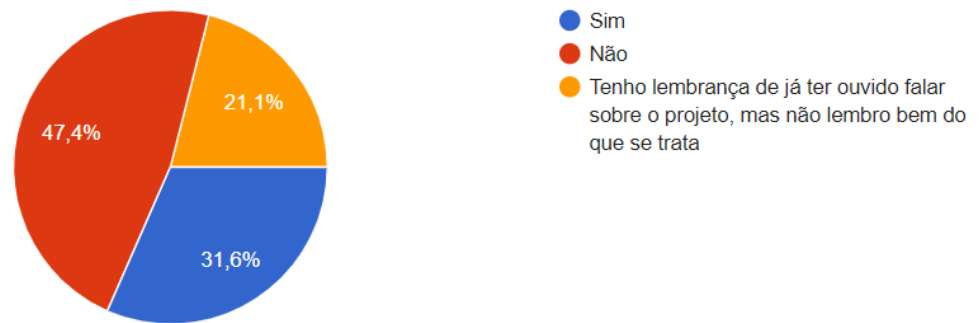
7.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Em relação ao questionário (Apêndice A), foi enviado aos bibliotecários e permaneceu disponível por mais de um mês para coletar respostas. Durante esse período, foi necessário reencaminhar o convite várias vezes, quase semanalmente, devido à baixa adesão. O primeiro convite foi enviado por e-mail a 33 bibliotecários da rede no dia 8 de março de 2024, e o formulário ficou aberto até 13 de abril para recebimento de respostas.

Ao todo, 19 bibliotecários responderam ao questionário, totalizando 57,57% dos bibliotecários escolares da rede. A seguir apresentam-se os dados obtidos pelo questionário, bem como suas respectivas análises.

Quando perguntados se conheciam o Clube de Leitura ODS, uma minoria entre os participantes (31,6%) respondeu conhecer. A maioria dos participantes (68,5%) não conhecia ou tinha somente uma lembrança de ter ouvido falar sobre o projeto, mas não se lembrava bem do que se trata, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Percentual inicial de conhecimento sobre a existência do Clube de Leitura ODS

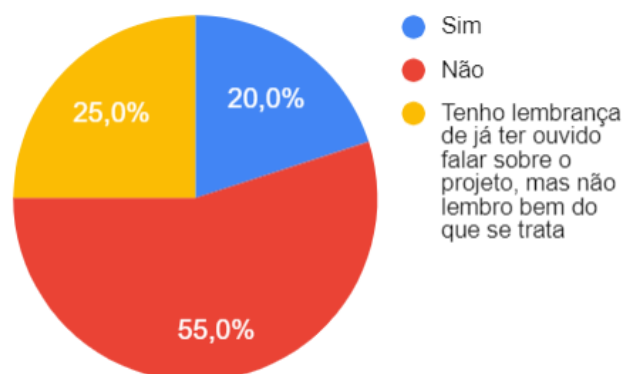


Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Porém, durante a realização das entrevistas, constatou-se que houve desatenção no momento de responder à esta pergunta. Dentre os 6 participantes que responderam conhecer o Clube, 2 não responderam ao convite para a entrevista e 4 aceitaram o convite. Entre estes 4, dois participantes disseram durante a entrevista que na realidade não conheciam o Clube e um participante disse que na realidade tinha apenas uma vaga lembrança. Apenas um participante confirmou que já conhecia o Clube.

Portanto, após estes esclarecimentos realizados pelos participantes durante as entrevistas, o percentual em relação a esta pergunta foi alterado: a maioria dos participantes (55%) não conheciam o Clube, 25% tinham uma lembrança de já ter ouvido falar sobre e uma minoria dos participantes (20%) conhecia o Clube, conforme apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Percentual corrigido de conhecimento sobre a existência do Clube de Leitura ODS



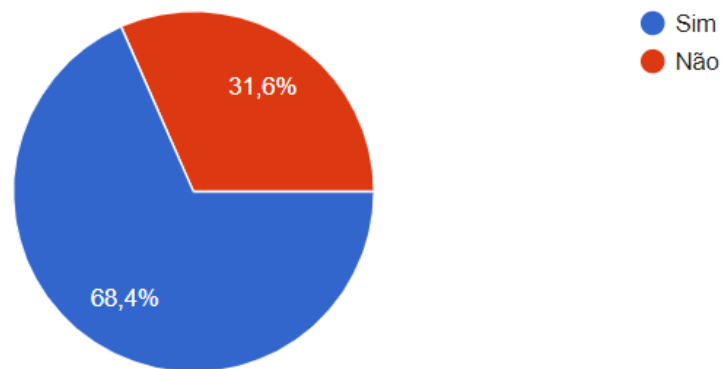
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Suspeita-se que o desconhecimento do Clube tenha relação com a divulgação das obras do Clube de Leitura ODS, que ocorreu em seu lançamento em 2021 pela CBL e pela FEBAB.

A abordagem do tema parece ter sido limitada a esse período de lançamento, não havendo uma grande repercussão sobre a iniciativa entre a classe bibliotecária.

A pergunta seguinte questionava se os bibliotecários já haviam utilizado algum livro do Clube de Leitura ODS em suas atividades. Para auxiliar os participantes a responderem a essa questão, foi adicionado um anexo com as capas dos 43 títulos do Clube de Leitura ODS presentes nas bibliotecas escolares da rede. Conforme o gráfico a seguir, apesar de uma minoria entre os participantes conhecer o Clube de Leitura ODS, 68,4% dos participantes afirmaram já ter utilizado pelo menos uma das obras do Clube.

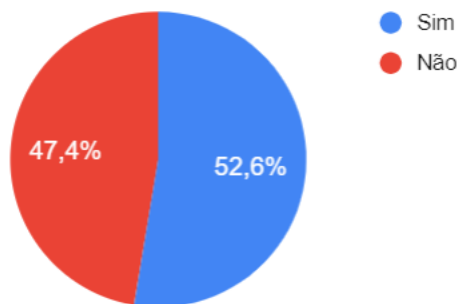
Gráfico 6 – Percentual inicial de utilização de livro(s) pertencente(s) ao Clube de Leitura ODS



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Esta pergunta foi crucial para a seleção dos participantes da entrevista. Dos 19 participantes, 13 relataram já ter utilizado um dos livros. O convite para a entrevista foi, então, enviado a esses 13 participantes. Dentre estes que foram convidados, um participante respondeu ao convite relatando que na realidade verificou as informações e não havia utilizado nenhuma obra do Clube, apesar de ter respondido que “sim” no questionário. Por isso, a entrevista com este participante foi cancelada. O mesmo foi relatado por outros dois participantes, mas somente no decorrer da entrevista. Assim, na realidade, dos 19 participantes, 10 já teriam utilizado um livro do Clube e o gráfico corrigido apresenta-se da seguinte maneira:

Gráfico 7 - Percentual corrigido de utilização de livros(s) pertencente(s) ao Clube de Leitura ODS



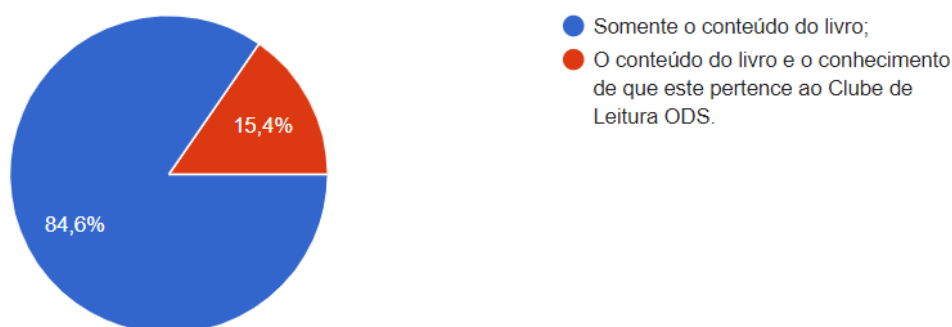
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Dessa forma, mesmo após a correção, mantém-se a afirmação de que mais da metade dos participantes já utilizaram alguma das obras do Clube de Leitura ODS em suas atividades nas bibliotecas. Isso pode levar ao entendimento de que, mesmo sem conhecer o Clube, muitos bibliotecários já vinham realizando mediações de leitura com livros pertencentes ao projeto e, mesmo que de forma indireta, trabalhado com algum tema dos ODS da Agenda 2030 em suas ações.

Como foi relatado na análise dos resultados do levantamento no catálogo bibliográfico on-line, mais da metade das obras foram distribuídas para as escolas por meio do PNLD. O fato de a maioria dos bibliotecários ter respondido já ter utilizado algum dos livros, é um sinal do impacto deste importante programa de política pública de leitura no país.

A questão seguinte devia ser respondida somente pelos participantes que responderam já ter utilizado alguma obra do Clube de Leitura ODS. Nessa questão, o participante devia responder se sua motivação para utilizar o livro foi somente o conteúdo do livro ou também o conhecimento de que este pertence ao Clube de Leitura ODS. As respostas a essa pergunta corroboram com a análise feita da questão anterior: dentre os participantes que afirmam já terem utilizado alguma obra do Clube, 84,6% afirmam que o fizeram somente pelo conteúdo do livro, sem o conhecimento de que este pertencia ao Clube de Leitura ODS. Uma minoria (somente duas participantes) afirma ter utilizado o livro por seu conteúdo e por saber que este pertencia ao Clube, como apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Percentual de utilização de livro(s) por motivação

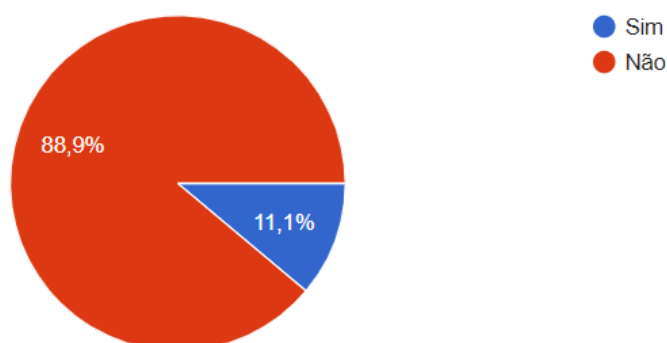


Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

No caso destes dois participantes, é possível dizer que houve um trabalho com uma intencionalidade maior em relação aos ODS na mediação destes livros. Como a maioria dos participantes não conhecia o Clube de Leitura ODS, conseqüentemente a maior parte da utilização dos livros foi sem o conhecimento de que estes pertenciam ao Clube.

A pergunta seguinte devia ser respondida somente pelos participantes que responderam não ter utilizado alguma obra do Clube de Leitura ODS. Estes deviam responder se já haviam desenvolvido alguma atividade pautada em algum dos ODS da Agenda 2030 (mesmo sem ser com algum livro do Clube de Leitura ODS). Como é possível verificar no próximo gráfico, a maioria dos participantes (88,9%) que não utilizou os livros do Clube de Leitura ODS afirma não ter desenvolvido atividades pautadas em ODS da Agenda 2030.

Gráfico 9 - Percentual de desenvolvimento de atividades pautadas nos ODS



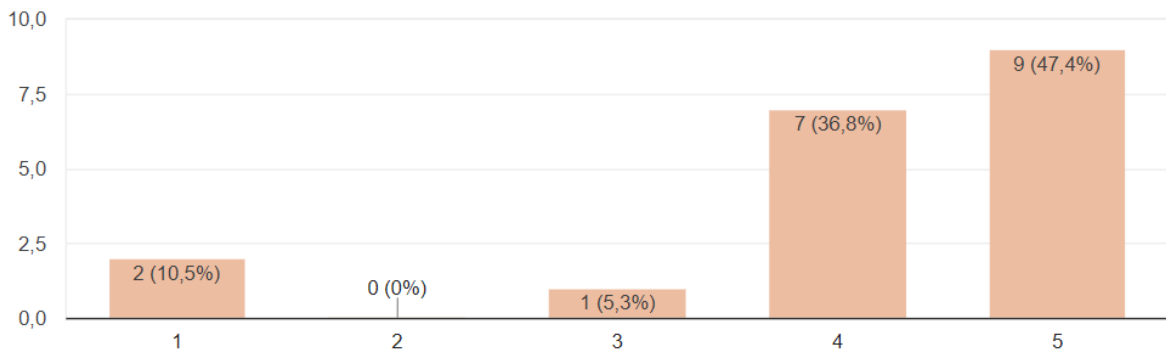
Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Apesar de os bibliotecários afirmarem não terem trabalhado diretamente com os ODS, acredita-se que alguns temas presentes nos ODS são trabalhados em mediações de leitura nas

bibliotecas, mesmo que indiretamente e sem esta intencionalidade. No entanto, é importante que os bibliotecários tenham conhecimento sobre a Agenda 2030, de modo a desenvolver ações voltados ao alcance dos ODS de maneira consciente.

A questão seguinte apresentava uma escala de 1 a 5, na qual os participantes deviam selecionar o número conforme sua opinião sobre a relevância do Clube de Leitura ODS para inspirar ações em bibliotecas escolares em prol do alcance dos ODS (sendo 1 o menos relevante e 5 o mais relevante). As respostas foram distribuídas da seguinte maneira:

Gráfico 10 - Percentual de relevância do Clube de Leitura ODS



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

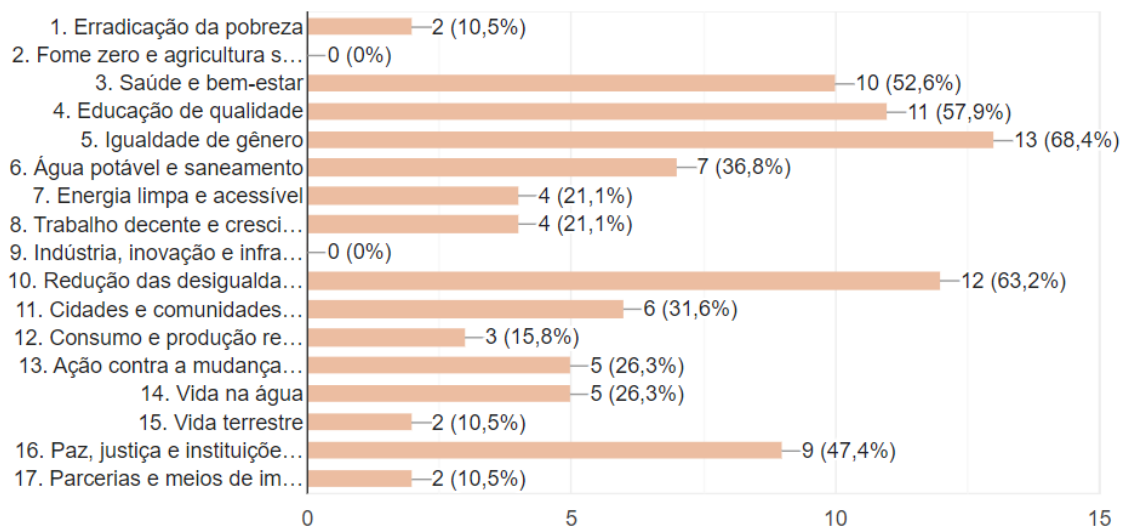
A maioria dos participantes (84,2%) vê o Clube de Leitura ODS como relevante para inspirar ações em bibliotecas escolares em prol do alcance dos ODS. Apesar de uma maioria ter afirmado que não conhecia o Clube ou tinha apenas uma lembrança de ter ouvido falar, acredita-se que os participantes tenham acessado o link presente na questão 3 do questionário, que apresenta o Clube de forma breve e, após esta leitura, reconhecido sua importância. Além disso, por considerar os temas dos ODS relevantes, é possível que os participantes tenham inferido também a importância do Clube, por tratar destes temas.

Um dos participantes deu nota 3 para a relevância, o que pode significar que reconhece a relevância do Clube, mas talvez não veja o tema como uma prioridade. Dois participantes expressaram que não consideram o Clube relevante para promover o alcance dos ODS. Essa opinião pode ser atribuída à falta de familiaridade com o Clube, já que esses mesmos participantes também responderam não conhecer a iniciativa.

Na questão seguinte, os participantes deveriam selecionar os cinco ODS que eles consideravam mais interessantes de se trabalhar na biblioteca em que atuam. Conforme apresentado no gráfico abaixo, os cinco ODS mais selecionados foram: em primeiro lugar,

tendo sido escolhido por 68,4% dos participantes, o ODS 5 – Igualdade de Gênero; em segundo lugar, com 63,2% dos votos, ficou o ODS 10 – Redução das Desigualdades; em terceiro lugar ODS 4 – Educação de Qualidade, com 57,9% dos votos; em quarto lugar ODS 3 – Saúde e Bem-estar, com 52,6% dos votos e em quinto lugar o ODS 16 -Paz, justiça e instituições eficazes, com 47,4% dos votos.

Gráfico 11 - Percentual dos ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Como uma hipótese para compreensão do motivo de o ODS 5 – Igualdade de Gênero ter sido apontado como mais interessante para se trabalhar em bibliotecas, pode-se considerar a oficina que foi realizada com os bibliotecários da rede alguns anos atrás, que tinha como tema gênero e sexualidade na biblioteca escolar. A oficina foi produto da dissertação “Gênero e sexualidade: discursos e representações na percepção de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”⁸, de Guilherme Martins, egresso do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação (PPGInfo/UDESC), a nível de mestrado profissional. É interessante ressaltar que o ODS 5 – Igualdade de Gênero é também o ODS com a maior quantidade de títulos no Clube de Leitura ODS e no acervo das bibliotecas escolares da rede.

⁸ MARTINS, Guilherme. **Gênero e sexualidade: discursos e representações na percepção de bibliotecários (as) da rede municipal de ensino de florianopolis**. 185 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2018.

Dois ODS não receberam votos: ODS 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável e o ODS 9 - Indústria, inovação e infraestrutura, provavelmente por não estarem ligados diretamente com o contexto escolar onde os bibliotecários atuam.

As duas últimas perguntas do questionário são as únicas de caráter descritivo e apresentaram temas bastante semelhantes. Por isso, suas respostas foram analisadas em conjunto. A penúltima pergunta indagava se o participante considerava interessante a oferta de uma capacitação para orientar a utilização das obras do Clube de Leitura ODS nas bibliotecas escolares, solicitando também uma justificativa. A última pergunta era aberta, permitindo que os participantes acrescentassem informações adicionais, se desejassem. As respostas foram organizadas em categorias, com base no tema central de seu conteúdo. O resultado de todas as respostas pode ser encontrado no quadro abaixo:

Quadro 3 - Distribuição das respostas dos questionários por temática

Categorias	Respostas relacionadas
1. Criação de atividades com estudantes	<p>Sim, pois nos ajudaria na criação de novas atividades nas bibliotecas. (Participante 4)</p> <p>Sim para ampliação do conhecimento e possíveis ações através deste. (Participante 6)</p> <p>Sim, para uma melhor mediação com estudantes. (Participante 9)</p>
2. Atualidade do tema	<p>Seria muito interessante, pois acredito ser um tema recente. (Participante 2)</p>
3. Desconhecimento do Clube	<p>Sim, por falta de conhecimento do Clube de Leitura ODS. (Participante 1)</p> <p>Acredito que os colegas ainda não conheçam o clube e seu potencial. (Participante 2)</p> <p>Sim, pela importância de entender o qual o objetivo do clube. (Participante 8)</p> <p>Sim, acredito que a maioria dos profissionais não conhece ou conhece muito pouco. (Participante 10)</p> <p>Com certeza. Inicialmente para conhecimento detalhado do Clube da leitura ODS [...] (Participante 11)</p> <p>Sim, pois no caso eu nunca havia ouvido falar sobre esse clube de leitura [...] (Participante 17)</p>
4. Promoção do Clube	<p>Através dessa pesquisa pude conhecer um pouco do Clube de Leitura ODS brasileiro. Agora vou procurar saber mais. (Participante 7)</p> <p>Sim, para contribuir com a promoção do projeto. (Participante 9)</p> <p>[...] e também para que possamos entender e disseminar o Projeto, utilizando nas nossas Bibliotecas. (Participante 11)</p>

	Para ampliar o conhecimento sobre o clube e tornar acessível . (Participante 12)
5. Relevância do tema dos ODS	<p>Para além de conhecer é necessário formação para saber como trabalhar com os ODS dentro das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Florianópolis. (Participante 2)</p> <p>Muito feliz com essa pesquisa. É importante a formação constante dos bibliotecários, para se atualizarem de temas tão relevantes quanto a agenda 2030 e os ODS da ONU. (Participante 2)</p> <p>Uma capacitação para as bibliotecas escolares será de grande relevância, dada a importância do projeto cujo objetivo é disseminar os conteúdos dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para crianças e jovens por meio de livros e da literatura. (Participante 3)</p> <p>Sim. Pois é um projeto muito interessante que pode ajudar a difundir os objetivos da Agenda 2030. (Participante 18)</p>
6. Participação dos professores	<p>Os bibliotecários da Rede Municipal tendo conhecimento dessas obras, poderão mediar e desenvolver projetos em colaboração com os professores sobre essas temáticas. (Participante 3)</p> <p>Sim e incluir na formação de professores que geralmente fazem contação para as crianças, pois nem todo bibliotecário faz. (Participante 15)</p>
7. Incentivo à leitura com utilização do acervo disponível	<p>Sim. Por ser mais uma ferramenta de trabalho no incentivo à leitura. (Participante 5)</p> <p>Sim. Algumas obras fazem parte do nosso acervo, com uma capacitação específica, é possível explorar as diversas camadas desses títulos e de outros que fazem parte do acervo. (Participante 7)</p> <p>Clube de Leitura é extremamente relevante na rede Municipal Educação e para as bibliotecas escolares, pois proporciona acesso à literatura e cultura local.⁹ (Participante 12)</p> <p>Sim. Conhecer e debater possibilidades de mediação de leitura com o acervo disponível no Clube da Leitura ODS. (Participante 16)</p> <p>Seria legal conhecer [o Clube de Leitura ODS] e quem sabe ter ideias para utilizar melhor o acervo disponível. (Participante 17)</p> <p>Sempre quis utilizar “<i>O menino que amava o Passupreto</i>”, mas não consegui pensar em nada que me fizesse utilizar o livro. (Participante 17)</p> <p>Sim. Pois é um projeto muito interessante que pode [...] fomentar o trabalho de incentivo à leitura nas escolas. (Participante 18)</p> <p>Sim. Toda colaboração na formação de leitores é fundamental. (Participante 19)</p>
8. Dificuldades	Os bibliotecários com várias demandas na biblioteca, nem todos costumam fazer [contação de histórias]. (Participante 15)

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

⁹ Acredita-se que o participante possa ter confundido o “Clube de Leitura ODS” com o “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco”, projeto já presente na prefeitura e tem o foco neste acesso à cultural local.

Assim, foram identificados 8 temas centrais nas respostas discursivas apresentadas nos questionários. O primeiro deles seria “1. Criação de atividades com estudantes”. As respostas que se enquadraram neste tema são aquelas em que os bibliotecários demonstraram ter interesse no Clube de Leitura ODS num sentido de ver no Clube uma possibilidade para ter ideias de novas atividades, ações e mediações para realizar na biblioteca junto com os estudantes. Assim, estes bibliotecários tiveram respostas voltadas a ações práticas que o conhecimento do Clube de Leitura ODS pode trazer.

Quanto à categoria “2. Atualidade do tema”, foi um tema citado apenas por um dos participantes. Este é um dos fatores que impulsionou esta pesquisa e encontra-se como uma das justificativas da mesma. O Clube de Leitura ODS é realmente um tema bastante recente, considerando que o catálogo com as obras brasileiras foi lançado em 2021.

Na categoria “3. Desconhecimento do Clube” encontram-se as respostas relacionadas à falta de conhecimento sobre o Clube, presentes em boa parte das respostas dos participantes. Assim, o que foi apresentado quantitativamente, está presente também nas questões qualitativas: a maioria dos bibliotecários não conhece o Clube. Ainda dentro destas respostas, é possível notar um interesse por conhecer melhor o Clube e seus objetivos.

Na categoria “4. Promoção do Clube” se enquadraram respostas de participantes que afirmam querer conhecer o Clube para contribuir para a disseminação deste, tornando seus temas acessíveis ao público das bibliotecas. Enquadraram-se também as respostas em que os participantes afirmam que o próprio questionário foi uma forma de promoção do Clube para eles e que pretendem procurar saber mais sobre o tema.

A categoria “5. Relevância do tema dos ODS” contempla as respostas que citaram a Agenda 2030 ou os ODS. Nestas respostas, expressou-se de modo geral o entendimento de que é importante e relevante trabalhar com os ODS da Agenda 2030 nas bibliotecas, por tratar de temas muito importantes.

Na categoria “6. Participação dos professores” encontram-se as duas respostas que citaram os professores. Uma delas expressou que a formação em relação ao Clube de Leitura ODS deveria ser também para os professores, porque são eles que geralmente fazem contação de histórias com as crianças. Contudo, o trabalho com o Clube de Leitura ODS não precisa se restringir à contação de história, pois a biblioteca pode atuar de outros modos, como com a exposição das obras, o debate de alguma obra com os estudantes, entre outras ideias que podem surgir. A outra resposta que cita os professores traz a ideia da importância do trabalho em parceria com estes profissionais, ao dizer que os bibliotecários poderão mediar e desenvolver projetos relacionados ao Clube, com a colaboração dos professores.

A categoria “7. Incentivo à leitura com a utilização do acervo disponível” contempla as respostas em que os participantes demonstraram ver no Clube uma ferramenta para o incentivo à leitura e também as respostas que demonstraram interesse em utilizar e explorar as obras do Clube que já estão presentes no acervo. A maior parte dos conteúdos das respostas se enquadraram nesta categoria, o que se apresenta como uma informação positiva no que se refere ao olhar dos bibliotecários para a importância do incentivo à leitura e a visão do Clube como algo que pode ajudar nesse processo.

E por último, na categoria “8. Dificuldades”, enquadrou-se uma única resposta, na qual o participante relata que os bibliotecários têm muitas demandas e nem sempre conseguem fazer contação de história. É interessante levar esse fator em conta na elaboração da capacitação, para que o trabalho com o Clube não seja visto como mais uma demanda dentro da biblioteca, mas como algo que os bibliotecários possam ter como base quando estiverem em dúvida de qual tema ou livro trabalhar na biblioteca. Assim, nesses casos, eles poderão utilizar um livro que já possuem em sua biblioteca, tendo o entendimento de que aquele livro trata dos temas de um ODS específico, e isso pode agregar na hora de apresentar a obra, seja para os professores, pais ou estudantes.

7.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Finalizados os questionários, a distribuição dos 19 participantes que responderam ao questionário, por critério estabelecido para a entrevista, apresentou-se da seguinte maneira:

1. Desenvolveram atividade com alguma obra do Clube, ciente de que esta obra pertencia ao Clube e ao seu respectivo ODS: 1 participante
2. Desenvolveram atividade com alguma obra do Clube, sem estar ciente de que esta obra pertencia ao Clube e ao seu respectivo ODS: 12 participantes
3. Não desenvolveram atividades com obras do Clube, mas já trabalharam com os ODS de alguma forma: 0 participantes
4. Não desenvolveram atividades com obras do Clube, nem trabalharam com os ODS: 6 participantes

Assim, como definido na metodologia, caso não houvesse um número considerável de participantes que se enquadrassem no Grupo 1, seriam entrevistados os participantes do Grupo 1 e 2, e assim por diante. Como no grupo 1 não houve um número considerável de participantes (somente 1), e no Grupo 2 foi obtido um número considerável (12 participantes), optou-se por selecionar apenas os participantes pertencentes a estes dois grupos. Como definido na

metodologia, os participantes pertencentes ao Grupo 4 não seriam entrevistados. Assim, chegou-se a um total de 13 participantes selecionados, que foram convidados a participar das entrevistas.

Para a participação nas entrevistas precisou-se ter uma insistência ainda maior do que nos questionários, para que os bibliotecários participassem. Apesar de ter sido explicado que o critério estabelecido para a seleção para a entrevista foi a utilização de alguma das obras do Clube, muitos participantes apresentaram resistência para aceitar o convite por acreditarem que precisariam ter algum conhecimento prévio sobre o Clube de Leitura ODS. O período de realização das entrevistas levou mais tempo do que o estabelecido no cronograma da pesquisa, por conta desta insistência que foi necessária para que alguns bibliotecários participassem, havendo casos em que foram enviados três convites para a entrevista. As entrevistas ocorreram do dia 08 de abril a 16 de maio de 2024.

Como foi apresentado nos resultados dos questionários, dos 13 convidados para a entrevista, 2 não responderam ao convite e 1 dos participantes respondeu ao convite dizendo que na realidade verificou as informações e não havia trabalhado com nenhum dos livros. Por esta razão, a entrevista foi cancelada. Assim, 10 participantes foram entrevistados e, dentre estes, 2 relataram no decorrer da entrevista que na realidade não haviam trabalhado com nenhum dos livros, o que impossibilitou a realização de boa parte das entrevistas. Por não se enquadrarem nos critérios previamente estabelecidos, essas duas entrevistas não foram transcritas, nem consideradas para a pesquisa. No total, 8 entrevistas foram transcritas e consideradas para a análise.

. Como se tratava de entrevistas semiestruturadas, o roteiro (Apêndice B) serviu como base, mas outras perguntas surgiram durante as entrevistas, tanto por parte da pesquisadora quanto dos participantes. Além disso, a ordem das perguntas variou dependendo do fluxo da conversa, refletindo o caráter flexível desse formato de entrevista.

Vale lembrar que, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a identidade dos participantes é completamente protegida, sem a divulgação de seus nomes, e cada participante recebeu um número como identificação. Ademais, ao longo da pesquisa todos os participantes foram referidos no gênero masculino, para evitar suposições sobre suas identidades

A maioria dos bibliotecários entrevistados mostraram-se bastante abertos e acessíveis para falar sobre as mais diversas questões relacionadas à leitura, aos ODS e às atividades desenvolvidas nas bibliotecas em que atuam. A realização da entrevista em meio virtual facilitou a escolha de horários e tornou este processo mais prático, não só na própria execução

da entrevista, mas também para a posterior transcrição do áudio da entrevista, que ocorre de maneira automática no Microsoft Teams, precisando apenas de algumas edições e correções.

Seguindo a metodologia de Bardin (1977), foram criadas as categorias e identificadas as unidades de registro (temas) que surgiram no conteúdo dos discursos das entrevistas. A seguir, apresentam-se as categorias (algumas pensadas a priori, a partir da própria pergunta, e outras a posteriori) e as unidades de registro (temas identificados).

7.3.1 Categorização do conteúdo das entrevistas

A partir do roteiro da entrevista, foram criadas 6 categorias a priori para análise: 1. Contribuição da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores; 2. Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS; 3. Formas de trabalhar para o alcance dos ODS; 4. Livros do Clube utilizados e faixa etária; 5. Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube; 6. Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS.

Uma sétima categoria foi criada a posteriori, a partir de trechos das entrevistas nas quais os participantes comentaram suas percepções sobre o Clube de Leitura ODS. Assim, esta categoria foi nomeada como: 7. Percepções sobre o Clube de Leitura ODS. O quadro a seguir apresenta as 7 categorias e os temas (unidades de registro) identificados nos discursos dos participantes sobre cada assunto.

Quadro 4 - Categorias e unidades de registro

Categoria	Unidades de registro (temas)
Contribuição da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo à leitura • Biblioteca como único lugar de acesso à livros • Formação cidadã /Formação para a vida • Importância do contato com os livros e com a biblioteca • Aprendizado e desenvolvimento de habilidades • Literatura como ferramenta para mediar situações na escola
Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS	<ul style="list-style-type: none"> • ODS 5 - Igualdade de gênero; • ODS 6 - Água potável e saneamento; • ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico; • ODS 10 - Redução das desigualdades; • ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis; • ODS 13 - Ação contra a mudança global do clima; • ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes.
Formas de trabalhar para o alcance dos ODS	<ul style="list-style-type: none"> • Através da literatura • Oferta de acervo bom e diversificado • Inserção nas mediações de leitura que já ocorrem • Com projetos em parceria com os professores/sala de aula • O trabalho da biblioteca já contribui para o alcance

Livros do Clube utilizados e faixa etária	Neste caso, como nesta categoria os dados são objetivos, a unidade de registro está representada no Quadro 8.
Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube	<ul style="list-style-type: none"> • A cor de Coraline (ODS 10) • Cada um no seu lugar (ODS 16) • Caderno sem rimas de Maria (ODS 5) • Coisa de menina ou coisa de menino (ODS 5) • Direitos do pequeno leitor (ODS 4) • Gigi e Napoleão (ODS 12) • Pinóquia (ODS 5) • Poeminhas da terra (ODS 12) • Super (ODS 5)
Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS	<ul style="list-style-type: none"> • Direcionamento para trabalhar com os livros • Necessidade de aquisição das obras • Momento para compartilhar práticas • Sugestão de trazer alguém da FEBAB
Percepções sobre o Clube de Leitura ODS	<ul style="list-style-type: none"> • Importância das temáticas • Desconhecimento do Clube/Necessidade de divulgação • Conhecimento do Clube pela FEBAB • Um novo olhar sobre os livros (que já estavam sendo utilizados) • O nome do Clube confunde • O Clube e o PNLD • Receio em trabalhar com algumas temáticas • “Texto não é pretexto”

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Nas próximas seções são apresentadas cada uma das sete categorias. Para cada categoria foi elaborado um quadro, com os temas (unidades de registro) que surgiram sobre o assunto na primeira coluna e os trechos dos discursos dos entrevistados (unidade de contexto) na segunda coluna.

7.3.1.1 Contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores

Quando os participantes foram questionados sobre quais seriam as contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores, diversos temas surgiram em seus discursos. Seguem os principais temas identificados:

- Incentivo à leitura
- Biblioteca como único lugar de acesso à livros
- Formação cidadã /Formação para a vida
- Importância do contato com os livros e com a biblioteca
- Aprendizado e desenvolvimento de habilidades
- Literatura como ferramenta para trabalhar temáticas

No quadro a seguir, apresentam-se os temas que surgiram no discurso dos participantes e os respectivos trechos da entrevista que trataram destes temas. Abaixo do quadro, apresenta-se a análise de cada um dos temas (unidades de registro) apresentadas para esta categoria.

Quadro 5 - Contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores

Contribuições (Unidades de Registro)	Trecho do discurso do entrevistado (Unidade de Contexto)
Incentivo à leitura	<p>As contribuições... É plantar aquela sementinha do leitor, né? Que hoje a gente trabalha com isso: é a leitura, a leitura por prazer, a leitura por conhecimento, a leitura por descoberta [...], mas eu acho que o principal mesmo é entender que aquele material ali pode abrir, sabe? Ampliar o horizonte, descobrir outros mundos. (P.1)</p> <p>Aqui a gente trabalha muito na perspectiva da leitura por prazer, da leitura, por deleite. (P.2)</p> <p>E a leitura é deleite, não só focado no pedagógico. Eu digo a leitura de tu gostar, né? (P.4)</p> <p>A gente tem essa intenção de polinizar o incentivo à leitura [...], então tudo corrobora com esse trabalho de incentivo à leitura. (P.5)</p> <p>Eu acho que é na biblioteca escolar que começa isso, que é plantada essa sementinha [...], eu acho que é na biblioteca que começa isso, né? A despertar esse interesse, essa vontade, esse gosto. (P.6)</p> <p>Como é que esse livro vai chegar no leitor? Como é que ele vai se tornar especial? Então o mediador tem toda a responsabilidade de aproximar o autor e a sua obra, dos leitores dele. Então o mediador é extremamente importante em uma biblioteca escolar, principalmente. (P.7)</p> <p>Através do acesso à literatura, aos livros, os estudantes começam a se identificar e a ter esse contato com o livro e a literatura. (P.8)</p>
Biblioteca como único lugar de acesso à livros	<p>[A <i>biblioteca da escola</i>] é o único espaço que eles têm perto da escola que tem um lugar para eles, que eles possam pegar livro. Porque se você for pensar, a gente não tem biblioteca no sul da ilha. Um espaço, um lugar que eles consigam ir a qualquer momento. (P.1)</p> <p>[A <i>mediação de leitura</i>] é essencial, ainda mais em tempos em que o livro ainda é um objeto caro, não é um objeto acessível [...], às vezes é uma fatura de alguma coisa que a família tem que pagar, né? Claro, eu acho que deveria ser mais priorizado, né? Mas a quando a gente pensa numa família que tem restrições, ainda é um objeto muito inacessível, sabe? [...] Tem muita criança que só tem aquele acesso ao livro. Ela não vai ter livro em casa para comprar, entendeu? Por exemplo, como bibliotecária, você sabe, né? Que some muito acervo da biblioteca, né? Ainda mais a biblioteca escolar. Mas às vezes aquele é o único livro que a criança vai ter. A criança mudou de escola, os pais não devolveram, mas se ficar também, né? Se perder aquele acervo, não foi uma perda, né? Foi um ganho para alguém, né? Claro que a gente tem que cuidar do acervo, preservar o acervo, só que.... Que bom que é um livro que a criança tá tendo acesso, né? Muita criança vai ter acesso só pela escola, se não for pela escola, ela não tem acesso. (P.4)</p>
Formação cidadã /	E que leve, né? Saia da escola e consiga levar isso para a vida. (P.1)

Formação para a vida	<p>Muitas vezes as pessoas acham que está atrelado a isso: a vinda à biblioteca ser um momento só para pegar o livro, porque a criança está sendo alfabetizada e porque depois ela precisa estar com a leitura fluente, em dia, mas também para uma formação humana, formação social, formação cidadã, né? Essa formação, leitora, essa formação de mundo, essa leitura por prazer por deleite, são essas as contribuições, né? (P.2)</p> <p>Vai melhorar todos esses aspectos, essas questões, no desenvolver até da vida deles, né? No dia a dia. (P.3)</p> <p>Ah, eu acho que ela ajuda em todos os sentidos da vida, né? Primeiro pra própria formação como pessoa, de leitura, de saber interpretar um texto, de saber identificar o que de fato está lendo [...], saber o seu próprio lugar no mundo e na própria sociedade também. (P.6)</p> <p>E eu acredito que desde pequenininho, isso lá na frente vai fazer muita diferença, quando eles tiverem maiores, esse contato. (P.8)</p>
Importância do contato com os livros e com a biblioteca (saber buscar informações)	<p>O principal é implementar a leitura, a questão de gostar do livro, de pegar o livro, de folhear o livro, de tentar entender aquilo que o livro está passando. (P.1)</p> <p>A biblioteca tem essa característica [...], de formação de leitor, assim, de ir ao espaço, saber usar o espaço, ler os livros, ter autonomia na escolha dos livros, né? (P.2)</p> <p>Eu sempre costumo dizer assim, que tem que ser uma coisa normal. Um livro não pode ser um objeto “oh! um livro! Que estranho!” Não, tem que estar na realidade deles, tem que ter em casa. (P.5)</p> <p>Eu acho muito importante para eles poderem ter mais conhecimento sobre os livros, sobre as informações, porque através da literatura eles conseguem ter entendimento sobre muitas coisas, né? (P.8)</p>
Melhora do aprendizado e desenvolvimento de habilidades	<p>A leitura vai abrir para que o estudante desperte o senso crítico, vai melhorar a escrita, a criatividade [...], o vocabulário também que ampliou [...], e assim, do pensamento, da formação do pensar, do falar, a oralidade, tudo melhora. (P.3)</p> <p>E aí a leitura, eu acho que ela faz esse contraponto, né? De estar te fazendo mergulhar mais no assunto de fato. Eu acho que a leitura faz isso, né? Ela vai tá te embasando e te fazendo ser uma pessoa mais culta, mais polida [...], conseguir enxergar o quanto é importante saber ler, saber interpretar, ir em busca de conhecimento, né? (P.6)</p>
Literatura como ferramenta para trabalhar temáticas	<p>E às vezes é na hora, Chegou a turma aqui, tá rolando alguma confusão... Teve uma turma ano passado que eles... Cada turma tem um dia que pode usar a quadra no recreio, eles têm uma escala. E tinha uma turma que não estava aproveitando o seu tempo, brigavam, dava confusão e eles perderam o direito de usar a quadra naquele dia. E era muito ruim e eles ficaram mobilizados com isso. E eu peguei uma história lá da Ruth Rocha, “O dono da bola”, que está no livro “Marcelo, marmelo, martelo” que é muito boa. Que é sobre uma pessoa que não tem fair-play, não tem espírito de equipe, não sabe respeitar as pessoas. E foi muito legal a gente ter trabalhado com eles. Depois, eles voltaram a usar a quadra e deu tudo certo. Foi muito legal e eu nem tava planejando ler para eles, mas eu pensei: “Nossa, eu tenho uma história perfeita para isso.” Então trazer a literatura neste momento é muito legal [...], então eu tinha uma turma também que tinha um problema que era no futebol, os meninos não deixavam as meninas jogarem futebol. Então, contar essa história é muito legal. Eu contava essa outra chamada “Menina não entra”, que é sobre os meninos que só querem meninos no time.</p>

	<p>Mas sempre legal trazer essas questões e esses livros nesses momentos. Então tem uns que a gente deixa que eles façam a absorção deles, do que eles ouviram, as próprias conclusões deles. E tem horas que a gente precisa mediar porque existem choques culturais e de criação de casa muito grande assim. E alguns até com falas que a gente às vezes tem que tem que... daí eu levo lá para orientação pedagógica e digo: “Ó, seria legal conversar com essa criança, com essa família. A gente achou assim umas falas rígidas, umas falas preconceituosas que a gente tem que cuidar”. E eles estão reproduzindo, na verdade, não é a criança. “Meu pai disse que...” “Minha mãe falou que...” E isso acaba sendo prejudicial para eles, na convivência entre eles, né? Acho que seria mais ou menos nessa linha[...] O “Coisa de menino ou coisa de menina” foi com um 6º ano, porque a situação foi com um 6º ano e era uma turma bem difícil. A gente fez vários trabalhos ao longo do ano porque era uma turma muito complicada, porque tinha muitos casos de bullying. Então tinha a questão do machismo muito atrelado, os meninos com as meninas, gordofobia, homofobia, capacitismo, porque tinham dois estudantes com deficiência na turma e tinham situações onde eles eram excluídos da educação física, onde eles eram ridicularizados pelo jeito, ou porque tinham dificuldade de locomoção ou fala. Então, foi feito um trabalho e não foi feito um trabalho isolado da biblioteca. Os professores pararam naquele ano, em um dia em específico, para falar sobre a turma 62. Porque estava assim, era fora da curva total do que é comum, do que tu espera, porque escola tem situações de bullying, tudo isso tem, mas eram um caso onde estava tomando uma proporção muito grande, fora do controle. A maioria fazia. Então começou com um pequeno grupo e depois as outras pessoas para se defender também faziam e virava um show de horrores assim, né? Depois melhorou bastante, mas teve que ser chamado pais, alguns estudantes tiveram que trocar de turma, fazer esse trabalho constante... E aí tinha que ser “texto é pretexto” mesmo pra essas turmas, porque tinha que trazer muito para o dia a dia deles essas situações. Eles assistiram ao filme “Extraordinário”, a gente teve que assistir com eles, ler livros que falassem sobre isso. A gente fez um projeto com eles com o livro “O jardim secreto”, que foi bem legal. Esse livro tem uma criança com deficiência, que é um dos protagonistas. Então foi bastante trabalho.” (P.2)</p> <p>Nossa, quanto aprendizado tem? Quantas temáticas podem ser trabalhadas com as crianças? [...] Quantas coisas a gente pode trabalhar numa literatura, né? (P.4)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Análise do tema (unidade de registro): Incentivo à leitura

Dentre os temas que surgiram quando os participantes foram questionados sobre as contribuições da mediação de leitura na biblioteca para a formação de leitores, a contribuição mais citada foi a do incentivo à leitura, por meio destas mediações.

Dentro deste tema, foi notável a questão de a biblioteca escolar ser o lugar onde muitas crianças podem iniciar a sua formação como leitora, onde muitas delas vão ter o primeiro contato com o livro e com a literatura e serão incentivadas a ler. Duas expressões interessantes utilizadas entre os participantes foi a de “plantar uma sementinha” (P.1 e P.6) e a de “de polinizar o incentivo à leitura” (P.5), no sentido de que é na biblioteca escolar que se inicia e se expande esse incentivo à leitura, como ressalta o Participante 6: “*Eu acho que é na biblioteca que começa isso, né? A despertar esse interesse, essa vontade, esse gosto.*” O gosto pela leitura foi algo que apareceu também na maioria dos discursos, com esta visão de que a leitura pode

ser realizada “por prazer” e “por deleite” (P.1, P.2, P.4), e não somente como um componente curricular. Esta visão vai de encontro com o que Castrillón (2011) apresenta como uma necessidade: bibliotecas que fomentem o interesse e o gosto pela leitura, para além de seu valor pedagógico.

O participante 1 continua este raciocínio dizendo que *“eu acho que o principal mesmo é entender que aquele material ali pode abrir, sabe? Ampliar o horizonte, descobrir outros mundos”*, o que se relaciona à questão de a leitura poder estimular a imaginação e ser capaz de fazer o leitor “viajar” sem sair do lugar. Isto vai ao encontro do que Castro Filho (2012, p.16) afirma sobre o valor da leitura na biblioteca, que *“implica movimentos de descoberta e uma proposta dialógica que ultrapasse os ambientes domesticados de leitura e escrita no contexto escolar.”*

Outras questões também apareceram sobre este tema, como o papel de mediador do bibliotecário, citado pelo participante 7: *“Como é que esse livro vai chegar no leitor? Como é que ele vai se tornar especial? Então o mediador tem toda a responsabilidade de aproximar o autor e a sua obra, dos leitores dele. Então o mediador é extremamente importante em uma biblioteca escolar, principalmente.”* Vê-se aqui a importância da mediação de leitura pelo bibliotecário escolar, sendo este um dos principais atores que realiza essa aproximação dos estudantes com os livros, ainda no início de suas vidas. Assim, como aponta Caldin (2006), para além de coordenar e realizar o processamento técnico do acervo, o bibliotecário pode tornar a biblioteca um centro promotor da leitura, desempenhando um papel ativo em sua comunidade.

O participante 8 citou também a questão de ocorrer uma identificação das crianças com o que lhes é apresentado na literatura, quando diz que *“Através do acesso à literatura, aos livros, os estudantes começam a se identificar e a ter esse contato com o livro e a literatura”*. Assim, as crianças podem relacionar elementos da sua realidade aos elementos das histórias encontradas nos livros e, a partir disto, como aponta Petit (2011), elas podem compreender o mundo através das metáforas literárias encontradas na biblioteca.

Análise do tema (unidade de registro): Biblioteca como único lugar de acesso à livros

Um tema apresentado por dois participantes retrata a realidade de muitas crianças que estudam em escolas públicas: a biblioteca escolar é o único lugar em que elas possuem acesso ao livro. E nos discursos destes entrevistados foram identificados dois fatores que corroboram para essa realidade: primeiro, a inexistência de outras bibliotecas públicas e/ou comunitárias na

região da cidade em que as crianças moram: “[A biblioteca da escola] é o único espaço que eles têm perto da escola que tem um lugar para eles, que eles possam pegar livro. Porque se você for pensar, a gente não tem biblioteca no sul da ilha. Um espaço, um lugar que eles consigam ir a qualquer momento.” (P.1). O segundo fator é o alto custo do objeto livro, que não corresponde à realidade financeira da maioria das famílias dos estudantes que frequentam a escola pública: “[A mediação de leitura na biblioteca] é essencial, ainda mais em tempos em que o livro ainda é um objeto caro, não é um objeto acessível [...], às vezes é uma fatura de alguma coisa que a família tem que pagar, né? Claro, eu acho que deveria ser mais priorizado, né? Mas a quando a gente pensa numa família que tem restrições, ainda é um objeto muito inacessível, sabe? [...] Tem muita criança que só tem aquele acesso ao livro. Ela não vai ter livro em casa para comprar, entendeu?” Por exemplo, como bibliotecária, você sabe, né? Que some muito acervo da biblioteca, né? Ainda mais a biblioteca escolar. Mas às vezes aquele é o único livro que a criança vai ter. A criança mudou de escola, os pais não devolveram, mas se ficar também, né? Se perder aquele acervo, não foi uma perda, né? Foi um ganho para alguém, né? Claro que a gente tem que cuidar do acervo, preservar o acervo, só que.... Que bom que é um livro que a criança tá tendo acesso, né? Muita criança vai ter acesso só pela escola, se não for pela escola, ela não tem acesso.” (P.4). Assim, se a família da criança não tem condições financeiras de adquirir livros para ter em casa, a biblioteca escolar torna-se o único meio de acesso aos livros para estas crianças. Apesar de, no contexto de famílias que possuem um poder aquisitivo um pouco maior, as crianças terem contato com o livro e com a leitura no ambiente familiar, em boa parte dos casos “[...] a biblioteca escolar é, geralmente, a primeira biblioteca conhecida pela maioria das pessoas, sendo responsável pelo primeiro contato com o livro e pela primeira leitura.” (Castro Filho, 2008, p.73). Dessa forma, a biblioteca escolar apresenta-se como único lugar de acesso ao livro e à leitura para muitas crianças, o que denota a responsabilidade do bibliotecário escolar ao trabalhar nesse espaço.

Análise do tema (unidade de registro): Formação cidadã /Formação para a vida

Outro tema bastante recorrente no discurso dos entrevistados foi a importância da mediação de leitura na biblioteca para a formação cidadã ou formação para a vida dos estudantes, como é possível identificar nos dois seguintes trechos dos discursos:

Muitas vezes as pessoas acham que está atrelado a isso: a vinda à biblioteca ser um momento só para pegar o livro, porque a criança está sendo alfabetizada e porque depois ela precisa estar com a leitura fluente, em dia, mas também para uma formação humana, formação social, formação cidadã, né? Essa formação, leitora, essa formação de mundo, essa leitura por prazer por deleite, são essas as contribuições, né? (P.2)

Ah, eu acho que ela ajuda em todos os sentidos da vida, né? Primeiro pra própria formação como pessoa, de leitura, de saber interpretar um texto, de saber identificar o que de fato está lendo [...], saber o seu próprio lugar no mundo e na própria sociedade também. (P.6)

Além destes discursos, outros surgiram no sentido de que a mediação de leitura realizada na biblioteca é algo que vai fazer diferença no futuro das crianças, algo que ela vai carregar consigo e que irá contribuir para a construção de sua cidadania (P.1, P.3 e P.8). Esta visão vai ao encontro de uma das missões da biblioteca escolar apresentadas pela IFLA e a UNESCO (1999) no Manifesto para Biblioteca Escolar: a de preparar os estudantes para viver como cidadãos responsáveis. Segundo Bamberg e Eggert-Steindel (2020), a biblioteca escolar pode ser considerada um espaço para formação do educando como cidadão crítico. Castrillón (2011) aponta que um dos desejos das bibliotecas e dos bibliotecários é inserir cidadãos na vida social e política, podendo contribuir para o exercício da cidadania e para a democracia, abrindo-se como espaço de participação. A autora defende que as bibliotecas devem apoiar a real formação cívica e cidadã, sendo esta

Uma formação que permita aos cidadãos agir como tais, capazes de intervir de maneira eficaz nos destinos de sua comunidade, de sua cidade, de seu país, e, ao mesmo tempo, conhecer os acontecimentos mundiais e deles participar, especialmente quando estes, num mundo globalizado, afetam seu futuro. (Castrillón, 2011, p. 36)

Petit (2010, p. 289) também aponta para o caráter político da leitura, ao afirmar que esta “deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências.” Dessa forma, a biblioteca é vista também como um espaço para promover a construção da cidadania e para auxiliar os processos de formação dos cidadãos ao longo da vida.

Análise do tema (unidade de registro): Importância do contato com os livros e com a biblioteca

Como uma das contribuições da mediação de leitura na biblioteca, surgiu entre os discursos das entrevistas, a importância do contato dos estudantes com os livros e com a biblioteca, principalmente no sentido de eles terem este contato como um hábito e não como uma exceção. Seguem as os trechos dos discursos:

O principal é implementar a leitura, a questão de gostar do livro, de pegar o livro, de folhear o livro, de tentar entender aquilo que o livro está passando. (P.1)

A biblioteca tem essa característica [...], de formação de leitor, assim, de ir ao espaço, saber usar o espaço, ler os livros, ter autonomia na escolha dos livros, né? (P.2)

Eu sempre costumo dizer assim, que tem que ser uma coisa normal. Um livro não pode ser um objeto “oh! um livro! Que estranho!” Não, tem que estar na realidade deles (P.5)

Nesse sentido, rememora-se Campello (2003) quando considera a biblioteca como um recurso imprescindível para a formação de leitores, ao possibilitar o contato das crianças com os livros e seus diversos gêneros textuais. Assim, os participantes reconhecem como importante a ida à biblioteca e o contato com os livros como algo que faz parte da rotina das crianças, de tal modo que eles tenham autonomia para pegar os livros, folhear e escolher, além de saber usar o espaço e os demais materiais da biblioteca.

Análise da unidade de registro: Melhora do aprendizado e desenvolvimento de habilidades

Os participantes 3 e 6 relacionaram a mediação de leitura na biblioteca com a melhora do aprendizado e o desenvolvimento de habilidades, como a escrita, a oralidade e a interpretação de texto. Diferente dos outros participantes, estes não citaram a leitura de literatura ao discursar sobre as contribuições da mediação de leitura na biblioteca, focando nos aspectos dos benefícios da leitura num geral:

E aí a leitura, eu acho que ela faz esse contraponto, né? De estar te fazendo mergulhar mais no assunto de fato. Eu acho que a leitura faz isso, né? Ela vai tá te embasando e te fazendo ser uma pessoa mais culta, mais polida [...], conseguir enxergar o quanto é importante saber ler, saber interpretar, ir em busca de conhecimento, né? (P.6)

A leitura vai abrir para que o estudante desperte o senso crítico, vai melhorar a escrita, a criatividade [...], o vocabulário também que ampliou [...], e assim, do pensamento, da formação do pensar, do falar, a oralidade, tudo melhora. (P.3)

Esta visão dos participantes vai ao encontro de Hillesheim e Fachin (2003), que consideram a biblioteca escolar um espaço em que os estudantes podem, além de encontrar materiais para complementar o aprendizado em sala de aula, desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico.

Análise do tema (unidade de registro): Literatura como ferramenta para trabalhar temáticas

Dois participantes abordaram o tema da literatura como ferramenta para se trabalhar temáticas com as crianças. O participante 4, ao expressar sua admiração pela ideia: “*Nossa,*

quanto aprendizado tem? Quantas temáticas podem ser trabalhadas com as crianças? Quantas coisas a gente pode trabalhar numa literatura, né?” e o participante 2, ao dar exemplos práticos de seu cotidiano, em que utilizou-se da literatura para mediar situações na escola. Ele cita que contou a história “O dono da bola”, de Ruth Rocha, para uma turma de estudantes na qual havia brigas frequentes nos seus momentos de utilização da quadra de esportes da escola; contou a história “Menina não entra”, de Telma Guimarães Castro Andrade, para uma turma em que os meninos não deixavam as meninas jogarem futebol; e contou a história “Coisa de menina ou coisa de menino?” (livro pertencente ao Clube de Leitura ODS), de Pri Ferrari para uma turma que apresentava comportamentos machistas. O participante contou que este não era o único problema apresentado pela turma, que estava constantemente envolvida em casos de bullying, gordofobia, homofobia e capacitismo. Para esta turma, foi realizado um trabalho específico de conscientização, no qual a literatura foi utilizada. Além do livro citado anteriormente, foi realizado também um projeto com o livro “O jardim secreto”, de Frances Hodgson Burnett, para conscientizar sobre a questão do capacitismo.

Sobre os resultados desse trabalho de conscientização, realizado em um trabalho conjunto da coordenação, dos professores e da equipe da biblioteca, o participante 2 cita que: *“Depois melhorou bastante, mas teve que ser chamado pais, alguns estudantes tiveram que trocar de turma, fazer esse trabalho constante... E aí tinha que ser ‘texto é pretexto’ mesmo pra essas turmas, porque tinha que trazer muito para o dia a dia deles essas situações.”* Assim, o participante expressa que em alguns momentos, existe a necessidade de utilizar-se da literatura de maneira direcionada, buscando-se atingir objetivos pedagógicos específicos, para tratar de alguns temas.

7.3.1.2 Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS

No questionário que os participantes responderam, foi solicitado que escolhessem cinco ODS que consideravam mais relevantes para se trabalhar na biblioteca em que atuam. Na entrevista, uma das perguntas questionava os motivos da escolha do participante, como forma de compreender qual a visão geral dos bibliotecários sobre os ODS e para identificar quais ODS teriam destaque em seus discursos e os motivos para esse destaque, buscando compreender quais são as necessidades apresentadas pelos bibliotecários em relação aos ODS.

Dentre os entrevistados, nenhum escolheu os seguintes três ODS: ODS 2 - Fome Zero,

ODS 9 - Indústria, Inovação e Infraestrutura e ODS 12 - Consumo e produção responsáveis, provavelmente por não verem estes temas como relacionados diretamente à educação e à biblioteca.

Houve sete ODS que, apesar de terem sido escolhidos pelos entrevistados, não foram citados em seus discursos no momento de explicar os motivos de suas escolhas. Alguns participantes que escolheram estes ODS explicaram os motivos de terem escolhidos os cinco ODS num geral, sem explicitar cada um e seu respectivo motivo. Os sete ODS que foram escolhidos pelos entrevistados, mas não foram citados diretamente em seus discursos, foram: ODS 1 – Erradicação da Pobreza; ODS 3 – Saúde e Bem-estar, ODS 4 - Educação de qualidade, ODS 7 – Energia limpa e acessível, ODS 14 – Vida na água, ODS 15 – Vida terrestre, e ODS 17 – Parcerias e meios de implementação.

Todos os participantes expressaram ter escolhido os ODS que escolheram, porque estes tratam de questões “importantes”, “interessantes”, “relevantes” ou “atuais”. Além disso, alguns participantes citaram também que essas questões estão intrínsecas no trabalho da escola em si, como é possível identificar nos trechos a seguir: “*Eu acho que às vezes são questões atuais também que já vêm sendo discutidas na escola*” (P.3); “*Eu acho que são assuntos bem relevantes para se trabalhar na escola, né? [...], eu acho que tudo isso... está tudo ligado, na verdade, né?*” (P.6); “*Aí eu escolhi esses temas porque eles permeiam muito a escola, né? Eles exigem também que a escola... na verdade a escola tem que responder a esses temas constantemente, né?*” (P.7)

Uma das respostas que chamou mais a atenção foi a do participante 2, que expressou ter conhecimento sobre os ODS, além de ter sido o único participante que relacionou suas escolhas de ODS com o projeto político pedagógico da escola. Segue o trecho a seguir: “*Eu escolhi esses em específico [ODS 4 – Educação de Qualidade; ODS 5 – Igualdade de Gênero; ODS 10 – Redução das Desigualdades; ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis; ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes] pensando inclusive não só na biblioteca, mas na escola como um todo. A gente tem o PPP da escola, o projeto político pedagógico, onde a gente escolhe alguns eixos para trabalhar durante o ano. E os eixos, se eu não me engano, vou tentar lembrar os três, eu lembro dois: um deles é “Construindo atitudes sustentáveis”, o outro eixo é “Respeito à diversidade” e o terceiro, não vou lembrar agora, mas o terceiro tá algo voltado para as relações deles também, algo assim. Mas o da diversidade e da sustentabilidade são os principais eixos que a gente trabalha na escola [...] E os ODS, eles têm essa característica, né? São problemas atuais, problemas que precisam ser discutidos para melhorar o mundo de um modo amplo, não só no sentido de como antigamente quando se falava, se pensava em*

Agenda 2030 e ONU e essas coisas, pensava-se só em mudanças climáticas. Era um outro viés assim, até questões atuais no mundo, de conflitos. Mas não se via falar muito sobre respeito às diferenças, desigualdades. Esses temas foram surgindo agora e é muito bom assim.” Assim, o participante relacionou de forma geral os cinco ODS que escolheu ao próprio contexto da escola onde este trabalha, que tem em seus eixos de trabalhos questões não só ambientais, mas também sociais, como o respeito à diversidade, como citado pelo participante.

Sete ODS tiveram destaque no discurso dos participantes, ao terem seus temas citados como importantes e necessários para a realidade das bibliotecas em que atuam: ODS 5 - Igualdade de gênero; ODS 6 - Água potável e saneamento; ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico; ODS 10 - Redução das desigualdades; ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis; ODS 13 - Ação contra a mudança global do clima; ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes.

No quadro a seguir, apresentam-se estes sete ODS que tiveram suas temáticas citadas pelos participantes, tendo destaque em relação aos outros sete que foram escolhidos, mas não foram citados diretamente pelos participantes. Ao lado de cada objetivo, estão os trechos das entrevistas que expressam as percepções dos bibliotecários. Após o quadro, apresentam-se as análises referentes a cada unidade de registro, aqui representadas pelos ODS que tiveram suas temáticas citadas pelos participantes.

Quadro 6 - Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS

Percepções e necessidades dos participantes em relação aos ODS (Unidade de Registro)	Trecho do discurso do entrevistado (Unidade de Contexto)
ODS 5 - Igualdade de gênero	<p>E também tem a questão da igualdade de gênero, né? Ainda tem a questão do homem ser o centro provedor da casa, aquela coisa toda, isso ainda é bem perceptível na realidade deles. Então, tem criança que não aceita o nosso comando. Vamos falar assim, comando de voz feminino. Eles respeitam mais a figura “homem”. Você como mulher, não, entendeu? [...] Então eu acho interessante de trabalhar nessas questões, sabe? (P.1)</p> <p>A questão da diversidade é totalmente voltada para o meu trabalho, que eu fiz no mestrado. Eu tenho um acervo muito legal aqui, de obras que falam sobre diversidade, tanto para os anos iniciais quanto para os anos finais, respeitando sempre as faixas etárias, o tempo das crianças, mas a gente fala da amizade, das mudanças corporais da adolescência, daí a gente já fala de sexualidade, de gênero, de igualdade de gênero também. Tem um livro “Coisa de menino ou coisa de menina” que fala sobre isso, é muito interessante. Assim, eu gosto muito de trabalhar uma perspectiva diferente. (P.2)</p> <p>A questão da igualdade de gênero e eu acho importante que seja trabalhado nas escolas para que tenha esse respeito em relação à mulher [...] A gente trouxe uma literatura que é “Histórias de ninar para garotas rebeldes”. Então, essas biografias despertaram muitas coisas nele. Então eles foram para a sala de aula,</p>

	<p>depois a professora comentou que eles ficaram ainda discutindo aquelas questões. E aí também eles fizeram uma escrita e aí surgiu a questão da princesa ser motoqueira no assunto, né? Aí teve um rapaz que falou: “Princesa motoqueira? Princesa não anda de moto”, daí gerou um debate em torno daquilo. E aí fez com que o rapaz também refletisse a respeito disso. Por que que a princesa não pode andar de moto? (P.3)</p> <p>Também tem a questão que tu falou ali, da igualdade de gênero, a gente trabalhou muito essa questão da diversidade ano passado. Então foi um tema que a gente trabalhou o ano inteiro, assim, toda a escola. Trabalhando, por exemplo, as principais pessoas que fizeram diferença no mundo e isso independe de mulher, homem, né? (P.4)</p> <p>O primeiro ali que eu escolhi foi igualdade de gênero, porque esse assunto está na nossa sociedade e as crianças chegam debatendo esses assuntos, né? Então eu acho interessante ter material para trabalhar nesse sentido com eles. (P.5)</p>
<p>ODS 6 - Água potável e saneamento</p>	<p>Fora o foco na temática da natureza, por a gente estar num lugar de lagoa, que tem acesso à natureza, acaba tendo muito foco nisso [...] então, até tem uma menina que faz um projeto, pela UFSC, se não me engano, que ela é acho que oceanógrafa ou bióloga e agora eu acho que ela fez pedagogia, e ela trabalhou muito essa questão da lagoa, de ir lá coletar coisas com as crianças, já há alguns anos ali na escola. É tipo como se fosse um trabalho mais voluntário, mas ela tem um vínculo com a UFSC. Aquele projeto dos golfinhos também já teve lá na escola com os bombeiros. Tem a “ONG Costa Legal” lá na Costa, que é de uma antiga diretora que já é aposentada há alguns anos e que também tem um projeto de parceria. As crianças saem às vezes pra explorar o ambiente ali ao redor. Tem a questão da cachoeira, da lagoa, dos elementos da natureza também. (P.4)</p> <p>A questão do saneamento, é que a gente tá na Lagoa da Conceição e todo mundo sabe que aqui a gente tem um problema sério de saneamento. Um problema sério ambiental. Portanto, a sustentabilidade, né? [...] w a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento. (P.5)</p>
<p>ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico</p>	<p>É interessante trabalhar pela questão da realidade escolar que eu tenho naquela escola, né? Porque a faixa, a renda, né? A renda per capita deles não é uma renda muito grande, mas eles também não são miseráveis assim, mas eles têm uma renda assim que flutua, né? É muita gente que veio de fora, de regiões do norte, do nordeste. Então são crianças assim que dá pra ver que muitos são migrantes, né? De dentro do próprio país. Então eles circulam muito, né? Não tem uma base fixa, são famílias muito grandes, muitos filhos, famílias de diversas configurações, né? Que não é aquela questão de pai e mãe, né? A maioria, muitos são criados pelos avós, por tios, até por irmãos mais velhos. (P.1)</p> <p>Aí a questão do trabalho, é engraçado, porque esse assunto surge muito aqui na biblioteca, no apoio pedagógico, principalmente, porque eles não conseguem fazer o link de que o que eles estão fazendo agora vai impactar na vida acadêmica deles, que vai determinar que tipo de trabalho eles vão ter. É preciso frisar muito isso com eles. É triste e é o sistema. A gente tem um sistema capitalista no nosso país. E não é muito sobre merecimento, a gente sabe que tem pessoas que partem de lugares diferentes, né? Principalmente educacional [...] e infelizmente, a realidade deles são os pais, os avós, em trabalhos onde eles vão ganhar um salário-mínimo, no máximo dois. É triste constatar que eles acham isso satisfatório, entendeu? Então, se eu tivesse um material pra trabalhar essa questão com eles de buscar por algo a mais, de se sentir capaz, de conhecer as profissões e de se ver realizado e bem remunerado, né? Ou no mínimo</p>

	<p>realizado com o trabalho que exerce, não interessa a faixa salarial, né? Mas é saber que não precisa se contentar, não precisa se limitar. O medo da frustração já existe neles. Eles são muito novinhos. Nas famílias existe o medo de se frustrar com as expectativas que são colocadas nessas crianças, então é bem complicado. (P.5)</p>
<p>ODS 10 - Redução das desigualdades</p>	<p>E os ODS, eles têm essa característica, né? São problemas atuais, problemas que precisam ser discutidos para melhorar o mundo de um modo amplo, não só no sentido de como antigamente quando se falava, se pensava em Agenda 2030 e ONU e essas coisas, pensava-se só em mudanças climáticas. Era um outro viés assim, até questões atuais no mundo, de conflitos. Mas não se via falar muito sobre respeito às diferenças, desigualdades. Esses temas foram surgindo agora e é muito bom assim. (P.2)</p> <p>Foi bastante trabalhado na escola essa questão da diversidade, do diferente mesmo. Também sobre pessoas com problemas de saúde. Às vezes a criança tem algum problema de saúde, algum problema físico. Teve uma professora que fez um projeto lá, que ela era temporária, e ela fez um projeto de as crianças pintarem com pincel na boca, sem as mãos, pra falar sobre os artistas que não tem as mãos ou os braços. Não sei, eu não recordo, mas eu vi que ela trabalhou isso com eles, entendeu? Também trabalharam sobre os povos indígenas, os povos africanos. Daí foram trabalhadas várias culturas, até a própria cultura do nordeste, não focando só aqui na ilha, né? Tem também a questão do indígena aqui, porque a influência é grande, né? Não focar só no povo açoriano, por exemplo, focar em outros povos daqui. Eu, em paralelo na biblioteca, também trabalhei essas temáticas. Tem uma coleção lá que é “Meu avô japonês”, “Meu avô africano”, histórias sobre os avós. (P.4)</p>
<p>ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis</p>	<p>Tem o Casarão da Dona Lóquinha, que é um casarão tombado que tem ali. Até uma amiga minha está com projeto de reestruturação desse casarão. As crianças já fizeram atividades correlatas de pão-por-Deus com o casarão. O casarão é uma casa em que uma senhora, a Dona Lóquinha, morou e viveu lá na Costa. E então tem sempre parceria da comunidade. Por isso que eu acho que é uma coisa que envolve, quando você falou de comunidades [sustentáveis], sabe? Tem muito isso ali. Já entrevistaram nativos, as pessoas mais antigas da Costa. Tem muitos descendentes das pessoas da Costa que estudam na escola, né? Netos, bisnetos, primo de alguém. Então assim, fica muito na comunidade, porque é a única escola que tem lá, né? A única escola pública que tem ali é essa, né? (P.4)</p> <p>Cidades e comunidades sustentáveis é sobre o que a gente precisa conversar, então material para isso é excelente. (P.5)</p>
<p>ODS 13 - Ação contra a mudança global do clima</p>	<p>A gente tem horta, composteira, os estudantes têm aula de horta, tem um professor que está designado só pra trabalhar com a horta. A questão da sustentabilidade, separação do lixo, fazer papel reciclado, e isso perpassa por todos os ambientes da escola: laboratório de Ciências, aula de Geografia, aula de Ciências, biblioteca, sala informatizada. Então, aqui na biblioteca de vez em quando tem a questão ambiental, por exemplo, que é muito importante trazer. Trazer histórias, tem uma história muito bonita chamada “A árvore generosa” que é ótima para trabalhar a questão. Ela é uma história super emocionante, ela fala sobre a amizade, mas ela fala sobre a exploração também do ser humano para com a natureza, né? (P.2)</p> <p>Fora o foco na temática da natureza, por a gente estar num lugar de lagoa, que tem acesso à natureza, acaba tendo muito foco nisso [...] então tem essa questão ali. E da natureza mesmo que está ao redor e a gente acaba trabalhando com isso. Não tem como fugir disso [...] então esses temas aí, eu vi que mais ou menos os desdobramentos que a gente teve na escola foram sobre essa questão</p>

	<p>da natureza, a importância do lixo.” “Aí uma professora trabalhou a questão da horta também com as crianças, de compostagem também. (P.4)</p> <p>A questão da natureza tá muito presente aqui no dia a dia e nos próprios conteúdos. (P.7)</p> <p>Está bem preocupante essas questões climáticas, né? Da natureza, do meio ambiente. Então, acho importante trabalhar isso com as crianças e eles terem essa consciência do quanto é importante a gente cuidar do meio ambiente, preservar o meio ambiente. (P.8)</p>
<p>ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes</p>	<p>Porque eu acho que falta muito hoje essa noção de justiça mesmo, acho que todo mundo fica muito no fato de tirar vantagem, né? Então eu acho que isso também é uma coisa que tem que ser trabalhada muito hoje, essa parte mais de caráter, virtudes. Acho que na escola é que deve começar... Claro, deve começar em casa, mas acho que a escola pode estar complementando isso e até essa parte ali de projetos também. E aí vem ali, o primeiro item que eu coloquei lá, falando sobre a paz e a justiça, e depois a sustentabilidade (P.6)</p> <p>É, sobre a paz também é importante eles também terem mais contato com esse tipo de literatura, né? Que aborde esse tema, porque às vezes são abordados vários temas, mas esse de paz, essa questão eu não vejo... Até tem, mas não vejo tanto. Eu acho que poderia ter mais esses temas dentro da literatura. (P.8)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Análise do tema (unidade de registro): ODS 5 – Igualdade de Gênero

O ODS 5 – Igualdade de gênero, além de ser o ODS com a maior quantidade de livros no Clube de Leitura ODS e no acervo das bibliotecas escolares da rede, também foi o mais votado no questionário como interessante de se trabalhar na biblioteca em que os participantes atuam. Nas entrevistas, manteve-se o destaque para esse ODS: foi o mais citado no discurso dos participantes, quando foi solicitado que explicassem o motivo da escolha dos ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que atuam. Os participantes 1 e 5 expressaram discursos principalmente no sentido de que eles identificam uma grande necessidade de uma conscientização sobre o respeito às mulheres e meninas, pois as crianças já reproduzem comportamentos machistas na escola:

E também tem a questão da igualdade de gênero, né? Ainda tem a questão do homem ser o centro provedor da casa, aquela coisa toda, isso ainda é bem perceptível na realidade deles. Então, tem criança que não aceita o nosso comando. Vamos falar assim, comando de voz feminino. Eles respeitam mais a figura “homem”. Você como mulher, não, entendeu? (P.1)

A questão da igualdade de gênero e eu acho importante que seja trabalhado nas escolas para que tenha esse respeito em relação à mulher. (P.3)

O discurso destes participantes vai ao encontro da primeira meta dos ODS 5: Meta “5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda

parte”. Ainda sobre o ODS 5, os participantes 2, 3 e 4 comentaram sobre trabalhos que já foram realizados na biblioteca em relação à temática:

A questão da diversidade é totalmente voltada para o meu trabalho, que eu fiz no mestrado. Eu tenho um acervo muito legal aqui, de obras que falam sobre diversidade, tanto para os anos iniciais quanto para os anos finais, respeitando sempre as faixas etárias, o tempo das crianças, mas a gente fala da amizade, das mudanças corporais da adolescência, daí a gente já fala de sexualidade, de gênero, de igualdade de gênero também. Tem um livro “Coisa de menino ou coisa de menina” que fala sobre isso, é muito interessante. Assim, eu gosto muito de trabalhar uma perspectiva diferente. (P.2)

A gente trouxe uma literatura que é “Histórias de ninar para garotas rebeldes”. Então, essas biografias despertaram muitas coisas neles. Então eles foram para a sala de aula, depois a professora comentou que eles ficaram ainda discutindo aquelas questões. E aí também eles fizeram uma escrita e aí surgiu a questão de a princesa ser motoqueira no assunto, né? Aí teve um rapaz que falou: “Princesa motoqueira? Princesa não anda de moto.” Daí gerou um debate em torno daquilo. E aí fez com que o rapaz também refletisse a respeito disso. Por que que a princesa não pode andar de moto? (P.3)

Também tem a questão que tu falou ali, da igualdade de gênero, a gente trabalhou muito essa questão da diversidade ano passado. Então foi um tema que a gente trabalhou o ano inteiro, assim, toda a escola. Trabalhando, por exemplo, as principais pessoas que fizeram diferença no mundo e isso independe de mulher, homem, né? (P.4)

É interessante perceber que nestas respostas, já apareceram exemplos de literaturas para se trabalhar para o alcance deste ODS. Inclusive, o livro citado pelo participante, intitulado de “Coisa de menino ou coisa de menina?”, de Pri Ferreira, é um livro pertencente ao Clube de Leitura ODS. O participante 5 comentou sobre a temática ser bastante recorrente entre as crianças e sobre a necessidade de se ter materiais para se trabalhar sobre esse assunto: “*O primeiro ali que eu escolhi foi igualdade de gênero, porque esse assunto está na nossa sociedade e as crianças chegam debatendo esses assuntos, né? Então eu acho interessante ter material para trabalhar nesse sentido com eles.*” Assim, o participante denotou uma necessidade que pode ser sanada utilizando-se do Clube de Leitura ODS, pois este apresenta uma bibliografia com livros voltados especificamente à temática do ODS 5 – Igualdade de Gênero.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 6 - Água potável e saneamento

O ODS 6 - Água potável e saneamento esteve presente no discurso dos participantes 4 e 5, ambos atuantes em escolas próximas à Lagoa da Conceição e que relacionaram o ODS com a localização da escola e com a realidade de sua comunidade:

Fora o foco na temática da natureza, por a gente estar num lugar de lagoa, que tem acesso à natureza, acaba tendo muito foco nisso [...] Então, até tem uma menina que

faz um projeto, pela UFSC, se não me engano, que ela é acho que oceanógrafa ou bióloga e agora eu acho que ela fez pedagogia, e ela trabalhou muito essa questão da lagoa, de ir lá coletar coisas com as crianças, já há alguns anos ali na escola. É tipo como se fosse um trabalho mais voluntário, mas ela tem um vínculo com a UFSC. Aquele projeto dos golfinhos também já teve lá na escola com os bombeiros. Tem a “ONG Costa Legal” lá na Costa, que é de uma antiga diretora que já é aposentada há alguns anos e que também tem um projeto de parceria. As crianças saem às vezes pra explorar o ambiente ali ao redor. Tem a questão da cachoeira, da lagoa, dos elementos da natureza também. (P.4)

A questão do saneamento, é que a gente tá na Lagoa da Conceição e todo mundo sabe que aqui a gente tem um problema sério de saneamento. Um problema sério ambiental. Portanto, a sustentabilidade, né? (P.5)

Quando o participante 5 cita “um problema sério de saneamento”, este está se referindo a um desafio atual enfrentado pelos moradores do bairro Lagoa da Conceição: desde 2020 a rede de esgoto instalada no bairro não permite novas ligações. No entanto, o crescimento populacional na região não tem sido acompanhado de um planejamento em relação ao saneamento básico, o que resultou no rompimento de uma lagoa de tratamento de esgoto em 2021, que atingiu dezenas de casas de moradores do bairro (Portal Saneamento Básico, 2023).

Mais adiante, quando questionado sobre a expectativa em relação a uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS, o participante 5 cita o tema novamente: “*Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento*”. Assim, identifica-se aqui uma necessidade informacional para esta comunidade, que pode ser sanada por meio do trabalho com o Clube de Leitura ODS. As questões apontadas por estes dois participantes relacionam-se diretamente com as metas “6.6 Até 2030, proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água, incluindo montanhas, florestas, zonas úmidas, rios, aquíferos e lagos” e “6.b Apoiar e fortalecer a participação das comunidades locais, para melhorar a gestão da água e do saneamento”.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico

O ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico esteve presente no discurso de dois participantes, que discorreram sobre a situação socioeconômica dos estudantes e de suas respectivas famílias. O participante 1 falou principalmente sobre a questão do crescimento econômico:

É interessante trabalhar pela questão da realidade escolar que eu tenho naquela escola, né? Porque a faixa, a renda, né? A renda per capita deles não é uma renda muito grande, mas eles também não são miseráveis assim, mas eles têm uma renda assim que flutua, né? É muita gente que veio de fora, de regiões do norte, do nordeste. Então são crianças assim que dá pra ver que muitos são migrantes, né? De dentro do próprio país. Então eles circulam muito, né? Não tem uma base fixa, são famílias muito grandes, muitos filhos, famílias de diversas configurações, né? Que não é aquela questão de pai e mãe, né? A maioria, muitos são criados pelos avós, por tios, até por irmãos mais velhos. (P.1)

O discurso deste participante relaciona-se principalmente à meta 8.1: “Sustentar o crescimento econômico per capita de acordo com as circunstâncias nacionais [...]”. Sobre a questão do trabalho, o participante 5 afirma:

Aí a questão do trabalho, é engraçado, porque esse assunto surge muito aqui na biblioteca, no apoio pedagógico, principalmente, porque eles não conseguem fazer o link de que o que eles estão fazendo agora vai impactar na vida acadêmica deles, que vai determinar que tipo de trabalho eles vão ter. É preciso frisar muito isso com eles. É triste e é o sistema. A gente tem um sistema capitalista no nosso país. E não é muito sobre merecimento, a gente sabe que tem pessoas que partem de lugares diferentes, né? Principalmente educacional [...] E infelizmente, a realidade deles são os pais, os avós, em trabalhos onde eles vão ganhar um salário-mínimo, no máximo dois. É triste constatar que eles acham isso satisfatório, entendeu? Então, se eu tivesse um material pra trabalhar essa questão com eles de buscar por algo a mais, de se sentir capaz, de conhecer as profissões e de se ver realizado e bem remunerado, né? Ou no mínimo realizado com o trabalho que exerce, não interessa a faixa salarial, né? Mas é saber que não precisa se contentar, não precisa se limitar. O medo da frustração já existe neles. Eles são muito novinhos. Nas famílias existe o medo de se frustrar com as expectativas que são colocadas nessas crianças, então é bem complicado. (P.5)

Pode-se relacionar o discurso deste participante com a meta 8.5: “Até 2030, alcançar o emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas as mulheres e homens, inclusive para os jovens e as pessoas com deficiência, e remuneração igual para trabalho de igual valor”. Assim, este participante associou a questão do trabalho decente ao futuro dos estudantes, com uma expectativa de que estes terão acesso às melhores condições de trabalho e de remuneração do que suas gerações anteriores.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 10 - Redução das desigualdades

O ODS 10 - Redução das desigualdades esteve presente no discurso do participante 4, ao discorrer sobre os trabalhos realizados na biblioteca e na escola sobre o tema: “*Foi bastante trabalhado na escola essa questão da diversidade, do diferente mesmo. Também sobre pessoas com problemas de saúde. Às vezes a criança tem algum problema de saúde, algum problema físico. Teve uma professora que fez um projeto lá, que ela era temporária, e ela fez um projeto de as crianças pintarem com pincel na boca, sem as mãos, pra falar sobre os artistas que não tem as mãos ou os braços. [...] Também trabalharam sobre os povos indígenas, os povos*”

africanos. Daí foram trabalhadas várias culturas, até a própria cultura do nordeste, não focando só aqui na ilha, né? Tem também a questão do indígena aqui, porque a influência é grande, né? Não focar só no povo açoriano, por exemplo, focar em outros povos daqui. Eu, em paralelo na biblioteca, também trabalhei essas temáticas.” O participante demonstra ser importante o trabalho de conscientização sobre o respeito a todas as formas de diversidade, o que vai ao encontro da meta 10.2: “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.” Dessa forma, através do trabalho realizado na escola, as crianças podem ter acesso ao conhecimento sobre diversas formas de ser e existir no mundo, aprendendo que a inclusão é o melhor caminho para exercitar o respeito, tanto individual quanto coletivamente.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis

Sobre o ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis, o participante 5 somente expressou a necessidade da aquisição de livros que tratem sobre o assunto: “*Cidades e comunidades sustentáveis é sobre o que a gente precisa conversar, então material para isso é excelente.*” O participante 4 discorreu sobre a parceria que existe na comunidade onde está localizada a escola onde trabalha, trazendo o tema da importância dos patrimônios culturais das comunidades: “*Tem o Casarão da Dona Lóquinha, que é um casarão tombado que tem ali[...] As crianças já fizeram atividades correlatas de pão-por-Deus com o casarão. O casarão é uma casa em que uma senhora, a Dona Lóquinha, morou e viveu lá na Costa. E então tem sempre parceria da comunidade. Por isso que eu acho que é uma coisa que envolve, quando você falou de comunidades [sustentáveis], sabe? Tem muito isso ali. Já entrevistaram nativos, as pessoas mais antigas da Costa. Tem muitos descendentes das pessoas da Costa que estudam na escola, né? Netos, bisnetos, primo de alguém. Então assim, fica muito na comunidade, porque é a única escola que tem lá, né?*” Pode-se relacionar este trecho do discurso à meta 11.4: “Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo,” pois o participante ressalta a importância de a comunidade estar unida e envolvida em esforços para proteger e preservar seus patrimônios culturais.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 13 – Ação global contra a mudança climática

O segundo tema citado por mais participantes, foi a questão da preservação do meio ambiente, que apesar de estar relacionada a mais de um ODS, para a análise foi relacionado ao ODS 13 – Ação global contra a mudança climática, por ter sido o ODS mais votado sobre este

tema. Os participantes expressaram a necessidade de se trabalhar com este tema tão importante para o futuro do planeta, para que as crianças se conscientizem desde cedo sobre os cuidados necessários para a preservação do meio ambiente. A participante 8 afirmou que: *“Está bem preocupante essas questões climáticas, né? Da natureza, do meio ambiente. Então, acho importante trabalhar isso com as crianças e eles terem essa consciência do quanto é importante a gente cuidar do meio ambiente, preservar o meio ambiente.”*

Outros participantes discursaram sobre a questão da preservação do meio ambiente num sentido de que este tema já vem sendo bastante trabalhado na própria escola e na biblioteca também:

A gente tem horta, composteira, os estudantes têm aula de horta, tem um professor que está designado só pra trabalhar com a horta. A questão da sustentabilidade, separação do lixo, fazer papel reciclado, e isso perpassa por todos os ambientes da escola: laboratório de Ciências, aula de Geografia, aula de Ciências, biblioteca, sala informatizada. Então, aqui na biblioteca de vez em quando tem a questão ambiental, por exemplo, que é muito importante trazer. Trazer histórias, tem uma história muito bonita chamada “A árvore generosa” que é ótima para trabalhar a questão. Ela é uma história super emocionante, ela fala sobre a amizade, mas ela fala sobre a exploração também do ser humano para com a natureza, né? (P.2)

Fora o foco na temática da natureza, por a gente estar num lugar de lagoa, que tem acesso à natureza, acaba tendo muito foco nisso [...] Então tem essa questão ali. E da natureza mesmo que está ao redor e a gente acaba trabalhando com isso. Não tem como fugir disso [...] Então esses temas aí, eu vi que mais ou menos os desdobramentos que a gente teve na escola foram sobre essa questão da natureza, a importância do lixo [...] Aí uma professora trabalhou a questão da horta também com as crianças, de compostagem também. (P.4)

A questão da natureza tá muito presente aqui no dia a dia e nos próprios conteúdos. (P.7)

Novamente, é possível identificar no discurso do participante 2 a literatura sendo utilizada para trazer a discussão sobre um tema: no caso, o livro “A árvore generosa”, de Shel Silverstein, para tratar sobre a questão da preservação da natureza.

Os discursos dos participantes sobre o tema podem ser relacionados com a meta 13.3: “Melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima”, num sentido de que trabalhar nas bibliotecas sobre a questão da preservação do meio ambiente e contra as mudanças climáticas pode contribuir para o alcance desta meta.

Análise do tema (unidade de registro): ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

Quanto ao ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes, os participantes 7 e 8 comentaram brevemente sobre a atualidade e importância do tema da paz, que está relacionado aos conflitos pelo mundo afora:

São temas relevantes e sempre recorrentes na escola [...] E é uma exigência também dos estudantes. E nos tempos atuais, né? A questão da paz. (P.7)

É, sobre a paz também é importante eles também terem mais contato com esse tipo de literatura, né? Que aborde esse tema, porque às vezes são abordados vários temas, mas esse de paz, essa questão eu não vejo... Até tem, mas não vejo tanto. Eu acho que poderia ter mais esses temas dentro da literatura. (P.8)

O participante 6 relacionou o ODS 16 à questão da justiça como um valor moral, que precisa ser reforçado pela família e pela escola: *“Porque eu acho que falta muito hoje essa noção de justiça mesmo, acho que todo mundo fica muito no fato de tirar vantagem, né? Então eu acho que isso também é uma coisa que tem que ser trabalhada muito hoje, essa parte mais de caráter, virtudes. Acho que na escola é que deve começar... Claro, deve começar em casa, mas acho que a escola pode estar implementando isso e até essa parte ali de projetos também. E aí vem ali, o primeiro item que eu coloquei lá, falando sobre a paz e a justiça, e depois a sustentabilidade.”* É importante ressaltar que este ODS em sua forma estendida é expresso da seguinte maneira: *“Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis”*. Assim, a paz e a justiça são termos apresentados de maneira mais ampla, de modo a representar direitos que podem ser garantidos principalmente de modo coletivo.

7.3.1.3 Formas de trabalhar para o alcance dos ODS

Quando os participantes foram questionados sobre como as bibliotecas escolares podem trabalhar para o alcance dos ODS, estas foram as temáticas que surgiram nos discursos dos participantes:

- Através da literatura
- Oferta de acervo bom e diversificado
- Inserção nas mediações de leitura que já ocorrem
- Com projetos em parceria com os professores/sala de aula
- O trabalho da biblioteca já contribui para o alcance

No quadro a seguir, apresentam-se os temas que surgiram no discurso dos participantes e os respectivos trechos da entrevista que trataram destes temas. Abaixo do quadro, apresenta-se a análise de cada um dos temas (unidades de registro) apresentadas para esta categoria.

Quadro 7 - Formas de trabalhar para o alcance dos ODS

Formas de trabalhar para o alcance dos ODS (Unidade de Registro)	Trecho do discurso do entrevistado (Unidade de Contexto)
Através da literatura	<p>Acho que a literatura é um caminho excelente pra isso (P.1)</p> <p>Com toda certeza, através da literatura seria um caminho. Eu acho que em alguns momentos a literatura consegue passar uma mensagem melhor do que um conteúdo, uma aula expositiva, porque as crianças conhecem, eles sabem, mas através do exemplo e de conhecer aquela situação, não sendo um conteúdo, ela fixa muito mais do que um conteúdo, porque as crianças sabem que é importante reciclar, a gente sabe que é importante ter atitudes sustentáveis, a gente sabe que é importante respeitar as pessoas. Mas no feeling do dia a dia, talvez tu ouvindo uma história onde tem uma representação disso acontecendo, ela tem o maior impacto do que tu só absorver aquele conteúdo [...] Tudo isso eu acho que a literatura tem esse poder maior, tem esse poder de mexer, tem o poder de buscar depois na memória: “Pô, lembro que eu ouvi uma história sobre isso.” (P.2)</p> <p>Eu acho que a criança pode ver tudo o que é possível através da literatura. Sei lá, um livro que conta sobre uma criança que viaja por vários lugares do mundo, por exemplo. A criança vai saber que ela não vive só naquela bolhinha dela ali. Que tem outros países, outras culturas. Eu acho que a literatura faz abrir a cabeça da criança para outras realidades, coisas culturais [...] A literatura vai abranger muita coisa para a criança. Ela vai ter mais repertório, conhecimento de mundo, de bairro, de cidade (P.4)</p> <p>Então, eu acho que através da literatura já estaria contribuindo bastante, né? Fazendo essa mediação através da literatura, os estudantes tendo contato com uma literatura assim, levando para casa. Os pais leem com eles, então já alcançaria mais pessoas. Tanto os estudantes, para eles terem esse entendimento, quanto os pais deles também. E a família acaba sempre interagindo ali, junto com a literatura, né? Às vezes, o pai, a mãe, a avó, tio, tia. (P.8)</p>
Oferta de acervo bom e diversificado	<p>Acho que dá para explorar muita coisa e a biblioteca tem que ter um acervo condizente. Não pode ser um acervo fraco. Tem que ter bons autores. E assim, não pode também ter obras só de autores renomados de fora do Brasil, por exemplo, mas não trabalhar autores brasileiros, não trabalhar autores catarinenses, por exemplo, né? Mas o acervo é essencial que seja bom, pra poder tratar de todas essas temáticas. (P.4)</p> <p>E aí quando vem essa demanda, a biblioteca prontamente contribui com o que ela tem para oferecer, que é o acervo, o nosso próprio conhecimento de bibliotecário, né? Porque a gente não tem tudo, mas a gente sabe onde encontrar. Então a gente volta aí com um papel muito forte de mediador. (P.7)</p>
Inserção nas mediações de leitura que já ocorrem	<p>Eu acredito que é nesses encontros semanais, utilizando o material na contação de história, na leitura mediada. É sempre assim, sabe? É uma contação de história e uma discussão depois. E os últimos minutos são para o empréstimo. A importância maior é na exploração mesmo do material literário. E em seguida a leitura e depois a discussão. E dessa forma, eu acho que impacta, até porque já é a rotina deles. Eu não acredito nisso de a gente pegar e realizar um evento diferenciado. Aí isso foge</p>

	da rotina. Eu acho que vai impactar mais se fizer parte da rotina deles e se for uma coisa contínua, né? (P.5)
Com projetos em parceria com os professores/sala de aula	<p>Eu penso assim, que o importante também é ter uma parceria com o professor, para que os trabalhos tenham mais qualidade, para que tenham um planejamento melhor. Eu sei por conta do “Clube da leitura [.:a gente catarinense em foco]” em que geralmente é assim, quando tem essa parceria, a coisa desenvolve melhor. E eu acredito que é isso, pensar em ações que vão promover e desenvolver essa reflexão neles. (P.3)</p> <p>Aí eu vejo bem o trabalho conjunto da sala de aula, né? Quando surgem esses temas ou esses temas já estão intrínsecos no próprio conteúdo. (P.7)</p>
O trabalho da biblioteca já contribui para o alcance	<p>Eu acho que é continuar fazendo o que a gente está fazendo, né? [...] E para se chegar a todas essas ODS aí, é o que a gente está fazendo aqui, essa é a base. Dali para frente, eles vão avançar em outras coisas. E aí de que forma que a gente pode estar ajudando para chegar nisso? É o que a gente faz hoje, é isso, é incentivo à leitura, a troca de livro toda semana, são projetos entre biblioteca e sala de aula. E aí depois eles vão voar de acordo com as asas que eles têm. (P.6)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Análise do tema (unidade de registro): Através da literatura

Quando questionados sobre a forma pela qual as bibliotecas escolares podem trabalhar para o alcance dos ODS, o meio mais citado pelos bibliotecários foi a literatura, conforme os trechos a seguir:

Acho que a literatura é um caminho excelente pra isso (P.1)

Com toda certeza, através da literatura seria um caminho. Eu acho que em alguns momentos a literatura consegue passar uma mensagem melhor do que um conteúdo, uma aula expositiva, porque as crianças conhecem, eles sabem, mas através do exemplo e de conhecer aquela situação, não sendo um conteúdo, ela fixa muito mais do que um conteúdo, porque as crianças sabem que é importante reciclar, a gente sabe que é importante ter atitudes sustentáveis, a gente sabe que é importante respeitar as pessoas. Mas no feeling do dia a dia, talvez tu ouvindo uma história onde tem uma representação disso acontecendo, ela tem o maior impacto do que tu só absorver aquele conteúdo [...] Tudo isso eu acho que a literatura tem esse poder maior, tem esse poder de mexer, tem o poder de buscar depois na memória: “Pô, lembro que eu ouvi uma história sobre isso.” (P.2)

Eu acho que a criança pode ver tudo o que é possível através da literatura. Sei lá, um livro que conta sobre uma criança que viaja por vários lugares do mundo, por exemplo. A criança vai saber que ela não vive só naquela bolhinha dela ali. Que tem outros países, outras culturas. Eu acho que a literatura faz abrir a cabeça da criança para outras realidades, coisas culturais [...] A literatura vai abranger muita coisa para a criança. Ela vai ter mais repertório, conhecimento de mundo, de bairro, de cidade (P.4)

Então, eu acho que através da literatura já estaria contribuindo bastante, né? Fazendo essa mediação através da literatura, os estudantes tendo contato com uma literatura assim, levando para casa. Os pais leem com eles, então já alcançaria mais pessoas. Tanto os estudantes, para eles terem esse entendimento, quanto os pais deles também.

E a família acaba sempre interagindo ali, junto com a literatura, né? Às vezes, o pai, a mãe, a avó, tio, tia. (P.8)

Acredita-se que estas respostas possam ter sido influenciadas pelo próprio tema da pesquisa (uma iniciativa que busca a interação com os princípios dos ODS por meio da literatura). De qualquer forma, os participantes demonstraram estar em consonância com a ideia, por expressarem acreditar no poder da literatura como ferramenta para trabalhar as temáticas presentes nos ODS da Agenda 2030, por meio de livros que apresentem estes temas de maneira acessível para as crianças. Isso vai ao encontro das ideias apresentadas pela Fundación Germán Sánchez Ruipérez (2019), que defende que os ODS adquirem um novo valor ao entrarem em contato com a leitura, pois podem apresentar-se de maneira mais clara e didática. Desta maneira, o Clube de Leitura ODS apresenta-se como uma ótima alternativa para se trabalhar os ODS por meio da leitura, apresentando livros infantis classificados por ODS, de acordo com suas temáticas.

Análise do tema (unidade de registro): Oferta de acervo bom e diversificado

Os participantes 4 e 7 citaram que a biblioteca pode contribuir para o alcance dos ODS oferecendo um acervo bom e diversificado, que abranja todas as temáticas presentes na Agenda 2030. O participante 4 diz que: *“Acho que dá para explorar muita coisa e a biblioteca tem que ter um acervo condizente. Não pode ser um acervo fraco. Tem que ter bons autores. E assim, não pode também ter obras só de autores renomados de fora do Brasil, por exemplo, mas não trabalhar autores brasileiros, não trabalhar autores catarinenses, por exemplo, né? Mas o acervo é essencial que seja bom, pra poder tratar de todas essas temáticas.”* Garcez e Carpes (2006) apontam que um dos deveres do bibliotecário escolar é melhorar a qualidade do acervo da biblioteca.

O participante 7 cita também a importância da mediação feita pelo bibliotecário: *“E aí quando vem essa demanda, a biblioteca prontamente contribui com o que ela tem para oferecer, que é o acervo, o nosso próprio conhecimento de bibliotecário, né? Porque a gente não tem tudo, mas a gente sabe onde encontrar. Então a gente volta aí com um papel muito forte de mediador.”* Moro e Estabel (2021), apontam a necessidade de o bibliotecário atuar como mediador da informação, exercendo o papel de ponte entre o acervo e o interagente.

Análise do tema (unidade de registro): Inserção nas atividades de mediação de leitura que já ocorrem

Na visão do participante 5, a melhor forma de se trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030 seria trabalhar suas temáticas durante as mediações de leitura que já ocorrem semanalmente na biblioteca, fazendo parte da rotina das crianças. Assim, não seria necessário um evento em especial para tratar deste tema com os estudantes, como o participante argumenta: *“Eu acredito que é nesses encontros semanais, utilizando o material na contação de história, na leitura mediada. [...] E dessa forma, eu acho que impacta, até porque já é a rotina deles. Eu não acredito nisso de a gente pegar e realizar um evento diferenciado. Aí isso foge da rotina. Eu acho que vai impactar mais se fizer parte da rotina deles e se for uma coisa contínua, né?”*

O participante 7 expressa uma visão bastante semelhante a esta última, em um trecho da entrevista não relacionado diretamente à Agenda 2030, mas que trata sobre a melhor forma de se trabalhar qualquer tema na biblioteca escolar: *“Eu digo que eu não sou muito de projetos, eu sou mais de ações de cotidiano, assim. [...] Mesma coisa: tem que ter leitura sim, todo dia a mesma coisa, tem que ler, a gente tem que dar exemplo. E é isso, não grandes projetos, uma coisa muito grandiosa, eu acho que é o simples, é o arroz com feijão ali. É leitura, é exemplo, é acesso”*.

Estes dois participantes relataram trabalhar diariamente com mediação de leitura e discursaram sobre o fato de que o seu trabalho é realizado no dia a dia, com estas atividades de mediação, e que acreditam que esse é o melhor caminho para um trabalho efetivo na biblioteca, não sendo necessários realizar grandes eventos esporádicos.

Analisando estes discursos e todo o contexto, é importante ressaltar que estes participantes não desconsideram a importância de projetos esporádicos, mas tratam da realidade especificamente das bibliotecas escolares da rede, em que o trabalho com as crianças já é realizado semanalmente (cada turma tem um horário semanal de visita à biblioteca) e são as vivências desses encontros semanais que fazem a diferença na vida dos estudantes, principalmente em relação às suas visões sobre a biblioteca, a leitura e a literatura.

Em contextos de outras tipologias de bibliotecas, em que normalmente não existe um cronograma fixo a ser seguido com seus usuários (como em bibliotecas universitárias, públicas, parque ou comunitárias), o desenvolvimento de projetos e “eventos diferenciados” talvez faça mais sentido para o seu público. Talvez essa seja uma das maiores diferenças da biblioteca escolar para as outras tipologias: a biblioteca escolar se faz muito no cotidiano, no afeto que é desenvolvido diariamente ou semanalmente com o público-alvo, composto de crianças e adolescentes que se encontram em fases tão importantes e decisivas de suas vidas.

Por isso, é importante que a biblioteca escolar esteja presente na rotina destes estudantes e não somente em eventos específicos.

Análise do tema (unidade de registro): Com projetos em parceria com os professores/sala de aula

Os participantes 3 e 7 expressaram a necessidade de se ter o envolvimento dos professores em quaisquer que sejam as atividades desenvolvidas em prol do alcance dos ODS da Agenda 2030. Na entrevista, o participante 3 apontou que: *“Eu penso assim, que o importante também é ter uma parceria com o professor, para que os trabalhos tenham mais qualidade, para que tenham um planejamento melhor. Eu sei por conta do ‘Clube da leitura [a gente catarinense em foco]’ em que geralmente é assim, quando tem essa parceria, a coisa desenvolve melhor. E eu acredito que é isso, pensar em ações que vão promover e desenvolver essa reflexão neles.”* É interessante ressaltar que no questionário, o participante 3 já apresentou este ponto de vista, ao responder uma das perguntas da seguinte maneira: *“Os bibliotecários da Rede Municipal tendo conhecimento dessas obras [do Clube de Leitura ODS], poderão mediar e desenvolver projetos em colaboração com os professores sobre essas temáticas.”*

Em seu discurso, o participante 7 cita que é importante que estes temas sejam trabalhados em conjunto com a sala de aula, em que alguns conteúdos já são trabalhados: *“Aí eu vejo bem o trabalho conjunto da sala de aula, né? Quando surgem esses temas ou esses temas já estão intrínsecos no próprio conteúdo.”*

Os discursos destes participantes vão ao encontro de Silva e Moro (2021), que consideram valioso o trabalho que pode surgir a partir das parcerias realizadas entre bibliotecários e professores, que precisam estar em sintonia dentro do processo de formação educacional dos estudantes.

Análise do tema (unidade de registro): O trabalho da biblioteca já contribui para o alcance

O participante 6 expressou a opinião de que o trabalho realizado na biblioteca já contribui para o alcance dos ODS: *“Eu acho que é continuar fazendo o que a gente está fazendo, né? [...] E para se chegar a todas essas ODS aí, é o que a gente está fazendo aqui, essa é a base. Dali para frente, eles vão avançar em outras coisas. E aí de que forma que a gente pode estar ajudando para chegar nisso? É o que a gente faz hoje, é isso, é incentivo à leitura, a troca de livro toda semana, são projetos entre biblioteca e sala de aula. E aí depois eles vão voar de acordo com as asas que eles têm.”*

O participante citou também a literatura, mas não como forma de trabalhar para o alcance dos ODS, mas como uma “porta de entrada” para a leitura de materiais com viés didático ou educativo. Por isso, seu discurso não foi enquadrado na unidade de registro “Através da literatura”. Segue o trecho do discurso a seguir: *“Isso começa realmente pela literatura e aí ali é que começa o gosto do estudante de estar lendo, de estar se interessando e, a partir desse formar o leitor na literatura, ele vai para outras áreas do interesse dele. E até mesmo quando eles vêm pegar aqui, já tem estudantes que querem pegar outras coisas, né? Semana passada veio o 5º ano pegar, o menino pegou um livro sobre reciclagem de lixo. [...] Então ele não se interessa por uma literatura bobinha, uma historinha boba. Ele já quer um assunto que de fato, instiga a curiosidade dele [...] Ele está no 5º ano, ele começou lá atrás, lendo literatura, livros infantis de literatura e agora eles já estão indo para outras áreas.”* É possível perceber que o participante se refere à leitura de literatura como um nível “mais baixo” de leitura, como se esta servisse apenas para incentivar a leitura posterior de textos mais com “mais conteúdo”. Esta ideia acaba sendo contrária ao princípio do Clube de Leitura ODS, que seria de se utilizar justamente da literatura para tratar de diversos temas importantes presentes nos ODS da Agenda 2030.

7.3.1.4 Livros do Clube utilizados e faixa etária da atividade

Em uma das perguntas da entrevista, foi solicitado que o participante relatasse qual(uais) livro(s) do Clube de Leitura ODS utilizou em suas atividades e para qual faixa etária. No quadro abaixo apresentam-se todos os livros utilizados pelos participantes, na coluna direita. As colunas seguintes representam os participantes, indicando qual(uais) livro(s) estes utilizaram e para qual faixa etária.

Quadro 8 - Livros do Clube utilizados e faixa etária da atividade

	P.1	P.2	P.3	P.4	P.5	P.6	P.7	P.8
A cor de Coraline (ODS 10)			8 anos					
Cada um no seu lugar (ODS 16)							8 anos	
Caderno sem rimas de Maria (ODS 5)		6 a 10 anos						
Coisa de menina ou coisa de menino (ODS 5)		11 anos					8 anos	

Direitos do pequeno leitor (ODS 4)	6 anos	6 a 10 anos			5 a 10 anos	9 anos	10 anos	
Gigi e Napoleão (ODS 12)							6 anos	6 a 10 anos
Pinóquia (ODS 5)				8 anos			8 anos	
Poeminhas da terra (ODS 12)					5 a 10 anos			
Super (ODS 5)								6 a 10 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Conforme o quadro acima, dentre os 175 livros do Clube de Leitura ODS, 9 foram utilizados em suas mediações pelos 8 bibliotecários entrevistados. Novamente vê-se um destaque para o ODS 5 – Igualdade de Gênero, considerando que 4 destes 9 livros estão enquadrados neste ODS, sendo: “Caderno sem rimas de Maria”, Coisa de menina ou coisa de menino”, “Pinóquia” e “Super”. Os outros ODS contemplados pelos livros utilizados foram o ODS 4 – Educação de Qualidade, com o livro “Direitos do pequeno leitor”; o ODS 10 – Redução das Desigualdade, com o livro “A cor de Coraline”; o ODS 12, com os livros “Gigi e Napoleão” e “Poeminhas da terra” e o ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes, com o livro “Cada um no seu lugar”.

Houve um destaque em relação ao livro “Direitos do pequeno leitor”, de Patricia Auerbach, que foi utilizado por 5 dos 8 bibliotecários entrevistados. Além deste, outros dois títulos foram utilizados por mais de um dos bibliotecários entrevistados: “Coisa de menina ou coisa de menino”, de Pri Ferreira e “Gigi e Napoleão”, de Cláudia Ramos.

Quanto à faixa etária dos estudantes com os quais foram realizadas as mediações de leitura destes livros, a maioria se enquadrou na faixa etária estabelecida como público-alvo das obras: crianças de 6 a 12 anos. A única exceção se aproximou bastante da faixa etária, que foi o caso do participante 5, que contou as histórias também para crianças de 5 anos.

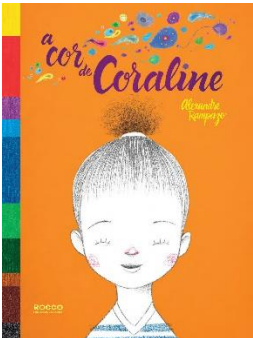
7.3.1.5 Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube




Foi solicitado aos participantes que relatassem suas experiências de utilização dos livros do Clube de Leitura ODS. Como foi possível verificar no último quadro apresentado, os livros utilizados pelos participantes foram os seguintes:

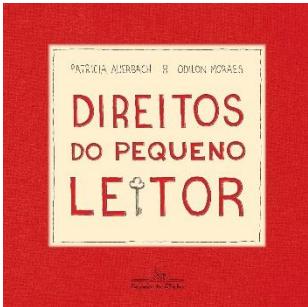
- A cor de Coraline (ODS 10)
- Cada um no seu lugar (ODS 16)
- Caderno sem rimas de Maria (ODS 5)
- Coisa de menina ou coisa de menino (ODS 5)
- Direitos do pequeno leitor (ODS 4)
- Gigi e Napoleão (ODS 12)
- Pinóquia (ODS 5)
- Poeminhas da terra (ODS 12)
- Super (ODS 5)

As unidades de registro desta categoria não foram representadas por temas, mas sim pelos livros utilizados pelos participantes. No quadro abaixo, encontram-se o título do livro, o ODS a qual pertence dentro do Clube de Leitura ODS e a capa do livro, com os respectivos trechos das entrevistas que tratam da utilização do livro pelos participantes. Abaixo do quadro, apresenta-se a análise das experiências compartilhadas, buscando compreender de que forma a mediação de leitura destes livros contribuiu para a conscientização sobre o ODS ao qual pertence dentro do Clube de Leitura ODS, de acordo com os temas trabalhados. A pesquisadora realizou também a leitura dos nove livros, de modo a realizar uma análise mais abrangente sobre os temas.

Quadro 9 - Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube

Experiência de utilização do livro pertencente ao Clube (Unidade de Registro)	Trechos - Atividade realizada e interação
<p>A cor de Coraline (ODS 10)</p> 	<p>Eu vi que tem a “A cor de Coraline”, né? Que eu acho que trabalha a questão racial, se eu não me engano [...] Foi feita uma roda e foi feita a leitura, mas não se trabalhou nada, assim... A gente só fez uma conversa depois assim [...] Eles começaram a refletir, né? Que fala da questão da cor da pele, né? E o lápis de cor, né? Enfim, daí tem uns que que geralmente é aquela coisa: “ah, a cor da pele tem aquele lápis e tal”. Então daí eles trouxeram essa questão, aí eles começaram a olhar um pro braço do outro e ver que realmente cada um tem um tom de pele. E a gente falou da questão do respeito. Eles foram conversando e pensando a respeito. (P.3)</p>
<p>Cada um no seu lugar (ODS 16)</p>	<p>“Cada um no seu lugar” também já li para as crianças, que daí é uma integração da natureza, né? Sendo o humano parte da natureza. Ele tem uma ilustração maravilhosa da própria autora, que é todo rico em detalhes. Ele fala sobre ser visto nesse espaço, se reconhecendo como parte da natureza, então ele fala do bicho, ele fala da árvore, ele fala do ser humano, então como uma coisa</p>

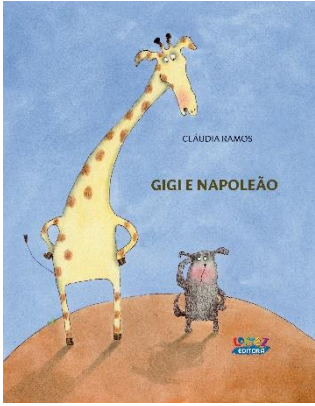
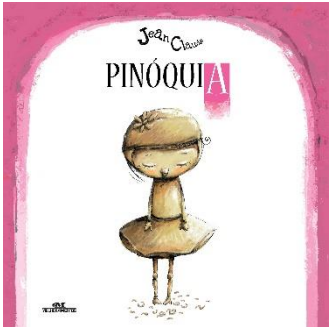

	<p>só. E o respeito por tudo. Esse eu já li para as crianças também [...] Não surgiu nada, apenas eu fiz o comentário da ilustração, que é muito bonita, cheia de pontinhos, risquinhos, acho que é feito com giz. E me chamou a atenção por a ilustradora ser também a autora. (P.7)</p>
<p>Caderno sem rimas de Maria (ODS 5)</p> 	<p>“Tem também o “Caderno sem rimas da Maria”, que tem também o “Caderno de rimas do João”, que os dois são do Lázaro Ramos e é um livro muito legal, muito interessante para trabalhar com eles. Eu trabalhei com o “Caderno de rimas do João” já fiz até fiz vídeo, na época da pandemia eu trabalhei com esse livro. Ele fala sobre vários temas e daí a gente escolheu a saudade, viagem, para falar sobre parentes que foram embora e daí a gente conseguiu trabalhar com a professora que estava trabalhando poesia e rima, junto com a questão emocional deles também. Liga muito com os ODS. E aí tem o “Caderno sem rimas da Maria”, que é continuação do outro.” (P.2)</p>
<p>Coisa de menina ou coisa de menino (ODS 5)</p> 	<p>“Coisa de menina ou coisa de menino” [...] é um livro que faz essa brincadeira sobre o que que é coisa de menino e o que que é coisa de menina, para no final descobrir que não tem coisa de menino e coisa de menina. Tudo é coisa de criança, então a gente trabalha a igualdade de gênero. Esse eu já li pra eles [...] E esse livro do “Coisa de menino ou coisa de menino” sempre gera muito burburinho. Quando a gente fala, por exemplo, de questões ambientais, eles vão todos na mesma linha. Quando fala de questões de respeito às diferenças, eles vão todos na mesma linha. O “Coisa de menino ou coisa de menina” gera polêmica, porque eles vão ter vivências diferentes e a questão familiar interfere muito. É tipo assim, “meu pai diz que menino não brinca de boneca”, “minha mãe diz que carrinho é coisa de menino”. Então eles têm alguns choques culturais e de vivência maior, aí gera mais comoção. Quanto mais velhos, principalmente. Se eu for ler essa história para o 5º ano, ela gera discussões, porque daí eles já têm uma percepção maior de mundo, de convivência.” Então eu tinha uma turma também que tinha um problema que era no futebol, os meninos não deixavam as meninas jogarem futebol. Então, contar essa história é muito legal. Eu contava essa outra chamada “Menina não entra”, que é sobre os meninos que só querem meninos no time. Mas sempre legal trazer essas questões e esses livros nesses momentos. Então tem uns que a gente deixa que eles façam a absorção deles, do que eles ouviram, as próprias conclusões deles. E tem horas que a gente precisa mediar porque existem choques culturais e de criação de casa muito grande assim. E alguns até com falas que a gente às vezes tem que tem que... daí eu levo lá para orientação pedagógica e digo: “Ó, seria legal conversar com essa criança, com essa família. A gente achou assim umas falas rígidas, umas falas preconceituosas que a gente tem que cuidar”. E eles estão reproduzindo, na verdade, não é a criança. “Meu pai disse que...” “Minha mãe falou que...” E isso acaba sendo prejudicial para eles, na convivência entre eles, né? Acho que seria mais ou menos nessa linha. “o “Coisa de menino ou coisa de menina” foi com um 6º ano, porque a situação foi com um 6º ano e era uma turma bem difícil. A gente fez vários</p>


	<p>trabalhos ao longo do ano porque era uma turma muito complicada, porque tinha muitos casos de bullying. Então tinha a questão do machismo muito atrelado, os meninos com as meninas, gordofobia, homofobia, capacitismo [...] Depois melhorou bastante, mas teve que ser chamado pais, alguns estudantes tiveram que trocar de turma, fazer esse trabalho constante. (P.2)</p> <p>“Coisa de menino ou coisa de menina”, eu li, eu amo. Inclusive hoje eu resgatei esse livro, eu li. A professora já tinha lido ele no Dia das Mulheres, dia 8. Importante, né? Maravilhoso. Aí hoje eu peguei ele para ler e aí as crianças: “ah, a gente já ouviu!”, daí a professora: “é, eu li no Dia das Mulheres”. Mas elas queriam de novo [...] O “Coisa de menina ou coisa de menino”, fez surgir muito hoje. O tempo inteiro eles quiseram interagir com essa questão de menina e menino. “Aí eu faço isso”, “eu faço aquilo” “ah, meu pai também faz”, sabe? Surgiu o tempo inteiro essa questão de eles também falarem da vivência, né? Não só deles, mas da família, né? Teve um que foi bem engraçado, que ele falou... Ah, do mundo da lua! Que tem uma parte que diz que tem meninas astronautas que vivem no mundo da lua. Aí um menino do 3º ano assim: “é, literalmente!” Aí eu assim: “Quem é que falou ‘literalmente?’” Mas por causa da astronauta, né? Olha que massa! (P.7)</p>
<p>Direitos do pequeno leitor (ODS 4)</p> 	<p>Eu acho esse livro assim, maravilhoso. Eu acho que ele vai ser usado por muitos e muitos anos, porque ele é muito fofinho. Vou usar essa palavra mesmo, é muito queridinho. As figuras, a forma como é a linguagem, e daí eu consigo casar, eu uso ele para as turmas de 1º ano, né? Eu consigo casar mostrando para eles que eles têm os direitos, né? Da questão do lúdico, de ser leitor e tal, mas daí eu já vou puxando o gancho para os deveres deles em relação ao espaço da biblioteca, né? Que aquilo ali tudo pode acontecer, vai acontecer. Nossa, é ótimo! Mas que eles também têm deveres para que realmente isso também aconteça. E as crianças entendem, sabe? É muito bonitinho, sabe de ver. Eu adoro esse livro[...] Faço na primeira semana de apresentação. Quando eles vêm da Educação Infantil. Eles atentam, sabe, daí eu faço toda uma brincadeira lúdica, que o livro tem sentimento, que o livro ele fala, se você levar ele para casa e trazer estragado ele vai chorar. E eles lembram isso na cabeça deles, sabe? “Não pode fazer isso, o livro chora. Ele tem sentimento”. É bem legal. (P.1)</p> <p>Eu já trabalhei mais de uma vez, com mais de uma turma. Eu trabalhei com todas as turmas, na verdade, de 1º ao 5º ano. A nossa biblioteca aqui foi toda reformada, então eu queria fazer algo assim, de reintrodução na biblioteca. Então eu contei a história dos direitos do pequeno leitor, que é uma história onde a autora vai falando que todo o pequeno leitor tem direito à imaginação, a viajar na história. É um livro lúdico, ele é baseado nos dez direitos imprescindíveis do leitor, que é de um livro do Daniel Pennac, em que ele elenca dez direitos do leitor, que é o direito de pular páginas, o direito de não ler, o direito de deixar um livro para trás, o direito de ler em voz alta, o direito de calar, de não falar sobre o livro, que ele entende como os direitos do leitor, que leitor não precisa falar sobre o que ele está lendo e tal. É bem polêmico e tem gente que não gosta, né? Ah, o direito de não falar sobre o livro ou o direito de ler em qualquer lugar, o direito de ler trechos soltos. É bem legal, é bem bonito. Eu sempre ponho ele no mural, eu tenho aqui no meu mural. E daí eu pego esse livro e depois eu</p>

pergunto para eles quais são os direitos deles na biblioteca. De 1º ao 3º ano a gente faz em conjunto, a gente constrói os direitos da turma na biblioteca, porque nisso a gente já fala sobre Direitos Humanos também, fala do ECA, fala da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Trago assim um apanhado sobre o que é direito? O que eles têm de direito? A escola é um direito, moradia é um direito, alimentação é um direito. E daí quais seriam os direitos deles na biblioteca? E dá pra perceber que eles têm uma ideia errada do que é a biblioteca. Eles dizem que eles têm o direito de ficar em silêncio, o direito de não bagunçar. É tudo muito restritivo, tudo não permissivo para eles. Eu falei para eles que não, que o direito de vocês aqui é de levar livro, o direito de ler, o direito de imaginar, e daí, nossa! Saiu cada coisa tão legal. Do 1º ao 3º ano eles constroem junto os dez direitos e daí a gente faz um cartaz e coloca lá fora e depois fica exposto aqui na biblioteca. E do 4º ao 5º ano, eu faço eles fazerem os direitos deles, cada um escrever individualmente. Eu tenho guardado. É muito legal, muito interessante assim, o que sai depois que a gente faz essa conversa, de o que que é direito e o que que é dever? Que eu falei: “a gente não está falando sobre dever, de que a biblioteca é um lugar de silêncio e que eu não posso esquecer o livro em casa, nada disso.” Uma coisa meio repressiva. É sobre direitos, sobre o que que eles têm direito. “A gente tem direito de pegar o livro que a gente quiser”, teve um que botou assim. Então foi muito interessante. A gente conseguiu amarrar a questão dos direitos humanos, direitos deles com a literatura, por exemplo. Esse é o exemplo mais emblemático [...] “Porque a gente é muito resistente a essa questão “Ai, uma atividade pedagógica...” Não, é uma atividade lúdica, uma atividade de literatura. Eu fiz uma atividade que ela não chega a ser pedagógica. A gente tá falando sobre a construção desse espaço biblioteca [...] Então o que a gente espera dos estudantes nesse espaço? E o que que eles têm aqui como direito, né? Não foi uma coisa que foi uma transmissão de conteúdo, absorção de conteúdo, de ele adquirir um conhecimento. Foi mais uma questão de pertencimento, de espaço, de reconhecimento como um ser social, como um ser cidadão. Tem gente que encara a criança como se criança não tivesse direito, né? Porque “ai, é o pai da criança que vai dizer o direito que ela tem”. Não! Ou então que criança não tem opinião ou que a criança não pode definir como ela vai utilizar aquele espaço. (P.2)

Ah, o dos direitos [*“Direitos do pequeno leitor”*] eu costumo introduzir com eles, né? O que são direitos e o que são deveres, converso sobre isso, aí já coloco as regras da biblioteca. Você não tem direito de subir na mesa, por exemplo, mas você tem direito a um lugar para você sentar e assim a gente vai conversando. Eu li o livro e depois a gente fez uma roda de discussão. E a gente na hora vê o impacto daquela leitura no pensamento da criança. [*pausa para atendimento*] Desculpa, meu bem. Fizeram uma devolução antecipada aqui. Deixa na mochila, uma hora vai ler o livro. Eu tenho mais medo de eles não lerem do que deles perderem o livro [...] Mas se ele [*o livro*] está passeando, eu prefiro que ele fique lá, porque vai que uma hora ele vai tirar o dever ou alguma coisa de dentro da mochila e vê o livro, passa o olho... Então deixa ele aí, não me devolve! Mas como eu estava te falando, aí a gente faz uma introduçãozinha, faz a leitura e depois uma roda de discussão. E na hora você já vê o impacto do livro, do que estava escrito, no pensamento crítico da criança. Já

	<p>modifica: “Ah, antes eu pensava assim, mas agora eu vi o que eu posso, o que eu não posso, e tal.” Já na hora tu já vê. E aí a gente fala: “Chega em casa e pergunta pro pai ou a mãe de vocês, se eles já sabiam disso. E os avós, o que será que eles pensam disso? Porque eles são de outra geração. Como será que era na época deles, quando eles estavam na escola?” A gente sempre propõe esse tipo de conversa em casa. A gente sabe que a rotina é corrida, porém a nossa parte a gente faz, né? (P.5)</p> <p>Esse a gente tinha lá na [Nome da EBM] e a gente até leu. E eu achei bem interessante porque está nesse formato infantil. E foi enviado pelo próprio FNDE esse livro. Eu achei bem interessante. É, esse ali dos “Direitos do pequeno leitor” que a gente trabalhou e conversou com eles a respeito do fato de querer escolher o que quer e de poder começar do fim, do começo. Enfim, dessas coisas que falam ali, porque às vezes é muito... acham que é meio impositivo, né? E na verdade, não. Não é dessa forma [...] E aí foi o que a gente tentou trabalhar, foi isso, né? Essa forma de olhar diferente, de que na verdade não é uma obrigação, mas que seria algo legal, interessante pra eles, né? Terem esse gosto e passarem a olhar a biblioteca de uma outra forma e a leitura, principalmente, né? Foi bem interessante, assim, que eles acabam desmistificando, né? É engraçado, porque até eles passaram a se sentir mais à vontade, né?” “Daí eles opinaram, falaram a respeito. E também a gente falou sobre o que estava sendo mostrado, sobre essa desobrigação, né? De ter que... porque também a gente pode começar a ler um livro e acabar não gostando, né? Não se identificar, perder o interesse[...] “Ó, eu peguei esse livro, mas eu não gostei. Eu queria poder trocar.” Pra eles eu acho que foi até um alívio, porque eles achavam que assim: “Eu sou obrigado a ler esse livro, já que eu peguei.” Ali era 4º ano, é 9 anos, né? 9 e 10, né? É, foi essa faixa. (P.6)</p> <p>“Direitos do pequeno leitor”, né? Que é maravilhoso, é uma versão dos direitos lá do Daniel Pennac, que é os 10 direitos que eu amo, que eu sigo muito e transformou minha visão de leitura e de liberdade, então essa é uma versão que não é só para criança, mas é uma versão livre também pro público infantil, né? Que dá esse espaço tão grande para a imaginação. Este livro eu conhecia, inclusive eu adquiri na pandemia. Depois eu vi que ele estava num acervo aqui. A gente pediu pelo PNLD Literário e nós temos ele na biblioteca [...] Quando eu li, eu fiz a referência aos direitos do leitor, eu apresentei, mas de uma forma muito rápida, os direitos do leitor do Daniel Pennac. Inclusive o direito de não ler. E aí eu lembro que chocou um pouquinho uma professora na época, uma professora que estava no momento, esse direito de não ler. Isso foi com um 5º ano. Direito de não ler? Choca um pouquinho, né? Porque daí tu tá numa biblioteca e fala do direito de não ler? Mas aí o “Direitos do pequeno leitor” é muito livre, é lúdico, é muito imaginário, né? (P.7)</p>
Gigi e Napoleão (ODS 12)	<p>Então, foi a leitura mesmo [...] As crianças gostaram bastante, ficaram bem curiosas [...] É bem interessante, porque daí no final não tem como não levantar esse tema, né? Porque ele termina mais ou menos assim: “se a gente não cuidar do planeta, onde é que a gente vai morar?” Aí a gente acaba, depois da leitura, conversando com as crianças sobre isso. “Olha, gente. Se a gente não cuidar do nosso planeta, a gente não vai ter mais planeta. A gente tem que</p>

	<p>cuidar.” Mas eles já têm essa consciência, porque já é trabalhado em sala, eu acho que dentro do planejamento ali, né? Porque daí eles falam da questão do lixo, que tem que separar o lixo. Eles têm já essa consciência. Então acho que o livro ele acaba auxiliando nesse... reforçando essa ideia que eles já têm, essa consciência que eles já têm sobre a preservação do meio ambiente, que cada um tem que fazer a sua parte. (P.8)</p>
<p>Pinóquia (ODS 5)</p> 	<p>Esse da “Pinóquia”, as crianças amam! Eu já li para eles, eles amam a Pinóquia. Ele já tá até bem amassadinho, porque já foi bem emprestado, sabe? [...] O da “Pinóquia” tem muita saída na biblioteca. Eu acho que o da “Pinóquia” tem mais de um exemplar até. E como não é “Pinóquio”, é “Pinóquia”, chama atenção. Só por ser uma coisa diferente, instiga a criança a querer levar o livro [...] Foi a leitura mesmo, mostrando as ilustrações. Na história fala que a Pinóquia quer ler, aprender. E aí fala do irmão, o Pinóquio, que ele já é um menino de verdade e ela quer fazer tudo que um menino também faz. Ela quer ter direitos como ele tem, né? E assim, toda vez que eu boto na mesa, esse livro sai da biblioteca. Sempre sai, não fica ali, sabe? [...] Esses que levam bastante esse livro são de 8 a 10 anos. O 3º ano, principalmente, quer levar bastante. E toda vez que um devolve, o outro colega quer levar [...] E se já levaram todos os exemplares, eles já falam: “Ah, quando ele devolver eu posso pegar?” E aí quer reservar. (P.4)</p> <p>“Pinóquia” também, hoje foi emprestado. Chamou muita atenção aqui essa capa com um “A” no final, então a menina disse: “Nossa! Pinóquia? Não conhecia” [...] “Pinóquia” já foi feita a leitura também, mas não foi hoje, né? Mas “Pinóquia”, do Jean-Claude Alphen, que eu adoro esse autor [...], hoje chamou a atenção dessa estudante, por ser uma menina, por ter um “A” ali no final. Chamou a atenção por ser uma personagem que é uma versão feminina do Pinóquio, então surgiu. (P.7)</p>
<p>Poeminhas da terra (ODS 12)</p> 	<p>Ah, então, esse eu trabalhei foi em 2022. É, ano retrasado. E esse ano a gente falou mais sobre “O Tupi que você fala”, que é outro sobre a mesma temática, né? Que eu me lembro foi divertido eles terem esse contato, né? A gente sempre fala de povos originários, então, tinha alguém aqui antes dos ancestrais deles chegarem e colonizarem as terras aqui litorâneas. Tinha alguém aqui já, né? Então a gente sempre conversa com eles nesse sentido pra conscientizar que eram povos originais que já estavam aqui. E que os nossos colonizadores podem ser que sejam ancestrais deles. E tem crianças que podem ter ancestrais desses povos originários. Então, saber que tá todo mundo junto, tudo misturado [...] Eu selecionei um [poema], fiz a leitura e a discussão. Eu não costume ler a obra toda quando são poemas ou poesias, porque eu acho que instiga o estudante que se interessar por aquele livro a fazer a leitura, né? Com prazer, com deleite. Eu acho meio forção de barra ler o livro todo. Quando levam emprestado, acabam lendo vários. Eu digo: “Esse aqui era muito bom. Se quiser mais, tem aqui dentro.” [...] “Poeminhas da terra” foi de 5 a 10 anos, até o 4º ano. (P.5)</p>

<p>Super (ODS 5)</p> 	<p>As crianças gostaram bastante, ficaram bem curiosas [...] A do “Super” eles ficaram meio que admirados com a mãe, que era super e tal, que ela saia para trabalhar. E o pai ficou em casa, o pai ficou doente. Primeiro eles acharam que o pai tinha morrido, mas não. O pai estava doente e a mãe teve que trabalhar e tal. E alguns se identificaram também com essa questão, porque alguns em casa, a mãe que trabalha, ou o pai está doente, né? Eu vi que aconteceu essa identificação nesse livro do “Super”. (P.8)</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

A partir da análise dos relatos de utilização dos livros e da leitura dos livros, foi possível identificar os principais temas sobre os quais tratam as obras, podendo suscitar reflexões por meio da mediação de leitura dos bibliotecários. O quadro abaixo apresenta os títulos, seus ODS correspondentes e os principais temas das obras.

Quadro 10 - Principais temas identificados nas obras utilizadas

Título da obra	ODS correspondente	Principais temas identificados na obra
A cor de Coraline	10 - Redução das desigualdades	<ul style="list-style-type: none"> • Empoderamento e inclusão social • Igualdade racial • Respeito
Cada um no seu lugar	16 - Paz, justiça e instituições eficazes	<ul style="list-style-type: none"> • Paz e harmonia com todos os seres • Preservação do meio ambiente • Respeito
Caderno sem rimas de Maria	5 - Igualdade de gênero	<ul style="list-style-type: none"> • Discriminação contra mulheres e meninas • Igualdade de direitos • Sororidade
Coisa de menina ou coisa de menino	5 - Igualdade de gênero	<ul style="list-style-type: none"> • Sexismo • Igualdade de direitos
Direitos do pequeno leitor	4 - Educação de qualidade	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura por prazer • Direitos do interagente da biblioteca • Direitos das Crianças
Gigi e Napoleão	12 - Consumo e produção sustentáveis	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão sustentável e uso eficiente dos recursos naturais • Preservação do meio ambiente
Pinóquia	5 - Igualdade de gênero	<ul style="list-style-type: none"> • Igualdade de direitos
Poeminhas da terra	12 - Consumo e produção sustentáveis	<ul style="list-style-type: none"> • Cultura dos povos originários

		<ul style="list-style-type: none"> • Gestão sustentável e uso eficiente dos recursos
Super	5 - Igualdade de gênero	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade compartilhada dentro do lar • Dupla jornada de trabalho feminina

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Dessa forma, os principais temas identificados nos livros utilizados giram em torno da promoção da justiça social, da equidade e da sustentabilidade. Eles tratam de questões essenciais para o desenvolvimento humano, ressaltando a importância do respeito aos direitos individuais e coletivos.

A seguir, apresentam-se as análises do conteúdo dos discursos referentes a cada um dos livros do Clube de Leitura ODS utilizados pelos bibliotecários. Antes da análise em si, apresenta-se uma breve apresentação do livro, informando seu autor, editora, ano de publicação e a sinopse do livro. Todas estas informações têm como fonte o portal da Câmara Brasileira do Livro, que apresenta as obras do Clube de Leitura ODS e seus respectivos dados.

Análise do tema (unidade de registro): A cor de Coraline (ODS 10)

O livro “A cor de Coraline” foi escrito por Alexandre Rampazzo e publicado em 2014 pela editora Rocco Pequenos Leitores. A seguir apresenta-se a sinopse do título:

Coraline ouviu de Pedrinho a pergunta que achou difícil: me empresta o lápis cor de pele? Aí começou a aventura da menina que fica indagando qual seria a cor da pele. Ela olhou todas as cores de sua caixa de lápis. Pequena, tinha apenas doze. Coraline repassou todas as cores e descobriu maravilhada que cada cor de pele é bonita, cada cor tem uma razão, cada cor significa uma pessoa, um jeito de ser. De cor em cor, ela percebeu que não importa o tom de pele, todos são iguais. E então também soube que linda é a cor de sua pele. Assim, Alexandre Rampazzo mostrou a diversidade e a unidade deste mundo. As cores não servem para diferenciar, mas para tornar tudo mais belo. Imagine a monotonia de um mundo cheio de gente de uma cor só? A beleza é a multiplicidade. Daria para Rampazzo fazer meninos e meninas com todas as cores do mundo?

Coraline, a personagem principal do livro, é uma menina negra que, após refletir sobre as cores presentes na sua caixa de lápis de cor, entrega para seu colega (que pediu um lápis cor de pele) um lápis marrom, pois esta é a cor da sua pele. Este título foi enquadrado no ODS 10 - Redução das desigualdades no Clube de Leitura ODS. É possível relacionar a temática do livro à meta 10.2: “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra”.

Como mencionado no referencial conceitual desta pesquisa, o Ministério da Igualdade Racial tem empreendido esforços para a criação de um 18º ODS para o Brasil: o ODS 18 - Igualdade Racial. O tema de “A cor de Coraline” está bastante relacionado ao tema deste novo ODS, que está sendo construído e que tratará da questão racial e da importância de práticas antirracistas (Brasil, 2024).

O participante 3 realizou a mediação do livro com estudantes do 3º ano (8 anos) e relatou a experiência da seguinte maneira:

Eu vi que tem a “A cor de Coraline”, né? Que eu acho que trabalha a questão racial, se eu não me engano [...] Foi feita uma roda e foi feita a leitura, mas não se trabalhou nada, assim... A gente só fez uma conversa depois assim [...] Eles começaram a refletir, né? Que fala da questão da cor da pele, né? E o lápis de cor, né? Enfim, daí tem uns que geralmente é aquela coisa: “ah, a cor da pele tem aquele lápis e tal”. Então daí eles trouxeram essa questão, aí eles começaram a olhar um pro braço do outro e ver que realmente cada um tem um tom de pele. E a gente falou da questão do respeito. Eles foram conversando e pensando a respeito.

É interessante notar que, ao discursar sobre a atividade realizada, o participante parece subestimar seu próprio trabalho com o livro, ao dizer: *“foi feita uma roda e foi feita a leitura, mas não se trabalhou nada, assim...”*. Mas logo em seguida, o participante conta que a história gerou sim reflexões e discussões entre as crianças: elas refletiram sobre o chamado lápis “cor de pele” e o porquê de esse nome não fazer sentido; elas tiveram a percepção de olhar para seus braços e os dos colegas e *“ver que realmente cada um tem um tom de pele”*; e em seguida a bibliotecária conversou com eles sobre a questão do respeito. O livro traz uma reflexão sobre não existir uma cor de pele “padrão”, como sugere o nome da cor dada para o lápis bege e de que a mudança que damos para o nome das coisas pode refletir também na maneira que vemos as coisas. A obra traz reflexões simples, sobre a variedade de cores e tons de pele, que pode evoluir para discussões mais aprofundadas com as crianças sobre a questão racial, como por exemplo, tratando da problemática do colorismo, a fim de incentivar ações contra esta e outras formas de racismo.

Análise do tema (unidade de registro): Cada um no seu lugar (ODS 16)

O livro “Cada um no seu lugar” foi escrito por Denise Rochael e publicado em 2017 pela editora Compor. A seguir apresenta-se a sinopse do título:

Num texto curto e poético, a autora, que também é a ilustradora, mostra ao leitor, delicadamente, que as pessoas, os animais domésticos, os animais de pequeno ou grande porte e até mesmo os animais mais ferozes ou os venenosos têm um lugar reservado neste mundo tão grande. Por isso, mesmo com suas diferenças, cada ser criado no mundo merece cuidado e respeito.

Esta obra foi categorizada no ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes e sua temática podem ser relacionadas à meta 16.6: “Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis” e à meta 16.7: “Garantir a tomada de decisão responsável, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis”. A temática do livro está bastante voltada para a questão da paz, ao trazer uma reflexão sobre o respeito e o cuidado que precisamos ter com todos os seres vivos, independente de pertencerem ao reino vegetal ou animal, ressaltando que os seres humanos fazem parte deste último e também possuem suas particularidades e diferenças. O participante 7 realizou a mediação do livro com crianças do 3º ano (8 anos) e relatou sua experiência da seguinte maneira:

“Cada um no seu lugar” também já li para as crianças, que daí é uma integração da natureza, né? Sendo o humano parte da natureza. Ele tem uma ilustração maravilhosa da própria autora, que é toda rica em detalhes. Ele fala sobre ser visto nesse espaço, se reconhecendo como parte da natureza, então ele fala do bicho, ele fala da árvore, ele fala do ser humano, então como uma coisa só. E o respeito por tudo. Esse eu já li para as crianças também [...] Não surgiu nada, apenas eu fiz o comentário da ilustração, que é muito bonita, cheia de pontinhos, risquinhos, acho que é feito com giz. E me chamou a atenção por a ilustradora ser também a autora.

O participante traz um grande destaque para as ilustrações dos livros, que de fato são elementos primordiais da literatura infantojuvenil. Nunes e Gomes (2014) apontam para a importância das ilustrações nos livros infantis, lembrando que estas devem ser sempre consideradas pelo mediador de leitura, pois, além de assumir papéis como dizer aquilo que não está escrito no livro, as ilustrações também podem atrair o pequeno leitor, sejam pelos seus traços, cores ou texturas.

O livro “Cada um no seu lugar” parece ter cumprido com este papel de chamar a atenção por meio de suas ilustrações durante a experiência de mediação realizada pelo participante 7, pois foi uma das principais características mencionadas sobre o livro. O participante disse que não houve discussões ou atividades sobre a história após a mediação de leitura e, de fato, nem sempre essa discussão faz-se necessária. Nas palavras do participante, o livro trata “*sobre ser visto nesse espaço, se reconhecendo como parte da natureza, então ele fala do bicho, ele fala da árvore, ele fala do ser humano, então como uma coisa só. E o respeito por tudo.*” Já que o livro utiliza de uma linguagem simples e acessível, é possível inferir que as crianças podem ter realizado individualmente suas reflexões sobre estes temas, não necessitando de maiores discussões.

Análise do tema (unidade de registro): Caderno sem rimas de Maria (ODS 5)

O livro “Caderno sem rimas de Maria” foi escrito por Lázaro Ramos e publicado em 2018 pela editora Pallas. A seguir apresenta-se a sinopse do título:

Lázaro Ramos, ator muito conhecido de todos, se aventura em mais um livro infantil. Neste título chamado Caderno sem rimas da Maria, o autor se inspira em sua filha, inventa e ressignifica palavras e, nesta brincadeira, mostra que a liberdade da leitura nos faz viajar para lugares muito distantes.

O livro está categorizado no ODS 5 - Igualdade de Gênero, no Clube de Leitura ODS e traz a visão de Maria, filha de Lázaro Ramos, sobre vários temas de seu cotidiano e as palavras que inventou para se referir a situações e elementos diversos. Assim, entre os diversos temas que são tratados pela menina, por meio da narração do livro em primeira pessoa, estão temas relacionados à igualdade de gênero, como a sororidade e a igualdade de direitos entre meninas e meninos, sendo possível relacionar os temas do livro à meta “5.1. Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte”. O participante 2 afirmou já ter utilizado este livro e relatou a experiência da seguinte maneira:

Tem também o “Caderno sem rimas da Maria”, que tem também o “Caderno de rimas do João”, que os dois são do Lázaro Ramos e é um livro muito legal, muito interessante para trabalhar com eles. Eu trabalhei com o “Caderno de rimas do João” já fiz até fiz vídeo, na época da pandemia eu trabalhei com esse livro. Ele fala sobre vários temas e daí a gente escolheu a saudade, viagem, para falar sobre parentes que foram embora e daí a gente conseguiu trabalhar com a professora que estava trabalhando poesia e rima, junto com a questão emocional deles também. Liga muito com os ODS. E aí tem o “Caderno sem rimas da Maria”, que é continuação do outro.

Segundo o participante 2, a mediação foi realizada com as turmas de 1º ao 5º ano (6 a 10 anos), contudo este não entrou em detalhes sobre a atividade realizada com o livro, demonstrando ter mais lembranças sobre a utilização de outro livro do mesmo autor, intitulado “Caderno de rimas do João” e apenas cita que um livro é continuação do outro. Porém acreditamos que a mediação de leitura do livro “Caderno sem rimas de Maria” pode gerar reflexões acerca das questões relacionadas à igualdade de gênero, ao tratar de temas ligados aos direitos das meninas e dos meninos e também à sororidade.

Análise do tema (unidade de registro): Coisa de menina ou coisa de menino (ODS 5)

O livro “Coisa de menina ou coisa de menino” foi escrito por Pri Ferreira e publicado em 2019 pela editora Bonifácio. Ele é uma junção de dois livros publicado pela autora em 2016, pela editora Companhia das Letrinhas: “Coisa de menina” e “Coisa de menino”. A seguir apresenta-se as sinopses dos dois títulos, respectivamente:

Durante a infância, ainda é comum as crianças ouvirem que “isso não é para menino”, ou “isso não é para menina”. Este livro pretende romper justamente com essa ideia.

Afinal, não há uma regra a ser seguida, e este é o melhor momento para as meninas descobrirem que o mundo – e tudo que há nele – pertence a elas. O que é coisa de menina? Oras, isso é algo que toda menina (e todo menino) deveria saber muito bem. Afinal, é na infância que a gente percebe que não existe regra e que todo mundo pode tudo: tem menino que gosta de brincar de casinha, tem menina que gosta de construir foguete. Por que, então, temos que nos adaptar a certos padrões de comportamento? Por que ainda dizem por aí que certas coisas não são apropriadas para mulheres? Este livro é para todos aqueles que acreditam na liberdade como a melhor escolha — e que têm certeza que meninas fizeram, fazem e farão muito mais.

Coisa de menino vai muito além do que, muitas vezes, lhes é imposto: meninos têm o direito de se sentir e expressar da forma que quiserem. O que é coisa de menino? Tem menino que deseja ser super-herói, jogador de futebol e astronauta. Outros sonham em ser estrelas do rock e viajar o mundo cantando para multidões. Mas todos eles também podem querer brincar de boneca, cozinhar receitas gostosas e fazer aulas de dança. Muitos meninos crescem ouvindo que não podem agir e sentir da mesma forma que meninas -- por que as coisas têm que ser assim? Este livro é para todos aqueles que acreditam que o importante é ter liberdade para fazer da vida o que se bem entender.

Os dois livros estão enquadrados no ODS 5 – Igualdade de Gênero, no Clube de Leitura ODS e traz uma reflexão sobre sexismo ou discriminação de gênero, mostrando que as crianças não podem ser impedidas de serem ou fazerem alguma coisa, por conta de seu gênero, podendo ser relacionado à meta “5.c. Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero [...]”. Os participantes 2 e 7 utilizaram esse livro em suas mediações, tendo o participante 2 utilizado com crianças de 11 anos (6º ano) e o participante 7 com crianças de 8 anos (3º ano).

O participante 2 expressou suas percepções sobre o livro dizendo que: *“é um livro que faz essa brincadeira sobre o que que é coisa de menino e o que que é coisa de menina, para no final descobrir que não tem coisa de menino e coisa de menina. Tudo é coisa de criança, então a gente trabalha a igualdade de gênero.”* O participante relatou também como a questão de igualdade de gênero sempre gera mais polêmica entre as crianças (principalmente as mais velhas), do que outros temas tratados na Agenda 2030, como a questão ambiental: *“O “Coisa de menino ou coisa de menina” gera polêmica, porque eles vão ter vivências diferentes e a questão familiar interfere muito. É tipo assim, “meu pai diz que menino não brinca de boneca”, “minha mãe diz que carrinho é coisa de menino”. Então eles têm alguns choques culturais e de vivência maior, aí gera mais comoção. Quanto mais velhos, principalmente. Se eu for ler essa história para o 5º ano, ela gera discussões, porque daí eles já têm uma percepção maior de mundo, de convivência.”* Sobre a experiência de utilização do livro, o participante 2 relatou que *“foi com um 6º ano, porque a situação foi com um 6º ano e era uma turma bem difícil. A gente fez vários trabalhos ao longo do ano porque era uma turma muito complicada, porque tinha muitos casos de bullying. Então tinha a questão do machismo muito atrelado, os meninos*

com as meninas, gordofobia, homofobia, capacitismo.” Vê-se que o livro foi utilizado especificamente para mediar uma situação do cotidiano de uma turma de crianças, em que comportamentos machistas estavam sendo reproduzidos por algumas delas. E a mediação deste livro pôde contribuir para trazer uma reflexão sobre esses comportamentos e trazer uma mudança na realidade destas crianças, como o participante 2 conclui: “Depois melhorou bastante, mas teve que ser chamado pais, alguns estudantes tiveram que trocar de turma, fazer esse trabalho constante.”

O participante 7 realizou a mediação com estudantes mais novos, de 8 anos, coincidentemente no mesmo dia em que foi entrevistado para esta pesquisa: *“O ‘Coisa de menina ou coisa de menino, eu li, eu amo. Inclusive hoje eu resgatei esse livro, eu li. A professora já tinha lido ele no Dia das Mulheres, dia 8. Importante, né? Maravilhoso. Aí hoje eu peguei ele para ler e aí as crianças: “ah, a gente já ouviu!”, daí a professora: “é, eu li no Dia das Mulheres”. Mas elas queriam de novo.”* Assim, as crianças demonstraram interesse pela história, pois apesar de a professora já ter lido o livro com eles em sala, eles pediram para ouvir de novo, agora com a mediação da bibliotecária. Sobre a experiência, o participante 7 relatou: *“O Coisa de menina ou coisa de menino’, fez surgir muito hoje. O tempo inteiro eles quiseram interagir com essa questão de menina e menino [...] “Aí eu faço isso”, “eu faço aquilo” “ah, meu pai também faz”, sabe? Surgiu o tempo inteiro essa questão de eles também falarem da vivência, né? Não só deles, mas da família, né?”* Como relatado pelo participante 2, muito da visão das crianças sobre a questão de gênero vêm da própria família e, por isso, o assunto pode gerar discussões entre elas, pois cada família tem uma visão diferente sobre o assunto. E o bibliotecário pode munir-se dos conceitos trabalhados pelo ODS 5 da Agenda 2030, para mediar essas discussões da melhor maneira.

Análise do tema (unidade de registro): Direitos do pequeno leitor (ODS 4)

O livro “Direitos do pequeno leitor”, de autoria de Patricia Auerbach, foi publicado em 2017 pela editora Companhia das Letrinhas. Segue a sinopse do livro:

Quando se trata de livros e leitura, os adultos têm seus direitos muito bem garantidos - eles podem ler o que quiserem, quando quiserem. Mas e os pequenos leitores? Aqueles que estão começando a se aventurar nas páginas dos livros: a que eles têm direito? Ser o personagem principal de uma história, brincar com os heróis mais queridos, reler um conto quantas vezes quiser, ou até abandonar uma leitura no meio. Este livro nasceu para garantir que todos esses e outros direitos sejam conhecidos por todas as crianças, e assim vai ser mais fácil garantir que eles sejam cumpridos.

O livro está categorizado no ODS 4 – Educação de Qualidade, no Clube de Leitura ODS e apresenta o hábito de leitura como algo lúdico e divertido. Pensando na leitura na escola como

diretamente relacionada à alfabetização, pode-se relacionar o conteúdo do livro à meta “4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados [...]”. Com apenas uma frase por página, o livro utiliza-se principalmente do recurso da ilustração para chamar a atenção do leitor. Este foi o livro utilizado por mais participantes das entrevistas: os participantes 1, 2, 5, 6 e 7 já realizaram a mediação do livro.

Os participantes 1, 2 e 7 demonstraram um grande apreço por esse livro:

“Eu acho esse livro assim, maravilhoso. Eu acho que ele vai ser usado por muitos e muitos anos, porque ele é muito fofinho. Vou usar essa palavra mesmo, é muito queridinho. As figuras, a forma como é a linguagem” (P.1);

“Então eu contei a história dos Direitos do Pequeno leitor, que é uma história onde a autora vai falando que todo o pequeno leitor tem direito à imaginação, a viajar na história. É um livro lúdico, ele é baseado nos dez direitos imprescindíveis do leitor, que é de um livro do Daniel Pennac, em que ele elenca dez direitos do leitor, que é o direito de pular páginas, o direito de não ler, o direito de deixar um livro para trás, o direito de ler em voz alta, o direito de calar, de não falar sobre o livro, que ele entende como os direitos do leitor, que leitor não precisa falar sobre o que ele está lendo e tal. É bem polêmico e tem gente que não gosta, né? Ah, o direito de não falar sobre o livro ou o direito de ler em qualquer lugar, o direito de ler trechos soltos. É bem legal, é bem bonito. Eu sempre ponho ele no mural, eu tenho aqui no meu mural. (P.2)”

“Direitos do pequeno leitor”, né? Que é maravilhoso, é uma versão dos direitos lá do Daniel Pennac, que é os dez direitos que eu amo, que eu sigo muito e transformou minha visão de leitura e de liberdade, então essa é uma versão que não é só para criança, mas é uma versão livre também pro público infantil, né? Que dá esse espaço tão grande para a imaginação. Este livro eu conhecia, inclusive eu adquiri na pandemia. Depois eu vi que ele estava num acervo aqui. A gente pediu pelo PNLD Literário e nós temos ele na biblioteca.” (P.7)

Os dez direitos do leitor de Daniel Pennac, citados pelos participantes 2 e 7, foram apresentados em seu livro intitulado “Como um romance”:

- 1) O direito de não ler; 2) O direito de pular páginas; 3) O direito de não terminar um livro; 4) O direito de reler; 5) O direito de ler qual coisa; 6) O direito ao bovarismo;
- 7) O direito de ler em qualquer lugar; 8) O direito de ler uma frase aqui e outra ali;
- 9) O direito de ler em voz alta; 10) O direito de calar (Pennac, 1993, p.139).

O autor enriquece o debate sobre a leitura, ao mostrar que esta não precisa ser imposta e que existe muita liberdade no hábito de ler. O participante 7 conta que, quando realizou a mediação dos “Direitos do pequeno leitor”, fez referência aos direitos do leitor, de Daniel Pennac, e que isso gerou certa polêmica: *“quando eu li, eu fiz a referência aos direitos do leitor, eu apresentei, mas de uma forma muito rápida, os direitos do leitor do Daniel Pennac. Inclusive o direito de não ler. E aí eu lembro que chocou um pouquinho uma professora na época, uma professora que estava no momento, esse direito de não ler. Isso foi com um 5º ano. Direito de não ler? Choca um pouquinho, né? Porque daí tu tá numa biblioteca e fala do direito de não ler? Mas aí o “Direitos do pequeno leitor” é muito livre, é lúdico, é muito imaginário, né?”*

Os participantes 1 e 5 disseram utilizar esse livro sempre no início do ano letivo, para trazer a discussão com as crianças sobre os direitos que elas possuem dentro da biblioteca, aproveitando o ensejo para tratar também dos seus deveres nesse espaço:

Eu uso ele para as turmas de 1º ano, né? Eu consigo casar mostrando para eles que eles têm os direitos, né? Da questão do lúdico, de ser leitor e tal, mas daí eu já vou puxando o gancho para os deveres deles em relação ao espaço da biblioteca, né? Que aquilo ali tudo pode acontecer, vai acontecer. Nossa, é ótimo! Mas que eles também têm deveres para que realmente isso também aconteça. E as crianças entendem, sabe? É muito bonitinho, sabe de ver. Eu adoro esse livro [...] Faço na primeira semana de apresentação. Quando eles vêm da Educação Infantil. Eles atentam, sabe, daí eu faço toda uma brincadeira lúdica, que o livro tem sentimento, que o livro ele fala, se você levar ele para casa e trazer estragado ele vai chorar. E eles lembram isso na cabeça deles, sabe? ‘Não pode fazer isso, o livro chora. Ele tem sentimento’. É bem legal.” (P.1)

“Ah, o dos direitos [“Direitos do pequeno leitor”] eu costumo introduzir com eles, né? O que são direitos e o que são deveres, converso sobre isso, aí já coloco as regras da biblioteca. Você não tem direito de subir na mesa, por exemplo, mas você tem direito a um lugar para você sentar e assim a gente vai conversando. Eu li o livro e depois a gente fez uma roda de discussão. E a gente na hora vê o impacto daquela leitura no pensamento da criança [...], do que estava escrito, no pensamento crítico da criança. Já modifica. ‘Ah, antes eu pensava assim, mas agora eu vi o que eu posso, o que eu não posso, e tal.’ Já na hora tu já vê. (P.5)

O participante 6, que realizou a mediação com uma turma de 4º ano, relatou principalmente sobre esse impacto que o livro traz e a mudança que traz para a criança, que parece desmistificar essa visão da leitura e da biblioteca como obrigações:

Esse a gente tinha lá na [Nome da EBM] e a gente até leu. E eu achei bem interessante porque está nesse formato infantil. E foi enviado pelo próprio FNDE esse livro. Eu achei bem interessante. É, esse ali dos “Direitos do pequeno leitor” que a gente trabalhou e conversou com eles a respeito do fato de querer escolher o que quer e de poder começar do fim, do começo. Enfim, dessas coisas que falam ali, porque às vezes é muito... acham que é meio impositivo, né? E na verdade, não. Não é dessa forma. [...] E aí foi o que a gente tentou trabalhar, foi isso, né? Essa forma de olhar diferente, de que na verdade não é uma obrigação, mas que seria algo legal, interessante pra eles, né? Terem esse gosto e passarem a olhar a biblioteca de uma outra forma e a leitura, principalmente, né? Foi bem interessante, assim, que eles acabam desmistificando, né? É engraçado, porque até eles passaram a se sentir mais à vontade, né?” “Daí eles opinaram, falaram a respeito. E também a gente falou sobre o que estava sendo mostrado, sobre essa desobrigação, né? De ter que... porque também a gente pode começar a ler um livro e acabar não gostando, né? Não se identificar, perder o interesse [...] “Ó, eu peguei esse livro, mas eu não gostei. Eu queria poder trocar.” Pra eles eu acho que foi até um alívio, porque eles achavam que assim: “Eu sou obrigado a ler esse livro, já que eu peguei.”

O participante 2 relatou não só realizar a mediação do livro, mas também realizar uma atividade com os estudantes após a leitura, na qual ele aproveita para trazer para a discussão a questão dos Direitos Humanos e do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Eu trabalhei com todas as turmas, na verdade, de 1º ao 5º ano. [...] E daí eu pego esse livro e depois eu pergunto para eles quais são os direitos deles na biblioteca. De 1º ao 3º ano a gente faz em conjunto, a gente constrói os direitos da turma na biblioteca, porque nisso a gente já fala sobre Direitos Humanos também, fala do ECA, fala da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Trago assim um apanhado sobre o que é direito? O que eles têm de direito? [...] E daí quais seriam os direitos deles na biblioteca? E dá pra perceber que eles têm uma ideia errada do que é a biblioteca. Eles dizem que eles têm o direito de ficar em silêncio, o direito de não bagunçar. É tudo muito restritivo, tudo não permissivo para eles. Eu falei para eles que não, que o direito de vocês aqui é de levar livro, o direito de ler, o direito de imaginar, e daí, nossa! Saiu cada coisa tão legal. Do 1º ao 3º ano eles constroem junto os dez direitos e daí a gente faz um cartaz e coloca lá fora e depois fica exposto aqui na biblioteca. E do 4º ao 5º ano, eu faço eles fazerem os direitos deles, cada um escrever individualmente. [...] É muito legal, muito interessante assim, o que sai depois que a gente faz essa conversa [...] que eu falei: “a gente não está falando sobre dever, de que a biblioteca é um lugar de silêncio e que eu não posso esquecer o livro em casa, nada disso.” [...] É sobre direitos, sobre o que que eles têm direito. [...] Então foi muito interessante. A gente conseguiu amarrar a questão dos direitos humanos, direitos deles com a literatura, por exemplo. [...] Então o que a gente espera dos estudantes nesse espaço? E o que que eles têm aqui como direito, né? [...] Foi mais uma questão de pertencimento, de espaço, de reconhecimento como um ser social, como um ser cidadão.

Assim, além de realizar a mediação de leitura, é realizada uma conversa mais aprofundada com as crianças e uma atividade sobre o assunto, de forma a deixar claro que elas também possuem seus direitos como crianças, como leitores e como interagentes da biblioteca. Como o participante relatou, com os estudantes de 1º ao 3º ano, são criados coletivamente os dez direitos na biblioteca e posteriormente são expostos em cartazes. E com as turmas de 4º e 5º ano, os estudantes criam esses dez direitos individualmente. Dessa forma, a atividade é também compartilhada com crianças de outras turmas e depois passa a pertencer ao espaço da biblioteca, mostrando para os estudantes que eles também fazem parte da construção desse lugar.

Análise do tema (unidade de registro): Gigi e Napoleão (ODS 12)

Escrito por Cláudia Ramos, o livro “Gigi e Napoleão” foi publicado em 2018 pela editora Cortez. Segue a sinopse do livro: “Gigi e Napoleão são grandes amigos. Com olhos sensíveis, observam tudo ao redor e sempre se surpreendem com a natureza, o mundo e o ser humano.”

O livro está categorizado no ODS 12 – Consumo e produção responsáveis, e apresenta a girafa Gigi e o cachorro Napoleão, personagens que observam as transformações causadas no planeta por ações humanas, como o consumismo desenfreado, o desmatamento, a produção excessiva de lixo e as mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global. Assim, pode ser relacionado à meta “12.2 Até 2030, alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos

recursos naturais”. O livro termina com a seguinte reflexão: “Se o ser humano não mudar, onde é que vamos morar?”

O participante 7 realizou a mediação de leitura do livro, mas relatou que não surgiram discussões sobre o tema e que somente foi realizada a leitura. O participante 8, que realizou a mediação de leitura com estudantes de 6 a 10 anos (1º ao 5º ano), relatou que a discussão que surgiu após a leitura foi inevitável: *“As crianças gostaram bastante, ficaram bem curiosas [...], é bem interessante, porque daí no final não tem como não levantar esse tema, né? Porque ele termina mais ou menos assim: “se a gente não cuidar do planeta, onde é que a gente vai morar?” Aí a gente acaba, depois da leitura, conversando com as crianças sobre isso. “Olha, gente. Se a gente não cuidar do nosso planeta, a gente não vai ter mais planeta. A gente tem que cuidar.”*

O participante 8 relata também que este tema já está presente no cotidiano da sala de aula dos estudantes: *“Mas eles já têm essa consciência, porque já é trabalhado em sala [...] Porque daí eles falam da questão do lixo, que tem que separar o lixo. [...] Então acho que o livro ele acaba [...] reforçando essa ideia que eles já têm, essa consciência que eles já têm sobre a preservação do meio ambiente, que cada um tem que fazer a sua parte.”* Assim, o livro “Gigi e Napoleão” pode ser mediado na biblioteca, a fim de reforçar essa mensagem de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente:

Análise do tema (unidade de registro): Pinóquia (ODS 5)

O livro “Pinóquia” foi escrito por Jean Claude R. Alphen e publicado em 2017 pela editora Melhoramentos. Segue a sinopse do livro:

Pinóquio realizou o seu sonho e já é um menino de verdade. Para que ele não fique só, seu pai, Gepeto, lhe fez três irmãos de madeira. E, como Pinóquio, cada um tem seu sonho: Júnior quer ser de plástico... Segundo quer ser músico... Já a pequena Pinóquia... quer ler, estudar e aprender de tudo. A Fada Azul vai ter muito trabalho para atender os pedidos e entender que cada um faz as próprias escolhas da vida.

O livro está categorizado no ODS 5 – Igualdade de Gênero e faz refletir sobre escolhas, vontades e diferenças. Tendo uma menina como sua personagem principal, a história conta sobre Pinóquia, uma menina feita de madeira, que gosta muito de ler e de estudar. Sempre questionadora, Pinóquia não se deixa levar por qualquer opinião que lhe dão e se impõe quando acha que algo não está certo.

Os participantes 4 e 7 realizaram a mediação de leitura deste livro para crianças de 8 anos (3º ano) e relataram que, inicialmente, o que mais chama a atenção das crianças é o título:

“E como não é ‘Pinóquio’, é ‘Pinóquia’, chama atenção. Só por ser uma coisa diferente, instiga a criança a querer levar o livro” (P.4) ; “Pinóquia” também, hoje foi emprestado. Chamou muita atenção aqui essa capa com um “A” no final, então a menina disse: “Nossa! Pinóquia? Não conhecia.” [...] Hoje chamou a atenção dessa estudante, por ser uma menina, por ter um “A” ali no final. Chamou a atenção por ser uma personagem que é uma versão feminina do Pinóquio.” (P.7).

O participante 4 falou sobre o conteúdo do livro da seguinte maneira: *“Na história fala que a Pinóquia quer ler, aprender. E aí fala do irmão, o Pinóquio, que ele já é um menino de verdade e ela quer fazer tudo que um menino também faz. Ela quer ter direitos como ele tem, né?”*

Sobre a mediação de leitura, o participante 7 relatou apenas que já realizou a leitura para as crianças e que gosta muito do autor do livro, mas que não surgiram discussões sobre o tema do livro. O participante 4 também não entrou em detalhes sobre discussões que tenham surgido sobre o tema, mas relatou que as crianças têm grande apreço por esse livro na biblioteca:

Esse da ‘Pinóquia’, as crianças amam! Eu já li para eles, eles amam a Pinóquia. Ele já tá até bem amassadinho, porque já foi bem emprestado, sabe? [...] O da ‘Pinóquia’ tem muita saída na biblioteca. Eu acho que o da ‘Pinóquia’ tem mais de um exemplar até [...] E assim, toda vez que eu boto na mesa, esse livro sai da biblioteca. Sempre sai, não fica ali, sabe? [...] Esses que levam bastante esse livro são de 8 a 10 anos. O 3º ano, principalmente, quer levar bastante. E toda vez que um devolve, o outro colega quer levar [...] E se já levaram todos os exemplares, eles já falam: ‘Ah, quando ele devolver eu posso pegar?’ E aí quer reservar.

Assim, apesar de o livro não parecer suscitar tantas reflexões e discussões entre as crianças sobre a temática da igualdade de gênero, a história é muito apreciada pelas crianças, provavelmente também por seu caráter lúdico, comum aos recontos de clássicos da literatura infantojuvenil.

Análise do tema (unidade de registro): Poeminhas da terra (ODS 12)

O livro “Poeminhas da terra” foi escrito por Márcia Leite e publicado pela editora Pulo do Gato em 2016. Segue a sinopse do livro:

Hora de comer, hora de brincar, hora de colher, hora de pescar, hora de festejar, hora de contemplar, hora de compartilhar são alguns dos temas explorados nestes singelos poemas sobre o cotidiano da vida na aldeia daqueles que são os primeiros habitantes do Brasil.

O livro está enquadrado no ODS 12 – Consumo e produção responsáveis e trata sobre os modos de vida dos povos indígenas, suas culturas e cotidianos, por meio de pequenos poemas com jogos de palavras de origem tupi-guarani. O título também se aproxima da temática de um novo ODS, proposto por Cabral e Gehre (2020), intitulado de ODS 20 – Povos Originários e

Comunidades Tradicionais. Acredita-se que este livro foi relacionado ao ODS 12 pelo fato de os povos indígenas possuírem modos de vida sustentáveis, nos quais os recursos da natureza são utilizados de forma responsável, não apresentando-se hábitos de consumismo desenfreado.

O participante 5 realizou a mediação de leitura do livro com crianças de 5 a 10 anos (Infantil 5 a 5º ano). O participante comentou sobre a temática tratada no livro, citando também outra obra sobre o mesmo tema:

Ah, então, esse eu trabalhei foi em 2022. É, ano retrasado. E esse ano a gente falou mais sobre “O Tupi que você fala”, que é outro sobre a mesma temática, né? Que eu me lembro foi divertido eles terem esse contato, né? A gente sempre fala de povos originários, então, tinha alguém aqui antes dos ancestrais deles chegarem e colonizarem as terras aqui litorâneas. Tinha alguém aqui já, né? Então a gente sempre conversa com eles nesse sentido pra conscientizar que eram povos originais que já estavam aqui. E que os nossos colonizadores podem ser que sejam ancestrais deles. E tem crianças que podem ter ancestrais desses povos originários. Então, saber que tá todo mundo junto, tudo misturado.

Diferente dos outros livros utilizados pelos participantes, o conteúdo deste livro não apresenta a narrativa de uma história, mas é composto de poemas independentes uns dos outros.

Sobre a leitura do livro, o participante relatou:

Eu selecionei um [poema], fiz a leitura e a discussão. Eu não costumo ler a obra toda quando são poemas ou poesias, porque eu acho que instiga o estudante que se interessar por aquele livro a fazer a leitura, né? Com prazer, com deleite. Eu acho meio forçamento de barra ler o livro todo. Quando levam emprestado, acabam lendo vários. Eu digo: ‘Esse aqui era muito bom. Se quiser mais, tem aqui dentro.’

Assim, além de trabalhar com as crianças sobre a importância e a influência dos povos originários na cultura e cotidiano, o participante apresentou também uma boa estratégia para se instigar a leitura de poemas com os pequenos: ao apresentar-se um livro de poemas para as crianças, não se precisa ler necessariamente todos os poemas presentes nele, pois estes se apresentam de maneira independente. Assim, realiza-se a leitura de um ou alguns poemas, apresentando a obra e deixando como sugestão, caso os estudantes se interessem em ler os outros poemas.

Análise do tema (unidade de registro): Super (ODS 5)

O livro intitulado “Super”, de Jean-Claude Alphen, foi publicado em 2017 pela editora Pulo do Gato. Segue a sinopse do livro:

Todas as manhãs, superpapai vai trabalhar... E mamãe também. Algumas noites, o superpai assiste ao programa preferido do filho, enquanto a mamãe faz pipoca. Às vezes, papai volta do trabalho acompanhado de seus supercolegas... mesmo quando mamãe está supercansada. Um dia, o cotidiano do menino se transforma. O pai fica em casa, não usa mais a fantasia de super-herói e a mãe, que estava sempre presente, agora só trabalha. O que está acontecendo?

O livro está categorizado no ODS 5 – Igualdade de Gênero no Clube de Leitura ODS e, de maneira leve, trata sobre a dupla jornada de trabalho feminina, trazendo reflexões sobre os papéis assumidos pelos homens e pelas mulheres dentro de uma família e da sociedade como um todo. Assim, pode-se relacionar o conteúdo do livro diretamente à meta “5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais”.

O participante 8 realizou a mediação de leitura deste livro com crianças de 6 a 10 anos (1º ao 5º ano) e relatou a experiência da seguinte maneira:

As crianças gostaram bastante, ficaram bem curiosas [...] A do “Super” eles ficaram meio que admirados com a mãe, que era super e tal, que ela saia para trabalhar. E o pai ficou em casa, o pai ficou doente. Primeiro eles acharam que o pai tinha morrido, mas não. O pai estava doente e a mãe teve que trabalhar e tal. E alguns se identificaram também com essa questão, porque alguns em casa, a mãe que trabalha, ou o pai está doente, né? Eu vi que aconteceu essa identificação nesse livro do “Super”.

Além de provocar uma identificação das crianças com o cotidiano de suas famílias, a história também traz visibilidade para o papel da mulher na sociedade atual, que muitas vezes precisa dar conta do seu trabalho fora de casa, do trabalho doméstico e da criação dos filhos, responsabilidades estas que não costumam ser compartilhadas pelos homens.

7.3.1.6 Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS

Quando os participantes foram questionados sobre suas expectativas em relação a uma capacitação sobre os ODS, diversos temas surgiram em seus discursos. Segue os principais temas identificados:

- Direcionamento para trabalhar com os livros
- Necessidade de aquisição das obras
- Momento para compartilhar práticas
- Sugestão de trazer alguém da FEBAB

No quadro a seguir, apresentam-se os temas que surgiram no discurso dos participantes e os respectivos trechos da entrevista que trataram destes temas. Abaixo do quadro, apresenta-se a análise de cada um dos temas (unidades de registro) apresentadas para esta categoria.

Quadro 11 - Expectativa em relação à capacitação sobre o Clube de Leitura ODS

Expectativas para a capacitação (Unidade de Registro)	Trecho do discurso do entrevistado (Unidade de Contexto)
Direcionamento para trabalhar com os livros	<p>Eu ia achar legal um direcionamento, sabe? Vamos trabalhar isso, como é que faz essa literatura? Porque o livro, né? Ele tem diversas e diversas formas de você interpretar ele. E a gente não é especialista em literatura, eu fiquei pensando... os livros estão divididos lá por objetivos, né? Só que daí... vou fazer isso como? Esse livro vai falar sobre o quê? Vamos colocar isso onde? Eu e outros colegas, a gente tem bastante dificuldade em relação a isso. (P.1)</p> <p>Eu espero muito que ajude a explorar as obras. Mostrar o potencial das obras no dia a dia [...], porque nunca nos foi apresentada a informação oficialmente, que o Clube de Leitura é uma iniciativa da ONU, que trata do desenvolvimento sustentável. Tem esses eixos, tem essas obras, essa obra fala disso, essa obra fala daquilo. Não precisa apresentar todas, mas apresentar esse potencial [...], então eu acho que a formação é essencial, é importante, é urgente. Porque é um material rico, um material disponível. (P.2)</p> <p>Eu acredito que vai ser muito importante pra a gente conhecer essas obras” “Eu também não conheço todas as obras e gostaria de conhecer para poder estar levando para a escola e os outros bibliotecários também poderem estar levando pra suas unidades, porque a gente conhece a obra e como a gente é um mediador, a gente leva para a escola e a gente divulga aquela obra. E aí a gente conhece, a gente se apropria dela e consegue ofertar de uma maneira mais convincente, para que os professores possam trabalhar. Porque é assim que eles vão conhecer e se a gente também não conhecesse ia ficar guardada lá e a gente não ia saber para que usar [...], então a gente conhecendo, a gente consegue estar divulgando e buscando ações para trabalhar. (P.3)</p> <p>Saber da existência dessas obras e dos temas que a gente pode trabalhar com elas [...] Porque a gente como bibliotecária, a gente acaba tendo contato com títulos, alguns a gente acaba lendo, outros a gente adquire, outros a gente não consegue adquirir, não consegue ter acesso. Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento, então é uma organização dos títulos, uma seleção de títulos que te levam a outros títulos [...] Geralmente o bibliotecário faz isso. A gente acaba explorando, vendo o que mais esse autor escreveu, procurando o que mais pode ter nessa área e acaba achando, né? Mas a gente às vezes passa batido pelos títulos e não... né? Até porque não tem que ser literal, ele não precisa dizer sobre o que está escrito na obra, aí acaba passando batido, né? Sem ler contracapa, sem ler a orelha, sem saber a sinopse, a gente pode passar batido, então acho que nesse sentido é uma ferramenta importante. (P.5)</p> <p>Eu esperaria que, tipo assim, um reforço com a gente, os bibliotecários, né? Porque muitas vezes o professor trabalha esses temas em sala de aula e a gente como bibliotecário não tem essa formação sobre temas assim. A gente acaba lendo ali na biblioteca, mas às vezes não aprofunda tanto [...] Eu acho que uma capacitação ajudaria nesse ponto de aprofundar mais, de poder trabalhar melhor esses livros na biblioteca com os estudantes, né? Sobre a importância desses livros, sobre esses temas. (P.8)</p>
Necessidade de aquisição das obras	Eu acredito que vai ser muito importante pra a gente conhecer essas obras, poder trazer essas obras para a escola ou até adquirir. (P.3)

	<p>Eu achei os títulos muito bons, uma pena que não tem todos eles ali. Mas quem sabe está chegando. Não sei se a prefeitura vai fazer a compra, mas acho bem relevante que compre, né? Mas assim, falta realmente ter o acervo, né? (P.4)</p> <p>É válido a gente estar tendo contato com esses livros [...] Eu acho que a gente tinha que ter mais acesso a esses livros [...], e aí é difícil também de a pessoa conhecer, saber sobre isso, se não tem livro, nem acesso, nem nada. (P.6)</p> <p>Conhecer também melhor as que eu não tenho aqui no acervo, adquirir ou ganhar, se essa capacitação nos doar, né? A bibliotecária está sempre querendo livros, né? (P.7)</p> <p>E também ter mais desses livros. Porque eu vi que tem bastante, mas nem todos a gente tem. A gente tem alguns. De repente ter mais livros desse clube. Quanto mais eu acho que é melhor, né? (P.8)</p>
Momento para compartilhar práticas	<p>E, quem sabe, por exemplo, se falar dos ‘Direitos do pequeno leitor’, eu posso muito bem levantar a mão e falar sobre. “Olha, eu trabalhei na escola, eu trabalhei assim assim” [...] Então acho que a formação seria muito legal para isso e eu tenho certeza que apareceriam muitos trabalhos parecidos com esse e que as pessoas nem se dão conta. (P.2)</p>
Sugestão de presença de representante da FEBAB	<p>Eu sei que tem uma questão de apoio ali, até mesmo trazer alguém da FEBAB também para trazer esse histórico seria bem interessante. Não precisa ser só tu trazendo a formação, pode trazer alguém da FEBAB para trazer a parte do histórico, por exemplo. (P.2)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Na entrevista foi perguntado aos participantes o que eles esperavam de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS. Alguns temas tiveram destaque no discurso de vários participantes. Seguem a análise dos trechos de acordo com os temas:

Análise do tema (unidade de registro): Direcionamento para trabalhar com os livros

Os participantes demonstraram interesse em conhecer as obras do Clube de Leitura ODS, compreender suas temáticas e ter um direcionamento de como trabalhar com estes livros. O participante 1 relatou sobre suas dificuldades e a de outros bibliotecários em trabalhar com algumas literaturas, por não terem uma formação voltada para isso, trazendo a ideia de que uma capacitação poderia auxiliar nesse sentido: *“Eu ia achar legal um direcionamento, sabe? Vamos trabalhar isso, como é que faz essa literatura? Porque o livro, né? Ele tem diversas e diversas formas de você interpretar ele. E a gente não é especialista em literatura, eu fiquei pensando... os livros estão divididos lá por objetivos, né? Só que daí... vou fazer isso como? Esse livro vai falar sobre o quê? Vamos colocar isso onde? Eu e outros colegas, a gente tem bastante dificuldade em relação a isso.”*

O participante 2 falou sobre a necessidade de o Clube ser apresentado oficialmente para os bibliotecários da RMEF, ressaltando que uma capacitação ajudaria a explorar o potencial

dessas obras que, em boa parte, já estão disponíveis para a utilização: *“Eu espero muito que ajude a explorar as obras. Mostrar o potencial das obras no dia a dia [...], porque nunca nos foi apresentada a informação oficialmente, que o Clube de Leitura é uma iniciativa da ONU, que trata do desenvolvimento sustentável. Tem esses eixos, tem essas obras, essa obra fala disso, essa obra fala daquilo. Não precisa apresentar todas, mas apresentar esse potencial [...] Então eu acho que a formação é essencial, é importante, é urgente. Porque é um material rico, um material disponível.”* O participante indica que não há necessidade de apresentar todas as 175 obras do Clube. Acredita-se que, de fato, o tempo necessário para tal seria muito estendido, tornando a capacitação cansativa. A partir disso, pode-se pensar em outras alternativas, como a apresentação de um livro por ODS.

O participante 3 ressalta a necessidade de se conhecer as obras, para ser possível divulgar o Clube de Leitura ODS para a comunidade escolar, de modo que os livros não fiquem esquecidos no acervo, mas que possam ser mediados: *“Eu acredito que vai ser muito importante pra a gente conhecer essas obras [...] como a gente é um mediador [...] a gente se apropria dela e consegue ofertar de uma maneira mais convincente, para que os professores possam trabalhar. Porque é assim que eles vão conhecer e se a gente também não conhecesse ia ficar guardada lá e a gente não ia saber para que usar.”*

O participante 5 falou sobre a importância de se conhecer as obras, para quando surgir a necessidade de se trabalhar com algum tema dentro da escola, ressaltando que o Clube é uma ótima ferramenta nesse sentido, pois apresenta as obras divididas pelos ODS, que representam temas específicos: *“Saber da existência dessas obras e dos temas que a gente pode trabalhar com elas [...] Porque a gente como bibliotecária, a gente acaba tendo contato com títulos, alguns a gente acaba lendo, outros a gente adquire, outros a gente não consegue adquirir, não consegue ter acesso. Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento, então é uma organização dos títulos, uma seleção de títulos que te levam a outros títulos.”*

O participante 8 ressalta a importância de, além de conhecer os livros, os bibliotecários adquirirem mais conhecimento também sobre os temas tratados pelos ODS: *“Eu esperaria que, tipo assim, um reforço com a gente, os bibliotecários, né? Porque muitas vezes o professor trabalha esses temas em sala de aula e a gente como bibliotecário não tem essa formação sobre temas assim. A gente acaba lendo ali na biblioteca, mas às vezes não aprofunda tanto [...] Eu*

acho que uma capacitação ajudaria nesse ponto de aprofundar mais, de poder trabalhar melhor esses livros na biblioteca com os estudantes, né? Sobre a importância desses livros, sobre esses temas.” Assim, a capacitação seria uma boa oportunidade também para os bibliotecários conhecerem as temáticas dos ODS presentes na Agenda 2030, de modo que possam também contribuir para o alcance destes objetivos, por meio do trabalho realizado nas bibliotecas escolares.

Análise do tema (unidade de registro): Necessidade de aquisição das obras

Os participantes expressaram também a necessidade de aquisição das obras do Clube de Leitura ODS para as bibliotecas da RMEF, pois para que se realizem mediações de leitura e atividades, é imprescindível que se tenha o livro em mãos:

Eu acredito que vai ser muito importante pra a gente conhecer essas obras, poder trazer essas obras para a escola ou até adquirir. (P.3)

Eu achei os títulos muito bons, uma pena que não tem todos eles ali. Mas quem sabe está chegando. Não sei se a prefeitura vai fazer a compra, mas acho bem relevante que compre, né? Mas assim, falta realmente ter o acervo, né? (P.4)

É válido a gente estar tendo contato com esses livros [...] Eu acho que a gente tinha que ter mais acesso a esses livros [...] E aí é difícil também de a pessoa conhecer, saber sobre isso, se não tem livro, nem acesso, nem nada. (P.6)

Conhecer também melhor as que eu não tenho aqui no acervo, adquirir ou ganhar, se essa capacitação nos doar, né? A bibliotecária está sempre querendo livros, né? (P.7)

E também ter mais desses livros. Porque eu vi que tem bastante, mas nem todos a gente tem. A gente tem alguns. De repente ter mais livros desse clube. Quanto mais eu acho que é melhor, né? (P.8)

Assim, além da necessidade de se ter o livro fisicamente para poder realizar trabalhos de mediação de leitura, os bibliotecários expressaram o interesse de adquirir essas obras para conhecê-las, antes de apresentá-las para suas comunidades.

Análise do tema (unidade de registro): Momento para compartilhar práticas

Segundo o participante 2, espera-se que a capacitação seja também um momento para compartilhamento de práticas entre os bibliotecários: *“E, quem sabe, por exemplo, se falar dos ‘Direitos do pequeno leitor’, eu posso muito bem levantar a mão e falar sobre. “Olha, eu trabalhei na escola, eu trabalhei assim assim”. “Então acho que a formação seria muito legal para isso e eu tenho certeza que apareceriam muitos trabalhos parecidos com esse e que as pessoas nem se dão conta.”*

Dessa forma, os bibliotecários poderiam compartilhar suas experiências de utilização de livros do Clube de Leitura ODS, seja em mediações de leitura ou outras atividades, a fim de inspirar e agregar conhecimento juntamente com seus colegas.

Análise do tema (unidade de registro): Sugestão de presença de representante da FEBAB

O participante 2 deu sugestão também que na capacitação haja a presença de um representante da FEBAB: *“Eu sei que tem uma questão de apoio ali, até mesmo trazer alguém da FEBAB também para trazer esse histórico seria bem interessante. Não precisa ser só tu trazendo a formação, pode trazer alguém da FEBAB para trazer a parte do histórico, por exemplo.”* Assim, com a presença de um representante da FEBAB, seria possível ter um respaldo, principalmente na apresentação do histórico do Clube de Leitura ODS no Brasil, podendo este representante trazer mais detalhes sobre como ocorreu o processo de seleção das obras e de que forma a FEBAB contribuiu para o desenvolvimento do Clube no Brasil, entre outros fatores.

7.3.1.7 Percepções sobre o Clube de Leitura ODS

Apesar de não haver uma pergunta na entrevista voltada às percepções dos participantes sobre o Clube de Leitura ODS, esta categoria foi criada a posteriori para reunir os trechos de discursos em que os participantes expressam suas percepções, organizadas por temas (unidades de registro) que surgiram sobre o assunto. As temáticas que surgiram foram as seguintes:

- Importância das temáticas
- Um novo olhar sobre os livros (que já estavam sendo utilizados)
- Desconhecimento do Clube/Necessidade de divulgação
- Conhecimento do Clube pela FEBAB
- O nome do Clube confunde
- O Clube e o PNLD
- Receio em trabalhar com algumas temáticas
- “Texto não é pretexto”

No quadro a seguir, apresentam-se os temas que surgiram no discurso dos participantes e os respectivos trechos da entrevista que trataram destes temas. Abaixo do quadro, apresenta-se a análise de cada um dos temas (unidades de registro) apresentadas para esta categoria.

Quadro 12 - Percepções sobre o Clube de Leitura ODS

Percepções sobre o Clube (Unidade de Registro)	Trechos da entrevista (Unidades de contexto)
Importância das temáticas	<p>E que a gente possa fazer parceria com esses professores e trabalhar essas temáticas que a gente sabe que é importante, né? Que estão aí pra serem discutidas. Pra ver as formas como dentro do nosso contexto a gente pode estar mudando alguma coisa de fato, né? Pequena, mas que faz diferença. (P.3)</p> <p>Acho que é essencial, né? Se tá nesse grupo dizendo que é importante, tem relevância, ganhou prêmios [...] São temas que as crianças precisam conhecer. É, e as crianças são o futuro, né? A gente tem que pensar nisso, como é relevante para fazer diferença futuramente, né? Essa literatura, um pouco mais robusta mesmo, né? Com mais qualidade, porque às vezes tem muitos livros bons, mas também tem muitos livros rasos assim, né? Porque não é porque é uma criança, que ela tem que ler o óbvio. Ela pode ler uma coisa para fazer ela pensar, entendeu? [...] Acho bem importante trabalhar essa questão, porque assim, é um tema bem abrangente e é uma questão da ONU, né? Não é uma questão de um órgão pequeno. É um órgão grande, de bastante importância para o mundo [...], mas acho que é bem importante, né? Essa questão da natureza, do movimento de igualdade de gênero, isso aí tudo é muito relevante. Não tem como dizer que não é relevante, né? (P.4)</p> <p>Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento [...] Fiquei contente de saber da existência dessa iniciativa, né? E a partir daí, vem todo um benefício de conhecer essa ferramenta. [...] são esses temas tão importantes, principalmente esses que eu selecionei que são da nossa realidade daqui da escola. (P.5)</p> <p>Eu acho que são temas bem interessantes, que podem estar enriquecendo a escola, o ambiente escolar, os estudantes, né? Tendo mais conhecimento sobre isso. E de alguma forma, claro, enriquecendo todo o conhecimento deles, né? (P.6)</p> <p>Enfim, eu acho interessante para justamente trazer essa outra visão que eu não tenho e contribuir com meu trabalho [...] Mas são obras interessantes que eu vejo que nossa! Olha só! Tem muito livro que eu nunca vi, tá? [...] Então assim, bem relevantes. (P.7)</p> <p>Eu esperaria que, tipo assim, um reforço com a gente, os bibliotecários, né? Porque muitas vezes o professor trabalha esses temas em sala de aula e a gente como bibliotecário não tem essa formação sobre temas assim. A gente acaba lendo ali na biblioteca, mas às vezes não aprofunda tanto [...] Quanto mais as crianças terem esse acesso e essa conscientização sobre esses temas, sobre esses assuntos que eles abordam, eu acho que é melhor assim, sabe? Porque daí eles vão levar para casa e eles vão entender e a gente também. Porque serve para todo mundo, né? Essas questões. (P.8)</p>
Um novo olhar sobre os livros (que já estavam sendo utilizados)	<p>Fiquei feliz que eu já estou trabalhando. Porque quando falava da questão dos ODS, eu pensava: “nossa, estou fazendo nada por isso. Ou não estou atendo nisso” [...], mas agora eu já sei, já sei que trabalho com as obras. Eu trabalhei sem saber, né? Trabalhei, mas não no intuito de “estou trabalhando o Clube ODS” [...] E me surpreendi até de saber que o trabalho que eu fiz foi super voltado mesmo para isso. (P.2)</p>

	<p>É, agora eu fiquei sabendo que essas obras fazem parte de algo maior, que são propositivas e que eu posso olhar para elas de uma outra maneira agora. (P.7)</p> <p>Eu lia, mas sem saber disso. Eu sabia, por exemplo, que estava trabalhando a temática do meio ambiente, mas não que isso fazia parte de um clube. (P.8)</p>
Desconhecimento do Clube/Necessidade de divulgação	<p>Mas assim eu fui conhecer os ODS porque você me mandou o questionário. Eu não conhecia. (P.1)</p> <p>É, eu não conhecia. Não sei se é porque eu não tô há muito tempo na área também. Estou bem afastada, sabe? Mas não conhecia, uma pena, né? (P.4)</p> <p>Eu acho que eu posso só finalizar dizendo assim, que eu não conhecia [<i>o Clube de Leitura ODS</i>], né? Mas quando eu aceitei fazer parte da tua pesquisa eu fui conhecer e achei interessante, achei importante. Fiquei contente de saber da existência dessa iniciativa, né? E a partir daí, vem todo um benefício de conhecer essa ferramenta. (P.5)</p> <p>O que que eu espero? Que a gente possa ter mais divulgação, eu acho. Porque é muito pouco conhecido isso. Também acho que são livros bem interessantes, né? Mas eu também achei interessante [...] Eu acho que a gente tinha que ter mais acesso a esses livros, mais divulgação sobre esses livros. Principalmente divulgação, porque a partir da divulgação, há um interesse [...] Eu acho que seria interessante fazer realmente alguma formação sobre essas ODS, porque nem todo mundo tem acesso, nem todo mundo sabe. E às vezes poderia estar trabalhando e fazendo um projeto interessante, mas que por desconhecimento, não faz. E pode até ter esse material lá, né? E são várias temáticas e cada um se interessa por uma ou por várias, enfim, mas aí vai do perfil de cada um, né? E acho que conhecimento é tudo. Então, quanto mais divulgar, mais você vai saber e mais você vai se interessar, porque eu não vou me interessar por algo que eu não conheço, né? [...] Eu acho que deveria ser mais divulgado também, né? Porque poucas pessoas conhecem e também não têm acesso a esse acervo, né? E que poderia estar de alguma forma contribuindo, até na escola, para todas essas temáticas, né? (P.6)</p> <p>Então, eu acho que eu ainda não conhecia esse clube. Eu conheço as obras, né? Eu vi que as obras a gente tem lá na biblioteca, mas eu não sabia que tinha esse clube [...] Eu até então desconhecia que tinha esse Clube e não sabia que esses livros faziam parte desse clube. (P.8)</p>
O nome do Clube confunde	<p>E aí o nome dele confunde muito. Confunde muito quando fala “clube da leitura”, parece que vão ser encontros em que as pessoas vão ler o livro, vão debater o livro, e não ser uma série de indicações de livros para trabalhar especificamente os ODS [...], e para desmistificar, porque o nome “clube de leitura ODS” confunde muitas pessoas. Inclusive tem colegas que quando foi enviado o questionário e tal, achavam que era tipo assim: “Ai, eu não participo desse clube da leitura. Eu não posso falar sobre, porque não tenho conhecimento” (P.2)</p> <p>Até quando eu vi ali na pesquisa “clube de leitura”, porque a gente tem um clube de leitura do município, dos autores catarinenses. Aí eu fiquei meio confusa, eu falei: “mas o que que é ODS? Vou ter que entender isso aqui, porque acho que eu não captei bem o que que é a temática” E aí eu entendi que é uma coisa mais abrangente e coisa e tal, né? (P.4)</p>
Conhecimento do Clube pela FEBAB	<p>Eu conheci primeiro de nome pela FEBAB, se eu não me engano, algo de rede social, algo de live, alguma coisa assim. (P.2)</p>

O Clube e o PNLD	<p>Tem um livro que eu vi ali [<i>nos livros do Clube de Leitura ODS</i>] que esse livro está no PNLD Literário, que se chama “Se os tubarões fossem homens”, que ele trata sobre o capitalismo, né? (P.1)</p> <p>Que bom que o MEC mandou alguns dos livros, né? A gente tem alguns porque o MEC mandou. (P.2)</p> <p>E foi enviado pelo próprio FNDE esse livro [<i>Direitos do Pequeno Leitor</i>]. Eu achei bem interessante. E lá na escola mesmo, não tinha nenhum deles lá no acervo da biblioteca, eles só chegaram através desse programa federal [...] Até desses livros que foram enviados, os últimos que a gente recebeu do FNDE, têm livros muito, muito legais. (P.6)</p> <p>Este livro [<i>Direitos do pequeno leitor</i>] eu conhecia, inclusive eu adquiri na pandemia. Depois eu vi que ele estava num acervo aqui. A gente pediu pelo PNLD Literário e nós temos ele na biblioteca [...] Muitos são do PNLD Literário, mas eu não tenho os outros não, tá? [...] Sabes que esse PNLD Literário foi uma escolha nossa, né? No PNLD Literário é feita uma escolha de cada escola a partir de um catálogo. (P.7)</p>
Receio em trabalhar com algumas temáticas	<p>Acho que a literatura é um caminho excelente pra isso, só que em tempo de tanta polarização, eu percebo também que a gente tem que tomar muito cuidado. Porque uma vez eu fui trabalhar sobre a questão de eleições assim, sobre política, né? Explicar como é que funcionava o sistema eleitoral. As crianças levaram para casa de outra forma, né? Então daí eu fui chamada, a diretora veio falar comigo, sabe? Que disseram que eu tava fazendo campanha eleitoral, mas eu não falei nada disso. Então tudo você tem que pensar também atualmente, hoje, como você vai trabalhar com eles? Porque eles distorcem tudo, sabe? E o produto final da família em si hoje, né? Que eu percebo que a interferência deles na escola é muito grande, né? Querem saber de tudo. “Por que que meu filho tá estudando isso? Isso é pertinente para ele estudar, por que que eu tenho que falar sobre esse livro?” Então, assim fica meio complicado, sabe? Tem coisas assim... mas a gente vai levando, sabe? Vai costurando. Tem um livro que eu vi ali [<i>nos livros do Clube de Leitura ODS</i>] que esse livro está no PNLD Literário, que se chama “Se os tubarões fossem homens”, que ele trata sobre o capitalismo, né? Eu estava vendo esse livro esse ano. Ele é um livro muito bom para trabalhar com os anos finais, né? Só que daí eu fiquei pensando: “Ai, meu deus, esse ano é ano de eleição, será que não vão levar para outro lado?” (P.1)</p>
“Texto não é pretexto”	<p>Então alguns livros eu fiz só a mediação, não teve um trabalho ou atividade depois, mas teve a mediação do livro. Eu gosto de por exemplo, assim, Celso Sisto é um autor que defende que texto não é pretexto. Tem gente que acha que o texto tem que ter pretexto, tem que explicar depois o que tu leu ou que tem que perguntar: “E aí, o que vocês entenderam? Vocês gostaram?” E isso morre um pouquinho nesse processo, então só a mediação de leitura às vezes é o suficiente [...] Então tem uns que a gente deixa que eles façam a absorção deles, do que eles ouviram, as próprias conclusões deles. E tem horas que a gente precisa mediar porque existem choques culturais e de criação de casa muito grande assim” (P.2)</p> <p>A literatura, eu vou ser bem sincera, a literatura... particularmente hoje, eu tenho um pouco mais de equilíbrio nessa questão. Mas eu não uso literatura ou o texto como pretexto. A literatura explícita para um tema. Por isso que, para mim, às vezes, eu tenho um pouco de resistência assim, de falar em tema e ligar com a literatura. Eu acho que a literatura ela trabalha diversos temas, mas agora escolher a literatura só como pretexto para trabalhar alguma coisa? Eu acho que a gente perde bastante nesse caminho. Ela trabalha tudo, ela trabalha tudo, né? Tudo é formação, formação humana. Mas se a gente fica apegado apenas aos textos, aí a</p>

	<p>gente também às vezes está afastando um pouco o leitor da... Não contribuindo para a formação do leitor literário, né? Quando fica apenas preso a temas. Não que ela não trabalhe [...] porque eu não costumo planejar depois uma atividade aqui [...] eu entendo também a literatura assim: às vezes tu vai ler alguma coisa ou tu escuta alguma coisa e tu não quer falar sobre isso, porque é chato. Eu acho chato falar: “Ah, o que que vocês entenderam da história? Qual é a parte que tu mais gostou?” Tu já tá tirando aquele trabalho que está acontecendo, está precipitando um trabalho que está acontecendo no interior da criança, porque às vezes ela não quer falar na hora. E às vezes ela não... E não é nada do que tu tá pensando: “Ah, eu vou trabalhar tal tema”. Por exemplo, do dia das mulheres. Tu pensa: “Ah, eu quero trabalhar tais coisas com elas”. Mas aí a criança na hora não tirou nada, nada do que tu estavas planejando na tua visão. Tu tens uma visão, a criança vai olhar por outro ângulo, né? Pela visão dela, pela vivência dela, ela vai perceber uma coisa que tu não viu [...] Mas eu prefiro essa forma orgânica. Eu digo que eu não tenho essa pretensão de ensinar nada. Eu tenho essa liberdade, não tenho um currículo para atingir com eles [...] também já faz bastante tempo que eu trouxe a leitura e não lembro de ter feito nenhuma discussão, porque não é o meu propósito. E nem sempre também nós temos um tempo para isso, porque eu tenho o empréstimo de livros e tudo, né? Depois que é feita a leitura. E aí o tempo não permite. É, agora eu fiquei sabendo que essas obras fazem parte de algo maior, que são propositivas e que eu posso olhar para elas de uma outra maneira agora. Não que eu vá trabalhar os temas, não vou me render a temas, mas que também tem esse olhar assim. E perceber talvez, como ela tem essa intenção... “Ela tem essa intenção” não, talvez o autor nem teve essa intenção. Tiveram essa intenção por ele, né? Porque às vezes, por exemplo, o Jean-Claude Alphen, ele teve lá a intenção dele, mas que às vezes não é a mesma dessa coisa maior. Mas é que eu posso olhar para elas e perceber o que vem também dos estudantes, né? Perceber com mais atenção essa discussão que pode vir ou não, né? (P.7)</p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nos dados da pesquisa

Análise do tema (unidade de registro): Importância das temáticas

A maioria dos participantes fez comentários expressando que veem como muito importantes as temáticas apresentadas no Clube de Leitura ODS por meio da literatura infantojuvenil, demonstrando interesse em trabalhar com as obras nas bibliotecas em que atuam:

E que a gente possa [...] trabalhar essas temáticas que a gente sabe que é importante, né? Que estão aí pra serem discutidas. Pra ver as formas como dentro do nosso contexto a gente pode estar mudando alguma coisa de fato, né? Pequena, mas que faz diferença. (P.3)

São temas que as crianças precisam conhecer. E as crianças são o futuro, né? A gente tem que pensar nisso, como é relevante para fazer diferença futuramente, né? Essa literatura, um pouco mais robusta mesmo, né? Com mais qualidade, porque às vezes tem muitos livros bons, mas também tem muitos livros rasos assim, né? Porque não é porque é uma criança, que ela tem que ler o óbvio. Ela pode ler uma coisa para fazer ela pensar, entendeu? [...] mas acho que é bem importante, né? Essa questão da natureza, do movimento de igualdade de gênero, isso aí tudo é muito relevante. Não tem como dizer que não é relevante, né? (P.4)

Fiquei contente de saber da existência dessa iniciativa, né? E a partir daí, vem todo um benefício de conhecer essa ferramenta. [...] são esses temas tão importantes,

principalmente esses que eu selecionei que são da nossa realidade daqui da escola. (P.5)

Eu acho que são temas bem interessantes, que podem estar enriquecendo a escola, o ambiente escolar, os estudantes, né? Tendo mais conhecimento sobre isso. E de alguma forma, claro, enriquecendo todo o conhecimento deles, né? (P.6)

Enfim, eu acho interessante para justamente trazer essa outra visão que eu não tenho e contribuir com meu trabalho. [...] mas são obras interessantes que eu vejo que “nossa!” [...] olha só! Tem muito livro que eu nunca vi, tá? [...] Então assim, bem relevantes. (P.7)

Quanto mais as crianças terem esse acesso e essa conscientização sobre esses temas, sobre esses assuntos que eles abordam, eu acho que é melhor assim, sabe? Porque daí eles vão levar para casa e eles vão entender e a gente também. Porque serve para todo mundo, né? Essas questões. (P.8)

O participante 4, além de comentar sobre a importância de as crianças terem contato com literaturas sobre os temas dos ODS, também falou sobre a credibilidade do Clube de Leitura ODS, por se tratar de uma iniciativa criada pela ONU e por selecionar livros que já receberam premiações dentro do universo da literatura infantojuvenil: *“Acho que é essencial, né? Se tá nesse grupo dizendo que é importante, tem relevância, ganhou prêmios [...], acho bem importante trabalhar essa questão, porque assim, é um tema bem abrangente e é uma questão da ONU, né? Não é uma questão de um órgão pequeno. É um órgão grande, de bastante importância para o mundo.”*

O participante 5, além de comentar sobre a importância de se conhecer o Clube de Leitura ODS como uma ferramenta para trabalhar estas temáticas, também exemplificou de que forma o Clube pode trazer uma orientação para o trabalho do bibliotecário: *“Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento.”* Assim, o Clube de Leitura poderia servir como um guia para trabalhar algum tema que se mostre necessário na comunidade escolar. No caso da problemática citada pelo participante, esta poderia ser resolvida por meio do acesso às obras categorizadas no ODS 6 – Água potável e saneamento, dentro do Clube de Leitura ODS. Conhecendo estas obras, seria possível, por exemplo, selecionar uma delas para realizar a mediação de leitura e uma posterior discussão sobre o tema.

Análise do tema (unidade de registro): Um novo olhar sobre os livros (que já estavam sendo utilizados)

Os participantes 2, 7 e 8 comentaram sobre a questão de poderem ter um olhar diferente sobre os livros pertencentes ao Clube de Leitura ODS que já estavam utilizando, agora sabendo que estes livros fazem parte de “algo maior”.

O participante 2 demonstrou contentamento em saber que, mesmo que indiretamente, já estava trabalhando em prol dos ODS por meio da mediação de leitura destes livros: *“Fiquei feliz que eu já estou trabalhando. Porque quando falava da questão dos ODS, eu pensava: “nossa, estou fazendo nada por isso. Ou não estou antenado nisso [...], mas agora eu já sei, já sei que trabalho com as obras. Eu trabalhei sem saber, né? Trabalhei, mas não no intuito de “estou trabalhando o Clube ODS”. [...] E me surpreendi até de saber que o trabalho que eu fiz foi super voltado mesmo para isso.”*

O participante 7 comentou que, conhecendo o Clube, agora pode olhar para estes livros e saber que eles estão trazendo uma proposta específica dentro de uma temática: *“É, agora eu fiquei sabendo que essas obras fazem parte de algo maior, que são propositivas e que eu posso olhar para elas de uma outra maneira agora.”*

O participante 8 relatou que, apesar de identificar as temáticas trabalhadas pelos livros, não sabia que estes faziam parte de uma seleção: *“Eu lia, mas sem saber disso. Eu sabia, por exemplo, que estava trabalhando a temática do meio ambiente, mas não que isso fazia parte de um clube.”* Com este novo conhecimento, de que as obras pertencem ao Clube de Leitura ODS, é possível ter ainda um entendimento maior da temática da obra, a partir do ODS no qual o livro está categorizado.

Análise do tema (unidade de registro): Desconhecimento do Clube/Necessidade de divulgação

A maioria dos participantes relatou não conhecer o Clube de Leitura ODS. Dentre os 8 participantes, apenas 1 afirmou conhecer o Clube. Seguem os relatos: *“[...] mas assim eu fui conhecer os ODS porque você me mandou o questionário. Eu não conhecia.”* (P.1); *“É, eu não conhecia. Não sei se é porque eu não tô há muito tempo na área também. Estou bem afastada, sabe? Mas não conhecia, uma pena, né?”* (P.4); *“Eu acho que eu posso só finalizar dizendo assim, que eu não conhecia [o Clube de Leitura ODS], né? Mas quando eu aceitei fazer parte da tua pesquisa eu fui conhecer e achei interessante, achei importante.”* (P.5); *“Então, eu acho que eu ainda não conhecia esse clube. Eu conheço as obras, né? Eu vi que as obras a gente*

tem lá na biblioteca, mas eu não sabia que tinha esse clube. [...] Eu até então desconhecía que tinha esse Clube e não sabia que esses livros faziam parte desse clube.” (P.8)

É possível notar pelos relatos que muitos dos participantes conheceram o Clube a partir do questionário desta pesquisa. É importante lembrar também que dos 19 participantes da pesquisa, apenas 3 afirmaram conhecê-lo. Quando o Clube foi lançado em 2021, houve divulgação no site da CBL e a FEBAB também divulgou em seu site e mídias sociais. No entanto, a notícia sobre o lançamento da iniciativa não parece ter gerado grande repercussão. Uma das possíveis causas deste desconhecimento pode dever-se ao próprio nome da iniciativa que, como será tratado adiante, causou confusão entre alguns participantes, que pensaram se tratar de um evento, para o qual seria necessário se inscrever ou algo parecido. Assim, a forma como a iniciativa foi divulgada pode ter afetado a repercussão da divulgação. Em relação a isso, o participante 6 expressou a necessidade de maiores divulgações da iniciativa:

Eu espero que possa ter mais divulgação, eu acho. Porque é muito pouco conhecido isso. Também acho que são livros bem interessantes, né? Mas eu também achei interessante. [...] eu acho que a gente tinha que ter mais acesso a esses livros, mais divulgação sobre esses livros. Principalmente divulgação, porque a partir da divulgação, há um interesse. [...] eu acho que seria interessante fazer realmente alguma formação sobre essas ODS, porque nem todo mundo tem acesso, nem todo mundo sabe. E às vezes poderia estar trabalhando e fazendo um projeto interessante, mas que por desconhecimento, não faz. E pode até ter esse material lá, né? E são várias temáticas e cada um se interessa por uma ou por várias, enfim, mas aí vai do perfil de cada um, né? E acho que conhecimento é tudo. Então, quanto mais divulgar, mais você vai saber e mais você vai se interessar, porque eu não vou me interessar por algo que eu não conheço, né? [...] Eu acho que deveria ser mais divulgado também, né? Porque poucas pessoas conhecem e também não têm acesso a esse acervo, né? E que poderia estar de alguma forma contribuindo, até na escola, para todas essas temáticas, né?

Dessa maneira, acredita-se que seja necessária a criação de outras formas de divulgar o Clube, ainda pelos mesmos canais, mas utilizando-se de chamadas que deixem claro do que se trata a iniciativa. Assim, mais bibliotecários e outros profissionais poderão conhecer e se beneficiar desta ferramenta.

Análise do tema (unidade de registro): Conhecimento do Clube pela FEBAB

O participante 2 foi o único a afirmar que já conhecia o Clube de Leitura ODS. O participante relatou que conheceu o Clube por meio da FEBAB: *“Eu conheci primeiro de nome pela FEBAB, se eu não me engano, algo de rede social, algo de live, alguma coisa assim.”* Vê-se então a importância da FEBAB para o Clube de Leitura ODS no Brasil pois, além de ser a

instituição responsável pela elaboração do catálogo das obras brasileiras, também contribuiu com a divulgação do Clube, com postagens em seu site e mídias sociais.

Essa colaboração da FEBAB é fundamental para ampliar o alcance do projeto, pois através de sua rede de associados, a FEBAB fortalece a troca de experiências e o fomento do hábito da leitura. Essa sinergia entre a FEBAB e o Clube de Leitura ODS não só potencializa o impacto do projeto, mas também reforça o papel das bibliotecas como espaços de formação e de cidadania ativa.

Análise do tema (unidade de registro): O nome do Clube confunde

Os participantes 2 e 4 relataram que o nome “Clube de Leitura” ODS gerou certa confusão, pois eles e outros bibliotecários, como relatam, pensaram que a iniciativa se tratava literalmente de um clube de leitura, no qual as pessoas se encontram para debater sobre livros:

E aí o nome dele confunde muito. Confunde muito quando fala “clube da leitura”, parece que vão ser encontros em que as pessoas vão ler o livro, vão debater o livro, e não ser uma série de indicações de livros para trabalhar especificamente os ODS. [...] e para desmistificar, porque o nome “clube de leitura ODS” confunde muitas pessoas. Inclusive tem colegas que quando foi enviado o questionário e tal, achavam que era tipo assim: “Ai, eu não participo desse clube da leitura. Eu não posso falar sobre, porque não tenho conhecimento” (P.2)

Até quando eu vi ali na pesquisa “clube de leitura”, porque a gente tem um clube de leitura do município, dos autores catarinenses. Aí eu fiquei meio confusa, eu falei: “mas o que que é ODS? Vou ter que entender isso aqui, porque acho que eu não captei bem o que que é a temática” E aí eu entendi que é uma coisa mais abrangente e coisa e tal, né? (P.4)

Além disso, nas respostas do questionário desta pesquisa, acredita-se que um dos participantes também se confundiu com o nome, pensando se tratar do projeto “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco”, o qual é desenvolvido pela DIBEC, com parceria entre bibliotecários, professores e autores na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Como apresentado na análise do questionário, o participante afirmou: *“Clube de Leitura é extremamente relevante na rede Municipal Educação e para as bibliotecas escolares, pois proporciona acesso à literatura e cultura local.”*

Vale lembrar que, como citado no referencial teórico deste trabalho, após o início da pandemia em 2020, a ONU divulgou um guia para a realização de clubes de leitura on-line, com a lista das obras do Clube de Leitura ODS como sugestões de leitura. Isso pode explicar o motivo da escolha deste nome para a iniciativa, cuja criação possivelmente foi pensada para sua utilização em clubes de leitura.

Análise do tema (unidade de registro): O Clube e o PNLD

Alguns livros brasileiros do Clube de Leitura ODS estão vinculados a uma das principais políticas públicas de leitura no país: o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que entre suas funções, está a distribuição gratuita de livros de literatura para as escolas públicas. O PNLD é um programa do Ministério da Educação (MEC) e possui como responsável por sua operacionalização o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (Brasil, 2018). De acordo com um levantamento realizado por Bamberg *et al.* (2024), 37 das 175 obras brasileiras do Clube de Leitura ODS fazem parte do PNLD Literário.

Mesmo não havendo perguntas na entrevista relacionadas ao PNLD, o assunto surgiu espontaneamente nos discursos de alguns participantes, que demonstraram valorizar esta política pública, ao reconhecer que alguns livros do Clube estão presentes nas bibliotecas graças a este programa:

Tem um livro que eu vi ali [nos livros do Clube de Leitura ODS] que esse livro está no PNLD Literário, que se chama “Se os tubarões fossem homens”, que ele trata sobre o capitalismo, né? (P.1)

Que bom que o MEC mandou alguns dos livros, né? A gente tem alguns porque o MEC mandou. (P.2)

E lá na escola mesmo, não tinha nenhum deles lá no acervo da biblioteca, eles só chegaram através desse programa federal. [...] Até desses livros que foram enviados, os últimos que a gente recebeu do FNDE, têm livros muito, muito legais. (P.6)

Este livro [Direitos do pequeno leitor] eu conhecia, inclusive eu adquiri na pandemia. Depois eu vi que ele estava num acervo aqui. A gente pediu pelo PNLD Literário e nós temos ele na biblioteca. [...] Muitos são do PNLD Literário, mas eu não tenho os outros não, tá? [...] Sabes que esse PNLD Literário foi uma escolha nossa, né? No PNLD Literário é feita uma escolha de cada escola a partir de um catálogo. (P.7)

Como exposto na seção de levantamento documental das obras do Clube presentes nas bibliotecas escolares da RMEF, mais da metade destas foram recebidas pelo PNLD (dos 43 títulos encontrados na rede, 26 foram entregues pelo programa). Assim, essa importante política pública de leitura vem contribuindo também para a disseminação das obras do Clube de Leitura ODS nas escolas.

Análise do tema (unidade de registro): Receio em trabalhar com algumas temáticas

Ao ser questionado sobre as possíveis formas de a biblioteca escolar trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030, o participante 1 respondeu que seria por meio da literatura, porém que existe um certo receio em trabalhar com algumas temáticas tratadas nos livros, pois o participante relatou já ter realizado uma atividade na biblioteca que foi mal interpretada pelas famílias de alguns estudantes:

Acho que a literatura é um caminho excelente pra isso, só que em tempo de tanta polarização, eu percebo também que a gente tem que tomar muito cuidado. Porque uma vez eu fui trabalhar sobre a questão de eleições assim, sobre política, né? Explicar como é que funcionava o sistema eleitoral. As crianças levaram para casa de outra forma, né? Então daí eu fui chamada, a diretora veio falar comigo, sabe? Que disseram que eu tava fazendo campanha eleitoral, mas eu não falei nada disso. Então tudo você tem que pensar também atualmente, hoje, como você vai trabalhar com eles? Porque eles distorcem tudo, sabe? E o produto final da família em si hoje, né? Que eu percebo que a interferência deles na escola é muito grande, né? Querem saber de tudo. “Por que que meu filho tá estudando isso? Isso é pertinente para ele estudar, por que que eu tenho que falar sobre esse livro?” Então, assim fica meio complicado, sabe? Tem coisas assim... mas a gente vai levando, sabe? Vai costurando. Tem um livro que eu vi ali [nos livros do Clube de Leitura ODS] que esse livro está no PNLD Literário, que se chama “Se os tubarões fossem homens”, que ele trata sobre o capitalismo, né? Eu estava vendo esse livro esse ano. Ele é um livro muito bom para trabalhar com os anos finais, né? Só que daí eu fiquei pensando: “Ai, meu deus, esse ano é ano de eleição, será que não vão levar para outro lado?” (P.1)

Desse modo, o participante expressa que é preciso ter muito cuidado ao tratar de alguns temas com as crianças, pois as famílias podem interpretar as atividades propostas de uma forma diferente do que foi apresentado.

O participante cita também um livro do Clube de Leitura ODS, o qual este considera “*um livro muito bom para trabalhar com os anos finais*”. Entretanto, o participante expressa receio em utilizar o livro, pois teme ter novamente uma atividade mal interpretada pelas famílias. Tratasse do livro “Se os tubarões fossem homens”, de Bertolt Brecht. Este inicia o livro com a seguinte pergunta: “Se os tubarões fossem homens, seriam eles mais amáveis para com os peixinhos?” e a partir disso são apresentadas metáforas que ilustram o funcionamento do sistema capitalista, nas quais a classe dominante é representada pelos tubarões e a classe trabalhadora é representada pelos peixinhos.

O livro traz uma reflexão necessária sobre o modo de organização do capitalismo, retratando que este é fundamentado em relações de opressão, em que os trabalhadores são explorados pela classe dominante. Leituras como essa são importantes para ampliar a visão das crianças sobre as formas de organização da sociedade e não podem ser censuradas.

Nos últimos anos, não só o Brasil, mas o mundo tem vivido uma onda de censura cultural, que tem entre seus principais alvos a literatura infantojuvenil (Lins, 2024), o que afeta diretamente o trabalho do bibliotecário. Como o participante relatou na sua própria experiência, o bibliotecário pode sentir receio em realizar a mediação de leitura de algumas obras, por medo de sofrer censura, seja de forma oficial ou simbólica, através da repressão vinda de famílias dos estudantes ou da própria escola. Por isso, é importante que se trave uma luta constante contra a censura, na qual o acesso à informação deve prevalecer.

Análise do tema (unidade de registro): “Texto não é pretexto”

Dois participantes, ao compartilharem suas visões sobre a literatura na biblioteca, utilizaram da expressão “texto não é pretexto” para expressar a ideia de que a literatura não precisa necessariamente ensinar algo ou trabalhar um tema específico (diferente do que o Clube de Leitura ODS parece propor, num primeiro momento. Mas voltaremos a esse assunto na conclusão desta seção).

O participante 2 utilizou da expressão no seguinte contexto: *“Então alguns livros eu fiz só a mediação, não teve um trabalho ou atividade depois, mas teve a mediação do livro. Eu gosto de, por exemplo, assim, Celso Sisto é um autor que defende que texto não é pretexto. Tem gente que acha que o texto tem que ter pretexto, tem que explicar depois o que tu leu ou que tem que perguntar: “E aí, o que vocês entenderam? Vocês gostaram?” E isso morre um pouquinho nesse processo, então só a mediação de leitura às vezes é o suficiente [...] então tem uns que a gente deixa que eles façam a absorção deles, do que eles ouviram, as próprias conclusões deles. E tem horas que a gente precisa mediar porque existem choques culturais e de criação de casa muito grande assim”*. Assim, o participante relatou que, dependendo do livro, contar a história para as crianças já é suficiente, sendo necessário deixar que as crianças tirem suas próprias conclusões. Já em outros momentos, é preciso haver a mediação de uma discussão sobre o tema do livro depois da história, por tratar de assuntos que geram debates entre os estudantes. O participante citou ainda momentos em que a leitura precisa ser utilizada para tratar de temas específicos, de modo a auxiliar a mediação de situações na escola, por exemplo. Ao citar o exemplo de uma turma na qual precisou se utilizar da literatura para mediar conflitos, o participante afirmou: *“E aí tinha que ser ‘texto é pretexto’ mesmo pra essas turmas, porque tinha que trazer muito para o dia a dia deles essas situações.”* Assim, o participante expressa que a forma como a literatura será utilizada depende do contexto.

O participante 7 relatou que prefere trabalhar sempre com a ideia de texto não ser pretexto, como é possível perceber no discurso a seguir: *“A literatura, eu vou ser bem sincera, a literatura... particularmente hoje, eu tenho um pouco mais de equilíbrio nessa questão. Mas eu não uso literatura ou o texto como pretexto. A literatura explícita para um tema. Por isso que, para mim, às vezes, eu tenho um pouco de resistência assim, de falar em tema e ligar com a literatura. Eu acho que a literatura ela trabalha diversos temas, mas agora escolher a literatura só como pretexto para trabalhar alguma coisa? Eu acho que a gente perde bastante nesse caminho. Ela trabalha tudo, ela trabalha tudo, né? Tudo é formação, formação humana. Mas se a gente fica apegado apenas aos textos, aí a gente também às vezes está afastando um pouco o leitor da... Não contribuindo para a formação do leitor literário, né? Quando fica*

apenas preso a temas. Não que ela não trabalhe. [...] Porque eu não costumo planejar depois uma atividade aqui. [...] Eu entendo também a literatura assim: às vezes tu vai ler alguma coisa ou tu escuta alguma coisa e tu não quer falar sobre isso, porque é chato. Eu acho chato falar: “Ah, o que que vocês entenderam da história? Qual é a parte que tu mais gostou?” Tu já tá tirando aquele trabalho que está acontecendo, está precipitando um trabalho que está acontecendo no interior da criança, porque às vezes ela não quer falar na hora. E às vezes ela não... E não é nada do que tu tá pensando: “Ah, eu vou trabalhar tal tema”. Por exemplo, do dia das mulheres. Tu pensa “Ah, eu quero trabalhar tais coisas com elas”. Mas aí a criança na hora não tirou nada, nada do que tu estavas planejando na tua visão. Tu tens uma visão, a criança vai olhar por outro ângulo, né? Pela visão dela, pela vivência dela, ela vai perceber uma coisa que tu não viu. [...] Mas eu prefiro essa forma orgânica. Eu digo que eu não tenho essa pretensão de ensinar nada. Eu tenho essa liberdade, não tenho um currículo para atingir com eles. [...]”

Assim, o participante demonstrou resistência em trabalhar temas por meio da literatura e complementou este pensando dizendo que: *“E nem sempre também nós temos um tempo para isso, porque eu tenho o empréstimo de livros e tudo, né? Depois que é feita a leitura. E aí o tempo não permite.”* Essa é uma questão interessante e que reflete a realidade do cotidiano de muitas bibliotecas escolares, já que as demandas são diversas, a rotina escolar é muito intensa e nem sempre sobra tempo para uma discussão sobre as temáticas tratadas nas histórias, pois é necessário realizar também o empréstimo de livros. Para tanto, é possível pensar em alternativas para estes momentos, nos quais pode-se fazer, por exemplo, um revezamento entre semanas com empréstimos e sem discussão sobre o livro; e semanas sem empréstimos e com discussão sobre o livro.

Voltando ao tema “texto não é pretexto”, o autor Celso Sisto, citado pelo participante 2, apesar de defender esta ideia e de lembrar do cuidado que é preciso tomar para não reduzir o texto ao utilitarismo (Sisto, 2005), baseia-se na supracitada autora Marisa Lajolo, que décadas atrás vinha discutindo sobre esta ideia. Em seu ensaio intitulado “Texto não é pretexto”, de 1982, Lajolo afirma que:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato da escritura. No entanto, sua presença na escola cumpre funções várias e nem sempre confessáveis, frequentemente discutíveis, só às vezes interessantes. (Lajolo, 1982, p. 52)

Neste ensaio, a autora afirma ainda que na escola “o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo” (Lajolo, 1982, p. 53)”. Contudo, é

importante ressaltar que, décadas depois, em 2009, Lajolo revisitou e repensou este ensaio, quando publicou o capítulo de livro intitulado “O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?”. Neste texto, a autora esclarece a sua visão de que o texto não deveria ser pretexto num sentido de este não ser reduzido ao ensino de regras gramaticais e ortográficas ou para impor valores éticos e morais, seguindo uma tradição utilitarista que utiliza o texto para além do seu contexto literário (Lajolo, 2009). A autora complementa seu ensaio publicado em 1982, ao afirmar que “o texto não é pretexto, é contexto” (Lajolo, 2009, p. 112). Assim, o texto pode ser trabalhado na escola tendo-se como horizonte seu uso social, por meio de ações organizadas em torno de um contexto, lembrando que a leitura é sempre contextual.

É importante lembrar que, como relatado no referencial conceitual da pesquisa, a FNLIJ, instituição responsável pela seleção dos livros para compor o Clube no Brasil, buscou esclarecer antecipadamente essa questão. No catálogo do Clube de Leitura ODS brasileiro, a Fundação afirma que apesar de o Clube dividir as obras por eixos temáticos, este não implica numa visão utilitarista destas, pois os ODS nos quais as obras estão categorizadas não se apresentam como limitadores, mas sim como possíveis caminhos para debates com as crianças e jovens (Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa, 2021).

7.3.2 Contextualização da realidade a partir dos discursos dos/as entrevistado/as

No decorrer da pesquisa, os bibliotecários discursaram sobre várias questões de seus cotidianos, que refletem a realidade das bibliotecas escolares da RMEF, sem estarem relacionadas ao Clube de Leitura ODS. Aqui foram analisados alguns trechos das entrevistas relacionados à visão dos bibliotecários sobre o sentido da biblioteca escolar, seus fazeres como bibliotecários, as atividades desenvolvidas pela biblioteca, bem como a interação dos estudantes e dos professores com estas atividades. Essas questões podem contribuir para a compreensão da realidade do dia a dia do trabalho destes bibliotecários, de modo que o produto da pesquisa esteja adequado a esta realidade.

7.3.2.1 O sentido da biblioteca escolar na visão dos bibliotecários

Apesar de não ser o foco das perguntas da entrevista, um tema recorrente que apareceu nos discursos dos participantes, foi o sentido da biblioteca dentro do contexto escolar. A maioria dos entrevistados que abordaram esse tema, expressaram a opinião de que a biblioteca traz algo

diferente da sala de aula e que conteúdos são trabalhados apenas quando solicitado por algum professor. Ou seja, as histórias contadas na biblioteca, por exemplo, não precisam estar diretamente relacionadas ao conteúdo lecionado na sala de aula, como é possível perceber nos seguintes trechos:

Difícilmente eu vou fazer algo relacionado com a aula, é só se o professor me pedir mesmo. Eu gosto de ler coisas bem aleatórias, esporádicas, sabe? Explorando muitas outras coisas. (P.1)

E a ideia é que não esteja atrelado ao conteúdo de sala de aula... em alguns momentos, está atrelado. Ah, estamos trabalhando poesia, estamos trabalhando fábulas, estamos trabalhando contos. Ou quando algum professor solicita: “[Nome do participante], nós vamos trabalhar sobre fábulas, tem como contar uma fábula para eles? Tem como tu separar os livros de fábula?” A gente bota nas mesas para eles poderem explorar o material. (P.2)

Aqui na biblioteca eu defendo muito que não vai ser chato. Então por isso que não dá pra gente ficar na sala de aula só falando de ‘fruta, fruta, fruta’, e aí chega aqui [na biblioteca], eu trabalho, ‘fruta, fruta, fruta, fruta’. Eu gosto também de diversificar o que eles estão vendo em sala de aula, de trazer algo diferente. Por isso também que é orgânico e não tem essa obrigação de fechar, de casar. (P.3)

Assim, as atividades na biblioteca escolar trazem algo diferente em relação ao conteúdo trabalhado na sala de aula, promovendo certa dinamicidade para o contexto escolar, em que literaturas podem ser trabalhadas sem seguir uma ordem dentro de um currículo, sendo um diferencial na rotina das crianças. Estas atividades podem incentivar o gosto pela leitura e trazer relações com assuntos de seu cotidiano no ambiente escolar ou familiar, o que também corrobora com o aprendizado da criança. Quanto a isso, Almeida Júnior (2018) aponta que diferente da sua atribuição na sala de aula, a leitura ultrapassa o sentido de uma simples decodificação de palavras, ao realizar-se um bom trabalho de mediação na biblioteca, através da atribuição de significados. Lankes (2016, p. 74) defende que o bibliotecário pode realizar seu trabalho “livre das restrições e dos limites do ‘ensino’ demasiadamente estruturado, comprovado e unilateral”.

Apenas um dos participantes expressou uma visão contrária sobre o assunto, pois para este participante, tudo o que é realizado na biblioteca, deve estar atrelado ao conteúdo da sala de aula, como é possível verificar em seu discurso: *“Então, os professores me viam como alguém... principalmente os dos anos iniciais, não todos, claro... mas como alguém que era obrigada a fazer contação de história, passar vídeo na biblioteca, coisa que eu não sou obrigada e que eu não acho algo que vai valer a pena. Eu passar um vídeo na biblioteca pra quê? Por quê? Eu até posso fazer isso, mas ele tem que estar ligado de alguma maneira ao conteúdo que está sendo dado em sala. De alguma forma tem que estar linkado, tem que ter um*

sentido... E não por simplesmente “Ah, agora vai lá para biblioteca, vai lá assistir um vídeo ou vai lá ouvir história”. Sabe?” (P.6)

Este mesmo participante afirmou ter um perfil muito mais técnico, focando na catalogação e empréstimo dos livros, e que dificilmente realiza atividades de mediação de leitura com os estudantes. Esta visão de que a biblioteca deve estar atrelada totalmente ao conteúdo de sala de aula não parece estar adequada à realidade das bibliotecas escolares da rede, nas quais a equipe é formada geralmente por no máximo duas pessoas (um bibliotecário e um assistente de biblioteca) e cada turma possui um horário semanal na biblioteca. Considerando que cada turma trabalha sobre um conteúdo diferente, toda semana teriam que ser desenvolvidas dezenas de atividades diferentes, de acordo com o conteúdo de cada turma. Assim, a biblioteca seria apenas uma extensão da sala de aula, tendo um foco muito mais pedagógico, o que poderia ofuscar seu papel de incentivo à leitura pelo prazer, pelo deleite, pelo encantamento e o lúdico.

Dois participantes mencionaram a importância de não trabalhar alguns temas somente em suas datas “comemorativas”, como as questões raciais ou indígenas, mas ao decorrer de todo o ano:

Porque tem gente que trabalha algumas temáticas só em períodos específicos. As histórias, não. Elas podem surgir a qualquer momento. Eu gosto disso. Por exemplo, eu não espero novembro para trabalhar a questão racial, eu trabalho durante o ano todo. A questão indígena também. Não é uma data que vai determinar o que eu vou trabalhar ou não, porque se não acaba se tornando isso também, é passar a data e esquece o tema. (P.2)

Mas eu faço muito, por exemplo, tem a temática indígena e EREER [Educação para as Relações Étnico-raciais]. Eu não trabalho só naquela semana. Tipo, agora abril, que é dia dos povos indígenas. Não. É todo o ano, porque eu faço um crivo e eu já separo algumas coisas na mesa para eles, né? Eu já separo sempre uma literatura africana, uma literatura indígena. Eu não foco só na época que tem que focar nisso, entendeu? Durante o ano eu vou trabalhando, entendeu? (P.4)

A discussão sobre o trabalho de temáticas somente em datas “comemorativas” ultrapassa a biblioteca escolar, sendo uma questão que vem sendo debatida no âmbito da Educação num geral. Segundo Bakke (2011, p. 86) ao tratar-se destes temas somente em eventos nas suas datas comemorativas, esses momentos acabam se tornando apenas “cortes temporários no tempo e na prática escolar, em que se discute um assunto, antes não abordado, para voltar a abandoná-lo no restante do ano letivo.” Percebe-se então a importância de se tratar destas temáticas ao decorrer de todo o processo escolar, como relataram fazer estes dois participantes, ao não esperar pela data, para tratar de temáticas tão importantes, como a questão indígena e racial.

O participante 7 trouxe à tona uma questão importante: o fato de as bibliotecas escolares da RMEF serem não apenas escolares, mas também comunitárias. Apesar de o próprio nome da DIBEC (Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias) deixar claro que as bibliotecas da rede são também comunitárias, essa característica parece ficar um pouco esquecida, de acordo com o relato do participante:

Nós temos um “Café literário”, em que a gente chama todo ano os pais para ouvirem uma história, que daí um momento só para os pais. E aí tem contação de história, tem café, e é dentro da biblioteca. E daí a gente tenta aproximar esses pais e abrir a biblioteca para a comunidade, porque as bibliotecas do município, além de elas serem escolares, elas são comunitárias. Ou deveriam ser. E eu levo bem a sério assim. Até mudamos a sala, antes era no primeiro piso, agora é no térreo. E eu faço questão que os pais visitem. Eles podem montar uma sacola com 10 livros e ficar 15 dias na casa. Aí o adulto vem aqui escolher com as crianças ou sozinho. Levam tanto literatura infantil, quanto outras literaturas, levam gibis. Levam uma sacola com 10. Vou dizer que não tem tanta procura, né? Tem isso, cada um com seu tempo também, com as suas ocupações. Às vezes não têm tanto essa cultura de entrar na escola, né? Às vezes a comunidade fica um pouco fora, literalmente. Mas é uma busca.

Assim, como forma de evidenciar o caráter comunitário da biblioteca, o participante 7 busca formas de aproximar a comunidade da biblioteca, começando com um contato com as famílias dos estudantes. Dentre as estratégias utilizados pelo participante estão ações como encontros com os pais na biblioteca (com café e apresentações culturais) e empréstimos de diversos materiais com prazo estendido. O participante diz não haver tanta procura por esses serviços, mas acredita-se que esta busca constante pelo exercício do caráter comunitário da biblioteca deve trazer bons frutos para as famílias que dela compartilham.

A importância do envolvimento das famílias para a formação dos estudantes como leitores também foi citada por alguns participantes. O participante 4 disse que busca acompanhar como tem sido a leitura do livro que as crianças levam para casa, perguntando para as crianças menores quem leu a história para elas em casa, por exemplo.

Os participantes 5 e 7 relatam que a participação da família é essencial para a formação do leitor e que o trabalho da biblioteca pode inclusive incentivar que as famílias leiam mais:

Eu acho que vai além da criança ler. Vai pra família ou poliniza o trabalho de incentivo à leitura. [...] Então a gente tem que estimular isso neles, de ser normal, das famílias participarem também desse letramento literário, de ter o costume ler um livro pequenininho à noite, de ler uma reportagem, né? [...] Para a cidadania das crianças e muitas vezes dos adultos que estão em casa, né? Da família, dos cuidadores, né? (P.5)

E fora isso, como a gente trabalha na biblioteca escolar, a gente faz também um trabalho com as famílias, porque a gente não contribui para a formação do leitor sozinho. Então, a gente faz esse trabalho com a família. Nós temos um “Café literário”, em que a gente chama todo ano os pais para ouvirem uma história, que daí um momento só para os pais. E aí tem contação de história, tem café, e é dentro da biblioteca. (P.7)

Dessa forma, é importante buscar também este vínculo com as famílias dos estudantes, de modo que estas também possam contribuir com suas formações como leitores, pois a educação é construída a partir da parceria entre estudante, escola e família e todos são responsáveis por este processo.

Durante a entrevista com o participante 5, este precisou atender um estudante que foi na biblioteca devolver um livro antes do prazo de devolução. Ao retornar para a entrevista, o participante disse: *“Desculpa, meu bem. Fizeram uma devolução antecipada aqui. Deixa na mochila, uma hora vai ler o livro. Eu tenho mais medo de eles não lerem do que deles perderem o livro. [...] Mas se ele [o livro] está passeando, eu prefiro que ele fique lá, porque vai que uma hora ele vai tirar o dever ou alguma coisa de dentro da mochila e vê o livro, passa o olho... Então deixa ele aí, não me devolve!”* Pela reação do participante, deu-se a entender que o estudante provavelmente devolveu o livro sem ler. E então o participante expressou de forma breve que sua prioridade na biblioteca é a sua comunidade, e não o acervo, principalmente no trecho em que diz: *“Eu tenho mais medo de eles não lerem do que deles perderem o livro.”* Assim, o participante demonstra que a prioridade da biblioteca é garantir o acesso e o contato do interagente com a leitura, pois o simples fato de ele estar levando o livro na mochila, pode incentivá-lo a ler, por este estar acessível. Se o estudante devolve o livro antes e sem ler, apesar de estar garantindo que o acervo da biblioteca não se perca, este está apenas pegando o livro emprestado por obrigação, deixando de desenvolver o hábito da leitura.

Ainda sobre o cotidiano das bibliotecas escolares, o participante 4 relata que existem certas dificuldades em relação ao espaço físico da biblioteca, que também serve como sala de aula:

A nossa situação da escola é a seguinte: a escola é muito pequena, então o espaço da biblioteca também é usado como sala de aula. Então eu tenho os horários de biblioteca das crianças, mas paralelo ela tem esses horários que é ocupada como sala de aula, como oficina. Porque lá é turno integral na escola. E a escola é muito pequena, é uma escola que falta salas, que a gente tá aguardando uma ampliação. Então, daria para fazer coisas melhores ainda se tivesse mais espaço físico na biblioteca e também mais tempo disponível para recebê-los.

Como o participante relata, o trabalho desenvolvido na biblioteca poderia ser ainda melhor se houvesse um espaço adequado, com mais tempo disponível para as atividades do bibliotecário com as crianças. Além de ser essencial que a biblioteca tenha um espaço adequado para o desenvolvimento das atividades com sua comunidade, a presença do bibliotecário também é indispensável, como veremos na próxima seção.

7.3.2.2 Atuação do bibliotecário

Os participantes 4 e 5 relataram que as escolas em que atuam ficaram anos sem a presença de um bibliotecário, antes de suas chegadas:

Porque a gente teve uma colega da rede, a [Nome da bibliotecária], que hoje ela fica no DIBEC, ali na Ferreira Lima. Ela foi bibliotecária da [Nome da EBM], mas faz uns 15 anos atrás, então faz muito tempo que teve bibliotecária na [Nome da EBM]. [...] E aí ficou esse tempo todo sem ter ninguém, então foi um ganho para a unidade, sabe? Que nem agora eu vou sair [de licença maternidade], vai ter uma professora readaptada que veio para a nossa unidade [para me substituir] e aí eu falei pra ela pelo menos garantir os empréstimos, sabe? Para que as crianças não fiquem sem levar livro, porque tem criança que só tem acesso ao livro ali na escola. Que não pare isso, sabe? Porque são seis meses fora da escola, então é bastante tempo, né? (P.4)

Tinha uma bibliotecária antes de 2004 a 2010, aí ela se removeu e ninguém mais veio para cá, até 2022. Aí esporadicamente eles colocavam um estagiário aqui, né? Nada muito... Não é a mesma coisa, né? (P.5)

Os dois participantes relataram sobre a diferença que seus trabalhos fazem para a biblioteca e o tanto que a comunidade escolar, em especial os professores, valorizam esse trabalho. A participante 4 demonstra preocupação com o trabalho que será realizado por uma professora readaptada durante seu período de licença maternidade, relatando que pediu “*pra ela pelo menos garantir o empréstimo*”, pois como relatado anteriormente pela participante, algumas crianças só têm acesso ao livro pela biblioteca e é essencial que este acesso não seja interrompido.

O participante 5 relata que enquanto não era contratado um bibliotecário, esporadicamente “*colocavam um estagiário*”, mas que “*não é a mesma coisa, né?*”, pois sabemos que por mais capacitado que um estagiário seja, a presença do bibliotecário nas bibliotecas é essencial e indispensável, como retrata a Lei 12.244/10. Esta dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país e exige que toda biblioteca escolar possua um bibliotecário que, conforme a Lei 4.084, precisa ser bacharel em Biblioteconomia para exercer o cargo.

Ainda sobre o fazer do bibliotecário, os participantes 1 e 6 expressaram que é preciso sempre diferenciar o papel do bibliotecário do papel do professor, não sendo o bibliotecário responsável pela turma de estudantes presente na biblioteca em determinado horário, sendo a presença do professor indispensável junto com a turma:

Nenhuma turma vai sem professor. Nós não somos responsáveis por isso, né? Como a gente não está na educação... Só vou fazer um parêntese assim: a prefeitura coloca a gente num outro quadro, não coloca a gente no quadro do magistério, então o professor, ele é regente da turma. A gente não tem regência, então a gente não pode ficar com a turma. Então a gente está ali só pra atender, fazer esse atendimento. (P.1)

Então, eu não sou professora, eu não sou pedagoga, eu não tenho regência de classe, eu não tenho formação para estar dando aula para uma turma na biblioteca. (P.6)

Assim, com a parceria do professor, que orienta a turma e conhece melhor os estudantes, o bibliotecário pode realizar o atendimento, mediações de leitura e outras atividades com os estudantes de maneira mais organizada e eficaz, num trabalho constante de parceria. Sobre isso, o participante 6 fez ainda um desabafo, sobre situações em que sentiu que essa linha foi ultrapassada no seu trabalho, dentro da realidade do serviço público:

Assim, o público tem algumas coisas que deixam muito a desejar, então acabam criando certos vícios que são muito ruins. E o fato de tu ser funcionária pública te dá certas regalias que, como gestor ou como outros profissionais, não é muito bom. E eles acabam, digamos que sendo meio folgados, sabe? No sentido de achar que tu tem que fazer certas coisas ou que pelo fato de tu estar na biblioteca, tu te isenta. E na verdade é uma parceria, né? Biblioteca e sala de aula. E isso se confunde muito na escola, no ambiente escolar, mas se tu tem uma gestão, uma equipe pedagógica que vai conduzindo isso de uma outra forma, muda muito. [...] Então, assim, isso eu sempre reclamei. Eu sempre questionei. Só que assim, é muito largado, então fica muito a desejar em certos pontos o fato de ser público, sabe?

Os participantes 1 e 6 expressaram também não se identificar com o termo “contador de história”, papel que muitos bibliotecários têm assumido nas bibliotecas escolares nos últimos anos:

Eu deixo bem claro que eu não sou contadora de história. Eu só sou mediadora. Eu não me fantasio, não faço nada assim, sabe? É a minha percepção de trabalho, mas é eu, cada um é cada um, né? Eu gosto mais da questão de ler o livro, sabe? De interagir assim dessa forma com eles. [...] Só que como eles têm uma expectativa com o bibliotecário, né? Eu já quando eu cheguei na escola, eu percebi isso. Eles acham que a gente vai pintar o 7, se vestir de princesa e tal, aquela coisa toda, mas como a gente tem um departamento, né? Que somos em 36 bibliotecários, se eu não me engano, mas que apoia a gente nesse sentido: que estamos ali para fazer mediação de leitura, né? Não somos obrigados a se fantasiar, fazer malabarismo, teatro e tal. Isso cada um tem seu perfil. E se vai de interesse do professor, a gente combina com algum escritor, algum contador de história. Durante uma agenda, durante o ano, para proporcionar esses momentos durante a escola. No começo assim, alguns professores assim me olharam tipo: “Pera aí, mas tu não vai contar história?” (P.1)

O participante relatou também sobre a expectativa que se criou sobre o bibliotecário, como se necessariamente este profissional precisasse ter qualidades de um contador de histórias e promover grandes eventos, apresentando-se de maneira teatral, com fantasias e adereços. Na prática, um trabalho mais efetivo de leitura tem sido realizado através de mediações de leitura, somente com o livro, mas que fazem parte do cotidiano das crianças. O participante diz também que a DIBEC apoia os bibliotecários nesse sentido, planejando momentos em que contadores de histórias vão até as escolas para se apresentar, garantindo que os bibliotecários não precisem desempenhar este papel de contador de história, pois as demandas já são muitas. O participante 6 também expressou não se identificar como contadora de histórias, tendo um perfil mais técnico:

Mas não, assim, na verdade, eu nunca fui... Eu não me considero muito pedagógica, eu sou mais técnica, meu perfil é esse, né? [...] Então eu sempre fui mais técnica e nunca me identifiquei muito com contação de história, com essa parte mais pedagógica. Apesar de eu saber que eu tô numa escola, então de alguma forma eu tenho que estar inserida nesse contexto. [...] cheguei a contar história, mas não é uma coisa assim, que eu tenho muita afinidade.

O participante reconhece que, por estar inserido em um contexto escolar, o bibliotecário precisa também se voltar para uma *“parte mais pedagógica”*, para além do processamento técnico. Os outros bibliotecários entrevistados, apesar de não terem sido tão explícitos em dizer que não se consideram contadores de histórias, relataram trabalhar da mesma forma que o participante 1, com mediações de leitura frequentes, utilizando somente o livro, inserindo no cotidiano das crianças a importância do livro e da leitura.

Em relação ao processamento técnico, o participante 2 relatou que este pode ficar em segundo plano em alguns momentos e que a prioridade é sempre o atendimento. O participante relatou que a rede ficou quase dois anos sem o sistema Pergamum, o que pode ter atrasado o processamento técnico de alguns materiais, porém o atendimento à comunidade escolar continuou sendo a prioridade sempre: *“E eu tenho muitos livros que ainda não estão no acervo, porque a gente ficou quase dois anos sem Pergamum, agora que a gente tá voltando. E eu priorizo o atendimento para depois o Pergamum, então agora que eu estou voltando aos poucos a inserir. Então vai mudar, vai aumentar o número de livros que a gente tem aqui.”* O participante chega a citar que a biblioteca em que atua provavelmente possui mais exemplares do Clube de Leitura ODS do que os que foram levantados pela pesquisa, pois apesar de alguns livros já estarem na biblioteca, ainda não haviam sido cadastrados no sistema Pergamum na época em que o levantamento foi realizado, por conta de o sistema ter ficado fora do ar por tanto tempo.

7.3.2.3 Atividades de mediação de leitura realizadas pelas bibliotecas da rede

Quando perguntados sobre as atividades de mediação de leitura realizadas na biblioteca, todos os participantes, com exceção do participante 6, relataram que a contação de história ou mediação de leitura de livros faz parte do cotidiano da biblioteca. Alguns realizam toda semana, outros realizam de forma esporádica, mas está entre os afazeres comuns do bibliotecário selecionar um livro, realizar uma leitura prévia e posteriormente realizar a leitura em voz alta para as crianças, mostrando as ilustrações. A seleção do livro não costuma ser a partir de conteúdos da sala de aula, a não ser se solicitado pelo professor. De modo geral, os bibliotecários escolhem obras que trabalham com o lúdico, com temas do cotidiano das crianças

e enredos que os interessem, de acordo com suas preferências, de modo a incentivar a leitura pelo deleite.

Outra atividade citada por alguns participantes é o compartilhamento da leitura realizada em casa, pelas crianças. É um momento mediado pelo bibliotecário, em que a criança compartilha com a turma informações sobre o livro que pegou emprestado, contando um pouco da história e recomendando o livro para os colegas.

Alguns participantes citaram também a importância do contato das crianças com outros materiais, além dos livros de literatura, para que elas conheçam diferentes fontes de informação e de gêneros textuais:

Faço muitas brincadeiras, eles gostam muito de trava-língua. É uma coisa, assim, que ano passado, nossa! Eu descobri um mundo que eles amam: trava língua. Adoram trava língua. (P.1)

Às vezes ponho uns gibis, umas coisas diferentes para não ficar só na questão do livro, né? Trazendo outros materiais para eles. Por exemplo: “ah, esse livro aqui tem uma música do ‘Palavra Cantada’”. Às vezes até eles trazem: “Sabia que esse livro aqui tem uma música?” Daí eu trago a música, coloco para eles.” “Às vezes eu pego um livro de rima e tem adivinhação, eles adoram, sabe? Então variar, né? [...] E gostam de, depois que a gente faz empréstimo, ficar na biblioteca. Eles ficam num tapetinho, na mesa, conversando. Eu boto uns livros de pesquisa também, mais paradidáticos. E aí eles ficam ali também no ambiente. (P.4)

A gente leva a literatura, leva vários tipos de texto, a gente traz parlenda, traz poesia. [...] Eles têm que gostar de estar aqui, então a gente tem puff colorido, tem livro colorido, tem uma estante aqui de gibis, de revistas, que eles visitam. Tem um boneco de pelúcia, que já é uma mascote aqui há anos. (P.7)

Assim, para além dos livros de literatura, a biblioteca escolar pode apresentar outros gêneros textuais ou outros formatos, como trava-línguas, músicas, livros de rimas e charadas, gibis, livros de pesquisa, revistas, parlendas, poesias, entre outros. Além disso, como cita o participante 7, é necessário que a biblioteca seja um ambiente agradável para as crianças, um lugar onde elas gostem de estar. Recursos materiais como tatame, puffs, almofadas, entre outros, podem tornar o ambiente mais convidativo e confortável para as crianças. Romão e Ferrarez (2008) apontam para a importância de a biblioteca oferecer acesso aos mais diversos tipos de materiais.

Dentre os 8 entrevistados, 6 fizeram questão de citar os projetos organizados pela DIBEC, que abrangem todas as bibliotecas da rede. Os participantes citaram três eventos promovidos pela divisão: a *Semana Municipal do Livro*, a *Mostra de Cinema Infantil* e o *Clube de Leitura: a gente catarinense em foco*.

Sobre a *Semana Municipal do Livro*, o participante 2 citou: “*Semana que vem a gente vai ter a Semana Municipal do Livro, em que a gente vai receber autores e escritores.*” [...]

Assim, então no primeiro semestre a gente tem na biblioteca a Semana Municipal do Livro Infantil, que é em abril, por causa do dia 18 de abril que é aniversário do Monteiro Lobato. É um evento que acontece na rede toda, não é só na nossa escola.” O participante 4 comentou sobre algumas atividades desenvolvidas nesse período: *“Essa semana a gente teve a Semana Municipal do Livro Infantil e eu montei algumas atividades. Ano passado eu fiz piquenique literário, fiz um varal com livros, teve uma autora que foi na escola pela prefeitura. Esse ano eu já consegui o Sérgio Bello e a [inaudível] foram lá contar história dentro do barco para as crianças, e aí foi bem legal. Fiz um piquenique na frente da escola com os menorzinhos, porque choveu alguns dias. Aí fizeram também tenda literária na biblioteca.”*

Em relação à *Mostra de Cinema Infantil*, o participante 2 relatou que: *“No segundo semestre tem a Mostra de Cinema Infantil, que é a biblioteca que promove também. E a gente traz também essa linha de literatura, conversando com cinema, literatura, conversando com o teatro em alguns momentos também.”*

Os participantes 3 e 7 entraram em maiores detalhes sobre o *Clube da leitura: a gente catarinense em foco*, demonstrando que este projeto é muito valorizado pela rede como um todo:

A gente tem o “Clube da leitura: a gente catarinense em foco” que é um projeto da rede onde tem a visita do autor, né? Que são obras catarinenses. A gente escolhe junto com os estudantes uma obra para trabalhar, aí desenvolve um projeto dentro desse contexto, dessa leitura. E depois tem o encontro com autor, onde é bem rico, bem valoroso esse encontro, porque cria toda uma expectativa deles em relação com conhecer, saber um pouco do autor. Saber, por exemplo, por que que despertou o interesse de escrever? E tem muitos estudantes que também querem escrever. Aí eles escrevem um livrinho, faz um livrinho para entregar para ele. É interessante nesse sentido de despertar esse interesse, não só por conhecer o autor, mas conhecer as obras. Se tem outras obras que ele escreveu, eles querem conhecer, querem ler e desperta a escrita também, né? (P.3)

E fora isso, daí a gente tem o “Clube da leitura catarinense”, que daí são obras catarinenses, que daí os professores fazem esse trabalho de mediação, de aproximação com esse texto catarinense, são autores catarinenses. Então é trabalhada essa obra durante um tempo, os estudantes têm acesso à obra e no final do trabalho eles conhecem o autor da obra. É um projeto da Secretaria Municipal de Educação, que daí é ligado diretamente à prefeitura. A gente faz essa ponte, esse trabalho é um trabalho bem em conjunto: secretaria, professores e biblioteca. (P.7)

Conforme Millack (2015), os professores e bibliotecários que participam do *Clube da leitura: a gente catarinense em foco* têm uma relação especial com a leitura literária, o que os motiva a realizar a mediação dessa prática em seu cotidiano pedagógico.

Os participantes 5 e 6 também discursaram sobre os projetos, apenas citando que estes fazem parte das atividades desenvolvidas pelos bibliotecários. O fato de a maioria dos participantes terem mencionado estes projetos e eventos da DIBEC evidencia a importância da

divisão para o trabalho dos bibliotecários, que valorizam as contribuições que advém da parceria entre os bibliotecários da rede.

Os participantes 2 e 4 relataram que realizam também oficinas de confecção de marca-páginas, mostrando que existem várias formas de incentivar a leitura:

Tem vezes que eu não conto história, a gente não leva livro, a gente faz uma oficina de marcador de livro. Cada um faz o seu, bota o nome e cola uma tirinha de gibi velho recortado. Vou fazer de novo esse, porque eles gostam. (P.2)

Ano passado fizemos oficina de marcadores de livro, então assim, eu tento dar uma inovada. (P.4)

O participante 4 relatou também uma experiência muito interessante que viveu junto com as crianças, que foi a visita à Biblioteca Pública de Santa Catarina e ao Museu Histórico de Santa Catarina, no Palácio Cruz e Sousa:

Até levei eles na Biblioteca Pública ano passado, numa saída de estudo e ao Museu do Palácio Cruz e Sousa. E a bibliotecária de lá ficou encantada com eles, porque eles foram bem participativos, questionadores. Eles perguntavam, educados assim, né? Eles gostaram do ambiente, adoraram conhecer os jornais digitais da Biblioteca Pública. (P.4)

Assim, visitas a espaços culturais, como outras bibliotecas ou museus, também são uma forma de incentivar a leitura, além de ampliar o repertório e o conhecimento de mundo das crianças.

7.3.2.4 Interação dos estudantes com as atividades

Sobre a interação dos estudantes com as atividades desenvolvidas na biblioteca, a maioria dos participantes relatou que as crianças demonstram seu interesse e atenção de várias maneiras e, entre elas, está a interação com perguntas e comentários durante e depois das histórias;

Eles comentam, depois a gente abre, né? Para eles falaram o que acharam do livro, qual foi a percepção que teve. E aí eles vão falando, assim, o que mais gostaram. E a gente vê que eles conseguem pegar a essência da história e ter essa interpretação. E às vezes até meio que viajam assim, no sentido da imaginação mesmo, sabe? É muito interessante. (P.3)

[...] mas eles interagem mais, eles perguntam no meio da história, né? [...] Então, eles perguntam bastante e depois debatem também, sabe? Tem criança que assim, eu leio na roda, e a criança já quer levar, né? E esses maiores, nem sempre eu leio para eles, né? Então geralmente eles contam um pouco da história que levaram pra casa também. E acontece de um colega querer falar detalhes que um colega não falou da história. Então, tem essas mudanças entre eles. Cada criança tem sua perspectiva da história. (P.4)

Vê-se no trecho do discurso do participante 4 um exemplo claro de como a mediação de um livro pode incentivar a leitura para as crianças: após a bibliotecária realizar a leitura de um livro, alguns estudantes querem levar aquele livro para casa, para também terem sua experiência individual de leitura.

Outra forma de reconhecer o interesse das crianças, é quando as histórias ficam marcadas de forma que elas demonstram não ter esquecido, seja comentando que já ouviram aquela história, seja pedindo para ouvir uma história novamente:

Então às vezes eu vou contar uma história, daí eles falam: “Ai, já contou essa história.” Mas aí eu falo: “é que nem música boa, que nem filme bom. A gente escuta de novo, a gente lembra. (P.2)

E eles propõem histórias também, eles me lembram, porque às vezes a gente tá aqui, está na correria, esquece que tem aquela história legal. Aí eles me dizem: “Ah, conta aquela!” “Ah, e aquele livro? (P.5)

Assim, de forma geral, os estudantes interagem bem com as atividades, demonstrando interesse nos livros, nas histórias e em frequentar esse ambiente, até mesmo na hora do recreio, como relatado pelos participantes 1 e 2. A biblioteca torna-se então um lugar de encontros e encantamentos, a partir da interação do bibliotecário com a comunidade.

7.3.2.5 Interação dos professores com as atividades

Sobre a interação dos professores com as atividades desenvolvidas na biblioteca, a maioria dos participantes relatou que essa interação depende do perfil do professor, mas que a maioria dos professores participa destes momentos, buscando interagir, por exemplo, nos momentos de discussão sobre a história mediada pelo bibliotecário, como relatam os participantes 3 e 8:

Com algumas professoras a gente consegue fazer uma parceria maior, desenvolver algo além daquela mediação de leitura, mas não são todas. Tem alguns professores que ainda têm essa percepção de achar que... sabe? Que está ali, então “é um momento delas [a equipe da biblioteca] trabalharem. Eu vou ficar mais de canto.” Infelizmente tem alguns casos nesse sentido, mas geralmente são professoras novas que não conhecem a dinâmica de como funciona, né? (P.3)

Tem alguns professores que participam mais e tem uns que ficam só ouvindo mesmo a leitura da história e cuidando da turma. Mas tem uns que já aproveitam o tema, dependendo da história e fazem já um questionário com os estudantes, perguntam o que que eles entenderam sobre a história e abordam um pouquinho mais, assim, aprofundam um pouquinho mais o tema da história, né? Para já instigar esses estudantes a pensarem e refletirem, né? (P.8)

O participante 5 demonstrou que busca interagir com os professores como recurso para chamar a atenção das crianças para a história: “[...] e durante a contação de história, eu faço

essa interação com os professores também. Às vezes eu escolho uma história que eu sei que aquela professora gosta, daí eu falo: “A professora [Nome da professora] gosta dessa história!”, daí ele já ficam curiosos, né? Ou eu falo: “Ai, a professora não gosta muito de bruxa, né? Tem medo, mas eu vou ler! Eu vou ler essa história, mas acho que ela vai ficar com medo.” Este participante relata que teve “*sorte*”, porque os professores da escola onde atua já possuem esse “*perfil mais voltado para a literatura*”. O participante 7 também relatou sobre o diferencial dos professores que possuem este perfil leitor:

Então tu sabe que para a gente formar leitor, nós temos que ser leitores, você tem que amar. E assim, claramente eu vejo que quando o professor é apaixonado por literatura, ele é diferente na atitude dele aqui na biblioteca.[...] já tem todo um trabalho antes disso, né? Esse professor não joga a responsabilidade da literatura, do uso, da fruição apenas para esse espaço. Ele já iniciou um trabalho de literatura na sala. [...] Ele já iniciou, ele já tem esse trabalho iniciado na sala de aula. E essa fala da importância, tudo isso. A gente sente a diferença também na dinâmica da turma quando esse professor está integrado nesse espaço, nesse contexto da literatura, dos livros. A gente sente. E daí dá um resultado muito legal.

Assim, a forma como o professor se relaciona com a leitura e com a literatura, pode afetar diretamente na forma como os estudantes enxergam e interagem com a biblioteca. Se o professor já incentiva esses aspectos na sala de aula, as crianças se aproximam com mais facilidade da biblioteca e tem um interesse maior por este espaço, podendo aproveitar ainda mais destes momentos. Além disso, alguns professores utilizam também da biblioteca como um apoio para as aulas e buscam frequentemente pelo acervo da biblioteca, como relatam os participantes 2 e 4:

[A biblioteca é um espaço] onde o professor pode fazer uma aula diferente também. Os professores às vezes usam a biblioteca como extensão da sala de aula também. (P.2)

Elas vão junto na biblioteca, né? Vão junto com as turmas e elas pegam muito acervo da biblioteca. Até as professoras auxiliares. Mas as regentes pegam muito acervo da biblioteca para uso delas em sala. Pra trabalhar poesia, trabalhar cordel, trabalhar é... sei lá, sistema solar. “O que tem de literatura sobre sistema solar?” Porque tem livros que falam, né? Então assim, elas usam muito a literatura. Muito! Elas gostam e usam muito. É muito usado o acervo por elas e elas até deixam alguns livros em sala pra uso delas, pegam vários para elas usarem assim, né? (P.4)

Os participantes 2, 3 e 4 relataram também já terem desenvolvido alguns projetos em parceria com os professores, seja a partir de alguma história contada pelo bibliotecário, seja por iniciativa do professor, que buscou criar atividades relacionadas aos livros da biblioteca que os estudantes pegam emprestado.

O participante 1 relatou não conseguir desenvolver projetos em parceria com os professores e vê a alta demanda de trabalho dos professores como um dos principais motivos para isso:

Agora em relação às parcerias... Olha, já vai fazer dois anos que eu estou na rede e na escola, sendo bem sincera com você, eu não tive parceria, não. Assim que a gente fez um trabalho, um projeto juntos? Não, não tive. E o que que eu percebo? Eles estão cheios de coisas para fazer, muita coisa, então, tipo, colocar mais uma coisa vai ser só para acumular trabalho. [...] Olha, vou te dizer, nesses dois anos, eu não tive nada. E olha que eu tentei, né? Até com os anos finais, mas como eles têm muito trabalho, muita demanda, fazer mais uma coisa, assim vai ser muito cansativo para eles. Dá para perceber. [...] não que eu acredito que eles não quisessem, sabe? Mas como a demanda é muito grande dentro da escola e muita coisa para fazer, eu acho que acaba que eles acabam deixando de lado, sabe? [...] Às vezes eu percebo, tenho essa percepção de que a biblioteca chega a ser um descanso pra cabeça deles, assim: “vamos levar os estudantes lá, agora a minha cabeça vai relaxar por 45 minutos”. Claro que eu não quero que seja assim, então eu vou administrando a aula e vou mostrando como é que tem que ser, né? (P.1)

Assim como o participante 3, este participante também vê como um problema quando o professor não se coloca como responsável pela turma, quando está acompanhando os estudantes na biblioteca, deixando este papel nas mãos do bibliotecário. Os participantes 4 e 5 demonstraram ter uma relação muito boa de parceria constante com os professores, como relataram:

A gente tem uma troca bem bacana assim, é bem legal a nossa relação. É uma relação boa assim, sabe. [...] Mas é uma troca muito bacana. E assim, elas são muito criativas e os projetos da nossa escola são muito legais. (P.4)

É uma escola tão pequena que a gente faz isso de uma forma muito orgânica. “Ai, sabe aquele livro assim, eu estou trabalhando em sala” “Ah, então vou fazer uma contação de história de um livro da mesma autora, que trata de uma coisa paralela. Ou outro autor que trata do mesmo assunto. E a gente vai fazendo assim. Então às vezes casa muito sem querer, assim, sem muita responsabilidade e muita carga emocional. É bem orgânico, às vezes casa com o que eles estão trabalhando. (P.5)

Os dois participantes relataram ser bastante ativos em suas comunidades, realizando mediações de leitura frequentemente e outras atividades para o incentivo à leitura e à utilização do espaço da biblioteca. Uma boa relação de troca entre o bibliotecário e o professor parece contribuir com o trabalho realizado na biblioteca, assim como a recíproca também é verdadeira.

Na próxima seção, apresentam-se o produto da pesquisa. Trata-se de uma proposta de capacitação sobre o Clube de Leitura ODS para os bibliotecários da SME. Esta foi elaborada conforme os resultados obtidos na pesquisa.

8 PRODUTO DA PESQUISA: CAPACITAÇÃO “CLUBE DE LEITURA ODS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: FORMANDO LEITORES CONSCIENTES”

A partir dos resultados coletados nessa pesquisa, foi possível conhecer o acervo, como os bibliotecários trabalham, suas percepções sobre o Clube de Leitura ODS e compreender características de suas realidades, a partir de seus discursos. Com tudo isso, obteve-se o subsídio necessário para propor a capacitação que segue abaixo:

Capacitação “Clube de Leitura ODS na Biblioteca Escolar: formando leitores conscientes”

- Ministrante: Juliana Marques Ramos
- Público-alvo: Bibliotecários(as) escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis
- Local de realização: a definir com a DIBEC
- Data: a definir com a DIBEC
- Carga horária: 8 horas
- Recursos necessários: livros do Clube de Leitura ODS (que estarão expostos e organizados por ODS); computador; projetor; 40 blocos de anotação; 40 canetas.
- Objetivo geral: Contemplar a importância das temáticas dos ODS nas práticas dos bibliotecários, por meio do Clube de Leitura ODS.
- Objetivos específicos:
 - Apresentar a Agenda 2030 da ONU e o Clube de Leitura ODS;
 - Relacionar o Clube de Leitura ODS com a importância da literatura na biblioteca escolar;
 - Socializar os resultados da presente pesquisa;
 - Discutir o tema e promover a socialização de experiências utilizando os livros do Clube de Leitura ODS;
 - Construir coletivamente possíveis ações que podem ser realizadas utilizando os livros do Clube de Leitura ODS;
 - Incentivar os bibliotecários da RMEF a utilizarem o Clube de Leitura ODS como um guia para trabalhar temáticas dos ODS nas bibliotecas;

- Fomentar a aquisição dos livros pertencentes ao Clube de Leitura ODS para a DIBEC (a ideia é que os livros sejam adquiridos para a Biblioteca Central, para poderem ser emprestados para todas as bibliotecas, como já ocorre com os livros do “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco”)
- Incentivar a parceria dos bibliotecários com os professores para realizar ações envolvendo o Clube de Leitura ODS.
- Conteúdo programático da apresentação:
 - Agenda 2030 da ONU;
 - Clube de Leitura ODS;
 - Relação dos ODS com literatura na biblioteca escolar
 - Apresentação dos resultados da pesquisa
- Metodologia
 - Apresentação dos temas pela ministrante;
 - Discussão do tema e socialização de experiências utilizando os livros do Clube;
 - Dinâmica em grupos envolvendo os livros do Clube de Leitura ODS (cada grupo escolhe um ODS diferente; em seguida, o grupo escolhe um livro pertencente a este ODS; o grupo realiza a leitura do livro e elenca quais os temas poderiam ser tratados e uma possível ação que poderia ser realizada com este livro);
 - Socialização das ações entre os grupos e diálogo sobre os ODS;
 - Entrega de material informativo (cartilha com a apresentação da Agenda 2030 da ONU e do Clube de Leitura ODS)
- Referências:

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa lança catálogo com informações sobre obras selecionadas. 2021. Disponível em: <https://cbl.org.br/2021/12/clube-de-leitura-ods-em-lingua-portuguesa-lanca-catalogo-com-informacoes-sobre-obras-selecionadas/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.

CLUBE DE LEITURA ODS EM LÍNGUA PORTUGUESA (org.). **Clube de leitura ODS [livro eletrônico]:** capítulo brasil. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2021. 120 p. Disponível em: <https://www.cbldservicos.org.br/catalogo-ods-portugues-final.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar.** 1999. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

FUNDACIÓN GERMÁN SÁNCHEZ RUIPÉREZ. **ODS y Lectura.** Laboratorio Contemporáneo de Fomento de la Lectura: 2019. Disponível em: <https://fundaciongsr.org/wp-content/uploads/2019/07/ODS-y-Lectura.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Hundreds of Portuguese and Brazilian children's books highlight sustainability and equality through new SDG Book Club.** 2021. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2021/06/hundreds-of-portuguese-and-brazilian-childrens-books-highlight-sustainability-and-equality-through-new-sdg-book-club/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir às adversidades.** São Paulo: Editora 34, 2010. 2. ed. 304 p.

RAMOS, Juliana Marques. **Clube de Leitura ODS (ONU) nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: formando leitores e cidadãos conscientes .** 2024. 267 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2024. Disponível em: [aguardando link de acesso]

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** São Paulo: Global, 1986.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender as possíveis contribuições do Clube de Leitura ODS para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Na fundamentação conceitual foram abordados conceitos sobre as bibliotecas escolares, o poder da leitura e da literatura infantojuvenil, bem como a apresentação da Agenda 2030 da ONU e do Clube de Leitura ODS. A fundamentação teórico-metodológica que norteia a pesquisa parte de uma abordagem quali-quantitativa, sendo sua natureza aplicada. O caráter da pesquisa é exploratório e descritivo e em relação aos procedimentos técnicos é bibliográfica e documental. Como instrumentos de coletas de dados foram utilizados: levantamento em catálogo bibliográfico on-line, questionário e entrevista.

Após a análise e discussão dos dados, foi possível identificar os principais resultados desta pesquisa. Estes atendem e respondem aos objetivos específicos da pesquisa, que serão apresentados a seguir

Quanto ao objetivo específico **“a) Analisar quais obras do Clube de Leitura ODS as bibliotecas escolares possuem em seus acervos, considerando a divisão das obras por ODS”**, este foi alcançado a partir do levantamento documental das obras no catálogo das bibliotecas. Após a análise do levantamento, chegou-se aos seguintes resultados: a rede possui 43 dos 175 títulos do Clube de Leitura ODS, contemplando 24,57% das obras do Clube em seu acervo. Existe uma relação direta entre a presença destes livros do Clube nas bibliotecas e a distribuição de livros pelo PNLD, já que mais da metade dos títulos do Clube que as bibliotecas possuem foram entregues pelo programa (26 dos 43 títulos).

A RMEF possui o mesmo destaque que o Clube de Leitura ODS, em relação à quantidade de obras por ODS: a maior parte dos títulos do Clube de Leitura ODS presentes no acervo da rede pertence aos ODS 5 – Igualdade de Gênero (10 títulos), ODS 10 - Redução das Desigualdades (7 títulos) e ODS 15 – Vida Terrestre (5 títulos). Há um destaque para o ODS 5, pois além de ser o ODS mais contemplado dentro do próprio Clube, também é o ODS com maior quantidade de livros dentro da RMEF.

As três bibliotecas com mais títulos do Clube (presentes no catálogo bibliográfico on-line) pertencem às escolas básicas municipais João Alfredo Rohr (25 títulos), Acácio Garibaldi São Thiago (22 títulos) e José do Valle Pereira (20 títulos). O título que está presente em mais bibliotecas é “Macapacarana”, de Giselda Laporta Nicoletis. Pertencente ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o título está presente com 39 exemplares em 21 das 39 escolas básicas municipais.

Quanto ao objetivo específico **“b) Mapear se os bibliotecários já desenvolveram atividades utilizando obras do Clube ou relacionada aos ODS”**, este foi alcançado a partir da análise das respostas dos questionários: 52,6% dos participantes do questionário afirmaram já terem utilizado algum(ns) livro(s) do Clube de Leitura ODS em suas atividades de mediação de leitura. Dos 19 participantes, apenas 1 afirmou já ter desenvolvido atividades relacionadas aos ODS. 62,5% dos participantes não conheciam o Clube de Leitura ODS.

Dentre os participantes que já utilizaram algum livro do Clube de Leitura ODS, 80% destes afirmaram ter utilizado o livro somente pelo conteúdo, sem ter o conhecimento de que se tratava de um livro do Clube de Leitura ODS. 84,2% dos participantes classificaram o Clube de Leitura como muito relevante ou relevante para inspirar ações em bibliotecas escolares em prol do alcance dos ODS. Os cinco ODS considerados mais interessantes de se trabalhar nas bibliotecas foram: 1º lugar: ODS 5 – Igualdade de Gênero; 2º lugar: ODS 10 – Redução das Desigualdades; 3º lugar: ODS 4 – Educação de Qualidade; 4º lugar: ODS 3 – Saúde e Bem-estar; 5º lugar: ODS 16 -Paz, justiça e instituições eficazes.

Quanto ao objetivo específico **“c) Coletar discursos dos bibliotecários que já atuaram com obras do Clube de Leitura ODS, ou com os ODS, com vistas a compreender suas percepções a respeito das possíveis contribuições da disseminação e utilização das obras literárias do Clube de Leitura ODS para a formação de leitores voltada aos ODS”**, este foi alcançado a partir da análise das entrevistas, tendo os seguintes resultados: os participantes mostraram-se favoráveis à utilização de obras do Clube nas bibliotecas, pois reconhecem que este pode servir como um guia para trabalhar certos temas por meio da literatura.

A maioria dos bibliotecários não conheciam o Clube e demonstraram que o nome pode gerar certa confusão, pois num primeiro momento, entenderam tratar-se de um evento e não de uma bibliografia.

Os ODS que tiveram seus temas citados nos discursos dos participantes, como necessários e interessantes de se trabalhar na biblioteca escolar em que atuam, foram os seguintes: ODS 5 - Igualdade de gênero; ODS 6 - Água potável e saneamento; ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico; ODS 10 - Redução das desigualdades; ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis; ODS 13 - Ação contra a mudança global do clima; ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes.

Na visão da maioria dos participantes, a melhor forma de se trabalhar em prol dos ODS da Agenda 2030 em bibliotecas é tratando destes temas por meio da literatura, dentro do formato de mediação de leitura que já ocorre, e não necessariamente em um evento especial para isso.

Os participantes expressaram também a importância do envolvimento dos professores para se tratar destes temas, pois eles poderão aprofundar certos assuntos com os estudantes.

Dos 9 livros do Clube utilizados pelos participantes, 4 pertencem ao ODS 5 - Igualdade de Gênero. Houve um destaque em relação ao livro “Direitos do pequeno leitor”, de Patricia Auerbach, que foi utilizado por 5 dos 8 bibliotecários entrevistados. Quanto à faixa etária dos estudantes com os quais foram realizadas as mediações de leitura destes livros, a maioria se enquadrou na faixa etária estabelecida pelo Clube de Leitura ODS, como público-alvo das obras: crianças de 6 a 12 anos. A única exceção se aproximou bastante da faixa etária, que foi o caso de um dos participantes, que contou as histórias também para crianças de 5 anos.

Entre os principais temas identificados nos 9 livros utilizados pelos bibliotecários estão: empoderamento e inclusão social; igualdade racial; respeito; paz e harmonia com todos os seres; preservação do meio ambiente; discriminação contra mulheres e meninas; igualdade de direitos; sororidade; sexismo; leitura por prazer; direitos do interagente da biblioteca; direitos das crianças; gestão sustentável e uso eficiente dos recursos naturais; cultura dos povos originários; responsabilidade compartilhada dentro do lar; dupla jornada de trabalho feminina. Os participantes consideram os temas trabalhados pelos livros do Clube de extrema relevância e importância, além de reconhecerem que são temas atuais e que alguns já são discutidos na escola.

Quanto à capacitação, a maioria dos participantes alegou esperar que esta traga um direcionamento para utilizar o Clube de Leitura ODS para trabalhar temas na biblioteca, trazendo a apresentação de alguns dos livros e suas respectivas temáticas. A maioria dos participantes citou também que seria de grande importância adquirir os livros, pois eles são imprescindíveis para a mediação de leitura.

Todos os participantes demonstraram estar interessados numa capacitação que auxilie na utilização das obras do Clube de Leitura ODS. O conhecimento de alguns elementos da contextualização da realidade pode enriquecer a elaboração da capacitação, como por exemplo: a principal atividade de mediação de leitura realizada pelos bibliotecários é a leitura de livros, que inclui a apresentação das ilustrações e ocorre com frequência. De modo geral, as crianças se interessam e gostam de ouvir histórias e os professores se mostram abertos a participar destes momentos. Os bibliotecários mostram valorizar os eventos, projetos e formações que ocorrem por iniciativa da DIBEC.

Quanto ao objetivo **“d) Propor uma capacitação para a disseminação do Clube de Leitura ODS para os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”**, este foi atendido com a elaboração do produto da pesquisa, presente na seção 8. Trata-se de uma

proposta de capacitação com o objetivo de contemplar a importância das temáticas dos ODS nas práticas dos bibliotecários, por meio do Clube de Leitura ODS. Conforme apresentado no produto da pesquisa, após a apresentação do tema e a socialização dos resultados da pesquisa, a intenção é realizar uma dinâmica de forma a incentivar os bibliotecários da RMEF a utilizarem o Clube de Leitura ODS como um guia para trabalhar temáticas dos ODS nas bibliotecas.

Cabe nessa seção trazer o objetivo geral, que responde à pergunta de pesquisa e é atendido a partir da soma de todos os objetivos específicos. O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Após a realização da pesquisa, compreendeu-se que o Clube de Leitura ODS pode contribuir funcionando como um guia de obras organizadas por temáticas, as quais os bibliotecários da RMEF podem consultar para selecionar obras para realizar a mediação de leitura com as crianças na biblioteca, tratando de temas pertinentes aos ODS. De acordo com os relatos de experiências dos bibliotecários utilizando o Clube de Leitura ODS, diversos temas puderam ser trabalhados com as crianças, seja por reflexões geradas somente pela mediação de leitura do livro, seja por discussões e atividades realizadas após a mediação.

É importante ressaltar que, segundo alguns bibliotecários, a biblioteca escolar em que atuam é o único lugar de acesso à livros para muitas crianças, portanto é somente por ela que estas crianças podem ter acesso às obras do Clube de Leitura ODS. Também é fundamental enfatizar a importância de um trabalho colaborativo com os professores, para que esses temas possam ser trabalhados de forma integrada com as crianças. O uso do Clube de Leitura ODS pode, ainda, ser útil para tratar de temas considerados importantes e necessários pelos bibliotecários.

A presente pesquisa encontrou certas limitações, dentre as quais está a escassez de estudos realizados sobre o Clube de Leitura ODS, principalmente na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, na qual este é o único trabalho até o momento (além de um artigo publicado pela pesquisadora e pela orientadora desta dissertação¹⁰). Outra limitação da pesquisa foi o período no qual o sistema de automatização Pergamum das bibliotecas da RMEF esteve fora do ar, o que atrasou o levantamento documental das obras. Além disso, pode-se citar também a falta de tempo e de recursos para realizar o levantamento das obras presencialmente

¹⁰ RAMOS, Juliana Marques; PIZARRO, Daniella Camara. A promoção do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares brasileiras. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/2051>. Acesso em: 18 set. 2024.

nas bibliotecas, o que traria um resultado ainda mais próximo à realidade, considerando que nem todos os livros presentes nas bibliotecas estão inseridos no sistema Pergamum.

Houve limitações quanto ao número de participantes na pesquisa, uma vez que apenas uma quantidade mediana de bibliotecários respondeu ao questionário. Esses participantes correspondem a 57,57% do total da amostra. Como limitação também está a demora para que os bibliotecários selecionados respondessem ao convite para a entrevista, que precisou ser enviado três vezes para alguns, para que se obtivesse resposta. Esta resistência em responder tanto os questionários quanto as entrevistas pode estar relacionada às altas demandas de trabalho que os bibliotecários possuem no seu cotidiano, o que dificulta a realização de pausas para se dedicar à outras questões, que não estejam diretamente relacionadas às estas demandas.

Esta pesquisa pode servir como subsídio para outros estudos e pesquisas, que podem dar continuidade à mesma ou tratar de alguns temas mais específicos e aprofundados, como por exemplo: pesquisas que busquem avaliar o impacto a longo prazo do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares; pesquisas que analisem de que forma o Clube de Leitura ODS pode ser inclusivo e representativo, abordando temas como diversidade étnica, cultural e de gênero; ou ainda pesquisas nas quais se identifiquem e sugiram novos títulos para compor o Clube de Leitura ODS. Outro destaque relevante a se considerar, é a importância de a FEBAB ampliar o diálogo sobre o Clube de Leitura ODS entre os bibliotecários escolares, tanto na esfera pública como privada.

Conforme concluído nesta pesquisa, o Clube contribui significativamente para as bibliotecas escolares. Dessa forma, sugere-se que a FEBAB ofereça formação sobre esta iniciativa para bibliotecários escolares. Observa-se que a pesquisadora e esta pesquisa estão disponíveis para colaborar nesse processo, bem como o produto criado – Capacitação “Clube de Leitura ODS na Biblioteca Escolar: formando leitores conscientes” – uma vez que se trata de um mestrado profissional.

Por fim, compreende-se a importância de iniciativas como a do Clube de Leitura ODS, que promove a interação das crianças com os princípios dos ODS da Agenda 2030, por meio da Literatura Infantojuvenil. Acredita-se que as bibliotecas escolares podem desempenhar um papel fundamental nesse processo, ao promoverem mediações destes livros com as crianças. Isso contribui para que, desde cedo, elas se conscientizem da importância de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável do planeta, que é nossa única casa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. *In:* SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Abecin, 2018. Cap. 5. p. 67-77.

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BAKKE, Rachel Rua Baptista (2011). **Na escola com os orixás**: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da Lei 10.639 (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-31052012-160806/pt-br.php> Disponível em: 24 jul. 2024.

BAMBERG, Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade; EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Entre silêncios, indícios e menções**: a biblioteca escolar prescrita na legislação educacional de Santa Catarina (1961-1981). Curitiba: Appris, 2020. 135 p.

BAMBERG, Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade; RAMOS, Juliana Marques; VITAL, Luciane Paula; PIZARRO, Daniella Camara. **Permeability of the SDG Book Club in Portuguese in public policies towards reading in Brazil and Portugal**. *In:* BOBCATSSS SYMPOSIUM, 32., 2024, Coimbra. Book of Abstracts. Coimbra: Unesp, 2024. p. 1-2. Disponível em: [aguardando link de acesso]

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BECKER, Paulo. Natureza e funções da Literatura Infantil. *In:* RÖSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo (Org.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. 2 ed. Passo fundo: UPF, 2005. p.77-89

BITENCOURT, Maria Fátima Ávila. Literatura infantojuvenil brasileira: breve história. *In:* RÖSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo Ricardo (org.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 95-103.

BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm Acesso em: 23 set. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 24 mar. 2024

BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. **Conheça o novo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/ods18>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BRUTIN, Karine. **L'alchimie therapeutique de la lecture**. Paris: Hammartan, 2000. 214 p.

CABRAL, Raquel; GEHRE, Thiago. **Guia Agenda 2030: integrando ODS, educação e sociedade**. São Paulo: Lucas Melara, 2020. Disponível em: <https://bdce.unb.br/bibliodex/guia-agenda-2030-integrando-ods-educacao-e-sociedade/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 10, n.2, p. 163–168, jan. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>. Acesso em 31 mar. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Confira os livros selecionados para o Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa**. 2021. Disponível em: <https://www.cbbservicos.org.br/clube-de-leitura-ods/obras-selecionadas/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Clube de Leitura ODS**. [2020?]. Disponível em: <https://www.cbbservicos.org.br/clube-de-leitura-ods/>. Acesso em 11 ago. 2024

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa lança catálogo com informações sobre obras selecionadas**. 2021. Disponível em: <https://cbl.org.br/2021/12/clube-de-leitura-ods-em-lingua-portuguesa-lanca-catalogo-com-informacoes-sobre-obras-selecionadas/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Estatuto**. 2022a. Disponível em: <https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2022/08/ATUALIZACAO-NOVO-ESTATUTO-CBL-2022-1.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Quem somos**. 2022a. Disponível em: <https://cbl.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CAMPELLO, Bernadete. Biblioteca e Parâmetros Curriculares Nacionais. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 62 p. (Biblioteca escolar ; v.1). ISBN 857525043X (broch.).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CAPISTRANO, Tatiana Quadra e Silva (Florianópolis). Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias. **Organograma - DEBEC. 2018**. Disponível em: <https://debecpmfsc.webnode.page/organograma/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CAPISTRANO, Tatiana Quadra e Silva. **Memórias e histórias do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias de Florianópolis: 1988 a 2018**. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. A literatura infantil em diálogo com a biblioteca escolar. *In*: ALMEIDA, Marco Antônio de Almeida (org.). **Ciência da informação e literatura**. Campinas: Alínea, 2012.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. Biblioteca escolar e bibliotecário: perspectivas e desafios. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; FERRAREZI, Ludmila. Leitura, escola e biblioteca na perspectiva discursiva. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Souza (org.). **Sentidos de biblioteca escolar**. São Carlos, SP: Alfabeto, 2008. 165 p.

CENTRO DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (Rio de Janeiro). **Momento de ação global para as pessoas e o planeta**. [2022?]. Disponível em: <https://unicrio.org.br/pos2015/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

CLUBE DE LEITURA ODS EM LÍNGUA PORTUGUESA (org.). **Clube de leitura ODS [livro eletrônico]**: capítulo brasil. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2021. 120 p. Disponível em: <https://www.cblservicos.org.br/catalogo-ods-portugues-final.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

CORREA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 107–123, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Estatuto**. 2015. Disponível em: https://febab.org/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto_FEBAB_2015-1.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Sobre a FEBAB**. 2021. Disponível em: <https://febab.org/sobre/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Centenas de livros infantis brasileiros e portugueses dão destaque à sustentabilidade e à igualdade através do novo Clube de Leitura ODS**. 2021. Disponível em: <https://febab.org/2021/06/09/centenas-de-livros-infantis-brasileiros-e-portugueses-dao-destaque-a-sustentabilidade-e-a-igualdade-atraves-do-novo-clube-de-leitura-ods/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FLEURY, Maria Tereza Leme; DA COSTA WERLANG, Sergio Ribeiro. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. São Paulo: **Anuário de Pesquisa GV Pesquisa**, 2016.

FUNDACIÓN GERMÁN SÁNCHEZ RUIPÉREZ. **ODS y Lectura**. Laboratorio Contemporáneo de Fomento de la Lectura: 2019. Disponível em: <https://fundaciongsr.org/wp-content/uploads/2019/07/ODS-y-Lectura.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. **Sobre nós**. 2023. Disponível em: <https://fnlij.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. **Estatuto social**. Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://fnlij.org.br/wp-content/uploads/2023/04/ESTATUTO-DA-FNLIJ.pdf/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Histórico**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em: 05 maio 2024.

GARCEZ, Eliane Fioravante; CARPES, Gyance. Gestão da informação na biblioteca escolar **Revista ACB**, Florianópolis, v.11, n.1, p. 63–73, nov. 2006 Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/466>. Acesso em: 31 mar. 2024.

GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030. **Quem somos**. Brasil. [2015? a]. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/quem-somos-2/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030. **Relatórios Luz | Spotlights Reports**. Brasil. [2015? b]. Disponível em: <https://gtagenda2030.org.br/biblioteca/relatorios-luz/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, [Florianópolis], v. 8/9, p. 35–45, 2003/2004. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/404>. Acesso em: 20 jun. 2019.

INTERNACIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE. **What is IBBY**. Suíça. 2023. Disponível em: <https://www.ibby.org/about/what-is-ibby>. Acesso em: 05 nov. 2023.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 1999. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). **Leitura e escola: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LINS, Heloísa A. Matos. Censura literária infanto-juvenil e lawfare em “tempos democráticos”. **EccoS–Revista Científica**, n. 69, p. 1-22, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/26391>. Acesso em: 04 ago. 2024.

LANKES, David. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. São Paulo: FEBAB, 2016.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 121–129, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13951>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MILLACK, Heliete Schütz. **Perfil leitor de educadores no contexto da formação permanente da secretaria municipal de educação de Florianópolis**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135668>. Acesso em: 10 jan. 2024

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Conexões de Leitura na Biblioteca Escolar: novas aprendizagens produzindo competências em tempos de pandemia. *In*: MORO, Eliane Lourdes da Silva; TERSO, Iole Costa; SIENNA, Maria Marta (org.). **Somos todos biblioteca escolar**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021. p. 25-36.

MOVIMENTO NACIONAL ODS. **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [2015?a]. Disponível em: <https://movimentoods.org.br/agenda-2030/#:~:text=A%20Agenda%202030%20%C3%A9%20um,dentro%20dos%20limites%20do%20planeta>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MOVIMENTO NACIONAL ODS (Brasil). **Quem somos**. [2015?b]. Disponível em: <https://movimentoods.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Clube de Leitura da ONU seleciona 175 livros infantis brasileiros**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/131791-clube-de-leitura-da-onu-seleciona-175-livros-infantis-brasileiros>. Acesso em: 09 nov. 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. [2015?]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 11 dez. 2022.

NUNES, Myllena Rodrigues; GOMES, Priscila Silva. A importância das ilustrações na Literatura Infantil e a necessidade de formação de leitores de imagens. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO, 5., 2014, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2014. p. 1-4. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5802>. Acesso em: 11 jul. 2024.

ODM BRASIL (Brasil). **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. [s.d]. Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Hundreds of Portuguese and Brazilian children's books highlight sustainability and equality through new SDG Book Club**. 2021. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2021/06/hundreds-of-portuguese-and-brazilian-childrens-books-highlight-sustainability-and-equality-through-new-sdg-book-club/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 167 p.

PERGAMUM. **Informações gerais**. 2004. Disponível em: https://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum/pergamum_informacoes_gerais.php?ind=1. Acesso em: 03 mar. 2024.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir às adversidades**. São Paulo: Editora 34, 2010. 2. ed. 304 p.

PORTAL SANEAMENTO BÁSICO. **Lagoa da conceição vive tragédia anunciada após crescimento desordenado e desastre ambiental**. 2022. Disponível em: <https://saneamentobasico.com.br/outros/lagoa-conceicao-tragedia-desastre-ambiental/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias**. Secretaria Municipal de Educação. 2024a. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=dibec&menu=7&submenuid=253>. Acesso em: 24 fev. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Mapas Unidades Educativas**. Secretaria Municipal de Educação. 2024b. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=mapas+unidades+educativas&menu=4&submenuid=139>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; FERRAREZI, Ludmila. *Leitura, escola e biblioteca na perspectiva discursiva*. In: ROMÃO, Lucília Maria Souza (org.). **Sentidos de biblioteca escolar**. São Carlos, SP: Alfabeta, 2008. 165 p.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. *Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca*. **Ciência da Informação**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 183-193, dez. 2006. IBICT. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/bzwPCxGPDnyNmcLr8yt7kDH/#>. Acesso em: 04 maio 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Fernanda Claudia Lückmann da; ALVES, Gisele, VIAPIANA, Noeli. Informatização da rede de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. **Revista ACB**, 2008. p. 211–222. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/549>. Acesso em: 03 mar. 2024

SILVA, Silvana Silva da; MORO, Eliane Lourdes da Silva. Sobre os Ombros de Gigantes, as nossas Crianças Crescem: ativando a biblioteca escolar e formando leitores. *In*: MORO, Eliane Lourdes da Silva; TERSO, Iole Costa; SIENNA, Maria Marta (org.). **Somos todos biblioteca escolar**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021. p. 125-138.

SILVA NETO, José Augusto da. **O clube de leitura na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: práticas e sociabilidades (2006-2022)**. 2022. 241 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Doutorado em Educação, Florianópolis, 2022. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a4/0000a416.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SISTO, Celso. A pretexto de se escrever, publicar e ler bons textos. *In*: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

SOUZA, Adriano Gonzaga de. **O perfil do bibliotecário escolar na cidade de Florianópolis**. 2011. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121175/301515.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 dez. 2022.

UNIVERSIDADE DO SUL DA BAHIA. **18º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável proposto pelo Presidente Lula na ONU já é referência para UFSB**. 2023. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ultimas-noticias/4285-18-objetivo-de-desenvolvimento-sustentavel-proposto-por-presidente-lula-na-onu-demonstra-alinhamento-com-pautas-da-ufsb>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

ZOTZ, Werner. A revolução pelo prazer. *In*: ZOTZ, Werner; CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. 3 ed. rev. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005.

APÊNDICE A - MODELO DO QUESTIONÁRIO

1. Nome completo:

2. Nome da escola em que atua como bibliotecário/a:

3. Você conhece o Clube de Leitura ODS? (Caso não conheça ou tenha apenas lembrança de já ter ouvido falar a respeito, este link contém uma breve apresentação do projeto: <https://brazilianpublishers.com.br/clube-leitura-ods/>)

- a) Sim
- b) Não
- c) Tenho lembrança de já ter ouvido falar sobre o projeto, mas não lembro bem do que se trata

4. As bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis possuem 43 dos 175 livros que compõem o Clube de Leitura ODS brasileiro (conforme o catálogo bibliográfico on-line). Seguem as capas dos 43 livros presentes na rede:

[Livros do Clube de Leitura ODS presentes na rede de bibliotecas da SME \(segundo catálogo bibliográfico on-line\)](#). Você já desenvolveu alguma atividade (como contação de história, mediação de leitura, entre outras) na biblioteca utilizando algum destes 43 livros?

- a) Sim
- b) Não

5. Caso sua resposta tenha sido “Sim” na pergunta 4, responda a esta pergunta:

Qual foi sua motivação para utilizar o livro?

- a) Somente o conteúdo do livro;
- b) O conteúdo do livro e o conhecimento de que este pertence ao Clube de Leitura ODS.

6. Caso sua resposta tenha sido “Não” na pergunta 4, responda a esta pergunta:

Você já desenvolveu alguma atividade pautada em algum dos ODS da Agenda 2030 (mesmo sem ser com algum livro do Clube de Leitura ODS)?

- a) Sim
- b) Não

7. Numa escala de 1 a 5, na sua opinião, qual a relevância do Clube de Leitura ODS para inspirar ações em bibliotecas escolares em prol do alcance dos ODS (sendo 1 o menos relevante e 5 o mais relevante)?

8. Selecione os cinco ODS que, na sua visão, seriam mais interessantes de se trabalhar na biblioteca em que você atua.

1. Erradicação da pobreza
2. Fome zero e agricultura sustentável
3. Saúde e bem-estar
4. Educação de qualidade
5. Igualdade de gênero
6. Água potável e saneamento
7. Energia limpa e acessível
8. Trabalho decente e crescimento econômico
9. Indústria, inovação e infraestrutura
10. Redução das desigualdades
11. Cidades e comunidades sustentáveis
12. Consumo e produção responsáveis
13. Ação contra a mudança global do clima
14. Vida na água
15. Vida terrestre
16. Paz, justiça e instituições eficazes
17. Parcerias e meios de implementação

9. Na sua visão, seria interessante a oferta de uma capacitação que oriente a utilização das obras do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares? Por quê?

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação? Fique à vontade para escrever no espaço abaixo:

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?
2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com estas atividades?
3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu os ODS _____. Quais os motivos da sua escolha?
4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?
5. Como você conheceu o Clube de Leitura ODS? *(Esta pergunta é somente para os que responderam “Sim” na pergunta 3)*
6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou em suas atividades?
7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando este(s) livro(s)?
8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?
9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?
10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DOS QUESTIONÁRIOS



GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Clube de Leitura ODS (ONU) nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: formando leitores e cidadãos conscientes”, que fará um questionário, tendo como objetivo geral da pesquisa compreender de que forma o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Esta pesquisa envolve ambientes virtuais (e-mails e formulário disponibilizado pelo Google Forms). Não é obrigatório responder todas as perguntas, e o participante pode desistir a qualquer momento, caso se sinta desconfortável ou não tenha disponibilidade.

Por isso, antes de responder às perguntas/participar das atividades disponibilizadas em ambiente não presencial ou virtual, será apresentado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a sua anuência. Esse Termo de Consentimento será disponibilizado no link para o formulário no Google Forms, podendo o participante selecionar o aceite do termo, clicando na caixa de checagem de leitura e assinatura do termo. O questionário será aberto somente após o aceite do participante.

As informações coletadas serão armazenadas e tratadas pela pesquisadora, utilizando-se do seu computador pessoal para registrar as informações em documentos do Word, por meio de textos tabelas e gráficos. Cabe à pesquisadora manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Após esse período, a pesquisadora irá excluir todas as informações da pesquisa de seus recursos tecnológicos em que foram armazenados, sendo devidamente descartadas.

O(a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado(a) pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa, será garantida a indenização. Não haverá custos diretos e indiretos para o participante devido à utilização de ferramentas eletrônicas, pois o questionário será realizado via plataforma Google Forms, sendo esta uma plataforma gratuita. O participante pode acessar esta plataforma gratuitamente através de um link e não haverá nenhum custo para a utilização desta ferramenta.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos tendo em vista o tempo despendido pelos bibliotecários que irão realizar os questionários. Destaca-se que não existem perguntas que constriam de alguma forma os participantes. Mesmo assim, existe o risco de o participante sentir desconforto, medo, vergonha, estresse ou cansaço ao responder às perguntas.

Como forma de minimizar os riscos, o questionário será realizado de forma remota, garantindo maior conforto neste momento, podendo ser respondido conforme a disponibilidade do participante, no dia e horário em que este desejar. A pesquisadora estará disponível para

conversar e tirar quaisquer dúvidas do participante, de forma que este se sinta o mais confortável possível, lembrando que o participante também poderá tirar pausas para descansar, beber água, ir ao banheiro, entre outras situações em que precise se retirar. Conforme o modelo do questionário apresentado na Plataforma Brasil, o conteúdo da coleta de dados volta-se para o acervo e atividades de mediação de leitura. Por ser realizado o questionário em meio virtual, podem ocorrer problemas com a conexão da Internet, ocasionando a interrupção do preenchimento do questionário em função disto. Caso essa situação venha a ocorrer, o questionário poderá ser realizado em outro momento, à escolha do participante. Assegura-se total confidencialidade, não havendo riscos de violação do uso da plataforma Google Forms, pois esta utiliza-se de um link exclusivo gerado somente para o e-mail do participante e da pesquisadora. A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão, em curto prazo, a proposta de capacitação que poderá ser aplicada futuramente com os bibliotecários escolares da RMEF para a utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas, uma vez que trata-se de um mestrado profissional. Ressalta-se que o produto da pesquisa é uma proposta de capacitação e a aplicação da capacitação. Após analisar os dados coletados, o que se pretende elaborar é um modelo de capacitação que pode ou não ser aplicado futuramente e que, de qualquer maneira, assim que o produto for publicado, poderá servir para inspirar ações em prol da utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares. Pretende-se dar um feedback à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) sobre o que tem sido realizado nestas bibliotecas com relação ao Clube de Leitura ODS. Já em médio e longo prazo, busca-se incentivar a leitura desde a infância e a interação das crianças com os princípios dos ODS da Agenda 2030, que visam o desenvolvimento sustentável do planeta, reforçando o papel importante que as bibliotecas escolares podem exercer neste sentido.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos da pesquisa serão a pesquisadora Juliana Marques Ramos, discente do Mestrado Profissional em Gestão da Informação do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação (FAED/UDESC) e a Professora Doutora Daniella Camara Pizarro, professora orientadora da pesquisa.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome. É importante que o (a) senhor(a) guarde em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico, para tanto, o documento estará disponível no link de acesso ao questionário no Google Forms.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: JULIANA MARQUES RAMOS

NÚMERO DO TELEFONE: XXXXXXXXXX

ENDEREÇO ELETRÔNICO: juliana.ramos@edu.udesc.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____ Local: _____ Data: _____
____/____/____.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DAS ENTREVISTAS



GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Clube de Leitura ODS (ONU) nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: formando leitores e cidadãos conscientes”, que fará uma entrevista, tendo como objetivo geral da pesquisa compreender de que forma o Clube de Leitura ODS pode contribuir para a formação de leitores voltada aos ODS nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Esta pesquisa envolve ambientes virtuais (e-mails e videoconferência pelo Microsoft Teams). Não é obrigatório responder todas as perguntas, e o participante pode desistir a qualquer momento, caso se sinta desconfortável ou não tenha disponibilidade.

Por isso, antes de responder às perguntas/participar das atividades disponibilizadas em ambiente não presencial ou virtual, será apresentado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a sua anuência. Esse Termo de Consentimento será disponibilizado por e-mail para o participante. O documento deve ser assinado e enviado para a pesquisadora também por e-mail.

As informações coletadas serão armazenadas e tratadas pela pesquisadora, utilizando-se de gravação da videoconferência e da transcrição da mesma. Utilizando-se de seu computador pessoal, a pesquisadora irá registrar as informações em documento do Word, por meio de texto e, posteriormente, as informações serão distribuídas em categorias, com a utilização de tabelas. Cabe à pesquisadora manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Após esse período, a pesquisadora irá excluir todas as informações da pesquisa de seus recursos tecnológicos em que foram armazenados, sendo devidamente descartadas.

O(a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado(a) pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa, será garantida a indenização. Não haverá custos diretos e indiretos para o entrevistado devido à utilização de ferramentas eletrônicas, pois a entrevista será realizada via plataforma da Microsoft Teams, sendo esta uma plataforma paga e assinada pela UDESC, o que garante que a pesquisadora, como aluna, possua acesso gratuito à plataforma. O entrevistado pode acessar esta plataforma gratuitamente através de um link e não haverá nenhum custo para a utilização desta ferramenta.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos tendo em vista o tempo despendido pelos bibliotecários que irão realizar as entrevistas. Destaca-se que não existem perguntas que constringam de alguma forma os participantes. Mesmo assim, existe o risco de o entrevistado sentir desconforto, medo, vergonha, estresse ou cansaço ao responder às perguntas.

Como forma de minimizar os riscos, a entrevista será marcada no dia e horário que os entrevistados escolherem, conforme sua disponibilidade, podendo o entrevistado retirar-se da

entrevista no momento que desejar. A pesquisadora estará disponível para conversar e tirar quaisquer dúvidas do entrevistado, de forma que este se sinta o mais confortável possível, lembrando que o entrevistado também poderá tirar pausas para descansar, beber água, ir ao banheiro, entre outras situações em que precise se retirar. Além disso, a entrevista será realizada de forma remota, garantindo maior conforto neste momento. Conforme o roteiro de entrevista apresentado na Plataforma Brasil, o conteúdo da coleta de dados volta-se para o acervo e atividades de mediação de leitura. Por ser realizada a entrevista em meio virtual, podem ocorrer problemas com a conexão da Internet, ocasionando a interrupção da entrevista em função disto. Caso essa situação venha a ocorrer, a entrevista poderá ser realizada em outra data à escolha do participante. Assegura-se total confidencialidade, não havendo riscos de violação do uso da plataforma Microsoft Teams, pois esta utiliza-se de um link exclusivo gerado somente para o e-mail do entrevistado e da pesquisadora.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão, em curto prazo, a proposta de capacitação que poderá ser aplicada futuramente com os bibliotecários escolares da RMEF para a utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas, uma vez que trata-se de um mestrado profissional. Ressalta-se que o produto da pesquisa é uma proposta de capacitação e não a aplicação da capacitação. Após analisar os dados coletados, o que se pretende elaborar é um modelo de capacitação que pode ou não ser aplicado futuramente e que, de qualquer maneira, assim que o produto for publicado, poderá servir para inspirar ações em prol da utilização do Clube de Leitura ODS em bibliotecas escolares. Pretende-se dar um feedback à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) sobre o que tem sido realizado nestas bibliotecas com relação ao Clube de Leitura ODS. Já em médio e longo prazo, busca-se incentivar a leitura desde a infância e a interação das crianças com os princípios dos ODS da Agenda 2030, que visam o desenvolvimento sustentável do planeta, reforçando o papel importante que as bibliotecas escolares podem exercer neste sentido.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos da pesquisa serão a pesquisadora Juliana Marques Ramos, discente do Mestrado Profissional em Gestão da Informação do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação (FAED/UDESC) e a Professora Doutora Daniella Camara Pizarro, professora orientadora da pesquisa.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome. É importante que o (a) senhor(a) guarde em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico, para tanto, o documento estará disponível no e-mail enviado pela pesquisadora para o participante.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: JULIANA MARQUES RAMOS

NÚMERO DO TELEFONE: XXXXXXXXXX

ENDEREÇO ELETRÔNICO: juliana.ramos@edu.udesc.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____ Local: _____ Data: _____
____/____/____ .

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES



GABINETE DO REITOR

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas () fotografia, () filmagem ou () gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada **“Clube de Leitura ODS (ONU) nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: formando leitores e cidadãos conscientes”**, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As () fotografias, () vídeos e () gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Participante da Pesquisa

Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, CEP 88035-901, Florianópolis, SC, Brasil.

Telefone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – Lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

APÊNDICE F – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

PARTICIPANTE 1

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

As contribuições... É plantar aquela sementinha do leitor, né? Que hoje a gente trabalha com isso: é a leitura, a leitura por prazer, a leitura por conhecimento, a leitura por descoberta. Esse é o principal foco da mediação de leitura, de a criança se interessar por aquilo. Porque como eu coloco sempre quando eu vou apresentar a biblioteca pra eles, né? Que é o único espaço que eles têm perto da escola que tem um lugar para eles, que eles possam pegar livro. Porque se você for pensar, a gente não tem biblioteca no sul da ilha. Um espaço, um lugar que eles consigam ir a qualquer momento. Então eu acho que é o principal, é implementar a leitura, a questão de gostar do livro, de pegar o livro, de folhear ao livro, de tentar entender aquilo que o livro está passando. Porque muitos também tem aquela dificuldade da fluência, da leitura, de codificar, de interpretar, mas eu acho que o principal mesmo é entender que aquele material ali pode abrir, sabe? Ampliar o Horizonte, descobrir outros mundos, fazer com que a criança, e também o adolescente, mas a gente planta mais na criança, que ela consiga gostar daquilo, sabe? E que leve, né? Saia da escola e consiga levar isso para a vida. Acho que isso é o principal.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com estas atividades?

Então de 1º a 5º ano eles têm horário fixo na biblioteca. De 6º a 9º ano, que são os anos finais, é quinzenal, mas é com planejamento, mas eu já vou chegar neles. Vamos primeiro de 1º a 5º ano: eles têm um horário fixo, eles vão toda semana com os professores. Eu não faço uma leitura programada. Eu faço leitura quando eu tenho vontade. É, estou sendo bem sincera, tá? Quando eu tenho vontade, quando eu vejo um livro, eu me aproprio da história, porque eu gosto de ler antes, interpretar, sentir, porque tem coisas assim, que às vezes eu pego o livro e não tenho vontade de contar aquilo, não? Dificilmente eu vou fazer algo relacionado com a aula, é só se o professor me pedir mesmo. Eu gosto de ler coisas bem aleatórias, esporádicas, sabe? Explorando muitas outras coisas. Não gosto muito desse negócio de planejamento, professor e turma. “Ah, vamos falar sobre esse tema”. Eu acho que isso fica para a sala de aula. Eu gosto

de explorar outras coisas com as crianças, e tal. Faço muitas brincadeiras, eles gostam muito de trava-língua. É uma coisa, assim, que ano passado, nossa! Eu descobri um mundo que eles amam: trava língua. Adoram trava língua. A gente também tem uma parceria para trazer autores de Florianópolis para contar histórias para eles. Eu deixo bem claro que eu não sou contadora de história. Eu só sou mediadora. Eu não me fantasio, não faço nada assim, sabe? É a minha percepção de trabalho, mas é eu, cada um é cada um, né? Eu gosto mais da questão de ler o livro, sabe? De interagir assim dessa forma com eles. E para os anos finais, o atendimento na biblioteca acontece de forma quinzenal, mas é com planejamento, sabe? O professor, ele tem que me mostrar qual é a intenção dele em levar aquela turma na biblioteca. Porque no primeiro ano, quando eu cheguei na escola, eu percebi que o horário, mesmo eles tendo horário fixo, eles não estavam aproveitando. Então era uma aula como se fosse uma aula livre, sabe? Aquilo era perda de tempo. “Ah, vamos lá passar um tempo, ficar no celular e fazer Tik Tok.” Então tem que ter um propósito. Daí do 6º ao 9º ano você percebe quem tem vontade de ler. Quem tem vontade de ler vai na hora do recreio, vai um pouquinho antes de começar a aula. Eles são interessados, né? Dessa forma, sabe? Então isso funcionou muito bem o ano passado, porque tudo tinha uma proposta, sabe? “Olha, estamos lendo esse livro, vamos levar eles lá pra gente compartilhar. Eu quero que você separe esse material.” Então os anos finais funciona assim na escola, mas a base mesmo são as crianças, né? Eles são mais a base, eu trabalho com eles diariamente.

E aí, do 6º ao 9º ano, geralmente é com o professor de Português esse planejamento?

Isso, com o professor de Português, exatamente.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu os ODS 1 – Erradicação da Pobreza, 4 – Educação de Qualidade, 5 – Igualdade de gênero, 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico e 16 – Paz, justiça e instituições eficazes. Quais os motivos da sua escolha?

É interessante trabalhar pela questão da realidade escolar que eu tenho naquela escola, né? Porque a faixa, a renda, né? A renda per capita deles não é uma renda muito grande, mas eles também não são miseráveis assim, mas eles têm uma renda assim que flutua, né? É muita gente que veio de fora, de regiões do norte, do nordeste. Então são crianças assim que dá pra ver que

muitos são migrantes, né? De dentro do próprio país. Então eles circulam muito, né? Não tem uma base fixa, são famílias muito grandes, muitos filhos, famílias de diversas configurações, né? Que não é aquela questão de pai e mãe, né? A maioria, muitos são criados pelos avós, por tios, até por irmãos mais velhos. Então eu acho interessante de trabalhar nessas questões, sabe? E também tem a questão da igualdade de gênero, né? Entra nisso, né? Na questão da igualdade de gênero nos ODS entra a questão do... como se fala?

De orientação sexual, identidade de gênero?

Isso.

Eles tratam mais sobre a questão, assim, da igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas realmente, eu acho que podia ter esse foco nesses assuntos.

Entendi. Sim, sim, porque daí essa questão, ainda da questão do homem ser o centro provedor da casa, aquela coisa toda, isso ainda é bem perceptível na realidade deles. Então, tem criança que não aceita o nosso comando. Vamos falar assim, comando de voz feminino. Eles respeitam mais a figura “homem”. Você como mulher, não, entendeu? Então eu acho bem interessante. Eu não sei se a gente vai chegar nessa pergunta, mas assim eu fui conhecer os ODS porque você me mandou o questionário. Eu não conhecia.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Acho que a literatura é um caminho excelente pra isso, só que em tempo de tanta polarização, eu percebo também que a gente tem que tomar muito cuidado. Porque uma vez eu fui trabalhar sobre a questão de eleições assim, sobre política, né? Explicar como é que funcionava o sistema eleitoral. As crianças levaram para casa de outra forma, né? Então daí eu fui chamada, a diretora veio falar comigo, sabe? Que disseram que eu tava fazendo campanha eleitoral, mas eu não falei nada disso. Então tudo você tem que pensar também atualmente, Hoje, como você vai trabalhar com eles? Porque eles distorcem tudo, sabe? E o produto final da família em si hoje, né? Que eu percebo que a interferência deles na escola é muito grande, né? Querem saber de tudo. “Por que que meu filho tá estudando isso? Isso é pertinente para ele estudar, por que que eu tenho que falar sobre esse livro?” Então, assim fica meio Complicado, sabe? Tem coisas

assim... mas a gente vai levando, sabe? Vai costurando. Tem um livro que eu vi ali [nos livros do Clube de Leitura ODS] que esse livro está no PNLD Literário, que se chama “Se os tubarões fossem homens”, que ele trata sobre o capitalismo, né? Eu estava vendo esse livro esse ano. Ele é um livro muito bom para trabalhar com os anos finais, né? Só que daí eu fiquei pensando: “Ai, meu deus, esse ano é ano de eleição, será que não vão levar para outro lado?”

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou em suas atividades?

Ah, é um que eu adoro, foi o único que eu usei até o momento. Foi o “**Direitos do pequeno leitor.**” Eu acho esse livro assim, maravilhoso. Eu acho que ele vai ser usado por muitos e muitos anos, porque ele é muito fofinho. Vou usar essa palavra mesmo, é muito queridinho. As figuras, a forma como é a linguagem, e daí eu consigo casar, eu uso ele para as turmas de 1º ano, né? Eu consigo casar mostrando para eles que eles têm os direitos, né? Da questão do lúdico, de ser leitor e tal, mas daí eu já vou puxando o gancho para os deveres deles em relação ao espaço da biblioteca, né? Que aquilo ali tudo pode acontecer, vai acontecer. Nossa, é ótimo! Mas que eles também têm deveres para que realmente isso também aconteça. E as crianças entendem, sabe? É muito bonitinho, sabe de ver. Eu adoro esse livro.

E geralmente é na primeira semana de aula, assim de apresentação da biblioteca que você faz essa atividade?

Isso, faço na primeira semana de apresentação. Quando eles vêm da Educação Infantil. Eles atentam, sabe, daí eu faço toda uma brincadeira lúdica, que o livro tem sentimento, que o livro ele fala, se você levar ele para casa e trazer estragado ele vai chorar. E eles lembram isso na cabeça deles, sabe? “Não pode fazer isso, o livro chora. Ele tem sentimento”. É bem legal.

Bom, acho que as duas próximas perguntas você já respondeu bem, que seriam: “7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando este(s) livro(s)?” Então, o que você fez foi mais a leitura mesmo, né? e a pergunta “8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?” É... aqui que na pergunta 2, eu tinha perguntado, como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades? Se puder falar um pouquinho mais em relação aos professores assim, se vocês fazem trabalho em parceria, além dos de Português. Como acontece essa parceria? Os professores ficam junto nas aulas?

Sim, sim, eles ficam junto nas aulas. Só que como eles têm uma expectativa com o bibliotecário, né? Eu já quando eu cheguei na escola, eu percebi isso. Eles acham que a gente vai pintar o 7, se vestir de princesa e tal, aquela coisa toda, mas como a gente tem um departamento, né? Que somos em 36 bibliotecários, se eu não me engano, mas que apoia a gente nesse sentido: que estamos ali para fazer mediação de leitura, né? Não somos obrigados a se fantasiar, fazer malabarismo, teatro e tal. Isso cada um tem seu perfil. E se vai de interesse do professor, a gente combina com algum escritor, algum contador de história. Durante uma agenda, durante o ano, para proporcionar esses momentos durante a escola. No começo assim, alguns professores assim me olharam tipo: “Pera aí, mas tu não vai contar história?” Daí eu ainda falei: “Não vou contar história sempre, é quando eu estiver com vontade”. Tem semanas em que acontecem só atendimento, as crianças só escolhem o livro e tem semanas que eu conto histórias, faço a mediação. No começo, eles meio que assim, mas depois todo mundo entrou no ritmo e hoje ninguém me cobra nada. Então está tudo certo. Agora em relação às parcerias... Olha, já vai fazer dois anos que eu estou na rede e na escola, sendo bem sincera com você, eu não tive parceria, não. Assim que a gente fez um trabalho, um projeto juntos? Não, não tive. E o que que eu percebo? Eles estão cheios de coisas para fazer, muita coisa, então, tipo, colocar mais uma coisa vai ser só para acumular trabalho. Às vezes eu percebo, tenho essa percepção de que a biblioteca chega a ser um descanso pra cabeça deles, assim: “vamos levar os estudantes lá, agora a minha cabeça vai relaxar por 45 minutos”. Claro que eu não quero que seja assim, então eu vou administrando a aula e vou mostrando como é que tem que ser, né? Porque eles também têm que pegar junto comigo, porque eu não sou responsável pela turma. Nenhuma turma vai sem professor. Nós não somos responsáveis por isso, né? Como a gente não está na educação... Só vou fazer um parêntese assim: a prefeitura coloca a gente num outro quadro, não coloca a gente no quadro do magistério, então o professor, ele é regente da turma. A gente não tem regência, então a gente não pode ficar com a turma. Então a gente está ali só pra atender, fazer esse atendimento e tal, mas assim, parceria? Olha, vou te dizer, nesses dois anos, eu não tive nada. E olha que eu tentei, né? Até com os anos finais, mas como eles têm muito trabalho, muita demanda, fazer mais uma coisa, assim vai ser muito cansativo para eles. Dá para perceber.

Você tinha comentado de às vezes algum professor te pedir para contar uma história específica...

Sim, sim, sim, acontece. Acontece isso, mas daí é aquela coisa, você acha o livro e daí, tipo “te

vira”, sabe? Faz o que você achar que você tem que fazer. Eu não vou muito influenciar nisso, sabe? É mais ou menos isso, assim eles não querem mais demanda, não que eu acredito que eles não quisessem, sabe? Mas como a demanda é muito grande dentro da escola e muita coisa para fazer, eu acho que acaba que eles acabam deixando de lado, sabe?

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu esperaria um direcionamento de. Claro, tem lá... são 15 ou são 16?

Os ODS? São 17.

Isso, eu ia achar legal um direcionamento, sabe? Vamos trabalhar isso, como é que faz essa literatura? Porque o livro, né? Ele tem diversas e diversas formas de você interpretar ele. E a gente não é especialista em literatura, eu fiquei pensando... os livros estão divididos lá por objetivos, né? Só que daí... vou fazer isso como? Esse livro vai falar sobre o quê? Vamos colocar isso onde? Eu e outros colegas, a gente tem bastante dificuldade em relação a isso.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Não, acho que eu falei bastante [risos]. Boa sorte na pesquisa e espero ver em breve os resultados.

PARTICIPANTE 2

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

Eu acho que a mediação de leitura é essencial no ambiente escolar. Eu não imagino a escola descolada desse fomento à leitura, dessa formação de leitores né? Eu vejo até como prejudicial quando não se tem essa ponte entre biblioteca e sala de aula. Biblioteca e sala de aula caminham juntas, né? Para além do ensino da leitura e da escrita, né? Que muitas vezes as pessoas acham que está atrelado a isso: a vinda à biblioteca ser um momento só para pegar o livro, porque a criança está sendo alfabetizada e porque depois ela precisa estar com a leitura fluente, em dia, mas também para uma formação humana, formação social, formação cidadã, né? Essa

formação, leitora, essa formação de mundo, essa leitura por prazer por deleite, são essas as contribuições, né? A gente acaba perdendo muitos estudantes ao longo do processo nessa formação do leitor. Tem algumas rupturas no ensino e na transformação do espaço de biblioteca. A biblioteca acaba perdendo um pouco da característica dela, ela acaba sendo só um complemento da sala de aula, isso quando não enxergam esse potencial, né? De formação de leitor assim, de ir ao espaço, saber usar o espaço, ler os livros, ter autonomia na escolha dos livros, né? Tudo isso são fatores que ajudam e muito, né? Que contribuem muito para a formação do leitor. E muitas vezes eles são deixados de lado assim. No nosso caso aqui a gente trabalha muito na perspectiva da leitura por prazer, da leitura, por deleite. Todas as turmas têm um horário semanal na biblioteca, uma vez por semana eles vêm na biblioteca. E a ideia é que não esteja... em alguns momentos, está atrelado ao conteúdo da sala de aula. Ah, estamos trabalhando poesia, estamos trabalhando fábulas, estamos trabalhando contos. Tudo bem, mas a ideia é que seja aquele momento que eu vou pegar um livro... E eu sempre falo para eles assim, o livro é igual música, é igual filme, a gente pega para se divertir, a gente pega para se distrair. E se a gente gosta, a gente pega mais de uma vez. Tem isso também. Então às vezes eu vou contar uma história, daí eles falam: “Ai, já contou essa história.” Mas aí eu falo: “é que nem música boa, que nem filme bom. A gente escuta de novo, a gente lembra, então acho que é essa coisa mesmo, dessa formação cidadã, acho que é isso.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com estas atividades?

Então, os estudantes têm um horário fixo. Os estudantes dos anos iniciais vêm regularmente, semanalmente. Anos finais, eles têm um horário semanal, mas vai de acordo com o planejamento do professor. Então, tem turmas às vezes que vem semanal, tem turma que vem quinzenal, tem turma que às vezes fica um mês inteiro quase sem vir, porque depende do planejamento do professor. Porque no Ensino Fundamental 1, eles vêm com a professora regente que trabalha com eles, que está a semana toda com eles, que é a mesma professora que dá Português, Matemática, História, Geografia, Ciências. Ela que dá essas matérias, então ela tem uma grade maior, né? Os estudantes do Fundamental 2, eles vêm na aula de Português, porém a biblioteca também fica aberta no recreio. Então eles têm um momento da aula de Português, mas isso não impede que eles venham no Recreio. Dois dias fica aberto no recreio dos pequenos e dois dias no recreio dos grandes. Eles podem vir para trocar independente do professor, porque o professor de Português acaba indo mais para o viés de realmente de ter uma

atividade, ter um propósito, aquela atividade ou fazer uma ficha de leitura, que eu particularmente não gosto. Quando fala em atividades de mediação, são propostas que eu faço para os professores ou coisas que acontecem, como contação de história, pesquisa. Às vezes, por exemplo, essa semana o Ziraldo faleceu. Eu tinha um planejamento, eu mudei e introduzi o Ziraldo, para a gente conversar um pouquinho sobre o Ziraldo, a importância dele. Com uma turma eu li “O menino Maluquinho”, com outra eu li “As aventuras do bonequinho do banheiro”. É sempre assim. Semana que vem a gente vai ter a Semana Municipal do Livro, em que a gente vai receber autores e escritores. São essas atividades de mediação de livro ou quando algum professor solicita: “[Nome do participante], nós vamos trabalhar sobre fábulas, tem como contar uma fábula para eles? Tem como tu separar os livros de fábula?” A gente bota nas mesas para eles poderem explorar o material. São essas as iniciativas assim, e eu sempre separo no primeiro e no segundo semestre, um evento, algo relacionado à biblioteca e também relacionado à cultura, à literatura, que é tudo muito junto. Assim, então no primeiro semestre a gente tem na biblioteca a Semana Municipal do Livro Infantil, que é em abril, por causa do dia 18 de abril que é aniversário do Monteiro Lobato. É um evento que acontece na rede toda, não é só na nossa escola. E no segundo semestre tem a Mostra de Cinema Infantil, que é a biblioteca quem promove também. E a gente traz também essa linha de literatura, conversando com cinema, literatura, conversando com o teatro em alguns momentos também. Então seriam essas as atividades de fomento à leitura, à literatura, sempre entendendo esse espaço como um espaço cultural, e não só como espaço para vir pegar livro, mas um espaço em que acontecem coisas também, né? Que alguém vem falar, vem uma pessoa diferente, onde o professor pode fazer uma aula diferente também. Os professores às vezes usam a biblioteca como extensão da sala de aula também. A gente faz oficinas também. Tem vezes que eu não conto história, a gente não leva livro, a gente faz uma oficina de marcador de livro. Cada um faz o seu, bota o nome e cola uma tirinha de gibi velho recortado. Vou fazer de novo esse, porque eles gostam. Não precisa fazer sentido, pode colar de qualquer jeito, cortar de qualquer jeito, mas é bem legal. Outras atividades da biblioteca para além do livro, mas que estão relacionados ao livro e a biblioteca.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu os ODS 4- Educação de Qualidade, 5 – Igualdade de Gênero, 10 – Redução das Desigualdades, 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis e 16 – Paz, justiça e instituições eficazes. Quais os motivos da sua escolha?

Eu escolhi esses em específico pensando inclusive não só na biblioteca, mas na escola como um todo. A gente tem o PPP da escola, o projeto político pedagógico, onde a gente escolhe alguns eixos para trabalhar durante o ano. E os eixos, se eu não me engano, vou tentar lembrar os três, eu lembro dois: um deles é “Construindo atitudes sustentáveis”, o outro eixo é “Respeito à diversidade” e o terceiro, não vou lembrar agora, mas o terceiro tá algo voltado para as relações deles também, algo assim. Mas o da diversidade e da sustentabilidade são os principais eixos que a gente trabalha na escola. Então, o máximo que a gente puder trazer isso pro dia a dia, para as nossas práticas principalmente, não ficar somente no discurso, não trazer somente nas aulas, no conteúdo que está programado. Por exemplo, a gente tem horta, Composteira, os estudantes têm aula de horta, tem um professor que está designado só pra trabalhar com a horta. A questão da sustentabilidade, separação do lixo, fazer papel reciclado, e isso perpassa por todos os ambientes da escola: laboratório de Ciências, aula de Geografia, aula de Ciências, biblioteca, sala informatizada. Então, aqui na biblioteca de vez em quando tem a questão ambiental, por exemplo, que é muito importante trazer. Trazer histórias, tem uma história muito bonita chamada “A árvore generosa” que é ótima para trabalhar a questão. Ela é uma história super emocionante, ela fala sobre a amizade, mas ela fala sobre a Exploração também do ser humano para com a natureza, né? A questão da diversidade é totalmente voltada para o meu trabalho, que eu fiz no mestrado. Eu tenho um acervo muito legal aqui, de obras que falam sobre diversidade, tanto para os anos iniciais quanto para os anos finais, respeitando sempre as faixas etárias, o tempo das crianças, mas a gente fala da amizade, das mudanças corporais da adolescência, daí a gente já fala de sexualidade, de gênero, de igualdade de gênero também. Tem um livro “Coisa de menino ou coisa de menina” que fala sobre isso, é muito interessante. Assim, eu gosto muito de trabalhar uma perspectiva diferente. Eu não vou ser o bibliotecário que vai contar Chapeuzinho Vermelho, a Branca de Neve, os clássicos, os estudantes, os mais velhos, vão ler Dom Casmurro. Não, eu gosto de trazer coisas diferentes, que tragam reflexões diferentes. Trazer autores diferentes também e pensar bastante nessa perspectiva mesmo. E os ODS, eles têm essa característica, né? São problemas atuais, problemas que precisam ser discutidos para melhorar o mundo de um modo amplo, não só no sentido de como antigamente quando se falava, se pensava em Agenda 2030 e ONU e essas coisas, pensava-se só em mudanças climáticas. Era um outro viés assim, até questões atuais no mundo, de conflitos. Mas não se via falar muito sobre respeito às diferenças, desigualdades. Esses temas foram surgindo agora e é muito bom assim. Inclusive, respondendo o teu questionário me ajudou, porque eu vi vários títulos que a gente pode incluir no nosso acervo.

Já estão na lista de compra alguns deles. Que bom que o MEC mandou alguns dos livros, né? A gente tem alguns porque o MEC mandou. E eu tenho muitos livros que ainda não estão no acervo, porque a gente ficou quase dois anos sem Pergamum, agora que a gente tá voltando. E eu priorizo o atendimento para depois o Pergamum, então agora que eu estou voltando aos poucos a inserir. Então vai mudar, vai aumentar o número de livros que a gente tem aqui.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Com toda certeza, através da literatura seria um caminho. Eu acho que em alguns momentos a literatura consegue passar uma mensagem melhor do que um conteúdo, uma aula expositiva, porque as crianças conhecem, eles sabem, mas através do exemplo e de conhecer aquela situação, não sendo um conteúdo, ela fixa muito mais do que um conteúdo, porque as crianças sabem que é importante reciclar, a gente sabe que é importante ter atitudes sustentáveis, a gente sabe que é importante respeitar as pessoas. Mas no feeling do dia a dia, talvez tu ouvindo uma história onde tem uma representação disso acontecendo, ela tem o maior impacto do que tu só absorver aquele conteúdo. A gente sabe o que é certo e o que é errado. Desde a minha época, eu sei que existe buraco na camada de ozônio, que isso vai trazer um superaquecimento para a Terra, mas e no meu dia a dia eu consigo ter atitudes que vão minimizar esse dano? Falando na questão ambiental ou até mesmo na questão do bullying dentro da escola. Tudo isso eu acho que a literatura tem esse poder maior, tem esse poder de mexer, tem o poder de buscar depois na memória: “Pô, lembro que eu ouvi uma história sobre isso.” Eu acho que a gente consegue periodicamente trazer, porque tem gente que trabalha algumas temáticas só em períodos específicos. As histórias, não. Elas podem surgir a qualquer momento. Eu gosto disso. Por exemplo, eu não espero novembro para trabalhar a questão racial, eu trabalho durante o ano todo. A questão indígena também. Não é uma data que vai determinar o que eu vou trabalhar ou não, porque se não acaba se tornando isso também, é passar a data e esquece o tema. E às vezes é na hora, Chegou a turma aqui, tá rolando alguma confusão... Teve uma turma ano passado que eles... Cada turma tem um dia que pode usar a quadra no recreio, eles têm uma escala. E tinha uma turma que não estava aproveitando o seu tempo, brigavam, dava confusão e eles perderam o direito de usar a quadra naquele dia. E era muito ruim e eles ficaram mobilizados com isso. E eu peguei uma história lá da Ruth Rocha, “O dono da bola”, que está no livro “Marcelo, marmelo, martelo” que é muito boa. Que é sobre uma pessoa que não tem fair-play, não tem espírito de equipe, não sabe respeitar as pessoas. E foi muito legal a gente ter

trabalhado com eles. Depois, eles voltaram a usar a quadra e deu tudo certo. Foi muito legal e eu nem tava planejando ler para eles, mas eu pensei: “Nossa, eu tenho uma história perfeita para isso.” Então trazer a literatura neste momento é muito legal.

5. Como você conheceu o Clube de Leitura ODS?

Eu conheci primeiro de nome pela FEBAB, se eu não me engano, algo de rede social, algo de live, alguma coisa assim. E aí o nome dele confunde muito. Confunde muito quando fala “clube da leitura”, parece que vão ser encontros em que as pessoas vão ler o livro, vão debater o livro, e não ser uma série de indicações de livros para trabalhar especificamente os ODS. Confesso que, respondendo ao teu questionário que eu descobri exatamente o que era o Clube, o objetivo do Clube, pude olhar as obras do Clube e entender. Eu já conhecia, já entendia, só que a minha compreensão maior foi depois disso, porque eu achava que era uma coisa que tu teria que aderir, montar relatório, algo assim, ou que tu receberia as obras. Esse era o entendimento, muito por cima que eu tinha. Então eu tinha um conhecimento raso sobre o clube, um conhecimento um pouco errôneo até, por assim dizer, mas agora eu já sei, já sei que trabalho com as obras. Eu trabalhei sem saber, né? Trabalhei, mas não no intuito de “estou trabalhando o Clube ODS”. Trabalhei algumas das obras e sabia que essas obras faziam parte do Clube dos ODS. E me surpreendi até de saber que o trabalho que eu fiz foi super voltado mesmo para isso.

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou em suas atividades?

Tem um que eu tenho certeza que eu trabalhei, que é o “Direitos do pequeno leitor”, é o que eu mais trabalhei. Eu já trabalhei mais de uma vez, com mais de uma turma. Eu trabalhei com todas as turmas, na verdade, de 1º ao 5º ano. A nossa biblioteca aqui foi toda reformada, então eu queria fazer algo assim, de reintrodução na biblioteca. Então eu contei a história dos direitos do pequeno leitor, que é uma história onde a autora vai falando que todo o pequeno leitor tem direito à imaginação, a viajar na história. É um livro lúdico, ele é baseado nos dez direitos imprescindíveis do leitor, que é de um livro do Daniel Penac, em que ele elenca dez direitos do leitor, que é o direito de pular páginas, o direito de não ler, o direito de deixar um livro para trás, o direito de ler em voz alta, o direito de calar, de não falar sobre o livro, que ele entende como os direitos do leitor, que leitor não precisa falar sobre o que ele está lendo e tal. É bem polêmico e tem gente que não gosta, né? Ah, o direito de não falar sobre o livro ou o direito de ler em qualquer lugar, o direito de ler trechos soltos. É bem legal, é bem bonito. Eu sempre

ponho ele no mural, eu tenho aqui no meu mural. E daí eu pego esse livro e depois eu pergunto para eles quais são os direitos deles na biblioteca. De 1º ao 3º ano a gente faz em conjunto, a gente constrói os direitos da turma na biblioteca, porque nisso a gente já fala sobre Direitos Humanos também, fala do ECA, fala da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Trago assim um apanhado sobre o que é direito? O que eles têm de direito? A escola é um direito, moradia é um direito, alimentação é um direito. E daí quais seriam os direitos deles na biblioteca? E dá pra perceber que eles têm uma ideia errada do que é a biblioteca. Eles dizem que eles têm o direito de ficar em silêncio, o direito de não bagunçar. É tudo muito restritivo, tudo não permissivo para eles. Eu falei para eles que não, que o direito de vocês aqui é de levar livro, o direito de ler, o direito de imaginar, e daí, nossa! Saiu cada coisa tão legal. Do 1º ao 3º ano eles constroem junto os dez direitos e daí a gente faz um cartaz e coloca lá fora e depois fica exposto aqui na biblioteca. E do 4º ao 5º ano, eu faço eles fazerem os direitos deles, cada um escrever individualmente. Eu tenho guardado. É muito legal, muito interessante assim, o que sai depois que a gente faz essa conversa, de o que que é direito e o que que é dever? Que eu falei: “a gente não está falando sobre dever, de que a biblioteca é um lugar de silêncio e que eu não posso esquecer o livro em casa, nada disso.” Uma coisa meio repressiva. É sobre direitos, sobre o que que eles têm direito. “A gente tem direito de pegar o livro que a gente quiser”, teve um que botou assim. Então foi muito interessante. A gente conseguiu amarrar a questão dos direitos humanos, direitos deles com a literatura, por exemplo. Esse é o exemplo mais emblemático. Tem também o “Caderno sem rimas da Maria”, que tem também o “Caderno de rimas do João”, que os dois são do Lázaro Ramos e é um livro muito legal, muito interessante para trabalhar com eles. Eu trabalhei com o “Caderno de rimas do João” já fiz até fiz vídeo, na época da pandemia eu trabalhei com esse livro. Ele fala sobre vários temas e daí a gente escolheu a saudade, viagem, para falar sobre parentes que foram embora e daí a gente conseguiu trabalhar com a professora que estava trabalhando poesia e rima, junto com a questão emocional deles também. Liga muito com os ODS. E aí tem o “Caderno sem rimas da Maria”, que é continuação do outro. Tem o que eu já tinha mencionado antes, que é o “Coisa de menino ou coisa de menina”, que é um livro que faz essa brincadeira sobre o que que é coisa de menino e o que que é coisa de menina, para no final descobrir que não tem coisa de menino e coisa de menina. Tudo é coisa de criança, então a gente trabalha a igualdade de gênero. Esse eu já li pra eles. Então alguns livros eu fiz só a mediação, não teve um trabalho ou atividade depois, mas teve a mediação do livro. Eu gosto de por exemplo, assim, Celso Sisto é um autor que defende que texto não é pretexto. Tem gente que acha que o texto tem que ter pretexto, tem que explicar depois o que tu leu ou que tem que perguntar: “E aí, o que vocês entenderam? Vocês gostaram?”

E isso morre um pouquinho nesse processo, então só a mediação de leitura às vezes é o suficiente. E esse livro do “Coisa de menino ou coisa de menina” sempre gera muito burburinho. Quando a gente fala, por exemplo, de questões ambientais, eles vão todos na mesma linha. Quando fala de questões de respeito às diferenças, eles vão todos na mesma linha. O “Coisa de menino ou coisa de menina” gera polêmica, porque eles vão ter vivências diferentes e a questão familiar interfere muito. É tipo assim, “meu pai diz que menino não brinca de boneca”, “minha mãe diz que carrinho é coisa de menino”. Então eles têm alguns choques culturais e de vivência maior, aí gera mais comoção. Quanto mais velhos, principalmente. Se eu for ler essa história para o 5º ano, ela gera discussões, porque daí eles já têm uma percepção maior de mundo, de convivência. Então eu tinha uma turma também que tinha um problema que era no futebol, os meninos não deixavam as meninas jogarem futebol. Então, contar essa história é muito legal. Eu contava essa outra chamada “Menina não entra”, que é sobre os meninos que só querem meninos no time. Mas sempre legal trazer essas questões e esses livros nesses momentos. Então tem uns que a gente deixa que eles façam a absorção deles, do que eles ouviram, as próprias conclusões deles. E tem horas que a gente precisa mediar porque existem choques culturais e de criação de casa muito grande assim. E alguns até com falas que a gente às vezes tem que tem que... daí eu levo lá para orientação pedagógica e digo: “Ó, seria legal conversar com essa criança, com essa família. A gente achou assim umas falas rígidas, umas falas preconceituosas que a gente tem que cuidar”. E eles estão reproduzindo, na verdade, não é a criança. “Meu pai disse que...” “Minha mãe falou que...” E isso acaba sendo prejudicial para eles, na convivência entre eles, né? Acho que seria mais ou menos nessa linha. Mas então foram esses três livros que eu utilizei.

Bom, acho que você já respondeu quase que por completo as duas próximas questões, que seriam: “7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando este(s) livro(s)?” e “8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?”

E em relação à faixa etária, os “Direitos do pequeno leitor” você falou que foi com as turmas de 1º ao 5º ano. E os outros dois também?

Isso, o “Coisa de menino ou coisa de menina” foi com um 6º ano, porque a situação foi com um 6º ano e era uma turma bem difícil. A gente fez vários trabalhos ao longo do ano porque era uma turma muito complicada, porque tinha muitos casos de bullying. Então tinha a questão do machismo muito atrelado, os meninos com as meninas, gordofobia, homofobia, capacitismo, porque tinham dois estudantes com deficiência na turma e tinham situações onde eles eram

excluídos da educação física, onde eles eram ridicularizados pelo jeito, ou porque tinham dificuldade de locomoção ou fala. Então, foi feito um trabalho e não foi feito um trabalho isolado da biblioteca. Os professores pararam naquele ano, em um dia em específico, para falar sobre a turma 62. Porque estava assim, era fora da curva total do que é comum, do que tu espera, porque escola tem situações de bullying, tudo isso tem, mas eram um caso onde estava tomando uma proporção muito grande, fora do controle. A maioria fazia. Então começou com um pequeno grupo e depois as outras pessoas para se defender também faziam e virava um show de horrores assim, né? Depois melhorou bastante, mas teve que ser chamado pais, alguns estudantes tiveram que trocar de turma, fazer esse trabalho constante... E aí tinha que ser “texto é pretexto” mesmo pra essas turmas, porque tinha que trazer muito para o dia a dia deles essas situações. Eles assistiram ao filme “Extraordinário”, a gente teve que assistir com eles, ler livros que falassem sobre isso. A gente fez um projeto com eles com o livro “O jardim secreto”, que foi bem legal. Esse livro tem uma criança com deficiência, que é um dos protagonistas. Então foi bastante trabalho.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu espero muito que ajude a explorar as obras. Mostrar o potencial das obras no dia a dia e para desmistificar, porque o nome “clube de leitura ODS” confunde muitas pessoas. Inclusive tem colegas que quando foi enviado o questionário e tal, achavam que era tipo assim: “Ai, eu não participo desse clube da leitura. Eu não posso falar sobre, porque não tenho conhecimento”. Porque nunca nos foi apresentada a informação oficialmente, que o Clube de Leitura é uma iniciativa da ONU, que trata do desenvolvimento sustentável. Tem esses eixos, tem essas obras, essa obra fala disso, essa obra fala daquilo. Não precisa apresentar todas, mas apresentar esse potencial. E, quem sabe, por exemplo, se falar dos ‘Direitos do pequeno leitor’, eu posso muito bem levantar a mão e falar sobre. “Olha, eu trabalhei na escola, eu trabalhei assim assim”. Porque a gente é muito resistente a essa questão “Ai, uma atividade pedagógica...” Não, é uma atividade lúdica, uma atividade de literatura. Eu fiz uma atividade que ela não chega a ser pedagógica. A gente tá falando sobre a construção desse espaço biblioteca. Então o que a gente espera dos estudantes nesse espaço? E o que que eles têm aqui como direito, né? Não foi uma coisa que foi uma transmissão de conteúdo, absorção de conteúdo, de ele adquirir um conhecimento. Foi mais uma questão de pertencimento, de espaço, de reconhecimento como um ser social, como um ser cidadão. Tem gente que encara a criança como se criança não tivesse direito, né? Porque “ai, é o pai da criança que vai dizer o direito que ela tem”. Não! Ou então

que criança não tem opinião ou que a criança não pode definir como ela vai utilizar aquele espaço. Não! Então acho que a formação seria muito legal para isso e eu tenho certeza que apareceriam muitos trabalhos parecidos com esse e que as pessoas nem se dão conta. Então eu acho que a formação é essencial, é importante, é urgente. Porque é um material rico, um material disponível. Eu sei que tem uma questão de apoio ali, até mesmo trazer alguém da FEBAB também para trazer esse histórico seria bem interessante. Não precisa ser só tu trazendo a formação, pode trazer alguém da FEBAB para trazer a parte do histórico, por exemplo.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Não, só elogiar pesquisa porque foi muito legal conhecer a fundo os ODS, saber os livros, fiquei feliz que eu já estou trabalhando. Porque quando falava da questão dos ODS, eu pensava: “nossa, estou fazendo nada por isso. Ou não estou antenado nisso.”. Porque às vezes a gente fica tão na nossa realidade da biblioteca escolar e se a gente não está num ambiente acadêmico ou em um movimento... Eu conheci porque eu estava no movimento associativo, mas os meus colegas que não estão nesses ambientes, eles nem sabem. Se ninguém falar ou se alguém for lá e compartilhar, vai fazer igual os outros, que olharam o nome e: “Ah, clube da leitura, pô, vou ter que ler livro e falar sobre livro, vou ter que me reunir.” Tem gente que achava que era isso, se reunir com pessoas e falar sobre o livro, então eu acho que é importantíssimo assim e vai ser muito legal. Os frutos dessa pesquisa vão ser muito bem colhidos.

PARTICIPANTE 3

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

A leitura, ela vai incentivar... No caso, vai abrir para que o estudante desperte o senso crítico, vai melhorar a escrita, a criatividade. E tem imensos fatores que acarretam, né? Eu tenho dois filhos e acompanhando eles também na trajetória escolar, eu vejo que a leitura ajudou muito, até na questão quando eles foram fazer o vestibular, que eles sempre estudaram em escola pública. Isso fez com que, principalmente o mais velho, ele lia muito, principalmente na adolescência. E na escrita, na hora da redação, da criatividade, nesse desenvolvimento em si de

toda essa escrita e também ajudou com que ele passasse no vestibular, com a questão da interpretação e tudo. É muito importante.

Sim... Então quanto à mediação da leitura na biblioteca, você vê que pode contribuir também para esses processos de despertar do senso crítico... Tipo, as atividades que são feitas na biblioteca, você vê que também contribui para esse para essa formação do leitor?

Sim, o vocabulário também que ampliou. Eu vejo no caso, como eu acompanhei meus filhos, que eu acredito também isso repercute no modo geral, né? Para todos os estudantes. E assim, do pensamento, da formação do pensar, do falar, a oralidade, tudo melhora.

É com certeza... Então a biblioteca vem também para contribuir além da sala de aula, né? Porque eles têm a disciplina de Língua Portuguesa tudo, mas na biblioteca eles vão ter esse algo a mais, não é? Você vê assim o trabalho da biblioteca como um diferencial para o estudante poder ter esse incentivo à leitura?

Com certeza, como eu falei, né? Vai melhorar todos esses aspectos, essas questões, no desenvolver até da vida deles, né? No dia a dia.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

A gente tem o “Clube da leitura: a gente catarinense em foco” que é um projeto da rede onde tem a visita do autor, né? Que são obras catarinenses. A gente escolhe junto com os estudantes uma obra para trabalhar, aí desenvolve um projeto dentro desse contexto, dessa leitura. E depois tem o encontro com autor, onde é bem rico, bem valoroso esse encontro, porque cria toda uma expectativa deles em relação com conhecer, saber um pouco do autor. Saber, por exemplo, por que que despertou o interesse de escrever? E tem muitos estudantes que também querem escrever. Aí eles escrevem um livrinho, faz um livrinho para entregar para ele. É interessante nesse sentido de despertar esse interesse, não só por conhecer o autor, mas conhecer as obras. Se tem outras obras que ele escreveu, eles querem conhecer, querem ler e desperta a escrita também, né? Tem contação de história que a gente faz também. Eu tenho uma parceira na biblioteca que ela tá designada e a gente faz contação de história, medição de leitura. Aí recentemente também trabalhei um projeto com uma professora, que repercutiu num seminário

que os estudantes do 5º ano fizeram, que foi sobre biografias. Daí trabalhou também a questão do gênero, porque eram biografias de mulheres que trouxeram alguma mudança na sociedade, que mudaram algum aspecto do seu contexto.

Ah legal, então vocês fazem também contação de histórias e mediação de leitura já no cotidiano, né? E a interação dos estudantes? Eles gostam depois da história de falar sobre o que eles ouviram? Os professores também participam desse momento, interagem com o que vocês tão falando e apresentando?

Sim, eles comentam, depois a gente abre, né? Para eles falarem o que acharam do livro, qual foi a percepção que teve. E aí eles vão falando, assim, o que mais gostaram. E a gente vê que eles conseguem pegar a essência da história e ter essa interpretação. E às vezes até meio que viajam assim, no sentido da imaginação mesmo, sabe? É muito interessante.

Sim... E num geral as professoras costumam participar também? Ou elas ficam mais assistindo mesmo nesses momentos?

Com algumas professoras a gente consegue fazer uma parceria maior, desenvolver algo além daquela mediação de leitura, mas não são todas. Tem alguns professores que ainda têm essa percepção de achar que... sabe? Que está ali, então “é um momento delas [a equipe da biblioteca] trabalharem. Eu vou ficar mais de canto.” Infelizmente tem alguns casos nesse sentido, mas geralmente são professoras novas que não conhecem a dinâmica de como funciona, né? Mas tem, infelizmente tem alguns.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em você é atua. Você escolheu o ODS 3 - Saúde e bem-estar, o 4 - Educação de qualidade, 5 - Igualdade de gênero, 6 - Água potável e saneamento e 13 - Ação contra a mudança global do clima. Quais os motivos da sua escolha?

Eu acho que às vezes são questões atuais também que já vêm sendo discutidas na escola, como a questão da igualdade de gênero e eu acho importante que seja trabalhado nas escolas para que tenha esse respeito em relação à mulher. Então tem algumas questões ali, eu não lembro de todos que você falou agora, mas eu acredito que minha escolha foi por conta disso assim...

Dessa questão de trazer esse conhecimento para eles e que eles despertem e reflitam sobre essas questões. E consigam ter uma mudança, pelo menos naquele entorno deles. Eu lembro que a professora comentou, quando eles fizeram esse trabalho sobre a biografia das mulheres no caso, né? Em que a gente trouxe uma literatura que é “Histórias de ninar para garotas rebeldes”. Então, essas biografias despertaram muitas coisas neles. Então eles foram para a sala de aula, depois a professora comentou que eles ficaram ainda discutindo aquelas questões. E aí também eles fizeram uma escrita e aí surgiu a questão de a princesa ser motoqueira no assunto, né? Aí teve um rapaz que falou: “Princesa motoqueira? Princesa não anda de moto.” Daí gerou um debate em torno daquilo. E aí fez com que o rapaz também refletisse a respeito disso. Por que que a princesa não pode andar de moto? Então eu acho que é isso, trazer essas reflexões nesse contexto deles.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Eu penso assim, que o importante também é ter uma parceria com o professor, para que os trabalhos tenham mais qualidade, para que tenham um planejamento melhor. Eu sei por conta do “Clube da leitura [:a gente catarinense em foco]” em que geralmente é assim, quando tem essa parceria, a coisa desenvolve melhor. E eu acredito que é isso, pensar em ações que vão promover e desenvolver essa reflexão neles.

É... até eu vi ali no questionário que você respondeu que seria importante a formação sobre o Clube de Leitura ODS para pensar em projetos para se desenvolver em colaboração com os professores, né? E é bem isso mesmo, né? O trabalho em conjunto, ele vai agregar muito mais, né? E o professor é quem conhece melhor a turma, os estudantes, então realmente ele pode contribuir bastante.

E assim vão surgindo ideias, né? Pra esses projetos, essas ações.

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou em suas atividades?

Eu vi que tem a “A cor de Coraline”, né? Que eu acho que trabalha a questão racial, se eu não me engano. Na verdade, não foi feito nada... Esses livros, eu abri e vi que reconhecia alguns

que a gente tem na biblioteca. Alguns eles levam para casa como empréstimo e outros a gente fez só mediação de leitura, não chegou a trabalhar nada em específico na biblioteca.

Sim, mas só o fato de ter lido para eles, eu acho que já é bem significativo. Você lembra se foi feita a leitura de “A cor de Coraline” para eles?

Isso, foi feita uma roda e foi feita a leitura, mas não se trabalhou nada, assim... A gente só fez uma conversa depois assim.

Sim, mas isso também já pode fazer diferença, né? Assim, o fato de ouvir a história. E às vezes a gente acha só foi feito alguma coisa se eles fizerem uma atividade depois, para “absorver o conteúdo”, mas dependendo da literatura, as vezes nem precisa, né? A história fala por si e a criança já faz conexões e associações enquanto está ouvindo, né? E teve mais algum livro do Clube que vocês já leram pra eles?

Não, eu só reconheci de ter eles na biblioteca e eles levam para empréstimo. O único que foi feita a mediação mesmo foi “A cor de Coraline”.

7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando esse livro? Que eu acho que você já explicou bem, né?

Isso, foi a leitura do livro em roda mesmo.

8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?

Foi pra um 3º ano, ano passado. Acho que é 8, 9 anos, né?

Sim... e é uma história que trata sobre a questão racial, né? E aí eles comentaram em seguida, falaram do tema? Eles demonstraram gostar da história? Você lembra?

Sim, eles começaram a refletir, né? Que fala da questão da cor da pele, né? E o lápis de cor, né? Enfim, daí tem uns que geralmente é aquela coisa: “ah, a cor da pele tem aquele lápis e tal”. Então daí eles trouxeram essa questão, aí eles começaram a olhar um pro braço do outro e ver

que realmente cada um tem um tom de pele. E a gente falou da questão do respeito. Eles foram conversando e pensando a respeito.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu acredito que vai ser muito importante pra a gente conhecer essas obras, poder trazer essas obras para a escola ou até adquirir por meio da verba que a gente tem do *[inaudível]*. E que a gente possa fazer parceria com esses professores e trabalhar essas temáticas que a gente sabe que é importante, né? Que estão aí pra serem discutidas. Pra ver as formas como dentro do nosso contexto a gente pode estar mudando alguma coisa de fato, né? Pequena, mas que faz diferença.

É, eu acho que a gente vai tentar ir bem por esse caminho. Talvez a gente não consiga conhecer todas as obras, né? Que são 175. Não vamos ter tempo de falar de todas elas na formação, mas vamos tentar ter um conhecimento, pelo menos de uma obra de cada ODS, ou algo assim, para termos um repertório geral para cada tema. As escolas já têm uma parte dos livros, né? Então é legal que, por exemplo, vocês já estavam utilizando “A cor de Coraline”, que faz parte do clube, né? E aí é uma informação a mais para agregar também e poder dizer que esse livro trata da questão da redução das desigualdades, que é o ODS 10 da Agenda 2030, né? São informações para gente agregar. E acho que vai ser bem no sentido de dar um direcionamento, né? Para essas obras e com certeza, se a gente conseguir caminhar também para aquisição das obras, vai ser ótimo, porque também sem os livros não tem muito o que fazer, não é? Então, o ideal seria que todas as bibliotecas tivessem as 175 obras ou pelo menos comprar todas para colocar na Biblioteca Central, né? E aí poder fazer empréstimo entre as bibliotecas.

Sim, no caso do “Clube da leitura: a gente catarinense em foco”, que a gente tem na rede, funciona assim: a gente não tem como ter todos os livros na biblioteca, mas a Biblioteca Central adquire e fica num acervo do clube. Então quando a gente precisa ou quer trabalhar aquela obra, dá pra pegar emprestado.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Eu acho que é mais ou menos tudo isso que eu já falei. Eu também não conheço todas as obras e gostaria de conhecer para poder estar levando para a escola e os outros bibliotecários também

poderem estar levando pra suas unidades, porque o clube da leitura é importante, porque a gente conhece o autor, conhece... no caso a gente não vai conhecer o autor, mas a gente conhece a obra e como a gente é um mediador, a gente leva para a escola e a gente divulga aquela obra. E aí a gente conhece, a gente se apropria dela e consegue ofertar de uma maneira mais convincente, para que os professores possam trabalhar. Porque é assim que eles vão conhecer e se a gente também não conhecesse ia ficar guardada lá e a gente não ia saber para que usar. E às vezes a gente tem também já algumas obras no acervo da escola também. A gente não tem todas as obras, tem algumas, como tem do Clube dos ODS, né? Então, a gente conhecendo, a gente consegue estar divulgando e buscando ações para trabalhar.

PARTICIPANTE 4

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

É uma contribuição para a vida, né? Eu acho que é essencial. É essencial, ainda mais em tempos em que o livro ainda é um objeto caro, não é um objeto acessível. Não acho que é acessível, né? Na verdade, o que a gente recebe na biblioteca vem de verba do município. Já vem o livro, a gente não efetiva a compra. Mas quando eu já precisei comprar, quando eu trabalhei numa [escola] particular, eu vejo o valor que é, e até hoje, quando eu quero procurar algum título... Um livro é setenta reais, sessenta reais. Então, às vezes é uma fatura de alguma coisa que a família tem que pagar, né? Claro, eu acho que deveria ser mais priorizado, né? Mas a quando a gente pensa numa família que tem restrições, ainda é um objeto muito inacessível, sabe? E eu vejo como é importante a gente ter, por exemplo, aqui em Floripa, a gente tem essa rede de bibliotecários, a gente tem o Pergamum, a gente recebe o acervo. Tem muita criança que só tem aquele acesso ao livro. Ela não vai ter livro em casa para comprar, entendeu? Eu fui uma criança que eu tive acesso a livro na escola. Estudei numa escola estadual e tinha livros na biblioteca, né? Meus pais não compravam livros em casa, era uma coisa muito cara, né? Já era caro, né? Foi a escola que me aguçou o gosto pela leitura na infância. Eu aprendi a ler cedo e hoje eu vejo a importância. Por exemplo, como bibliotecária, você sabe, né? Que some muito acervo da biblioteca, né? Ainda mais a biblioteca escolar. Mas às vezes aquele é o único livro que a criança vai ter. A criança mudou de escola, os pais não devolveram, mas se ficar também, né? Se perder aquele acervo, não foi uma perda, né? Foi um ganho para alguém, né? Claro que a gente tem que cuidar do acervo, preservar o acervo, só que.... Que bom que é um livro que a criança tá

tendo acesso, né? Muita criança vai ter acesso só pela escola, se não for pela escola, ela não tem acesso. Eu vejo pela escola que eu trabalho que tem várias realidades, né? Tem criança que os pais compram livro, às vezes porque os pais são professores, ou compram em sebo, né? Tem acesso a comprar. Alguns só têm acesso ali, porque os pais não priorizam como importante ou porque realmente não tem condições, sabe? São vários cenários assim, mas a importância é inegável. Não tem como não dizer que os livros fazem diferença na vida de uma criança, sabe? Eu sou apaixonado pelos livros. E de quando eu era criança para hoje em dia, os livros têm uma arte gráfica maravilhosa. É encantador, né? Então, assim, esse acesso que a criança tem hoje em dia é maravilhoso assim, né? Faz toda a diferença na vida de uma criança. Nossa, quanto aprendizado tem? Quantas temáticas podem ser trabalhadas com as crianças? E a leitura é deleite, não só focado no pedagógico. Eu digo a leitura de tu gostar, né? Mas, pô, já trabalhei tema de luto. Ou então de um irmão com problema... No livro conta a história do irmãozinho que tem algum problema de saúde ou que é surdo, ou que é PCD. Quantas coisas a gente pode trabalhar numa literatura, né?

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

Na biblioteca eu tenho estudantes de creche, né? Que são bebês, agora estou com mais bebês ainda, eles têm um ano, um ano e pouquinho. É que as turmas um pouquinho de faixa etária, né? Tem uma outra turma, que é um grupo mais misto, que tem crianças de até 6 anos, ali de 3 a 6 anos. E aí o Fundamental, que são quatro turmas de crianças de 6 a 10 anos, mais ou menos assim, né? Com esses pequenos, como é que eu trabalho com a Educação Infantil? É um pouquinho diferenciado, né? Com os da creche, o que que eu faço? Eu não tenho muito acervo focado neles, mas acabo fazendo uma triagem do que é mais condizente com a faixa etária deles. Faço uma roda com eles, a gente se senta no tapetinho, faz uma rodinha, eu canto uma musiquinha e aí eles fazem o sinalzinho com a musiquinha ali junto e aí depois eu começo a história. Mesmo eles sendo bem pequenos, eu já falo a história de hoje é tal, quem escreveu essa história foi o autor tal. Quem fez as ilustrações, os desenhos desse livro? Porque eles têm que começar a entender que alguém criou aquilo ali também. Assim como eles veem um filme que fala, né? E aí eu faço a leitura para eles assim, agora eu percebo que tipo, a temática “mãe”, eu tenho que meio que pular a página. Não posso focar muito em “mãe”. Eu falo, “mãe”, daí um chora, todos choram. E aí e é “pá pum”, é bem rapidinho. Na creche, tem um projeto da professora que ela já tinha uma bolsa de leitura, uma sacolinha de pano e cada pai fez o desenho

da sua sacola. E aí vai nessa sacola o livro para casa e fica uma semana com a criança e depois volta. Com o “PRÉ” [Educação Infantil] é da mesma forma, mas eles interagem mais, eles perguntam no meio da história, né? Porque são crianças maiores. E aí tem que intervir um pouquinho ali, mas é da mesma forma que eu faço com os outros, eu faço com eles. Muitos, já sabem, né? “Ai eu devolvi o meu livro? Eu posso levar livro hoje?” Eles já questionam assim, né? “Eu não lembro do meu livro. Minha mãe devolveu meu livro? Porque eu acho que eu não trouxe na minha mochila.” Eles já têm essa preocupação, porque são um pouquinho maiores. Aí faço do mesmo jeito. Daí no 1º ano, eles ainda são muito bebês, né? Uns estão fazendo seis anos ali no início, e aí alguns já são da escola, a maioria, grande parte já veio do “PRÉ” [Educação Infantil]. Então, já sabem mais ou menos como é que funciona a escola, a biblioteca, o empréstimo. E aí com o 1º ano, alguns dias eu faço uma leitura de algum livro com eles. E aí às vezes eu pergunto para eles, quem leu a história para eles [do livro levado pra casa]. Se eles lembram da história deles, pra eles falarem um pouquinho. Mas as turmas que eu mais consigo que ter troca são o 3º e o 4º ano, porque eles são um pouco maiores assim. Com o 2º ano também, eles já são alfabetizados, já leem. E gostam de, depois que a gente faz empréstimo, ficar na biblioteca. Eles ficam num tapetinho, na mesa, conversando. Eu boto uns livros de pesquisa também, mais paradidáticos. E aí eles ficam ali também no ambiente, não fazem só empréstimo, só a leitura. E aí às vezes eu também pergunto assim [sobre o livro que eles levaram para casa], né? Mas o 3º e 4º ano é bem legal, porque daí eu já falo assim: “Hoje, quem quer compartilhar sua história que leu?” É para falar um aparato geral, só um comentário, não precisa ler agora aqui tudo. Se quiser ler um pouquinho, pode ler, porque às vezes eles querem ler um pouquinho, né? E é muito bacana! Tem umas crianças que elas já sabem se expressar muito bem. Algumas em especial ali, não todas, né? Se expressam, gostam de falar em roda ali e aí já saem risadas, né? E eu pergunto: “Você indicaria para um colega?” E eles respondem: “Ah, indico pro fulano e pro fulano.” E aí é bem bacana assim, é bem legal. É, eu tento até dar uma inovada, fazer umas coisas diferentes. Às vezes ponho uns gibis, umas coisas diferentes para não ficar só na questão do livro, né? Trazendo outros materiais para eles. Por exemplo: “ah, esse livro aqui tem uma música do ‘Palavra Cantada’”. Às vezes até eles trazem: “Sabia que esse livro aqui tem uma música?” Daí eu trago a música, coloco para eles. Então tem essa troca assim, sabe? Eles gostam de livro que fala sobre animais, sobre pesquisa. Alguns levam mais de um livro para casa. Tem crianças que levam três livros para ler em casa, com uma leitura muito fluente já. E eles são bem inteligentes. Até levei eles na Biblioteca Pública ano passado, numa saída de estudo e ao Museu do Palácio Cruz e Sousa. E a bibliotecária de lá ficou encantada com eles, porque eles foram bem participativos, questionadores. Eles perguntavam,

educados assim, né? Eles gostaram do ambiente, adoraram conhecer os jornais digitais da Biblioteca Pública. Porque essas crianças ficam muito lá na Costa da Lagoa e o acesso é barco, então elas acabam ficando mais isoladas. Então, só de ir até o centro, já é uma novidade para eles. É toda uma logística assim. Mas é mais ou menos isso que eu faço. Essa semana a gente teve a Semana Municipal do Livro Infantil e eu montei algumas atividades. Ano passado eu fiz piquenique literário, fiz um varal com livros, teve uma autora que foi na escola pela prefeitura. Esse ano eu já consegui o Sérgio Bello e a [inaudível] foram lá contar história dentro do barco para as crianças, e aí foi bem legal. Fiz um piquenique na frente da escola com os menorzinhos, porque choveu alguns dias. Aí fizeram também tenda literária na biblioteca. Ano passado fizemos oficina de marcadores de livro, então assim, eu tento dar uma inovada. A nossa situação da escola é a seguinte: a escola é muito pequena, então o espaço da biblioteca também é usado como sala de aula. Então eu tenho os horários de biblioteca das crianças, mas paralelo ela tem esses horários que é ocupada como sala de aula, como oficina. Porque lá é turno integral na escola. E a escola é muito pequena, é uma escola que falta salas, que a gente tá aguardando uma ampliação. Então, daria para fazer coisas melhores ainda se tivesse mais espaço físico na biblioteca e também mais tempo disponível para recebê-los.

Sim, então tu tá ali trabalhando, e daí de repente, tipo, alguém pode chegar para ter uma aula ali?

É sim, é. Mas assim, geralmente é bem respeitado o horário da biblioteca deles. Eles vão com o professor regente deles e nem sempre a professora trabalha alguma coisa com o livro. Ela é bem livre para trabalhar o que ela quiser em sala de aula. Muitas vezes a criança vai levar e não vai ter uma atividade sobre aquele livro, mas pode ser que em alguns momentos ela utilize o livro. Ano passado teve uma professora que dava aula para o 1º e o 3º ano e ela fez um caderno e a criança levava o seu livro para casa e criava um desenho, um registro sobre aquela história que ela levou. E aí depois compartilhava em roda com os colegas na biblioteca. Então foi bem legal assim. Estava tendo um retorno legal. Com os maiores a gente já fez um pouco diferente: ano passado eu tinha uma coleção de biografias de músicos, pintores, Picasso, Villa-Lobos. E essa coleção tava paradinha lá na biblioteca. “Crianças famosas” é o nome da coleção. Então tava muito parada ali, eu falei: “Vou fazer eles levarem uma semana sim, uma semana não, para conhecer essas pessoas.” Quem são essas pessoas? Não é porque eles ainda não estão num currículo mais aprofundado, que eles não podem já ter uma pincelada sobre esse assunto, né? E foi bem legal, tá? Tem criança que não sabia quem era Villa-Lobos, quem era Monet. Então

tiveram acesso a vários... à cultura, à arte. Nossa, que mais? E foi bem legal, então eu do nada, tive uma ideia e fiz assim. Mas eu faço muito, por exemplo, tem a temática indígena e EREER [Educação para as Relações Étnico-raciais]. Eu não trabalho só naquela semana. Tipo, agora abril, que é dia dos povos indígenas. Não. É todo o ano, porque eu faço um crivo e eu já separo algumas coisas na mesa para eles, né? Eu já separo sempre uma literatura africana, uma literatura indígena. Eu não foco só na época que tem que focar nisso, entendeu? Durante o ano eu vou trabalhando, entendeu? Ano passado a gente trabalhou muito a história dos avós, família, ancestralidades. É um tema mais recorrente na escola. Então eu tento botar sempre um pouquinho de cada coisa, assim, sabe? Explorar mais o acervo. Às vezes eu pego um livro de rima e tem adivinhação, eles adoram, sabe? Então variar, né? Não ficar tão maçante. Então às vezes eu falo: “Hoje eu não vou ler, hoje eu quero que vocês falem sobre o livro de vocês. O que vocês leiam um pouquinho.” Entendeu? Aí às vezes eles pedem: “Ah, hoje não vais ler nada pra nós? Lê mais, lê mais!” Então é muito legal assim.

Nossa, muito legal! Você trabalha com várias formas de incentivar a leitura! E em relação à interação com os professores? Como eles participam desses momentos?

Elas vão junto na biblioteca, né? Vão junto com as turmas e elas pegam muito acervo da biblioteca. Até as professoras auxiliares. Mas as regentes pegam muito acervo da biblioteca para uso delas em sala. Pra trabalhar poesia, trabalhar cordel, trabalhar é... sei lá, sistema solar. “O que tem de literatura sobre sistema solar?” Porque tem livros que falam, né? Então assim, elas usam muito a literatura. Muito! Elas gostam e usam muito. É muito usado o acervo por elas e elas até deixam alguns livros em sala pra uso delas, pegam vários para elas usarem assim, né? A gente tem uma troca bem bacana assim, é bem legal a nossa relação. É uma relação boa assim, sabe? Elas veem que foi muito válido para a unidade ter recebido uma bibliotecária, né? Porque a gente teve uma colega da rede, a [Nome da bibliotecária], que hoje ela fica no DIBEC, ali na Ferreira Lima. Ela foi bibliotecária da [Nome da EBM], mas faz uns 15 anos atrás, então faz muito tempo que teve bibliotecária na Costa. Ela saiu dessa unidade, porque ela morava em São José e trabalhava na [Nome da EBM], né? Mas ela gostava muito trabalhando lá. E aí ficou esse tempo todo sem ter ninguém, então foi um ganho para a unidade, sabe? Que nem agora eu vou sair [de licença maternidade], vai ter uma professora readaptada que veio para a nossa unidade [para me substituir] e aí eu falei pra ela pelo menos garantir os empréstimos, sabe? Para que as crianças não fiquem sem levar livro, porque tem criança que só tem acesso ao livro ali na escola. Que não pare isso, sabe? Porque são seis meses fora da escola, então é bastante

tempo, né? Mas é uma troca muito bacana. E assim, elas são muito criativas e os projetos da nossa escola são muito legais. A gente tem duas festas no ano na escola, que é a Festa Junina e a Festa do Folclore, que não se fala mais “Festa do Folclore”, é “Encontro de Culturas e Gerações”, ali em setembro, e aí a gente expõe os trabalhos realizadas pela escola, fotos, momentos, tem apresentações culturais e é muito legal. É muito legal ver tudo o que é feito durante o ano, que às vezes o colega está trabalhando e tu nem sabe. E a gente tem um Boi de Mamão da própria escola, sabe? O Boi de Mamão da Costa é da escola. Tem uma música específica, sabe? Então assim, é muito bacana, é muito legal. Fora o foco na temática da natureza, por a gente estar num lugar de lagoa, que tem acesso à natureza, acaba tendo muito foco nisso.

Ah, sim! E isso já leva pra nossa próxima pergunta que tem a ver com isso, que é a pergunta 3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu os ODS 5 - Igualdade de gênero, ODS 6 - Água potável e saneamento, ODS 10 - Redução das desigualdades, ODS 11 Cidades e comunidades sustentáveis e ODS 14 - Vida na água. E aí percebi que as suas escolhas tiveram relação com a localização da escola, mas se tu puderes explicar um pouquinho assim, dos motivos da tua escolha em relação a essas temáticas.

Então, até tem uma menina que faz um projeto, pela UFSC, se não me engano, que ela é acho que oceanógrafa ou bióloga e agora eu acho que ela fez pedagogia, e ela trabalhou muito essa questão da lagoa, de ir lá coletar coisas com as crianças, já há alguns anos ali na escola. É tipo como se fosse um trabalho mais voluntário, mas ela tem um vínculo com a UFSC. Aquele projeto dos golfinhos também já teve lá na escola com os bombeiros. Tem a “ONG Costa Legal” lá na Costa, que é de uma antiga diretora que já é aposentada há alguns anos e que também tem um projeto de parceria. As crianças saem às vezes pra explorar o ambiente ali ao redor. Tem a questão da cachoeira, da lagoa, dos elementos da natureza também Tem o Casarão da Dona Lóquinha, que é um casarão tombado que tem ali. Até uma amiga minha está com projeto de reestruturação desse casarão. As crianças já fizeram atividades correlatas de pão-por-Deus com o casarão. O casarão é uma casa em que uma senhora, a Dona Lóquinha, morou e viveu lá na Costa. E então tem sempre parceria da comunidade. Por isso que eu acho que é uma coisa que envolve, quando você falou de comunidades [*sustentáveis*], sabe? Tem muito isso ali. Já entrevistaram nativos, as pessoas mais antigas da Costa. Tem muitos descendentes das pessoas

da Costa que estudam na escola, né? Netos, bisnetos, primo de alguém. Então assim, fica muito na comunidade, porque é a única escola que tem lá, né? A única escola pública que tem ali é essa, né? Tem professores que estudaram lá, tem diretores que estudaram lá, outra professora também estudou lá, o marido da outra estudou ali. Então tem essa questão ali. E da natureza mesmo que está ao redor e a gente acaba trabalhando com isso. Não tem como fugir disso. Também tem a questão que tu falou ali, da igualdade de gênero, a gente trabalhou muito essa questão da diversidade ano passado. Então foi um tema que a gente trabalhou o ano inteiro, assim, toda a escola. Trabalhando, por exemplo, as principais pessoas que fizeram diferença no mundo e isso independe de mulher, homem, né? Foi bastante trabalhado na escola essa questão da diversidade, do diferente mesmo. Também sobre pessoas com problemas de saúde. Às vezes a criança tem algum problema de saúde, algum problema físico. Teve uma professora que fez um projeto lá, que ela era temporária, e ela fez um projeto de as crianças pintarem com pincel na boca, sem as mãos, pra falar sobre os artistas que não tem as mãos ou os braços. Não sei, eu não recordo, mas eu vi que ela trabalhou isso com eles, entendeu? Também trabalharam sobre os povos indígenas, os povos africanos. Daí foram trabalhadas várias culturas, até a própria cultura do nordeste, não focando só aqui na ilha, né? Tem também a questão do indígena aqui, porque a influência é grande, né? Não focar só no povo açoriano, por exemplo, focar em outros povos daqui. Eu, em paralelo na biblioteca, também trabalhei essas temáticas. Tem uma coleção lá que é “Meu avô japonês”, “Meu avô africano”, histórias sobre os avós, outra que falava de tipo... “O que a menina pode fazer no dia a dia dela?” Então é trabalhar... não botar só naquela época, o ano inteiro a gente trabalhou. Então esses temas aí, eu vi que mais ou menos os desdobramentos que a gente teve na escola foram sobre essa questão da natureza, a importância do lixo. Porque lá tem um projeto integral, né? Então num turno é aula curricular e no outro turno é o projeto. Aí uma professora trabalhou a questão da horta também com as crianças, de compostagem também.

Ah, que legal! Então tem horta na escola?

Sim, as crianças podem ir numa hortinha lá. Daí fizeram um minhocário. Então assim, são sempre desdobradas várias atividades ali. Eu acabo ficando mais por dentro, porque como eu estou na posição da biblioteca, acabam pedindo materiais para mim e eu fico sabendo. Mas geralmente o pessoal sabe mais quando é exposto, né?

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da agenda 2030?

Só me recorda quais são? São vários, né?

Sim, são 17. E aí eles trabalham questões ambientais, que geralmente é o que todo mundo pensa quando fala em desenvolvimento sustentável, mas também trabalha questões sociais, como redução de desigualdades, igualdade de gênero e questões econômicas também. Então de que forma você vê que a biblioteca escolar poderia trabalhar esses temas, como a biblioteca escolar poderia contribuir?

Eu acho que a criança pode ver tudo o que é possível através da literatura. Sei lá, um livro que conta sobre uma criança que viaja por vários lugares do mundo, por exemplo. A criança vai saber que ela não vive só naquela bolhinha dela ali. Que tem outros países, outras culturas. Eu acho que a literatura faz abrir a cabeça da criança para outras realidades, coisas culturais. Por exemplo: tem países que no café da manhã eles comem tal coisa. Eu vejo muito isso, por exemplo, com a professora de espanhol, que trabalha com eles a questão dos países latinos. Então como tu consegue trabalhar muita coisa, tipo, que é cultural num povo e no outro, pela literatura, pelo livro, né? Acho que dá para explorar muita coisa e a biblioteca tem que ter um acervo condizente. Não pode ser um acervo fraco. Tem que ter bons autores. E assim, não pode também ter obras só de autores renomados de fora do Brasil, por exemplo, mas não trabalhar autores brasileiros, não trabalhar autores catarinenses, por exemplo, né? Tem uma bióloga que ela escreve livros que são paradidáticos, a Cristina Santos. Ela não é daqui, mas mora aqui há bastante tempo. E ela trabalha, por exemplo, que tipo de macacos tem na região de Santa Catarina, na Mata Atlântica. Então ela faz um trabalho trazendo a relevância desse estado em que as crianças moram e é um aprendizado para a criança, para ela saber que no estado dela é assim, mas se ela for para o norte do país, por exemplo, alguns animais não vão ter, vão ter outros, né? Então abre um leque de possibilidades para criança entender. A literatura vai abranger muita coisa para a criança. Ela vai ter mais repertório, conhecimento de mundo, de bairro, de cidade. Mas o acervo é essencial que seja bom, pra poder tratar de todas essas temáticas.

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou nas suas atividades?

Eu sei que tem um do Lázaro Ramos, que uma das crianças levou para casa e compartilhou, que é “Caderno sem rimas de Maria”. “O menino que amava o passupreto” também já compartilharam em roda. Esse “Gigi e Napoleão” é novo na biblioteca, chegou a pouco, mas eu já achei interessante. Esse da “Pinóquia”, as crianças amam! Eu já li para eles, eles amam a Pinóquia. Ele já tá até bem amassadinho, porque já foi bem emprestado, sabe? Esse do Lázaro Ramos, eu dei uma folheadinha, porque eu gosto muito do Lázaro Ramos. E eu dei uma olhada assim, sabe? É, mas eu não cheguei a ler ele para as crianças, elas que levaram bastante pra casa. A professora também trabalhou em sala, estava em sala, depois voltou para biblioteca, mas elas que usaram. E “O menino que amava o passupreto” foi uma criança que compartilhou em roda? Sim, isso. Esses livros foram mais eles que levaram assim, não fui eu que li pra eles. O da “Pinóquia” tem muita saída na biblioteca. Eu acho que o da “Pinóquia” tem mais de um exemplar até. E como não é “Pinóquio”, é “Pinóquia”, chama atenção. Só por ser uma coisa diferente, instiga a criança a querer levar o livro.

7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando este livro?

Foi a leitura mesmo, mostrando as ilustrações. Na história fala que a Pinóquia quer ler, aprender. E aí fala do irmão, o Pinóquio, que ele já é um menino de verdade e ela quer fazer tudo que um menino também faz. Ela quer ter direitos como ele tem, né? E assim, toda vez que eu boto na mesa, esse livro sai da biblioteca. Sempre sai, não fica ali, sabe?

8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?

Esses que levam bastante esse livro são de 8 a 10 anos. O 3º ano, principalmente, quer levar bastante. E toda vez que um devolve, o outro colega quer levar. E assim também, por exemplo, tem “O Menino Maluquinho” na mesa e alguém devolve um livro também do Menino Maluquinho. Aí eles ficam: “Ah, mas tem um igual ali!”. E eu digo “Gente, é porque tem mais de um exemplar na biblioteca.” Aí às vezes eles dizem: “Ah, mas como que fulano tá com “Pinóquia”, se o “Pinóquia” tá na mesa?” E se já levaram todos os exemplares, eles já falam: “Ah, quando ele devolver eu posso pegar?” E aí quer reservar. E essas crianças já têm uma leitura fluente, essas de 9 a 10, já leem bem. E esses livros tiveram bastante saída. São esses 3 que eu lembro assim. O “Pinóquia” foi o que eu já li e já levam bastante. E esse “O menino que

amava o passupreto” compartilharam na biblioteca também. Mas os outros eu não tenho no acervo. Às vezes a prefeitura vai fazendo a compra e, como a gente tá um pouquinho mais isolado, às vezes pode demorar um pouquinho pra chegar, né? Mas outra unidade pode ter.

Sim... E nessa mediação de leitura que você fez da “Pinóquia”, você tem lembrança de como eles interagiram, depois ou durante a história?

Então, eles perguntam bastante e depois debatem também, sabe? Tem criança que assim, eu leio na roda, e a criança já quer levar, né? E esses maiores, nem sempre eu leio para eles, né? Então geralmente eles contam um pouco da história que levaram pra casa também. E acontece de um colega querer falar detalhes que um colega não falou da história. Então, tem essas mudanças entre eles. Cada criança tem sua perspectiva da história.

Sim... E a história foi contada pra essas crianças maiores?

Eu não lembro se foi... Eu não lembro a turma, porque eu acho que foi ano passado. Não sei se foi 3º ao 4º ano, estou achando que foi 3º ano. Porque livros muito robustos, com muito texto, eu não consigo ler para os menores? Porque cansa, por exemplo, pra uma criança de 6 anos vai ficar mais cansativo, né? Se não logo perde o foco. Às vezes, a faixa etária do livro pode dizer que é pra menos, só que na hora da leitura compartilhada tu tem que... né?

É, eu percebo isso também. Às vezes tu vai pesquisar, diz que é indicado pra uma idade bem menor. E eu acho que é bem para vender, pra pegar uma faixa maior de consumidores daquele livro.

É, se tu pega o livro “A casa sonolenta”, por exemplo, a indicação é pra 3 ou 4 anos, mas criança de 6 anos adora. E “A princesa Maribel”, que é todo rimado e tem toda uma sequência. Esses sequenciais os mais velhos também gostam e eles vão falando o próximo elemento da história.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu acho que isso é essencial, porque a maioria desses livros ali é... Como eu tô há pouco tempo nessa biblioteca, então pode ser que nesse meio tempo que eu não estava, teve muita coisa que acabou se perdendo do acervo. Então pode ser que aqui tivessem mais títulos do Clube, mas foi

se perdendo. Mas são títulos bem novos. Alguns ali, tipo, tem Malala, né? Tem alguns ali que eu não tenho, esse “Gigi e Napoleão” chegou ano passado, se não me engano, pra gente. Então assim, acho que é essencial, né? Se tá nesse grupo dizendo que é importante, tem relevância, ganhou prêmios. Poxa, por exemplo, trabalhar Mandela, trabalhar Malala. São temas que as crianças precisam, precisam conhecer quem foram essas pessoas, né? Quem são essas pessoas que estão fazendo a diferença no mundo ou fizeram uma coisa diferente. São bons exemplos, né? Então assim, é essencial. Eu achei os títulos muito bons, uma pena que não tem todos eles ali. Mas quem sabe está chegando. Não sei se a prefeitura vai fazer a compra, mas acho bem relevante que compre, né?

É, acho que seria o ideal, né?

Até quando eu vi ali na pesquisa “clube de leitura”, porque a gente tem um clube de leitura do município, dos autores catarinenses. Aí eu fiquei meio confusa, eu falei: “mas o que que é ODS? Vou ter que entender isso aqui, porque acho que eu não captei bem o que que é a temática” E aí eu entendi que é uma coisa mais abrangente e coisa e tal, né? Mas assim, falta realmente ter o acervo, né?

Isso... Aquelas obras que estão ali [no pdf do questionário] são as que eu encontrei no catálogo. Juntando todas as bibliotecas, é o que teria, né? 43 dos 175 livros.

Ah, sim, então é contando todas as bibliotecas do município, né? Porque assim, como eu te falei, aqui ficou muito tempo sem ninguém [na biblioteca] controlando, registrando. Então pode ter se perdido muita coisa também. E aí tem esses títulos ali que estavam em sala, não estavam na biblioteca, porque o professor usa, né? Acho que o do Lázaro Ramos estava em sala. Então são autores que estão escrevendo para criança e estão muito em evidência, né?

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Não, é isso. Eu achei bem interessante a tua pesquisa, bem bacana. Acho bem importante trabalhar essa questão, porque assim, é um tema bem abrangente e é uma questão da ONU, né? Não é uma questão de um órgão pequeno. É um órgão grande, de bastante importância para o mundo. Se a ONU está falando que tem esses livros bacanas, importantes... porque ali tem Lázaro Ramos no meio, tem a Malala. Não tem só o nosso país, né? Tem o mundo realmente,

não é? São temáticas que já viram que é importante ser trabalhado com criança, que ela vai ter um aprendizado com aquilo, então disponibilizar o acesso mesmo, né? Até em livrarias, porque esses são títulos que, em livrarias mais famosinhas, a gente não encontra alguns títulos daqueles dali. Aí os pais teriam que ter noção para poder fazer uma busca e comprar. Teria que ser um professor, ou alguém da área ou um bibliotecário. Mas tem aquela “Livraria divertida”, de repente lá eles têm um foco maior em livros que não são tão comerciais, né? Mas tu pega uma livraria mais comercial, tu vai pegar aqueles livros sem tanto conteúdo aprofundado. Não que todo livro vai ter que aprofundar e trazer uma temática de debate, mas acho que é bem importante, né? Essa questão da natureza, do movimento de igualdade de gênero, isso aí tudo é muito relevante. Não tem como dizer que não é relevante, né? Então a gente tem que explicar que uma menina pode... que nem a Malala, teve que sofrer uma agressão para conseguir chegar onde ela chegou e tal. Mostrar para as crianças que não precisa ser dessa forma, né? E olha a importância que ela tem hoje. Por que não poder ter uma Pinóquia na história, né? Por que tem que ser o Pinóquio sempre, né? Até os clássicos a gente consegue readequar.

É, eu acho que é bem essa a ideia mesmo da pesquisa, trazer o conhecimento desse clube e trazer um direcionamento, porque às vezes a gente não tem uma ideia do que trabalhar e esse clube já traz uma direção do tipo “Olha, esse livro trata de tal tema”.

É, eu não conhecia. Não sei se é porque eu não tô há muito tempo na área também. Estou bem afastada, sabe? Mas não conhecia, uma pena, né?

Não, a maioria dos bibliotecários que responderam ao questionário não conheciam também. Eu acabei conhecendo mais por ter trabalhado com a Agenda 2030 no meu TCC e por isso me chamou atenção quando foi divulgado.

É, e as crianças são o futuro, né? A gente tem que pensar nisso, como é relevante para fazer diferença futuramente, né? Essa literatura, um pouco mais robusta mesmo, né? Com mais qualidade, porque às vezes tem muitos livros bons, mas também tem muitos livros rasos assim, né? Porque não é porque é uma criança, que ela tem que ler o óbvio. Ela pode ler uma coisa para fazer ela pensar, entendeu? Por exemplo, tem um livro na biblioteca que tem uma ilustração diferenciada e eles já ficam: “Ah, mas por que que tem esse risco aqui?” E aí a gente explica: “Gente, é porque essa aqui é uma ilustração diferente. Nem tudo o que tá escrito vai

estar desenhado no livro, vocês vão ter que imaginar, usar imaginação!” Mas é um tempo de tudo tão mastigado, que a criança ela vai perdendo isso de imaginar.

PARTICIPANTE 5

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

Eu acredito que é nesse formato que a gente faz, que é: um empréstimo e na volta do livro a gente questiona a criança: “Quem leu junto?” Eu acho que vai além da criança ler. Vai pra família ou poliniza o trabalho de incentivo à leitura. A gente tem essa intenção de polinizar o incentivo à leitura. Então eu acho que esse trabalho que a gente faz aqui é um trabalho que impacta na vida, na cidadania e para além do letramento escolar e acadêmico, vai capacitar para a vida, né? Para a cidadania das crianças e muitas vezes dos adultos que estão em casa, né? Da família, dos cuidadores, né? Então nesse aspecto, penso dessa forma. Aqui na [Nome da EBM], eu tive uma sorte, porque os professores já tinham esse perfil mais voltado para a literatura. E ajudar no trabalho de alfabetização. Então mesmo não tendo uma bibliotecária atuando na unidade... Tinha uma bibliotecária antes de 2004 a 2010, aí ela se removeu e ninguém mais veio para cá, até 2022. Aí esporadicamente eles colocavam um estagiário aqui, né? Nada muito... Não é a mesma coisa, né? Mesmo assim, eles continuavam visitando a biblioteca, fazendo um empréstimo manual e fazendo trabalhos que a gente hoje pode considerar rudimentar de trabalhar a literatura com eles, como ficha de leitura, né? E eles tinham esses hábitos de cobrar a leitura ou de fazer uma atividade relacionada a algum livro que tem aqui na biblioteca. Mas tinha sim, né? Então, quando eu comecei aqui, tinha um 4º ano super leitor, um 1º ano que estava interessado em usar a biblioteca. O G6, que a gente tinha G5 e G6, que são a Educação Infantil, eles já tinham o hábito de pegar livrinho. Tem uma biblioteca, um acervo especial para eles, com livros de pano, livros de plástico, de banho, livros com aquela capa mais dura, aquela folha mais dura. E a gente vai fazendo essa transição até o 1º ano, né? Do G6 para os livros que tem que ter mais cuidado, mais motricidade fina para folhear. [A criança] vai fazer uma leitura imagética, mas já vai começar a identificar letras. Então eu tive bastante sorte de chegar numa escola que tem esse esse perfil. E aí eu só somei, porque comecei a fazer a contação de história em todas as visitas à biblioteca. Além do empréstimo, além das atividades... por exemplo, a Semana Municipal do Livro Infantil que a gente também faz aqui e em todas as bibliotecas da rede, além da Mostra de Cinema, que é anual também, a gente faz na biblioteca. Então tudo

corroborar com esse trabalho de incentivo à leitura. Eu sempre costumo dizer assim, que tem que ser uma coisa normal. Um livro não pode ser um objeto “oh. um livro! Que estranho!” Não, tem que estar na realidade deles, tem que ter em casa. Eu converso com eles: “Já têm livro em casa? Tem que ter! Eu tenho, ó, vou te dar um de presente, então. Eu tenho alguns aqui que eu posso dar.” Então a gente tem que estimular isso neles, de ser normal, das famílias participarem também desse letramento literário, de ter o costume ler um livro pequenininho à noite, de ler uma reportagem, né? Porque a gente sabe que a leitura, mesmo no celular, tá ficando para trás. Então trabalhar com eles, de ler um PDF, um trechinho de alguma coisa. Então a gente vai trabalhando nesse sentido.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

Toda semana é feita uma contação de história diferente. Cada turma tem uma história que condiz mais com a idade, com os interesses de cada turma. Eles são diferentes, né? Às vezes um 4º ano é mais adolescente, outro 4º ano é mais infantil, então a gente adapta à turminha? E varia também os temas que, quando surge, não é muito... É uma escola tão pequena que a gente faz isso de uma forma muito orgânica. “Ai, sabe aquele livro assim, eu estou trabalhando em sala” “Ah, então vou fazer uma contação de história de um livro da mesma autora, que trata de uma coisa paralela. Ou outro autor que trata do mesmo assunto. E a gente vai fazendo assim. Então às vezes casa muito sem querer, assim, sem muita responsabilidade e muita carga emocional. É bem orgânico, casa com o que eles estão trabalhando. Aqui na biblioteca eu defendo muito que não vai ser chato. Então por isso que não dá pra gente ficar na sala de aula só falando de fruta, fruta, fruta, e aí chega aqui [na biblioteca], eu trabalho, fruta, fruta, fruta, fruta. Eu gosto também de diversificar o que eles estão vendo em sala de aula, de trazer algo diferente. Por isso também que é orgânico e não tem essa obrigação de fechar, de casar. Então, é feita contação de história e é feito também... Algumas turmas, por exemplo, o 4º ano a gente quer que eles leiam em voz alta, para fechar esse ciclo de letramento. Então é feito um jogral. Esse tipo de atividade, é mais feito pela professora do que por mim. Eu prefiro fazer uma leitura dramatizada de uma história um pouco mais profunda, ou maior e fazer em capítulos, né? Dividir em capítulos e ir lendo semanalmente. Ou a gente vê filme também. Às vezes, não só no horário da biblioteca, mas quando o apoio pedagógico que acontece aqui também, aí tem essa questão do filme. Tem as nossas discussões também sobre o tema que foi abordado no livro. Ou que o estudante leu ou que eu li, né? Assim, a leitura é sempre com algum instrumento

musical, algum adereço, mas o livro traz está sempre presente. Existem vários tipos de contação de história, porém o meu é sempre com foco no livro. Eu posso saber a história de cor, mas eu estou sempre lendo, porque eu acho que esse é hábito... que pra eles, eles enxergam como uma habilidade ler. Ler é legal, tem que ser, né? É legal ler, desvendar o que está escrito. E aí a história é legal, aí no final descobre uma coisa nova, então é ali que a gente foca. Então, tem sempre o livro na mão. E é basicamente isso: é um empréstimo, aí eu faço a contação de história todas as vezes que eles são atendidos ou a professora traz uma atividade no sentido de um jogral, de uma leitura crítica, cada um lê um trecho do livro e fala o que entendeu, uma interpretação, algo do tipo.

E os professores, quando tu traz a contação de história, eles interagem, trazem também as crianças para a discussão sobre a contação de história, para interagir naquele momento?

Sim, e durante a contação de história, eu faço essa interação com os professores também. Às vezes eu escolho uma história que eu sei que aquela professora gosta, daí eu falo: “A professora [Nome de outra professora] gosta dessa história!”, daí ele já ficam curiosos, né? Ou eu falo: “Ai, a professora não gosta muito de bruxa, né? Tem medo, mas eu vou ler! Eu vou ler essa história, mas acho que ela vai ficar com medo.” Eles já ficam assim: “Ih! O que que tem nessa história?” E eles propõem histórias também, eles me lembram, porque às vezes a gente tá aqui, está na correria, esquece que tem aquela história legal. Aí eles me dizem: “Ah, conta aquela!” “Ah, e aquele livro?” Então a gente tem um trabalho, como eu te falei, bem orgânico, bem dinâmica, bem espontâneo.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu o seu ODS 5 - Igualdade de gênero, ODS 6 - Água potável e saneamento básico, ODS 8 – Trabalho decente e crescimento econômico, ODS 10 - Redução das desigualdades e ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis. Quais os motivos da sua escolha?

O primeiro ali que eu escolhi foi igualdade de gênero, porque esse assunto está na nossa sociedade e as crianças chegam debatendo esses assuntos, né? Então eu acho interessante ter material para trabalhar nesse sentido com eles. A questão do saneamento, é que a gente tá na Lagoa da Conceição e todo mundo sabe que aqui a gente tem um problema sério de saneamento.

Um problema sério ambiental. Portanto, a sustentabilidade, né? Cidades e comunidades sustentáveis é sobre o que a gente precisa conversar, então material para isso é excelente. Aí a questão do trabalho, é engraçado, porque esse assunto surge muito aqui na biblioteca, no apoio pedagógico, principalmente, porque eles não conseguem fazer o link de que o que eles estão fazendo agora vai impactar na vida acadêmica deles, que vai determinar que tipo de trabalho eles vão ter. É preciso frisar muito isso com eles. É triste e é o sistema. A gente tem um sistema capitalista no nosso país. E não é muito sobre merecimento, a gente sabe que tem pessoas que partem de lugares diferentes, né? Principalmente educacional. Só que eu quero mostrar para eles nas nossas discussões que aqui eles têm tudo o que eles precisam, basta querer. Tem outras crianças que têm mais do que eles, mais equipamentos, livros melhores, sei lá, que têm mais professores, disciplinas até diferentes das deles, né? Porém, aqui é o básico, e eles podem correr atrás, eles podem conseguir algo melhor do que eles estão imaginando. E infelizmente, a realidade deles são os pais, os avós, em trabalhos onde eles vão ganhar um salário mínimo, no máximo dois. É triste constatar que eles acham isso satisfatório, entendeu? Então, se eu tivesse um material pra trabalhar essa questão com eles de buscar por algo a mais, de se sentir capaz, de conhecer as profissões e de se ver realizado e bem remunerado, né? Ou no mínimo realizado com o trabalho que exerce, não interessa a faixa salarial, né? Mas é saber que não precisa se contentar, não precisa se limitar. O medo da frustração já existe neles. Eles são muito novinhos. Nas famílias existe o medo de se frustrar com as expectativas que são colocadas nessas crianças, então é bem complicado. E assim eu até incluiria inteligência emocional, sabe? Incluiria uma parte de material sobre isso, né? Nesses clubes de Leitura, eu acho que seria importante.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode contribuir para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Eu acredito que é nesses encontros semanais, utilizando o material na contação de história, na leitura mediada. É sempre assim, sabe? É uma contação de história e uma discussão depois. E os últimos minutos são para o empréstimo. A importância maior é na exploração mesmo do material literário. E em seguida a leitura e depois a discussão. E dessa forma, eu acho que impacta, até porque já é a rotina deles. Eu não acredito nisso de a gente pegar e realizar um evento diferenciado. Aí isso foge da rotina. Eu acho que vai impactar mais se fizer parte da rotina deles e se for uma coisa contínua, né?

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS Você já utilizou em suas atividades daqueles?

Eu acho que eu li um só, se eu não me engano. Era sobre literatura indígena ou africana.

Eu posso compartilhar as capas se ajudar.

Pode ser.

Já tá dando pra ver?

Sim. Ah, esse “Direitos do pequeno leitor” já li com eles. O do Lázaro [Ramos], eu já li, mas não li para eles. O “Super” eles estão sempre pegando. Eu acho até que tá na biblioteca de sala de aula. Eu selecionei basicamente os que eu já li e conto a história para eles mesmo sem ter o livro em mãos. Às vezes eu não tenho acesso, né? Aí eu conto pra eles a história, né? Por exemplo, a “Malala” é uma história que eu adapto, porque eu não tenho aqui, então eu faço adaptação. “Gigi e Napoleão” eles pegam sempre. “Chove Chuva” também. “Poeminhas da terra” eu já fiz a leitura para eles. Esses são os que eu conhecia, que eu tinha aqui na biblioteca. Alguns eu já fiz a leitura, outros estão em sala de aula, outros eles gostam de emprestar.

7. Qual foi a atividade desenvolvida com esses livros?

Ah, o dos direitos [“Direitos do pequeno leitor”] eu costumo introduzir com eles, né? O que são direitos e o que são deveres, converso sobre isso, aí já coloco as regras da biblioteca. Você não tem direito de subir na mesa, por exemplo, mas você tem direito a um lugar para você sentar e assim a gente vai conversando. Eu li o livro e depois a gente fez uma roda de discussão. E a gente na hora vê o impacto daquela leitura no pensamento da criança. *[pausa para atendimento]* Desculpa, meu bem. Fizeram uma devolução antecipada aqui. Deixa na mochila, uma hora vai ler o livro. Eu tenho mais medo de eles não lerem do que deles perderem o livro. Eu falo para as crianças também: “Não adianta levar o livro para passear na mochila e devolver ele sem ser lido.” Tem que estar sempre falando, né? Mas se ele está passeando, eu prefiro que ele fique lá, porque vai que uma hora ele vai tirar o dever ou alguma coisa de dentro da mochila e vê o livro, passa o olho... Então deixa ele aí, não me devolve! Mas como eu estava te falando, aí a gente faz uma introduçãozinha, faz a leitura e depois uma roda de discussão. E na hora você já vê o

impacto do livro, do que estava escrito, no pensamento crítico da criança. Já modifica. “Ah, antes eu pensava assim, mas agora eu vi o que eu posso, o que eu não posso, e tal.” Já na hora tu já vê. E aí a gente fala: “Chega em casa e pergunta pro pai ou a mãe de vocês, se eles já sabiam disso. E os avós, o que será que eles pensam disso? Porque eles são de outra geração. Como será que era na época deles, quando eles estavam na escola?” A gente sempre propõe esse tipo de conversa em casa. A gente sabe que a rotina é corrida, porém a nossa parte a gente faz, né? Muito legal que o trabalho se estende às famílias! E em relação ao outro livro, “Poeminhas da terra”? Ah, então, esse eu trabalhei foi em 2022. É, ano retrasado. E esse ano a gente falou mais sobre “O Tupi que você fala”, que é outro sobre a mesma temática, né? Que eu me lembro foi divertido eles terem esse contato, né? A gente sempre fala de povos originários, então, tinha alguém aqui antes dos ancestrais deles chegarem e colonizarem as terras aqui litorâneas. Tinha alguém aqui já, né? Então a gente sempre conversa com eles nesse sentido pra conscientizar que eram povos originais que já estavam aqui. E que os nossos colonizadores podem ser que sejam ancestrais deles. E tem crianças que podem ter ancestrais desses povos originários. Então, saber que tá todo mundo junto, tudo misturado. Nossa, muito legal trazer essa discussão! E aí como o livro traz vários poemas, você selecionou alguns para fazer a leitura? Eu selecionei um, fiz a leitura e a discussão. Eu não costumo ler a obra toda quando são poemas ou poesias, porque eu acho que instiga o estudante que se interessar por aquele livro a fazer a leitura, né? Com prazer, com deleite. Eu acho meio forçação de barra ler o livro todo. Quando levam emprestado, acabam lendo vários. Eu digo: “Esse aqui era muito bom. Se quiser mais, tem aqui dentro.”

8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes?

O “Poeminhas da terra” foi de 5 a 10 anos, até o 4º ano.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de leitura ODS, sobre essas obras?

Eu acho que deve ter, né? Eu não participei. Eu rapidamente explorei, depois de ouvir falar através da sua pesquisa, eu fui olhar, né? Mas eu acho que é o que a gente veio falando ali no início, que são esses temas tão importantes, principalmente esses que eu selecionei que são da nossa realidade daqui da escola. Saber da existência dessas obras e dos temas que a gente pode trabalhar com elas. É uma organização, vamos dizer assim. Porque a gente como bibliotecária,

a gente acaba tendo contato com títulos, alguns a gente acaba lendo, outros a gente adquire, outros a gente não consegue adquirir, não consegue ter acesso. Então, de saber que essa obra existe e o que pode ser trabalhado com ela já é uma grande ajuda para o trabalho do bibliotecário escolar, né? Porque às vezes a gente nem fica sabendo que a gente poderia... E a gente tem esse tema, né? Por exemplo, do saneamento, a gente tem esse tema latente na fala e na realidade das crianças e das famílias, né? E não consegue trabalhar porque não tem um livro, não tem um direcionamento, então é uma organização dos títulos, uma seleção de títulos que te levam a outros títulos. Então, é maior do que inicialmente se pensa. Tu acaba explorando, né? Geralmente o bibliotecário faz isso. A gente acaba explorando, vendo o que mais esse autor escreveu, procurando o que mais pode ter nessa área e acaba achando, né? Mas a gente às vezes passa batido pelos títulos e não... né? Até porque não tem que ser literal, ele não precisa dizer sobre o que está escrito na obra, aí acaba passando batido, né? Sem ler contracapa, sem ler a orelha, sem saber a sinopse, a gente pode passar batido, então acho que nesse sentido é uma ferramenta importante.

Sim, é, eu acho que a gente vai buscar fazer um trabalho bem nesse sentido de direcionamento, de como usar esse livro ou com que livro tratar esse tema. E agora a última pergunta: 10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Eu acho que eu posso só finalizar dizendo assim, que eu não conhecia [o Clube de Leitura ODS], né? Mas quando eu aceitei fazer parte da tua pesquisa eu fui conhecer e achei interessante, achei importante. Fiquei contente de saber da existência dessa iniciativa, né? E a partir daí, vem todo um benefício de conhecer essa ferramenta. E te agradecer também, inclusive por fazer essa pesquisa, essa pesquisa que vai polinizar o conhecimento sobre essa ferramenta. E te parabenizar, né? Desejar todo sucesso.

PARTICIPANTE 6

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

Ah, eu acho que ela ajuda em todos os sentidos da vida, né? Primeiro pra própria formação como pessoa, de leitura, de saber interpretar um texto, de saber identificar o que de fato está lendo. Eu acho que hoje está bem complicado, até mesmo em relação a própria vivência e

comunicação das pessoas, né? As pessoas estão muito alienadas, eu acho. E é muito claro de ver que as pessoas não sabem mais interpretar uma frase ou um texto ou qualquer coisa que se leia na própria internet, né? Então eu acho que está ficando cada vez mais crítica essa convivência com as pessoas em função disso, assim, eu acho que é muito aquele... A ignorância mesmo, né? De não saber as coisas, e aí fica muito vago, muito raso. Eu acho que hoje a internet, ela facilitou muito, mas ao mesmo tempo ela trouxe muito essa superficialidade de informações. É muita informação, então tudo é muito raso. E aí a leitura, eu acho que ela faz esse contraponto, né? De estar te fazendo mergulhar mais no assunto de fato. As crianças e todo mundo hoje quer muito rápido as informações, muito fácil também, então elas não vão atrás de informações que de fato possam estar acrescentando e estar de fato consolidando aquele conhecimento. Eu acho que a leitura faz isso, né? Ela vai tá te embasando e te fazendo ser uma pessoa mais culta, mais polida. Acho que saber o seu próprio lugar no mundo e na própria sociedade também. Eu acho que está faltando muito isso hoje.

Sim, saber ler e interpretar forma a nossa cidadania, né? E em relação assim, mais especificamente à biblioteca, qual a contribuição que você acredita que a mediação da leitura na biblioteca pode trazer para essa formação de leitores conscientes que saibam interpretar? Que diferencial que tem a biblioteca nesse sentido?

Eu acho que é na biblioteca que começa isso, né? A despertar esse interesse, essa vontade, esse gosto. Conseguir enxergar o quanto que é importante saber ler, saber interpretar, ir em busca de conhecimento, né? Eu acho que é na biblioteca escolar que começa isso, que é plantada essa sementinha.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

A gente faz toda semana a troca de livros. Todas as turmas têm agendamento, então já é fixo esse horário, principalmente os anos iniciais. Os anos finais fazem não toda semana, mas vêm também e estão sempre com um livro. Então eles têm um intervalo maior, porque os livros também têm uma leitura maior, a quantidade de páginas é maior. Mas anos iniciais eles fazem troca toda a semana, então eles estão em contato sempre com o livro e com a biblioteca, acho que isso já ajuda. E agora no início do ano aqui, eu levei um tempinho, comecei a atender eles a partir de abril e eles já estavam todos inquietos querendo saber quando é que a biblioteca iria

abrir, quando é que eles iriam pegar livro. Então, assim, eu acho isso muito legal. E então eles fazem essa troca de livros toda semana. Eu já contei história também para os anos iniciais, mas isso a gente não faz sempre. E eles também gostam. Eu acho que tudo isso ajuda de alguma forma a eles estarem interessados. E aí é muito engraçado de ver as particularidades de cada estudante, né? Do que que eles gostam, no que que eles se interessam em ler. E aí a gente vê que eles têm uma leitura e um conhecimento diferente, mas ao mesmo tempo, é muito engraçado, porque às vezes a gente subestima a capacidade deles, assim, eu acho muito interessante isso. Então, é no incentivo que a gente faz essa troca de livro toda semana, às vezes contação de história. E aí também a gente já tá conversando sobre fazer alguns projetos de incentivo, de estar junto com os professores, né? Lá na [Nome da EBM] também, a gente fez algumas coisas nesse sentido, mas o que de fato é sagrado, digamos assim, é a troca de livros semanal, é eles irem à biblioteca toda semana. Isso ocorre sempre.

Ah sim... E na [Nome da EBM] você fazia contação de história, mediação de leitura?

Lá eu não fazia tanta contação de história. No último ano, tinha uma professora readaptada [na biblioteca] que daí ela fazia a contação de história. Aí ela ficava só nisso e aí eu não fazia, até porque tinha ela lá, né? Mas não, assim, na verdade, eu nunca fui... Eu não me considero muito pedagógica, eu sou mais técnica, meu perfil é esse, né? Eu sou mais da catalogação. A gente está com o Pergamum, então assim, aqui onde eu estou, agora que eu organizei o acervo fisicamente falando, né? Eu comecei a estar inserindo no Pergamum, a estar catalogando, a estar etiquetando, então assim, eu tô mais focada nesse momento, nessa parte, que daí vai me facilitar muito para fazer empréstimo online, para estar fazendo a organização do acervo nas estantes também. Então eu sempre fui mais técnica e nunca me identifiquei muito com contação de história, com essa parte mais pedagógica. Apesar de eu saber que eu tô numa escola, então de alguma forma eu tenho que estar inserida nesse contexto. Mas lá na [Nome da EBM], cheguei a contar história, mas não é uma coisa assim, que eu tenho muita afinidade. Já aqui, como eu comecei e teve a Semana Municipal do Livro Infantil, que foi de 12 a 18 de abril, aí eu fiz algumas contações aqui, mas assim, é diferente o ambiente escolar. Apesar de todas serem escolas, cada uma é de um jeito, né? Então, aqui eu me senti mais à vontade do que eu estava lá. Acho também que o fato de tu tá há muito tempo numa escola é bom e é ruim. É bom porque tu já conhece o espaço, já conhece ambiente, tu já conhece as pessoas, mas ao mesmo tempo é ruim, porque acaba sendo muito engessado, muito bitolado. E aí as pessoas acabam criando certos vícios e o próprio ambiente escolar também é meio complicado, assim, meio conturbado

no sentido de principalmente... Eu não sei se tu trabalha em órgão público ou privado, mas existe muita diferença.

No privado.

É, existe bastante diferença entre público e privado. Assim, o público tem algumas coisas que deixam muito a desejar, então acabam criando certos vícios que são muito ruins. E o fato de tu ser funcionária pública te dá certas regalias que, como gestor ou como outros profissionais, não é muito bom. E eles acabam, digamos que sendo meio folgados, sabe? No sentido de achar que tu tem que fazer certas coisas ou que pelo fato de tu estar na biblioteca, tu te isenta. E na verdade é uma parceria, né? Biblioteca e sala de aula. Então, eu não sou professora, eu não sou pedagoga, eu não tenho regência de classe, eu não tenho formação para estar dando aula para uma turma na biblioteca. E isso se confunde muito na escola, no ambiente escolar, mas se tu tem uma gestão, uma equipe pedagógica que vai conduzindo isso de uma outra forma, muda muito. Coisa que não ocorria lá e que eu vejo diferente aqui. Então, assim, é óbvio que eu estou começando aqui e tudo que é novo é bom, né? Mas eu via muito isso e lá eu não tinha pelo menos esse respaldo, sabe? Então, os professores me viam como alguém... principalmente os dos anos iniciais, não todos, claro... mas como alguém que era obrigada a fazer contação de história, passar vídeo na biblioteca, coisa que eu não sou obrigada e que eu não acho algo que vai valer a pena. Eu passar um vídeo na biblioteca pra quê? Por quê? Eu até posso fazer isso, mas ele tem que estar ligado de alguma maneira ao conteúdo que está sendo dado em sala. De alguma forma tem que estar linkado, tem que ter um sentido... E não por simplesmente “Ah, agora vai lá para biblioteca, vai lá assistir um vídeo ou vai lá ouvir história”. Sabe? Então, assim, isso eu sempre reclamei. Eu sempre questionei. Só que assim, é muito largado, então fica muito a desejar em certos pontos o fato de ser público, sabe? Porque aí eu, como profissional, eu faço o que eu quero, óbvio, dentro de um limite, mas não vai acontecer nada. Eu sou funcionária pública. Então isso eu acho ruim, sabe?

É, cada um tem seu perfil, né? Algumas pessoas têm uma visão de que todo bibliotecário tem que ser um animador cultural, que vai chegar fantasiado e vai fazer tudo, e é muito legal que tenham pessoas dedicadas a isso na nossa área, mas não necessariamente precisam ser todos, né?

É isso, só que tem muita gente que não entende isso.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS que você considera mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu os ODS 3 - Saúde e bem-estar, ODS 4 - Educação de qualidade, ODS 8 - Trabalho decente e crescimento econômico, ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes e 17 - Parcerias e meios de implementação. Quais os motivos da sua escolha?

Eu acho que são assuntos bem relevantes para se trabalhar na escola, né? Eu acho que todos eles ali. “Saúde e bem-estar”, a outra... acho que era o 8, o penúltimo que tu falasse ali.

O penúltimo foi “Paz, justiça e instituições eficazes”, a 8 é “Trabalho decente e crescimento econômico...

É, eu acho que tudo isso... está tudo ligado, na verdade, né? Porque eu acho que falta muito hoje essa noção de justiça mesmo, acho que todo mundo fica muito no fato de tirar vantagem, né? Então eu acho que isso também é uma coisa que tem que ser trabalhada muito hoje, essa parte mais de caráter, virtudes. Acho que na escola é que deve começar... Claro, deve começar em casa, mas acho que a escola pode estar complementando isso e até essa parte ali de projetos também. E aí vem ali, o primeiro item que eu coloquei lá, falando sobre a paz e a justiça, e depois a sustentabilidade. Eu acho que está junto também, está tudo numa linha, né? E aí em relação a projetos também, eu acho que todo mundo tem que trabalhar junto, né? Não só “Ah, eu faço aqui o meu trabalho e a professora faz lá na sala de aula o trabalho dela”. Acho que a gente pode estar complementando e que de fato, acho que esse é o objetivo fim da biblioteca, né? Ela não está isolada, ela tá pra estar complementando de alguma forma e sustentando de alguma forma também a sala de aula, né? Não diria sustentando, mas no sentido de ela estar abarcando ou ancorando de alguma forma o que é dado em sala de aula, né? E ela pode estar fazendo essa ponte com a sala de aula, e aí é que vem a parceria. E não eu estar dando a minha aula na biblioteca, eu estar fazendo as minhas coisas e a professora lá na sala de aula. Acho que isto que é o intuito da biblioteca escolar, né? Fazer parceria junto com os professores. E aí todos esses itens estão juntos, eles estão ligados e estão linkados um com outro. Na minha opinião, né?

E até sobre essa questão da parceria com os professores, ali na pergunta 2 eu tinha perguntado também, como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades. Dos estudantes você já falou um pouquinho, que eles gostam, que eles estavam

pedindo para abrir logo a biblioteca para eles pegarem livros. E aí em relação aos professores, eles participam bem desses momentos na biblioteca?

Sim, até aqui eu acho bem interessante. Claro, não é o perfil de todo mundo, é aquilo que falasse ainda pouco, cada um tem um jeito, mas eu percebo que tem professores que estão mais preocupados, interessados. Até teve professora que veio me perguntar se já tinha horário, quando é que iria começar, porque já queria enviar bilhete para os pais. Então já queria colocar ali o horário da biblioteca e aí tem aquele professor que nunca, jamais esquece o horário. Então assim, ele está sempre em cima, por exemplo “Ah, semana passada teve feriado, era o dia da troca, então como é que eu vou fazer? Já posso recolher?” “Isso, já recolhe.” E aí tem alguns professores que acabam esquecendo o horário da biblioteca. Mas assim, a maioria deles são bem comprometidos com a biblioteca, com o horário da biblioteca, com o livro, né? De estar cobrando dos estudantes “Ó, não esquece, traz o livro amanhã.” Então, assim, eles também têm essa consciência da importância da biblioteca, a maioria deles.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para alcance dos ODS da Agenda 2030?

Eu acho que é continuar fazendo o que a gente está fazendo, né? Eu acho que primeiro é um incentivo à leitura, isso a partir da literatura. Eu acho que é o caminho, não tem outro, né? Então não tem como eu incentivar um estudante de outra forma. Na minha visão, eu não vejo outra, né? Isso começa realmente pela literatura e aí ali é que começa o gosto do estudante de estar lendo, de estar se interessando e, a partir desse formar o leitor na literatura, ele vai para outras áreas do interesse dele. E até mesmo quando eles vêm pegar aqui, já tem estudantes que querem pegar outras coisas, né? Semana passada veio o 5º ano pegar, o menino pegou um livro sobre reciclagem de lixo. E aí eu perguntei para ele: “Tu queres levar esse livro? Não queres um de literatura?” “Não, eu quero esse. Eu gostei desse”. E ele levou e ele leu. E aí teve um outro que pegou [um livro] sobre Jerônimo Coelho. Aí eu falei para ele: “Você tá vendo como é esse livro? É sobre a biografia dele, tu queres levar esse?” Porque às vezes eles simplesmente vão na estante e pegam um livro. E aí eles nem olham o que que é aquilo. E aí quando eles chegam para fazer um empréstimo e eu vejo que é algo diferente do normal, eu pergunto. E aí teve um outro que pegou sobre a história de Florianópolis. Daí eu falei: “Ó, esse livro é meio grosso. Tu acha que dá conta de ler ele em uma semana?” Porque a professora estava fazendo uma ficha de leitura, perguntando algumas informações sobre o livro. “Não, eu vou ler.” Então assim, é

interessante que daí tu já vai vendo que eles já estão se interessando por outras coisas. E, claro, é o perfil de cada um. Então ele não se interessa por uma literatura bobinha, uma historinha boba. Ele já quer um assunto que de fato, instiga a curiosidade dele e é só a partir da literatura. Ele está no 5º ano, ele começou lá atrás, lendo literatura, livros infantis de literatura e agora eles já estão indo para outras áreas. Então, assim, esse avanço deles começou na literatura. Não tem outra forma. E para se chegar a todas essas ODS aí, é o que a gente está fazendo aqui, essa é a base. Dali para frente, eles vão avançar em outras coisas. E aí de que forma que a gente pode estar ajudando para chegar nisso? É o que a gente faz hoje, é isso, é incentivo à leitura, a troca de livro toda semana, são projetos entre biblioteca e sala de aula. E aí depois eles vão voar de acordo com as asas que eles têm. E claro, e aí também, lá na frente, eles vão perceber e vão lembrar. E de acordo com a vivência deles e a rotina deles, eles vão sentir a necessidade de ir atrás de um livro, de pesquisar, né? Porque lá atrás teve uma base que fez eles terem essa consciência.

5. Como você conheceu o Clube de Leitura ODS?

Foi através da própria prefeitura, né? Da Secretaria que tem... A gente tem um projeto do clube da leitura, e aí...

Ah sim, o “Clube de leitura: a gente catarinense em foco”?

Isso.

Ah sim, mas em relação ao Clube de Leitura ODS, lá no questionário tinha uma questão que perguntava se já conhecia ou não o Clube, que é essa seleção de livros que a ONU fez, né? E aí esse clube da ONU especificamente, você já conhecia?

Eu já tinha ouvido falar. Eu já ouvi falar, mas bem superficialmente assim, não cheguei a me aprofundar nele, não. Eu acho que deveria ser mais divulgado também, né? Porque poucas pessoas conhecem e também não têm acesso a esse acervo, né? E que poderia estar de alguma forma contribuindo, até na escola, para todas essas temáticas, né? Eu não sei se foi numa reunião que a gente teve, que foi falado sobre. Em alguma formação que a gente teve, foi falado sobre isso, mas aí assim foi meio só passado, né? Não chegou a ser mais aprofundado assim, mas aí eu vi sobre isso lá.

Ah, legal! Quem sabe tenha sido comentado sobre a Agenda 2030 em alguma formação, né?

É.

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS você já utilizou em suas atividades? Aí não sei se você lembra de cabeça ou quer que eu abra aquele PDF com as capas para dar uma olhadinha?

Pode, eu não lembro mesmo.

Já está dando para ver?

Aham. Ah, esse aqui “Direitos do pequeno leitor”. Esse a gente tinha lá na [Nome da EBM] e a gente até leu. E eu achei bem interessante porque está nesse formato infantil. E foi enviado pelo próprio FNDE esse livro. Eu achei bem interessante.

É, a maioria dos livros que a rede possui do Clube fazem parte do PNLD.

Esse “Rosa” também tem lá. Esse “Coisa de menina ou coisa de menino” também. Esse da Malala infantil ali também. Boca, da noite. Eu acho que esse “Boca da noite” também tem lá, esse isso laranja ali. Esse do Nelson Mandela também. Acho que esse “Chove chuva” também. Eu já acho que até tem aqui.

E o que já foi feito uma leitura para eles, então seria aquele “Direitos do pequeno leitor”?

Isso.

7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando esse livro?

É, esse ali dos “Direitos do pequeno leitor” que a gente trabalhou e conversou com eles a respeito do fato de querer escolher o que quer e de poder começar do fim, do começo. Enfim, dessas coisas que falam ali, porque às vezes é muito... acham que é meio impositivo, né? E na verdade, não. Não é dessa forma.

E às vezes a biblioteca mesmo, é vista como um lugar de silêncio, de ser essa coisa rígida, enfim.

Sim, é. E aí foi o que a gente tentou trabalhar, foi isso, né? Essa forma de olhar diferente, de que na verdade não é uma obrigação, mas que seria algo legal, interessante pra eles, né? Terem esse gosto e passarem a olhar a biblioteca de uma outra forma e a leitura, principalmente, né? Foi bem interessante, assim, que eles acabam desmistificando, né? É engraçado, porque até eles passaram a se sentir mais à vontade, né? É porque acaba mudando essa forma de eles olharem e eu vejo, principalmente, mais os meninos, que eles são mais introvertidos, e aí meio acanhados. Então eles passaram a ficar mais soltos, mais à vontade. Eu achei bem engraçado isso, porque menina já é mais... Claro, é o perfil de cada uma. Mas assim, lá a maioria era mais solta, né? Já chegava, já escolhia, já ficava: “Ai, esse aqui eu não gostei, eu vou levar esse aqui”. E os meninos já mais acanhados. E aí eles têm meio que um perfil, assim, eles gostam daquele tipo de leitura e aí se não tem, eles dizem: “Não tem nada, não gostei.” Mas aí eles também mudaram nesse sentido, assim, de estarem mais abertos. Foi bem interessante.

Que legal! E aí a atividade realizada, foi a leitura do livro e depois uma conversa sobre isso?

Isso. Daí eles opinaram, falaram a respeito. E também a gente falou sobre o que estava sendo mostrado, sobre essa desobrigação, né? De ter que... porque também a gente pode começar a ler um livro e acabar não gostando, né? Não se identificar, perder o interesse. Claro que é uma leitura mais rápida, e óbvio, é diferente de a gente pegar um livro aí científico e começar a ler, mas assim, de poder estar trocando também, né? “Ó, eu peguei esse livro, mas eu não gostei. Eu queria poder trocar.” Pra eles eu acho que foi até um alívio, porque eles achavam que assim: “Eu sou obrigado a ler esse livro, já que eu peguei.”

8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual a faixa etária dos estudantes? Acho que a primeira parte já foi respondida, né?

Aham.

Mas aí em relação à faixa etária...

Ali era 4º ano, é 9 anos, né? 9 e 10, né? É, foi essa faixa.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

O que que eu espero? Que a gente possa ter mais divulgação, eu acho. Porque é muito pouco conhecido isso. Também acho que são livros bem interessantes, né? Aquele “Rosa”, eu lembro que eu li ele, só que agora não... eu estou confundindo. Mas eu também achei interessante. Até desses livros que foram enviados, os últimos que a gente recebeu do FNDE, têm livros muito, muito legais. Eu só achei um pouco, meio deficitário, fisicamente falando o livro assim, sabe? O papel meio frágil, a brochura dele também, a parte gráfica. Eu achei que deixou a desejar, sabe?

Quando você diz “os livros do FNDE”, são os livros que fazem parte do PNLD, né?

Isso, porque a gente recebeu livros didáticos e, juntamente com eles, vieram algumas caixas, né? Alguns acervos que foram enviados. E aí estavam inclusos esses livros aí, esses que eu te falei que eu vi ali, todos vieram nessa leva. Só que aí assim, até esse ali “Direitos do pequeno leitor”, ele é um livro grande, ele é quadrado assim, deve ter uns 30X30 talvez. E aí vieram vários nesse formato e acaba que assim, eu acho que o livro grande é ruim, no sentido de levar e trazer, sabe? De colocar na mochila. Ele acaba vindo detonado, assim, completamente amassado, às vezes rasgado, e por ser um livro de literatura infantil, por ser livros para crianças, eu acho que ele tinha que ser mais resistente. E aí são livros grampeados, são livros numa folha que é quase um papel jornal. Não é exatamente um papel jornal, mas uma folha muito fina, sabe? Muito frágil, então esses livros deveriam ser mais robustos num sentido físico mesmo. Mas ainda assim, é válido a gente estar tendo contato com esses livros. E ali para a responder a pergunta, eu acho que a gente tinha que ter mais acesso a esses livros, mais divulgação sobre esses livros. Principalmente divulgação, porque a partir da divulgação, há um interesse. E óbvio, também, conseguir ter acesso a eles, né? Contato com eles, porque eu acho que são temas bem interessantes, que podem estar enriquecendo a escola, o ambiente escolar, os estudantes, né? Tendo mais conhecimento sobre isso. E de alguma forma, claro, enriquecendo todo o conhecimento deles, né? Mas eu acho que a melhor forma seria a divulgação e o acesso, né? E a partir disso, a gente consegue estar trabalhando. E lá na escola mesmo, não tinha nenhum deles lá no acervo da biblioteca, eles só chegaram através desse programa federal. E esses livros que eu te falei, todos eles têm na [Nome da EBM], aqui eu não vi.

Olha só! É, eu fiz levantamento do que tem no Pergamum, agora eu não vou lembrar de cabeça a quantidade que tinha nessa escola exatamente, mas eu lembro que [Nome da EBM], era uma que tinha bastante títulos do Clube.

Sim, era onde eu trabalhava, fui eu quem inseri no Pergamum. Então assim, eu só utilizei um dos livros, porque eu tinha lá. Se eu estivesse trabalhando aqui, por exemplo, eu não teria trabalhado.

Sim, porque você não teria tido acesso aos livros.

Sim. E como é diferente na própria rede, porque lá eu tinha, aqui eu não tenho. E aí o FNDE também tem essa coisa de estar enviando. Ele envia acervos diferentes, né? Eu não sei que critérios eles utilizam também. Aqui tem menos estudantes do que lá. Lá eu também percebo que o acervo era bem maior e a diferença de quantidade de estudantes não é tão grande assim para justificar isso. Então também não sei o porquê, mas lá tinham muito mais livros do que tem aqui. É um acervo bem maior, bem maior mesmo. E toda essa quantidade de livros ali, todos esses que eu te falei “Ah, esse tem, esse tem, esse tem”, era tudo de lá, não tem aqui. Acho que só um que eu vi ali, aquele “Chove, chuva”, que tem aqui, que eu lembro de ter visto, os outros não.

Pois é, também não sei como eles fazem essa distribuição. Por que essa diferença tão grande, né?

E aí é difícil também de a pessoa conhecer, saber sobre isso, se não tem livro, nem acesso, nem nada.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Não, eu acho que seria interessante fazer realmente alguma formação sobre essas ODS, porque nem todo mundo tem acesso, nem todo mundo sabe. E às vezes poderia estar trabalhando e fazendo um projeto interessante, mas que por desconhecimento, não faz. E pode até ter esse material lá, né? E são várias temáticas e cada um se interessa por uma ou por várias, enfim, mas aí vai do perfil de cada um, né? E acho que conhecimento é tudo. Então, quanto mais divulgar, mais você vai saber e mais você vai se interessar, porque eu não vou me interessar por algo que

eu não conheço, né? Tem tanta coisa que a gente não sabe, que pode estar agregando. E acho que tudo é bem-vindo, né? Mas se precisar de mais alguma coisa, estamos à disposição.

PARTICIPANTE 7

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores e para incentivo à leitura?

A mediação é extremamente importante. Eu vejo que um livro, como eu digo, um livro na estante, é apenas um livro na estante, né? A gente tem que vender aquele livro. São milhares, não é? Nós temos aqui na biblioteca milhares de livros. Como é que esse livro vai chegar no leitor? Como é que ele vai se tornar especial? Então o mediador tem toda a responsabilidade de aproximar o autor e a sua obra, dos leitores dele. Então o mediador é extremamente importante em uma biblioteca escolar, principalmente.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

Eu acho que a primeira coisa, o carro-chefe de uma biblioteca é o acesso. Então a gente tem, obviamente, um horário já agendado com todas as turmas, né? Aqui, no caso, é quinzenal e, nesse momento que eles têm acesso à biblioteca, a esse espaço, com todo mundo que passa por aqui, eu faço essa interação. Seja com o estudante, seja com professor, nós sempre temos presente a literatura. Eu digo que o cartão de visita da biblioteca escolar é a literatura. Claro, temos material informativo, a gente tem outros momentos, mas a literatura é o grande cartão de visita. E sempre tem um momento literário, geralmente promovido por mim, promovido pela [Nome da funcionária], que trabalha aqui comigo. A gente leva a literatura, leva vários tipos de texto, a gente traz parlenda, traz poesia, ou também recebe deles essa vontade deles também de compartilhar comigo, com o professor e com os colegas o que eles leram. Então sempre tem um momento. Ou a professora naquele dia também, quando planejado, ela traz alguma coisa, mas a literatura tem que estar presente. Então isso eu acho que é regra, sabe? Mesmo que seja aquele dia apertado, que a gente só vai fazer empréstimo, mesmo assim rola, por exemplo, uma poesia. Não que ela seja menos importante, mas é um texto mais rápido do que um conto, que daí demora mais tempo. E fora isso, como a gente trabalha na biblioteca escolar, a gente faz também um trabalho com as famílias, porque a gente não contribui para a formação do leitor

sozinho. Então, a gente faz esse trabalho com a família. Nós temos um “Café literário”, em que a gente chama todo ano os pais para ouvirem uma história, que daí um momento só para os pais. E aí tem contação de história, tem café, e é dentro da biblioteca. E daí a gente tenta aproximar esses pais e abrir a biblioteca para a comunidade, porque as bibliotecas do município, além de elas serem escolares, elas são comunitárias. Ou deveriam ser. E eu levo bem a sério assim. Até mudamos a sala, antes era no primeiro piso, agora é no térreo. E eu faço questão que os pais visitem. Eles podem montar uma sacola com 10 livros e ficar 15 dias na casa. Aí o adulto vem aqui escolher com as crianças ou sozinho. Levam tanto literatura infantil, quanto outras literaturas, levam gibis. Levam uma sacola com 10. Vou dizer que não tem tanta procura, né? Tem isso, cada um com seu tempo também, com as suas ocupações. Às vezes não têm tanto essa cultura de entrar na escola, né? Às vezes a comunidade fica um pouco fora, literalmente. Mas é uma busca. E fora isso, daí a gente tem o “Clube da leitura catarinense”, que daí são obras catarinenses, que daí os professores fazem esse trabalho de mediação, de aproximação com esse texto catarinense, são autores catarinenses. Então é trabalhada essa obra durante um tempo, os estudantes têm acesso à obra e no final do trabalho eles conhecem o autor da obra. É um projeto da Secretaria Municipal de Educação, que daí é ligado diretamente à prefeitura. A gente faz essa ponte, esse trabalho é um trabalho bem em conjunto: secretaria, professores e biblioteca. E fora isso, sempre tem alguma coisa acontecendo. Eu digo que eu não sou muito de projetos, eu sou mais de ações de cotidiano, assim. Eu acho que a coisa não pode ficar “Ah, fez um projeto um dia.” Tem projetos que dão certo, mas eu sou muito do cotidiano, sabe? Eu sou muito do fazer todo dia. Mesma coisa: tem que ter leitura sim, todo dia a mesma coisa, tem que ler, a gente tem que dar exemplo. E é isso, não grandes projetos, uma coisa muito grandiosa, eu acho que é o simples, é o arroz com feijão ali. É leitura, é exemplo, é acesso, é tornar esse ambiente também agradável. Eles têm que gostar de estar aqui, então a gente tem puff colorido, tem livro colorido, tem uma estante aqui de gibis, de revistas, que eles visitam. Tem um boneco de pelúcia, que já é uma mascote aqui há anos. É mais velho do que eu aqui.

Que legal! Parece ser um ambiente bem acolhedor. E em relação à interação dos estudantes e dos professores neste momento da biblioteca, como é essa interação?

Sim, o professor é o regente, né? Gostaria que todos participassem, mas sabemos que nem todos têm essa proximidade, essa intimidade, esse domínio com a literatura. Então tu sabe que para a gente formar leitor, nós temos que ser leitores, você tem que amar. Eu digo para as crianças, para os estudantes: “Vocês não podem levar um livro só porque gostam. Tem que amar. Estão

amando o livro?” E assim, claramente eu vejo que quando o professor é apaixonado por literatura, ele é diferente na atitude dele aqui na biblioteca. Mas assim, nós temos sorte, porque a maioria dos professores se envolve bastante aqui no espaço.

É, eu vejo assim, trabalhando em biblioteca escolar também, que faz muita diferença. O olhar do professor vai influenciar muito no olhar da turma sobre a biblioteca, sobre o que é esse espaço. Então, se o professor é mais envolvido com a literatura, a própria turma também vai se sentir incentivada a usar esse espaço.

Sim, já tem todo um trabalho antes disso, né? Esse professor não joga a responsabilidade da literatura, do uso, da fruição apenas para esse espaço. Ele já iniciou um trabalho de literatura na sala. Não estou falando nem de trabalhos... “texto como pretexto”, né? Mas a literatura mesmo, né? Ele já iniciou, ele já tem esse trabalho iniciado na sala de aula. E essa fala da importância, tudo isso. A gente sente a diferença também na dinâmica da turma quando esse professor está integrado nesse espaço, nesse contexto da literatura, dos livros. A gente sente. E daí dá um resultado muito legal.

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu o ODS 6 - Água potável e saneamento, ODS 10 - Redução das desigualdades, ODS 14 - Vida na água, ODS 15 - Vida terrestre e ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes. Quais os motivos da sua escolha?

Aí eu escolhi esses temas porque eles permeiam muito a escola, né? Eles exigem também que a escola... na verdade a escola tem que responder a esses temas constantemente, né? A questão da natureza tá muito presente aqui no dia a dia e nos próprios conteúdos. E é uma exigência também dos estudantes. E nos tempos atuais, né? A questão da paz... são temas relevantes e sempre recorrentes na escola.

4. Na sua visão, como a biblioteca pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Aí eu vejo bem o trabalho conjunto da sala de aula, né? Quando surgem esses temas ou esses temas já estão intrínsecos no próprio conteúdo. E aí quando vem essa demanda, a biblioteca

prontamente contribui com o que ela tem para oferecer, que é o acervo, o nosso próprio conhecimento de bibliotecário, né? Porque a gente não tem tudo, mas a gente sabe onde encontrar. Então a gente volta aí com um papel muito forte de mediador. A literatura, eu vou ser bem sincera, a literatura... particularmente hoje, eu tenho um pouco mais de equilíbrio nessa questão. Mas eu não uso literatura ou o texto como pretexto. A literatura explícita para um tema. Por isso que, para mim, às vezes, eu tenho um pouco de resistência assim, de falar em tema e ligar com a literatura. Eu acho que a literatura ela trabalha diversos temas, mas agora escolher a literatura só como pretexto para trabalhar alguma coisa? Eu acho que a gente perde bastante nesse caminho. Ela trabalha tudo, ela trabalha tudo, né? Tudo é formação, formação humana. Mas se a gente fica apegado apenas aos textos, aí a gente também às vezes está afastando um pouco o leitor da... Não contribuindo para a formação do leitor literário, né? Quando fica apenas preso a temas. Não que ela não trabalhe. Vários professores me pedem, eu forneço, mas às vezes aquela obra que traz de uma forma muito explícita, aí eu já não coloco nem mais em literatura, mas é um texto informativo, um paradidático, não sei se se usa ainda essa expressão. Quando eu trabalhava na editora, era “paradidático”. Mas é um livro informativo. Nossa, a gente tem muito livro bom. Tem uma autora aqui de Florianópolis, a Cristina Santos, que é maravilhosa, mas não é literatura.

É, acho que é bem essa questão que você falou de ter um equilíbrio.

É, eu já fui mais assim... quando eu fiz a pós em Literatura Infantil, eu fiquei muito assim, né? Essa questão que daí não pode trabalhar nada, que a literatura tem que ser totalmente livre. Antônio Candido fala isso. Mas a gente vai achando [*inaudível*] também, porque estamos inseridos numa biblioteca escolar, numa escola, né? E essa escola tem uma demanda. Essa escola tem um currículo para cumprir, para responder também a uma Secretaria de Educação. E aí também não podemos ficar numa ilha.

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS desse você já utilizou em suas atividades? Daí eu não sei se você lembra de cabeça ou quer que eu compartilhe o PDF aqui.

Sim, se puder.

Já está parecendo?

Está. Começando então, “Direitos do pequeno leitor”, né? Que é maravilhoso, é uma versão dos direitos lá do Daniel Pennac, que é os 10 direitos que eu amo, que eu sigo muito e transformou minha visão de leitura e de liberdade, então essa é uma versão que não é só para criança, mas é uma versão livre também pro público infantil, né? Que dá esse espaço tão grande para a imaginação. Este livro eu conhecia, inclusive eu adquiri na pandemia. Depois eu vi que ele estava num acervo aqui. A gente pediu pelo PNLD Literário e nós temos ele na biblioteca. Aí depois, esse “Rosa”, eu já vi, mas eu não tenho, fiquei curiosa, mas eu não tenho o “Rosa”. Muitos são do PNLD Literário, mas eu não tenho os outros não, tá? Aí depois “O caderno sem rimas de Maria, que é do Lázaro Ramos, que esse também eu adquiri na pandemia, porque eu conheço o do João. Eu leio mais “O caderno de rimas do João”. Eu trabalho mais com o outro. Eu ainda não li para as crianças o da Maria, o do João eu leio bastante. Inclusive, eu tenho um vídeo no YouTube com o meu colega [Nome de um bibliotecário da rede], em que a gente leu o do João. “Coisa de menino ou coisa de menina”, eu li, eu amo. Inclusive hoje eu resgatei esse livro, eu li. A professora já tinha lido ele no Dia das Mulheres, dia 8. Importante, né? Maravilhoso. Aí hoje eu peguei ele para ler e aí as crianças: “ah, a gente já ouviu!”, daí a professora: “é, eu li no Dia das Mulheres”. Mas elas queriam de novo. Eu tinha outro pra ler também, né? Eu sempre tenho alguma coisa já pronta, do meu repertório, mas aí eles quiseram ouvir de novo essa história. Malala, eu conheço a história, mas nós não temos esse. Temos outros da Malala, mas não esse. “Pinóquia” também, hoje foi emprestado. Chamou muita atenção aqui essa capa com um “A” no final, então a menina disse: “Nossa! Pinóquia? Não conhecia.” Então eu fiz a mediação, ela acabou de levar. O “Super” ... eu já vi essa capa... ele é um livro de imagem, será?

Não, mas ele tem bem pouca escrita e trata da questão da igualdade de gênero, ele fala do pai e da mãe, e do trabalho de cada um.

Acho que ainda está para registrar, porque tem uns livros ainda pra entrar, tipo esse do Bertold Brecht, que me chamou atenção, mas eu você ser sincera, nós temos no acervo novo, só que eu não li ainda. Quero ler, mas esse parece ser um livro mais denso.

Qual?

O “Se os tubarões fossem homens”, do Bertold Brecht.

Ah sim, realmente é um livro mais denso e com um tema mais para os estudantes mais velhos também.

É, pra um 4º ou 5º ano, né? Mas eu preciso ler antes, eu nunca pego um livro da estante e vou ler. Nunca. Regra número 1 do mediador: nunca leia nada para as crianças, para os estudantes, adolescentes, seja para quem for, que você não tenha lido ainda, não faça essa besteira.

Sim, não dá pra ler pra eles sem conhecer antes, né? E desses que você citou até agora, os que foi feita a leitura para as crianças foi “Direitos do pequeno leitor” e “Coisa de menina ou coisa de menino”?

“Pinóquia” já foi feita a leitura também, mas não foi hoje, né? Mas “Pinóquia”, do Jean-Claude Alphen, que eu adoro esse autor. O Jean-Claude Alphen tem o “Um sujeito sem qualidades”, que é o meu preferido.

Ah, não conheço esse...

Ah, vale a pena! “Um sujeito sem qualidades”. Ele até ganhou um prêmio esse livro. E aí foram esses até agora, o outro eu li do João, o da Maria eu não li para as crianças ainda. O “Gigi e Napoleão” eu já li para os pequenos. O “Poeminhas da Terra” eu já li, mas não para as crianças. Esse livro veio por aquela campanha do Itaú, foi um livro bem... Inclusive eu tinha em casa, quando a gente pedia pelo Itaú. Ah, o “Cada um no seu lugar” também já li para as crianças, que daí é uma integração da natureza, né? Sendo o humano parte da natureza. Ele tem uma ilustração maravilhosa da própria autora, que é todo rico em detalhes. Ele fala sobre ser visto nesse espaço, se reconhecendo como parte da natureza, então ele fala do bicho, ele fala da árvore, ele fala do ser humano, então como uma coisa só. E o respeito por tudo. Esse eu já li para as crianças também. Desse acervo eu acho que é isso.

7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando esses livros? Só pra confirmar, então foram esses cinco livros: “Direitos do pequeno leitor”, “Coisa de menina ou coisa de menino”, “Pinóquia”, “Cada um no seu lugar” e “Gigi e Napoleão”, né?

Isso.

E aí a atividade realizada, com todos eles, foi a leitura do livro e uma conversa depois?

Ou teve algum que foi algo diferente disso? O que foi desenvolvido com esses livros?

Dessas obras aqui especificamente, não teve nenhuma atividade formal ou feita em conjunto com a professora. Só aquele “Coisa de menina ou coisa de menino”, eu não sei o que a professora desenvolveu em sala. Hoje eu soube que ela leu por coincidência, porque eu ia ler também, mas eu não sei o que ela desenvolveu. Porque eu não costumo planejar depois uma atividade aqui. Tem algum livro ou outro, por exemplo, “O Grúfalo”, que aí eu faço uma atividade. A gente tem outros livros que daí tem algum desdobramento maior. “Maior”, né? Não temos como saber o quanto atinge, mas enfim... O que acontece é uma conversa. Eu entendo também a literatura assim: às vezes tu vai ler alguma coisa ou tu escuta alguma coisa e tu não quer falar sobre isso, porque é chato. Eu acho chato falar: “Ah, o que que vocês entenderam da história? Qual é a parte que tu mais gostou?” Tu já tá tirando aquele trabalho que está acontecendo, está precipitando um trabalho que está acontecendo no interior da criança, porque às vezes ela não quer falar na hora. E às vezes ela não... E não é nada do que tu tá pensando: “Ah, eu vou trabalhar tal tema”. Por exemplo, do dia das mulheres. Tu pensa “Ah, eu quero trabalhar tais coisas com elas”. Mas aí a criança na hora não tirou nada, nada do que tu estavas planejando na tua visão. Tu tens uma visão, a criança vai olhar por outro ângulo, né? Pela visão dela, pela vivência dela, ela vai perceber uma coisa que tu não viu. Então essa coisa de trabalhar temas...

Sim, isso me lembrou até o “Direitos do pequeno leitor”, que um dos direitos é o direito de não falar sobre o livro ou sobre o que leu.

Sim, foi o Daniel Pennac que me despertou pra isso.

Mas às vezes é natural também, não é? Às vezes acontece de forma natural.

Sim, sim, o “Coisa de menina ou coisa de menino”, fez surgir muito hoje. O tempo inteiro eles quiseram interagir com essa questão de menina e menino. “Aí eu faço isso”, “eu faço aquilo” “ah, meu pai também faz”, sabe? Surgiu o tempo inteiro essa questão de eles também falarem da vivência, né? Não só deles, mas da família, né? Teve um que foi bem engraçado, que ele falou... Ah, do mundo da lua! Que tem uma parte que diz que tem meninas astronautas que vivem no mundo da lua. Aí um menino do 3º ano assim: “é, literalmente!” Aí eu assim: “Quem é que falou ‘literalmente?’” Mas por causa da astronauta, né? Olha que massa! Mas eu prefiro essa forma orgânica. Eu digo que eu não tenho essa pretensão de ensinar nada. Eu tenho essa liberdade, não tenho um currículo para atingir com eles.

7. Como os estudantes interagiram com as atividades? Acho que você já falou um pouquinho do “Coisa de menina ou coisa de menino”, mas aí dos outros livros, como foi a interação? O do “Direitos do pequeno leitor”, se teve alguma discussão depois...

Ele é muito livre esse livro, sabe? Também já faz bastante tempo que eu trouxe a leitura e não lembro de ter feito nenhuma discussão, porque não é o meu propósito. E nem sempre também nós temos um tempo para isso, porque eu tenho o empréstimo de livros e tudo, né? Depois que é feita a leitura. E aí o tempo não permite. Mas os que eu posso te dizer são esses. Deixa eu ver se tem mais algum que eu lembro... o da “Pinóquia” eu já li faz um tempo. Não, não surgiu discussão, mas hoje chamou a atenção dessa estudante, por ser uma menina, por ter um “A” ali no final. Chamou a atenção por ser uma personagem que é uma versão feminina do Pinóquio, então surgiu. Só o “Direito do pequeno leitor”, quando eu li, eu fiz a referência aos direitos do leitor, eu apresentei, mas de uma forma muito rápida, os direitos do leitor do Daniel Pennac. Inclusive o direito de não ler. E aí eu lembro que chocou um pouquinho uma professora na época, uma professora que estava no momento, esse direito de não ler. Isso foi com um 5º ano. Direito de não ler? Choca um pouquinho, né? Porque daí tu tá numa biblioteca e fala do direito de não ler? Mas aí o “Direitos do pequeno leitor” é muito livre, é lúdico, é muito imaginário, né?

Sim... E aí teve o “Gigi e Napoleão” também, que trata da questão do consumismo, também foi feita somente a leitura?

É, foi feita a leitura, mas é que eu não tenho esse viés do conteúdo, eu não tenho...

Sim, sim, mas no sentido de ter surgido algum debate entre eles...

Não, não surgiu.

E o “Cada um no seu lugar” também não?

Não surgiu nada, apenas eu fiz o comentário da ilustração, que é muito bonita, cheia de pontinhos, risquinhos, acho que é feito com giz. E me chamou a atenção por a ilustradora ser também a autora fez.

8. E qual era a faixa etária dos estudantes para quem foram lidos os livros?

O do “Direitos do pequeno leitor” foi para o 5º ano. O “Coisa de menina ou coisa de menina” foi um 3º ano. “Pinóquia” também 3º ano. “Gigi e Napoleão” foi 1º ano. E “Cada um no seu lugar” foi 3º ano também. Que eu me lembro foi isso, eu não sou muito boa de memória, não.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu espero uma outra visão, né? Que talvez eu não esteja tendo dessas obras. Conhecer também melhor as que eu não tenho aqui no acervo, adquirir ou ganhar, se essa capacitação nos doar, né? A bibliotecária está sempre querendo livros, né? Apesar de que tem milhares de livros aqui pra eu cadastrar ainda, né? Mas são obras interessantes que eu vejo que nossa! Imagina? Eu estou vendo aqui... “O garoto de camisa da camisa vermelha”, “O menino que amava o passupreto”. Olha só! Tem muito livro que eu nunca vi, tá? “A bela ou a fera”. Então assim, bem relevantes. Tem “Paz”, “Você é livre”. Enfim, eu acho interessante para justamente trazer essa outra visão que eu não tenho e contribuir com meu trabalho. São quantas obras nesse clube?

Cento e setenta e cinco. E aí esses que estão nesse PDF que a gente estava olhando são os 43 que as bibliotecas da rede municipal possuem, de acordo com o catálogo on-line.

Ah, entendi! Então em alguma outra biblioteca tem esses outros títulos, né?

Isso, então a rede já tem um número considerável dessas obras, boa parte porque foi enviado pelo PNLD Literário também, a maioria desses foi...

Sabes que esse PNLD Literário foi uma escolha nossa, né? No PNLD Literário é feita uma escolha de cada escola.

Sim, sim. Mas a partir de obras selecionadas, né?

Sim, a partir de um catálogo, é.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

É, agora eu fiquei sabendo que essas obras fazem parte de algo maior, que são propositivas e que eu posso olhar para elas de uma outra maneira agora. Não que eu vá trabalhar os temas, não vou me render a temas, mas que também tem esse olhar assim. E perceber talvez, como ela tem essa intenção... “Ela tem essa intenção” não, talvez o autor nem teve essa intenção. Tiveram essa intenção por ele, né? Porque às vezes, por exemplo, o Jean-Claude Alphen, ele teve lá a intenção dele, mas que às vezes não é a mesma dessa coisa maior. Mas é que eu posso olhar para elas e perceber o que vem também dos estudantes, né? Perceber com mais atenção essa discussão que pode vir ou não, né?

PARTICIPANTE 8

1. Quais contribuições você acredita que a mediação de leitura na biblioteca pode trazer para a formação de leitores?

Então, eu acredito que através do acesso à literatura, aos livros, os estudantes começam a se identificar e a ter esse contato com o livro e a literatura. E através ali dos anos iniciais, 1º ano... Na verdade, na escola pública, eles já têm esse contato desde a creche, né? E ali, nos anos iniciais, eu acho muito importante para eles poderem ter mais conhecimento sobre os livros, sobre as informações, porque através da literatura eles conseguem ter entendimento sobre muitas coisas, né? E eu acredito que desde pequenininho, isso lá na frente vai fazer muita diferença, quando eles tiverem maiores, esse contato.

2. Quais atividades de mediação de leitura você realiza na biblioteca? Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores com essas atividades?

Então, lá na biblioteca da [Nome da EBM], eu faço a mediação através da leitura de um livro, né? Eu falo que é leitura, porque contação de história envolve um pouco mais de criatividade e tal, e eu faço mais uma leitura mesmo, né? Escolho um livro e a partir do livro que eu escolhi, eu conto a história pra turma. Às vezes eles querem até pegar o livro que eu li, porque eles gostaram da história. Eles gostam bastante de ouvir a história, de ver as imagens. Eu esqueci agora o final da outra pergunta...

Como ocorre a interação dos estudantes e dos professores e dos estudantes?

Tem alguns professores que participam mais e tem uns que ficam só ouvindo mesmo a leitura da história e cuidando da turma. Mas tem uns que já aproveitam o tema, dependendo da história e fazem já um questionário com os estudantes, perguntam o que que eles entenderam sobre a história e abordam um pouquinho mais, assim, aprofundam um pouquinho mais o tema da história, né? Para já instigar esses estudantes a pensarem e refletirem, né?

3. No questionário respondido anteriormente, foi solicitada a escolha de até 5 ODS mais interessantes para se trabalhar na biblioteca em que você atua. Você escolheu o ODS 3 - Saúde e bem-estar, ODS 4 - Educação de qualidade, 6 - Água potável e saneamento, 7 - Energia limpa e acessível e 16 - Paz, justiça e instituições. Quais os motivos da sua escolha?

Então, eu escolhi esses temas porque eu achei uns temas interessantes, principalmente no mundo que a gente vive hoje, né? No nosso planeta... está bem preocupante essas questões climáticas, né? Da natureza, do meio ambiente. Então, acho importante trabalhar isso com as crianças e eles terem essa consciência do quanto é importante a gente cuidar do meio ambiente, preservar o meio ambiente. E da educação também, né? Que eles tenham esse acesso também e entendam mais sobre a educação. E não lembro mais, quais eram os outros?

Tem a questão da saúde e bem-estar, água potável e saneamento, energia limpa e acessível, paz, justiça e instituições.

É, sobre a paz também é importante eles também terem mais contato com esse tipo de literatura, né? Que aborde esse tema, porque às vezes são abordados vários temas, mas esse de paz, essa questão eu não vejo... Até tem, mas não vejo tanto. Eu acho que poderia ter mais esses temas dentro da literatura.

4. Na sua visão, como a biblioteca escolar pode trabalhar para o alcance dos ODS da Agenda 2030?

Então, eu acho que através da literatura já estaria contribuindo bastante, né? Fazendo essa mediação através da literatura, os estudantes tendo contato com uma literatura assim, levando para casa. E aí esses dos anos iniciais, eles levam para casa. Os pais leem com eles, então já

alcançaria mais pessoas. Tanto os estudantes, para eles terem esse entendimento, quanto os pais deles também. E a família acaba sempre interagindo ali, junto com a literatura, né? Às vezes, o pai, a mãe, a avó, tio, tia.

5. Como você conheceu o Clube de Leitura ODS?

Então, eu acho que eu ainda não conhecia esse clube. Eu conheço as obras, né? Eu vi que as obras a gente tem lá na biblioteca, mas eu não sabia que tinha esse clube.

Sim... É, a maioria dos bibliotecários respondeu não conhecer mesmo. Foi um dos motivos para fazer minha pesquisa, que eu achei que foi uma coisa pouco divulgada e eu vejo como uma ferramenta muito legal pra utilizar na biblioteca escolar, né?

6. Qual ou quais livros do Clube de Leitura ODS desse você já utilizou em suas atividades?

Então, tinham vários lá que eu já conhecia e que me chamaram atenção, mas que eu já li para as crianças, foi o “Super” e o “Gigi e Napoleão”. Essas duas histórias. O “Super”, ele fala da questão do trabalho, que o pai trabalhava fora e depois a mãe teve que trabalhar fora, o pai ficou doente, né? E o “Gigi e Napoleão” fala sobre a questão do meio ambiente, sobre os desmatamentos, os lagos secando, né? Os rios secando e o degelo.

7. Qual foi a atividade desenvolvida utilizando esses livros?

Então, foi a leitura mesmo. Esses dois que eu trabalhei foi o “Super” e depois o “Gigi e Napoleão”. Os dois as crianças gostaram bastante, ficaram bem curiosas. A questão do... Aquele livro do “Gigi e Napoleão” é bem interessante, porque daí no final não tem como não levantar esse tema, né? Porque ele termina mais ou menos assim: “se a gente não cuidar do planeta, onde é que a gente vai morar?” Aí a gente acaba, depois da leitura, conversando com as crianças sobre isso. “Olha, gente. Se a gente não cuidar do nosso planeta, a gente não vai ter mais planeta. A gente tem que cuidar.” Mas eles já têm essa consciência, porque já é trabalhado em sala, eu acho que dentro do planejamento ali, né? Porque daí eles falam da questão do lixo, que tem que separar o lixo. Eles têm já essa consciência. Então acho que o livro ele acaba auxiliando nesse... reforçando essa ideia que eles já têm, essa consciência que eles já têm sobre a preservação do meio ambiente, que cada um tem que fazer a sua parte.

E aí a do “Super” também surgiu uma conversa depois da história?

A do “Super” eles ficaram meio que admirados com a mãe, que era super e tal, que ela saia para trabalhar. E o pai ficou em casa, o pai ficou doente. Primeiro eles acharam que o pai tinha morrido, mas não. O pai estava doente e a mãe teve que trabalhar e tal. E alguns se identificaram também com essa questão, porque alguns em casa, a mãe que trabalha, ou o pai está doente, né? Eu vi que aconteceu essa identificação nesse livro do “Super”.

8. Como os estudantes interagiram com a atividade? Qual era a faixa etária dos estudantes? A primeira parte acho que já foi respondida, né?

Isso, então... a faixa etária foi de 6 anos a 10, que é ali do 1º ao 5º ano.

Os dois livros?

Isso.

9. O que você espera de uma capacitação sobre o Clube de Leitura ODS?

Eu esperaria que, tipo assim, um reforço com a gente, os bibliotecários, né? Porque muitas vezes o professor trabalha esses temas em sala de aula e a gente como bibliotecário não tem essa formação sobre temas assim. A gente acaba lendo ali na biblioteca, mas às vezes não aprofunda tanto. Eu acho que uma capacitação ajudaria nesse ponto de aprofundar mais, de poder trabalhar melhor esses livros na biblioteca com os estudantes, né? Sobre a importância desses livros, sobre esses temas.

É, acho que a gente vai buscar bem isso... Dar um direcionamento pro uso dessas obras que as bibliotecas já têm...

Sim, e eu até então desconhecia que tinha esse Clube e não sabia que esses livros faziam parte desse clube. Eu lia, mas sem saber disso. Eu sabia, por exemplo, que estava trabalhando a temática do meio ambiente, mas não que isso fazia parte de um clube.

10. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Eu acho que é mais essa questão de falar mais sobre esse clube de repente, né? Que a gente consiga trabalhar melhor esses livros. E também ter mais desses livros. Porque eu vi que tem bastante, mas nem todos a gente tem. A gente tem alguns. De repente ter mais livros desse clube. Quanto mais eu acho que é melhor, né? Quanto mais as crianças terem esse acesso e essa conscientização sobre esses temas, sobre esses assuntos que eles abordam, eu acho que é melhor assim, sabe? Porque daí eles vão levar para casa e eles vão entender e a gente também. Porque serve para todo mundo, né? Essas questões.

ANEXO A - METAS DOS ODS DA AGENDA 2030

ODS	METAS
1	<p>1.1 Até 2030, erradicar a pobreza extrema para todas as pessoas em todos os lugares, atualmente medida como pessoas vivendo com menos de US\$ 1,90 por dia</p> <p>1.2 Até 2030, reduzir pelo menos à metade a proporção de homens, mulheres e crianças, de todas as idades, que vivem na pobreza, em todas as suas dimensões, de acordo com as definições nacionais</p> <p>1.3 Implementar, em nível nacional, medidas e sistemas de proteção social adequados, para todos, incluindo pisos, e até 2030 atingir a cobertura substancial dos pobres e vulneráveis</p> <p>1.4 Até 2030, garantir que todos os homens e mulheres, particularmente os pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a serviços básicos, propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias apropriadas e serviços financeiros, incluindo microfinanças</p> <p>1.5 Até 2030, construir a resiliência dos pobres e daqueles em situação de vulnerabilidade, e reduzir a exposição e vulnerabilidade destes a eventos extremos relacionados com o clima e outros choques e desastres econômicos, sociais e ambientais</p> <p>1.a Garantir uma mobilização significativa de recursos a partir de uma variedade de fontes, inclusive por meio do reforço da cooperação para o desenvolvimento, para proporcionar meios adequados e previsíveis para que os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, implementem programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões</p> <p>1.b Criar marcos políticos sólidos em níveis nacional, regional e internacional, com base em estratégias de desenvolvimento a favor dos pobres e sensíveis a gênero, para apoiar investimentos acelerados nas ações de erradicação da pobreza</p>
2	<p>2.1 Até 2030, acabar com a fome e garantir o acesso de todas as pessoas, em particular os pobres e pessoas em situações vulneráveis, incluindo crianças, a alimentos seguros, nutritivos e suficientes durante todo o ano</p> <p>2.2 Até 2030, acabar com todas as formas de desnutrição, incluindo atingir, até 2025, as metas acordadas internacionalmente sobre nanismo e caquexia em crianças menores de cinco anos de idade, e atender às necessidades nutricionais dos adolescentes, mulheres grávidas e lactantes e pessoas idosas</p> <p>2.3 Até 2030, dobrar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos, particularmente das mulheres, povos indígenas, agricultores familiares, pastores e pescadores, inclusive por meio de acesso seguro e igual à terra, outros recursos produtivos e insumos, conhecimento, serviços financeiros, mercados e oportunidades de agregação de valor e de emprego não agrícola</p> <p>2.4 Até 2030, garantir sistemas sustentáveis de produção de alimentos e implementar práticas agrícolas resilientes, que aumentem a produtividade e a produção, que ajudem a manter os ecossistemas, que fortaleçam a capacidade de adaptação às mudanças climáticas, às condições meteorológicas extremas, secas, inundações e outros desastres, e que melhorem progressivamente a qualidade da terra e do solo</p> <p>2.5 Até 2020, manter a diversidade genética de sementes, plantas cultivadas, animais de criação e domesticados e suas respectivas espécies selvagens, inclusive por meio de bancos de sementes e plantas diversificados e bem geridos em nível nacional, regional e internacional, e garantir o acesso e a repartição justa e equitativa dos benefícios decorrentes da utilização dos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais associados, como acordado internacionalmente</p> <p>2.a Aumentar o investimento, inclusive via o reforço da cooperação internacional, em infraestrutura rural, pesquisa e extensão de serviços agrícolas, desenvolvimento de tecnologia, e os bancos de genes de plantas e animais, para aumentar a capacidade de produção agrícola nos países em desenvolvimento, em particular nos países menos desenvolvidos</p> <p>2.b Corrigir e prevenir as restrições ao comércio e distorções nos mercados agrícolas mundiais, incluindo a eliminação paralela de todas as formas de subsídios à exportação e todas as medidas de exportação com efeito equivalente, de acordo com o mandato da Rodada de Desenvolvimento de Doha</p> <p>2.c Adotar medidas para garantir o funcionamento adequado dos mercados de commodities de alimentos e seus derivados, e facilitar o acesso oportuno à informação de mercado, inclusive sobre as reservas de alimentos, a fim de ajudar a limitar a volatilidade extrema dos preços dos alimentos</p>
3	<p>3.1 Até 2030, reduzir a taxa de mortalidade materna global para menos de 70 mortes por 100.000 nascidos vivos</p> <p>3.2 Até 2030, acabar com as mortes evitáveis de recém-nascidos e crianças menores de 5 anos, com todos os países objetivando reduzir a mortalidade neonatal para pelo menos 12 por 1.000 nascidos vivos e a mortalidade de crianças menores de 5 anos para pelo menos 25 por 1.000 nascidos vivos</p>

	<p>3.3 Até 2030, acabar com as epidemias de AIDS, tuberculose, malária e doenças tropicais negligenciadas, e combater a hepatite, doenças transmitidas pela água, e outras doenças transmissíveis</p> <p>3.4 Até 2030, reduzir em um terço a mortalidade prematura por doenças não transmissíveis via prevenção e tratamento, e promover a saúde mental e o bem-estar</p> <p>3.5 Reforçar a prevenção e o tratamento do abuso de substâncias, incluindo o abuso de drogas entorpecentes e uso nocivo do álcool</p> <p>3.6 Até 2020, reduzir pela metade as mortes e os ferimentos globais por acidentes em estradas</p> <p>3.7 Até 2030, assegurar o acesso universal aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planejamento familiar, informação e educação, bem como a integração da saúde reprodutiva em estratégias e programas nacionais</p> <p>3.8 Attingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais seguros, eficazes, de qualidade e a preços acessíveis para todos</p> <p>3.9 Até 2030, reduzir substancialmente o número de mortes e doenças por produtos químicos perigosos, contaminação e poluição do ar e água do solo</p> <p>3.a Fortalecer a implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco em todos os países, conforme apropriado</p> <p>3.b Apoiar a pesquisa e o desenvolvimento de vacinas e medicamentos para as doenças transmissíveis e não transmissíveis, que afetam principalmente os países em desenvolvimento, proporcionar o acesso a medicamentos e vacinas essenciais a preços acessíveis, de acordo com a Declaração de Doha, que afirma o direito dos países em desenvolvimento de utilizarem plenamente as disposições do acordo TRIPS sobre flexibilidades para proteger a saúde pública e, em particular, proporcionar o acesso a medicamentos para todos</p> <p>3.c Aumentar substancialmente o financiamento da saúde e o recrutamento, desenvolvimento e formação, e retenção do pessoal de saúde nos países em desenvolvimento, especialmente nos países menos desenvolvidos e nos pequenos Estados insulares em desenvolvimento</p> <p>3.d Reforçar a capacidade de todos os países, particularmente os países em desenvolvimento, para o alerta precoce, redução de riscos e gerenciamento de riscos nacionais e globais de saúde</p>
4	<p>4.1 Até 2030, garantir que todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes</p> <p>4.2 Até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário</p> <p>4.3 Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade</p> <p>4.4 Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo</p> <p>4.5 Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade</p> <p>4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática</p> <p>4.7 Até 2030, garantir que todos os estudantes adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável</p> <p>4.a Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos</p> <p>4.b Até 2020, substancialmente ampliar globalmente o número de bolsas de estudo para os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países africanos, para o ensino superior, incluindo programas de formação profissional, de tecnologia da informação e da comunicação, técnicos, de engenharia e programas científicos em países desenvolvidos e outros países em desenvolvimento</p> <p>4.c Até 2030, substancialmente aumentar o contingente de professores qualificados, inclusive por meio da cooperação internacional para a formação de professores, nos países em desenvolvimento, especialmente os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento</p>
5	5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte

	<p>5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos</p> <p>5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas</p> <p>5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais</p> <p>5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública</p> <p>5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão</p> <p>5.a Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais</p> <p>5.b Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres</p> <p>5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis</p>
6	<p>6.1 Até 2030, alcançar o acesso universal e equitativo a água potável e segura para todos</p> <p>6.2 Até 2030, alcançar o acesso a saneamento e higiene adequados e equitativos para todos, e acabar com a defecação a céu aberto, com especial atenção para as necessidades das mulheres e meninas e daqueles em situação de vulnerabilidade</p> <p>6.3 Até 2030, melhorar a qualidade da água, reduzindo a poluição, eliminando despejo e minimizando a liberação de produtos químicos e materiais perigosos, reduzindo à metade a proporção de águas residuais não tratadas e aumentando substancialmente a reciclagem e reutilização segura globalmente</p> <p>6.4 Até 2030, aumentar substancialmente a eficiência do uso da água em todos os setores e assegurar retiradas sustentáveis e o abastecimento de água doce para enfrentar a escassez de água, e reduzir substancialmente o número de pessoas que sofrem com a escassez de água</p> <p>6.5 Até 2030, implementar a gestão integrada dos recursos hídricos em todos os níveis, inclusive via cooperação transfronteiriça, conforme apropriado</p> <p>6.6 Até 2020, proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água, incluindo montanhas, florestas, zonas úmidas, rios, aquíferos e lagos</p> <p>6.a Até 2030, ampliar a cooperação internacional e o apoio à capacitação para os países em desenvolvimento em atividades e programas relacionados à água e saneamento, incluindo a coleta de água, a dessalinização, a eficiência no uso da água, o tratamento de efluentes, a reciclagem e as tecnologias de reuso</p> <p>6.b Apoiar e fortalecer a participação das comunidades locais, para melhorar a gestão da água e do saneamento</p>
7	<p>7.1 Até 2030, assegurar o acesso universal, confiável, moderno e a preços acessíveis a serviços de energia</p> <p>7.2 Até 2030, aumentar substancialmente a participação de energias renováveis na matriz energética global</p> <p>7.3 Até 2030, dobrar a taxa global de melhoria da eficiência energética</p> <p>7.a Até 2030, reforçar a cooperação internacional para facilitar o acesso a pesquisa e tecnologias de energia limpa, incluindo energias renováveis, eficiência energética e tecnologias de combustíveis fósseis avançadas e mais limpas, e promover o investimento em infraestrutura de energia e em tecnologias de energia limpa</p> <p>7.b Até 2030, expandir a infraestrutura e modernizar a tecnologia para o fornecimento de serviços de energia modernos e sustentáveis para todos nos países em desenvolvimento, particularmente nos países menos desenvolvidos, nos pequenos Estados insulares em desenvolvimento e nos países em desenvolvimento sem litoral, de acordo com seus respectivos programas de apoio</p>
8	<p>8.1 Sustentar o crescimento econômico per capita de acordo com as circunstâncias nacionais e, em particular, um crescimento anual de pelo menos 7% do produto interno bruto [PIB] nos países menos desenvolvidos</p> <p>8.2 Attingir níveis mais elevados de produtividade das economias por meio da diversificação, modernização tecnológica e inovação, inclusive por meio de um foco em setores de alto valor agregado e dos setores intensivos em mão de obra</p>

	<p>8.3 Promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros</p> <p>8.4 Melhorar progressivamente, até 2030, a eficiência dos recursos globais no consumo e na produção, e empenhar-se para dissociar o crescimento econômico da degradação ambiental, de acordo com o Plano Decenal de Programas sobre Produção e Consumo Sustentáveis, com os países desenvolvidos assumindo a liderança</p> <p>8.5 Até 2030, alcançar o emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas as mulheres e homens, inclusive para os jovens e as pessoas com deficiência, e remuneração igual para trabalho de igual valor</p> <p>8.6 Até 2020, reduzir substancialmente a proporção de jovens sem emprego, educação ou formação</p> <p>8.7 Tomar medidas imediatas e eficazes para erradicar o trabalho forçado, acabar com a escravidão moderna e o tráfico de pessoas, e assegurar a proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, incluindo recrutamento e utilização de crianças-soldado, e até 2025 acabar com o trabalho infantil em todas as suas formas</p> <p>8.8 Proteger os direitos trabalhistas e promover ambientes de trabalho seguros e protegidos para todos os trabalhadores, incluindo os trabalhadores migrantes, em particular as mulheres migrantes, e pessoas em empregos precários</p> <p>8.9 Até 2030, elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais</p> <p>8.10 Fortalecer a capacidade das instituições financeiras nacionais para incentivar a expansão do acesso aos serviços bancários, de seguros e financeiros para todos</p> <p>8.a Aumentar o apoio da Iniciativa de Ajuda para o Comércio [Aid for Trade] para os países em desenvolvimento, particularmente os países menos desenvolvidos, inclusive por meio do Quadro Integrado Reforçado para a Assistência Técnica Relacionada com o Comércio para os países menos desenvolvidos</p> <p>8.b Até 2020, desenvolver e operacionalizar uma estratégia global para o emprego dos jovens e implementar o Pacto Mundial para o Emprego da Organização Internacional do Trabalho [OIT]</p>
9	<p>9.1 Desenvolver infraestrutura de qualidade, confiável, sustentável e resiliente, incluindo infraestrutura regional e transfronteiriça, para apoiar o desenvolvimento econômico e o bem-estar humano, com foco no acesso equitativo e a preços acessíveis para todos</p> <p>9.2 Promover a industrialização inclusiva e sustentável e, até 2030, aumentar significativamente a participação da indústria no setor de emprego e no PIB, de acordo com as circunstâncias nacionais, e dobrar sua participação nos países menos desenvolvidos</p> <p>9.3 Aumentar o acesso das pequenas indústrias e outras empresas, particularmente em países em desenvolvimento, aos serviços financeiros, incluindo crédito acessível e sua integração em cadeias de valor e mercados</p> <p>9.4 Até 2030, modernizar a infraestrutura e reabilitar as indústrias para torná-las sustentáveis, com eficiência aumentada no uso de recursos e maior adoção de tecnologias e processos industriais limpos e ambientalmente corretos; com todos os países atuando de acordo com suas respectivas capacidades</p> <p>9.5 Fortalecer a pesquisa científica, melhorar as capacidades tecnológicas de setores industriais em todos os países, particularmente os países em desenvolvimento, inclusive, até 2030, incentivando a inovação e aumentando substancialmente o número de trabalhadores de pesquisa e desenvolvimento por milhão de pessoas e os gastos público e privado em pesquisa e desenvolvimento</p> <p>9.a Facilitar o desenvolvimento de infraestrutura sustentável e resiliente em países em desenvolvimento, por meio de maior apoio financeiro, tecnológico e técnico aos países africanos, aos países menos desenvolvidos, aos países em desenvolvimento sem litoral e aos pequenos Estados insulares em desenvolvimento</p> <p>9.b Apoiar o desenvolvimento tecnológico, a pesquisa e a inovação nacionais nos países em desenvolvimento, inclusive garantindo um ambiente político propício para, entre outras coisas, a diversificação industrial e a agregação de valor às commodities</p> <p>9.c Aumentar significativamente o acesso às tecnologias de informação e comunicação e se empenhar para oferecer acesso universal e a preços acessíveis à internet nos países menos desenvolvidos, até 2020</p>
10	<p>10.1 Até 2030, progressivamente alcançar e sustentar o crescimento da renda dos 40% da população mais pobre a uma taxa maior que a média nacional</p> <p>10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra</p>

	<p>10.3 Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito</p> <p>10.4 Adotar políticas, especialmente fiscal, salarial e de proteção social, e alcançar progressivamente uma maior igualdade</p> <p>10.5 Melhorar a regulamentação e monitoramento dos mercados e instituições financeiras globais e fortalecer a implementação de tais regulamentações</p> <p>10.6 Assegurar uma representação e voz mais forte dos países em desenvolvimento em tomadas de decisão nas instituições econômicas e financeiras internacionais globais, a fim de produzir instituições mais eficazes, críveis, responsáveis e legítimas</p> <p>10.7 Facilitar a migração e a mobilidade ordenada, segura, regular e responsável das pessoas, inclusive por meio da implementação de políticas de migração planejadas e bem geridas</p> <p>10.a Implementar o princípio do tratamento especial e diferenciado para países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, em conformidade com os acordos da OMC</p> <p>10.b Incentivar a assistência oficial ao desenvolvimento e fluxos financeiros, incluindo o investimento externo direto, para os Estados onde a necessidade é maior, em particular os países menos desenvolvidos, os países africanos, os pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países em desenvolvimento sem litoral, de acordo com seus planos e programas nacionais</p> <p>10.c Até 2030, reduzir para menos de 3% os custos de transação de remessas dos migrantes e eliminar os corredores de remessas com custos superiores a 5%</p>
11	<p>11.1 Até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanizar as favelas</p> <p>11.2 Até 2030, proporcionar o acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis, sustentáveis e a preço acessível para todos, melhorando a segurança rodoviária por meio da expansão dos transportes públicos, com especial atenção para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos</p> <p>11.3 Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países</p> <p>11.4 Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo</p> <p>11.5 Até 2030, reduzir significativamente o número de mortes e o número de pessoas afetadas por catástrofes e substancialmente diminuir as perdas econômicas diretas causadas por elas em relação ao produto interno bruto global, incluindo os desastres relacionados à água, com o foco em proteger os pobres e as pessoas em situação de vulnerabilidade</p> <p>11.6 Até 2030, reduzir o impacto ambiental negativo per capita das cidades, inclusive prestando especial atenção à qualidade do ar, gestão de resíduos municipais e outros</p> <p>11.7 Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência</p> <p>11.a Apoiar relações econômicas, sociais e ambientais positivas entre áreas urbanas, periurbanas e rurais, reforçando o planejamento nacional e regional de desenvolvimento</p> <p>11.b Até 2020, aumentar substancialmente o número de cidades e assentamentos humanos adotando e implementando políticas e planos integrados para a inclusão, a eficiência dos recursos, mitigação e adaptação às mudanças climáticas, a resiliência a desastres; e desenvolver e implementar, de acordo com o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030, o gerenciamento holístico do risco de desastres em todos os níveis</p> <p>11.c Apoiar os países menos desenvolvidos, inclusive por meio de assistência técnica e financeira, para construções sustentáveis e resilientes, utilizando materiais locais</p>
12	<p>12.1 Implementar o Plano Decenal de Programas sobre Produção e Consumo Sustentáveis, com todos os países tomando medidas, e os países desenvolvidos assumindo a liderança, tendo em conta o desenvolvimento e as capacidades dos países em desenvolvimento</p> <p>12.2 Até 2030, alcançar a gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais</p> <p>12.3 Até 2030, reduzir pela metade o desperdício de alimentos per capita mundial, nos níveis de varejo e do consumidor, e reduzir as perdas de alimentos ao longo das cadeias de produção e abastecimento, incluindo as perdas pós-colheita</p> <p>12.4 Até 2020, alcançar o manejo ambientalmente saudável dos produtos químicos e todos os resíduos, ao longo de todo o ciclo de vida destes, de acordo com os marcos internacionais acordados, e reduzir significativamente a liberação destes para o ar, água e solo, para minimizar seus impactos negativos sobre a saúde humana e o meio ambiente</p> <p>12.5 Até 2030, reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso</p>

	<p>12.6 Incentivar as empresas, especialmente as empresas grandes e transnacionais, a adotar práticas sustentáveis e a integrar informações de sustentabilidade em seu ciclo de relatórios</p> <p>12.7 Promover práticas de compras públicas sustentáveis, de acordo com as políticas e prioridades nacionais</p> <p>12.8 Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza</p> <p>12.a Apoiar países em desenvolvimento a fortalecer suas capacidades científicas e tecnológicas para mudar para padrões mais sustentáveis de produção e consumo</p> <p>12.b Desenvolver e implementar ferramentas para monitorar os impactos do desenvolvimento sustentável para o turismo sustentável, que gera empregos, promove a cultura e os produtos locais</p> <p>12.c Racionalizar subsídios ineficientes aos combustíveis fósseis, que encorajam o consumo exagerado, eliminando as distorções de mercado, de acordo com as circunstâncias nacionais, inclusive por meio da reestruturação fiscal e a eliminação gradual desses subsídios prejudiciais, caso existam, para refletir os seus impactos ambientais, tendo plenamente em conta as necessidades específicas e condições dos países em desenvolvimento e minimizando os possíveis impactos adversos sobre o seu desenvolvimento de uma forma que proteja os pobres e as comunidades afetadas</p>
13	<p>13.1 Reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados ao clima e às catástrofes naturais em todos os países</p> <p>13.2 Integrar medidas da mudança do clima nas políticas, estratégias e planejamentos nacionais</p> <p>13.3 Melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima</p> <p>13.a Implementar o compromisso assumido pelos países desenvolvidos partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima [UNFCCC] para a meta de mobilizar conjuntamente US\$ 100 bilhões por ano a partir de 2020, de todas as fontes, para atender às necessidades dos países em desenvolvimento, no contexto das ações de mitigação significativas e transparência na implementação; e operacionalizar plenamente o Fundo Verde para o Clima por meio de sua capitalização o mais cedo possível</p> <p>13.b Promover mecanismos para a criação de capacidades para o planejamento relacionado à mudança do clima e à gestão eficaz, nos países menos desenvolvidos, inclusive com foco em mulheres, jovens, comunidades locais e marginalizadas</p>
14	<p>14.1 Até 2025, prevenir e reduzir significativamente a poluição marinha de todos os tipos, especialmente a advinda de atividades terrestres, incluindo detritos marinhos e a poluição por nutrientes</p> <p>14.2 Até 2020, gerir de forma sustentável e proteger os ecossistemas marinhos e costeiros para evitar impactos adversos significativos, inclusive por meio do reforço da sua capacidade de resiliência, e tomar medidas para a sua restauração, a fim de assegurar oceanos saudáveis e produtivos</p> <p>14.3 Minimizar e enfrentar os impactos da acidificação dos oceanos, inclusive por meio do reforço da cooperação científica em todos os níveis</p> <p>14.4 Até 2020, efetivamente regular a coleta, e acabar com a sobrepesca, ilegal, não reportada e não regulamentada e as práticas de pesca destrutivas, e implementar planos de gestão com base científica, para restaurar populações de peixes no menor tempo possível, pelo menos a níveis que possam produzir rendimento máximo sustentável, como determinado por suas características biológicas</p> <p>14.5 Até 2020, conservar pelo menos 10% das zonas costeiras e marinhas, de acordo com a legislação nacional e internacional, e com base na melhor informação científica disponível</p> <p>14.6 Até 2020, proibir certas formas de subsídios à pesca, que contribuem para a sobrecapacidade e a sobrepesca, e eliminar os subsídios que contribuam para a pesca ilegal, não reportada e não regulamentada, e abster-se de introduzir novos subsídios como estes, reconhecendo que o tratamento especial e diferenciado adequado e eficaz para os países em desenvolvimento e os países menos desenvolvidos deve ser parte integrante da negociação sobre subsídios à pesca da Organização Mundial do Comércio</p> <p>14.7 Até 2030, aumentar os benefícios econômicos para os pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países menos desenvolvidos, a partir do uso sustentável dos recursos marinhos, inclusive por meio de uma gestão sustentável da pesca, aquicultura e turismo</p> <p>14.a Aumentar o conhecimento científico, desenvolver capacidades de pesquisa e transferir tecnologia marinha, tendo em conta os critérios e orientações sobre a Transferência de Tecnologia Marinha da Comissão Oceanográfica Intergovernamental, a fim de melhorar a saúde dos oceanos e aumentar a contribuição da biodiversidade marinha para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento, em particular os pequenos Estados insulares em desenvolvimento e os países menos desenvolvidos</p> <p>14.b Proporcionar o acesso dos pescadores artesanais de pequena escala aos recursos marinhos e mercados</p>

	14.c Assegurar a conservação e o uso sustentável dos oceanos e seus recursos pela implementação do direito internacional, como refletido na UNCLOS [Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar], que provê o arcabouço legal para a conservação e utilização sustentável dos oceanos e dos seus recursos, conforme registrado no parágrafo 158 do “Futuro Que Queremos”
15	<p>15.1 Até 2020, assegurar a conservação, recuperação e uso sustentável de ecossistemas terrestres e de água doce interiores e seus serviços, em especial florestas, zonas úmidas, montanhas e terras áridas, em conformidade com as obrigações decorrentes dos acordos internacionais</p> <p>15.2 Até 2020, promover a implementação da gestão sustentável de todos os tipos de florestas, deter o desmatamento, restaurar florestas degradadas e aumentar substancialmente o florestamento e o reflorestamento globalmente</p> <p>15.3 Até 2030, combater a desertificação, restaurar a terra e o solo degradado, incluindo terrenos afetados pela desertificação, secas e inundações, e lutar para alcançar um mundo neutro em termos de degradação do solo</p> <p>15.4 Até 2030, assegurar a conservação dos ecossistemas de montanha, incluindo a sua biodiversidade, para melhorar a sua capacidade de proporcionar benefícios que são essenciais para o desenvolvimento sustentável</p> <p>15.5 Tomar medidas urgentes e significativas para reduzir a degradação de habitat naturais, deter a perda de biodiversidade e, até 2020, proteger e evitar a extinção de espécies ameaçadas</p> <p>15.6 Garantir uma repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos e promover o acesso adequado aos recursos genéticos</p> <p>15.7 Tomar medidas urgentes para acabar com a caça ilegal e o tráfico de espécies da flora e fauna protegidas e abordar tanto a demanda quanto a oferta de produtos ilegais da vida selvagem</p> <p>15.8 Até 2020, implementar medidas para evitar a introdução e reduzir significativamente o impacto de espécies exóticas invasoras em ecossistemas terrestres e aquáticos, e controlar ou erradicar as espécies prioritárias</p> <p>15.9 Até 2020, integrar os valores dos ecossistemas e da biodiversidade ao planejamento nacional e local, nos processos de desenvolvimento, nas estratégias de redução da pobreza e nos sistemas de contas</p> <p>15.a Mobilizar e aumentar significativamente, a partir de todas as fontes, os recursos financeiros para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas</p> <p>15.b Mobilizar recursos significativos de todas as fontes e em todos os níveis para financiar o manejo florestal sustentável e proporcionar incentivos adequados aos países em desenvolvimento para promover o manejo florestal sustentável, inclusive para a conservação e o reflorestamento</p> <p>15.c Reforçar o apoio global para os esforços de combate à caça ilegal e ao tráfico de espécies protegidas, inclusive por meio do aumento da capacidade das comunidades locais para buscar oportunidades de subsistência sustentável</p>
16	<p>16.1 Reduzir significativamente todas as formas de violência e as taxas de mortalidade relacionada em todos os lugares</p> <p>16.2 Acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças</p> <p>16.3 Promover o Estado de Direito, em nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos</p> <p>16.4 Até 2030, reduzir significativamente os fluxos financeiros e de armas ilegais, reforçar a recuperação e devolução de recursos roubados e combater todas as formas de crime organizado</p> <p>16.5 Reduzir substancialmente a corrupção e o suborno em todas as suas formas</p> <p>16.6 Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis</p> <p>16.7 Garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis</p> <p>16.8 Ampliar e fortalecer a participação dos países em desenvolvimento nas instituições de governança global</p> <p>16.9 Até 2030, fornecer identidade legal para todos, incluindo o registro de nascimento</p> <p>16.10 Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais</p> <p>16.a Fortalecer as instituições nacionais relevantes, inclusive por meio da cooperação internacional, para a construção de capacidades em todos os níveis, em particular nos países em desenvolvimento, para a prevenção da violência e o combate ao terrorismo e ao crime</p> <p>16.b Promover e fazer cumprir leis e políticas não discriminatórias para o desenvolvimento sustentável</p>
17	17.1 Fortalecer a mobilização de recursos internos, inclusive por meio do apoio internacional aos países em desenvolvimento, para melhorar a capacidade nacional para arrecadação de impostos e outras receitas

<p>17.2 Países desenvolvidos implementarem plenamente os seus compromissos em matéria de assistência oficial ao desenvolvimento [AOD], inclusive fornecer 0,7% da renda nacional bruta [RNB] em AOD aos países em desenvolvimento, dos quais 0,15% a 0,20% para os países menos desenvolvidos; provedores de AOD são encorajados a considerar a definir uma meta para fornecer pelo menos 0,20% da renda nacional bruta em AOD para os países menos desenvolvidos</p> <p>17.3 Mobilizar recursos financeiros adicionais para os países em desenvolvimento a partir de múltiplas fontes</p> <p>17.4 Ajudar os países em desenvolvimento a alcançar a sustentabilidade da dívida de longo prazo por meio de políticas coordenadas destinadas a promover o financiamento, a redução e a reestruturação da dívida, conforme apropriado, e tratar da dívida externa dos países pobres altamente endividados para reduzir o superendividamento</p> <p>17.5 Adotar e implementar regimes de promoção de investimentos para os países menos desenvolvidos</p> <p>17.6 Melhorar a cooperação Norte-Sul, Sul-Sul e triangular regional e internacional e o acesso à ciência, tecnologia e inovação, e aumentar o compartilhamento de conhecimentos em termos mutuamente acordados, inclusive por meio de uma melhor coordenação entre os mecanismos existentes, particularmente no nível das Nações Unidas, e por meio de um mecanismo de facilitação de tecnologia global</p> <p>17.7 Promover o desenvolvimento, a transferência, a disseminação e a difusão de tecnologias ambientalmente corretas para os países em desenvolvimento, em condições favoráveis, inclusive em condições concessionais e preferenciais, conforme mutuamente acordado</p> <p>17.8 Operacionalizar plenamente o Banco de Tecnologia e o mecanismo de capacitação em ciência, tecnologia e inovação para os países menos desenvolvidos até 2017, e aumentar o uso de tecnologias de capacitação, em particular das tecnologias de informação e comunicação</p> <p>17.9 Reforçar o apoio internacional para a implementação eficaz e orientada da capacitação em países em desenvolvimento, a fim de apoiar os planos nacionais para implementar todos os objetivos de desenvolvimento sustentável, inclusive por meio da cooperação Norte-Sul, Sul-Sul e triangular</p> <p>17.10 Promover um sistema multilateral de comércio universal, baseado em regras, aberto, não discriminatório e equitativo no âmbito da Organização Mundial do Comércio, inclusive por meio da conclusão das negociações no âmbito de sua Agenda de Desenvolvimento de Doha</p> <p>17.11 Aumentar significativamente as exportações dos países em desenvolvimento, em particular com o objetivo de duplicar a participação dos países menos desenvolvidos nas exportações globais até 2020</p> <p>17.12 Concretizar a implementação oportuna de acesso a mercados livres de cotas e taxas, de forma duradoura, para todos os países menos desenvolvidos, de acordo com as decisões da OMC, inclusive por meio de garantias de que as regras de origem preferenciais aplicáveis às importações provenientes de países menos desenvolvidos sejam transparentes e simples, e contribuam para facilitar o acesso ao mercado</p> <p>17.13 Aumentar a estabilidade macroeconômica global, inclusive por meio da coordenação e da coerência de políticas</p> <p>17.14 Aumentar a coerência das políticas para o desenvolvimento sustentável</p> <p>17.15 Respeitar o espaço político e a liderança de cada país para estabelecer e implementar políticas para a erradicação da pobreza e o desenvolvimento sustentável</p> <p>17.16 Reforçar a parceria global para o desenvolvimento sustentável, complementada por parcerias multissetoriais que mobilizem e compartilhem conhecimento, expertise, tecnologia e recursos financeiros, para apoiar a realização dos objetivos do desenvolvimento sustentável em todos os países, particularmente nos países em desenvolvimento</p> <p>17.17 Incentivar e promover parcerias públicas, público-privadas e com a sociedade civil eficazes, a partir da experiência das estratégias de mobilização de recursos dessas parcerias</p> <p>17.18 Até 2020, reforçar o apoio à capacitação para os países em desenvolvimento, inclusive para os países menos desenvolvidos e pequenos Estados insulares em desenvolvimento, para aumentar significativamente a disponibilidade de dados de alta qualidade, atuais e confiáveis, desagregados por renda, gênero, idade, raça, etnia, status migratório, deficiência, localização geográfica e outras características relevantes em contextos nacionais</p> <p>17.19 Até 2030, valer-se de iniciativas existentes para desenvolver medidas do progresso do desenvolvimento sustentável que complementem o produto interno bruto [PIB] e apoiem a capacitação estatística nos países em desenvolvimento</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023), com base em Nações Unidas Brasil ([2015?])

ANEXO B - OBRAS BRASILEIRAS DO CLUBE DE LEITURA ODS

ODS 1 - ERRADICAÇÃO DA POBREZA				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Crianças na escuridão	Júlio Emílio Braz	FTD	9788596015721	2018
Da minha janela	Otávio Júnior	Companhia das Letrinhas	9788574068749	2017
Dois meninos de Kakuma	Marie Ange Bordas	Pulo do Gato	9788595760066	2018
Donana e Titonho	Ninfa Parreiras	Paulinas	9788535643954	2017
Eu sou uma noz	Beatriz Osés	Escarlata	9788583820857	2019
Foi ele que escreveu a ventania	Rosa Rios	Pulo do Gato	9788595760004	2017
O cometa é um sol que não deu certo	Tadeu Sarmiento	SM	9788541818759	2017
O garoto da camisa vermelha	Otávio Júnior	Autêntica	9788551306871	2019
Para onde vamos	Jairo Buitrago	Pulo do Gato	9788564974951	2016
ODS 2: FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Abecedário de aromas: cozinhando com tempero e poesia	César Obeid	Editores do Brasil	9788510065429	2016
O rei de quase tudo e as vinhas de ouro	Eliardo França; Mary França	Semear ideias	9786599247545	2020
ODS 3: SAÚDE E BEM-ESTAR				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Estrela Kaingáng: a lenda do primeiro pajé	Vângri Kaingáng	Biruta	9788578481438	2014
Família de todo jeito	Ana Claudia Bastos	ZIT	9788579330827	2015
Fuga para Xangai	Kathy Kacer	Callis	9788545400240	2016
O leão da neve	Jim Helmore; Richard Jones	Carochinha	9788595540316	2018
O menino e o mar	Lulu Lima; Lalan Bessoni	Mil Caramiolas	9786500001617	2020
O menino que amava o passapreto	Adriano Messias	Sowilo	9788568490150	2017
Opa	Adilson Farias	Prosa Nova	9788593927027	2019
Reconexão	Lelis	Abacatte	9788594680358	2019
ODS 4: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
99 brincadeiras cantadas	Marlon Chucruts; Cia Malas Portam	Editores SESI - SP	9788550404011	2017
A cadeira do rei	Nelson Cruz	Peirópolis	9788575965450	2017
A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha	Nathercia Lacerda	ZIT	9788579330995	2016

Caderno alado: a passarada do infinito em prosa e verso	Cristina Porto	Barbatana	9788564155107	2016
Direitos do pequeno leitor	Patricia Auerbach	Companhia das Letrinhas	9788574067216	2015
Escola em jogo	José Santos; Rogério Correa	Editora SESI - SP	9788550400402	2016
Festa do Maneco	Antonio Cestaro; Amanda Cestaro	Tordesilhinhas	9786556880013	2020
Gato preto, gata branca	Silvia Borando	Carochinha	9788595540200	2017
Kakopi, Kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos	Rogério Andrade Barbosa	Melhoramentos	9788506083260	2017
Kamo e a agência babel	Daniel Pennac	Melhoramentos	9788506070260	2017
O nascimento de Zeus e outros mitos gregos	Adriane Duarte	Editora SESI - SP	9788550403434	2017
O olho bom do menino	Daniel Munduruku	DM Projetos Especiais	9788564045125	2019
O secador de livros	Carla Maia Almeida	Carochinha	9788595541054	2019
Os casamentos da dona baratinha	Elma	Cortez	9788524927249	2019
Palavras sapecas	Katia Canton	Carochinha	9788595540279	2018
Pequeno manual de peixes marinhos e outras maravilhas aquáticas	Beatriz Chachamovits	Companhia das Letrinhas	9788574068145	2016
Rosa	Odilon Moraes	Olho de Vidro	9788593234019	2017
ODS 5: IGUALDADE DE GÊNERO				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A bela ou a fera	Anna Flora	FTD	9788596002516	2015
A valentia das personagens secundárias	Stella Maris Rezende	Globo Livros	9786580634040	2019
ABCDelas	Janaina Tokitaka	Companhia das Letrinhas	9788574068541	2017
As aventuras de sargento verde	Helena Gomes	Biruta	9788578481711	2015
Caderno sem rimas da Maria	Lázaro Ramos	Pallas	9788534705448	2013
Coisa de menina	Pri Ferrari	Companhia das Letrinhas	9788574067308	2016
Coisa de menino	Pri Ferrari	Companhia das Letrinhas	9788574068008	2016
Contos de sacisas	José Roberto Torero	Companhia das Letrinhas	9788574068220	2016
Empoderadas! Mulheres eternas	Palmério Dória	Geração Editorial	9788581304052	2018

Enreduana	Roger Mello	Companhia das Letrinhas	9788574068411	2017
Ernesto, o leão faminto	Lola Casas; Gusti	Solisluna	9786586539172	2020
Eu sou uma menina	Yasmeen Ismail	Brinque-Book	9788574126333	2019
Grace O'Malley: a pirata invencível	Heloisia Prieto; Victor Scatolin	SM	9788541816335	2016
Impossível	Catarina Sobral	Carochinha	9788595541061	2019
Lá no meu quintal... o brincar de meninas e meninos de norte a sul	Gabriela Romeu; Marlene Peret	Peirópolis	9788575966464	2019
Layla, a menina síria	Cassiana Pizaia; Rima Awada; Rosi Vilas Boas	Editora do Brasil	9788510068055	2016
Leila	Tino Freitas	Abacatte	9788594680334	2019
Malala e seu lápis mágico	Malala Yousafzai	Companhia das Letrinhas	9788574068114	2016
Malala: pelo direito das meninas à educação	Raphaële Frier	Pequena Zahar	9788566642650	2019
Marinela	Luciana Grether Carvalho	ZIT	9788579331213	2017
Minha família Enauenê	Rita Carelli	FTD	9788596016513	2018
O silêncio de Alice	Cristiana Athayde	Autêntica	9788551300718	2016
Pinóquia	Jean Claude R. Alphen	Melhoramentos	9788506081396	2015
Princesas guerreiras	Janaina Tokitaka	Pallas	9788534705394	2013
Princesas, bruxas e uma sardinha da brasa: contos de fadas para pensar sobre o papel da mulher	Helena Gomes; Geni Souza	Biruta	9788578481827	2016
Rônia: a filha do bandoleiro	Astrid Lindgren	Companhia das Letrinhas	9788574067902	2016
Super	Jean-claude Alphen	Pulo do Gato	9788564974982	2017
ODS 6: ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A mancha	Guilherme Gontijo Flores; Daniel Kondo	FTD	9788596029810	2020
Caminhos de São Francisco	Cristina Porto	FTD	9788596010047	2020
ODS 7: ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Eu, Ota, o rio de Hiroshima	Jean-Paul Alègre	Temporal	9788553092109	2019
No corredor dos cobogós	Paula Fábrio	SM	9788541820424	2017
ODS 8: TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Eu estou aqui: crianças que deixaram seus países para começar uma nova vida no Brasil	Mafsa Zakzuk	Panda Books	9788578887391	2019

Meu pai, o grande pirata	Davide Cali	Pequena Zahar	9788566642599	2018
O olho da rua	Moisés Liporage	ZIT	9788579330810	2015
Se os tubarões fossem homens	Bertolt Brecht	Olho de Vidro	9788593234026	2018
ODS 9: INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
Alinhavos: o futuro do planeta está no seu guarda-roupa	Alessandra Ponce Rocha	Panda Books	9788578887353	2019
Mobilidade	Kiara Terra	SM	9788541820417	2017
ODS 10: REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A boca da noite	Cristino Wapichana	ZIT	9788579331077	2016
A cor de Coraline	Alexandre Rampazo	Rocco Pequenos Leitores	9788562500763	2014
A guerra do pão com manteiga	Theodor Seuss Geisel	Companhia das Letrinhas	9788574067940	2016
Ah... nisso eu não tinha pensado!	Ludovic Souliman	Peirópolis	9788575966341	2019
Amarelindo	Adriano Messias	Sowilo	9786586097122	2020
Balada da estrela e outros poemas	Gabriela Mistral	Olho de Vidro	9788593234057	2018
Entre cães e gatos	Rosana Rios	Editora do Brasil	9788510077422	2019
Era uma vez uma bruxa	Lia Zatz	Moderna	9788516105914	2016
Gente de cor, cor de gente	Maurício Negro	FTD	9788596009850	2016
Honorina	Regina Miranda	Compór	9788583490265	2019
Macapacarana	Giselda Laporta Nicolelis	Scipione	9788547402440	2019
Mexique	María José Ferrada; Ana Penyas; Carla Branco	Pallas Mini	9786586983043	2020
Nós de axé	Janaína de Figueiredo	Aletria	9788595260153	2018
Nós: uma antologia de literatura indígena	Aline Ngrenhtabare L. Kayapó <i>et al.</i>	Companhia das Letrinhas	9788574068640	2017
O Menino Nelson Mandela	Viviana Mazza; Mauricio Negro; Paolo D'Altan; Silvana Cobucci	Melhoramentos	9788506063323	2020
O menino que vendia sonhos	Alexandre Azevedo	Escrita Fina	9788559090185	2017
Olha aqui o Haiti! Voici le Haïti!	Carla Caruso; Marcia Camargos; Heloisa Albuquerque-Costa	Estrela Cultural	9786586059519	2020
Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro	Ale Santos	Panda Books	9788578887360	2019
Um lençol de infinitos fios	Susana Ventura	Gaivota	9788564816930	2018
Zum zum Zumbiiiiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças	Sonia Rosa	Pallas Mini	9788567751047	2016

ODS 11: CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A cor do dinheiro da vovó	Cristino Wapichana	Edebe Brasil	9788555363047	2019
A história de Akykysia, o dono da caça Akykysia	Rita Carelli	Editores SESI - SP	9788550403878	2017
A história do Monstro Khátpy	Ana Carvalho	Editores SESI - SP	9788550403762	2017
Das crianças Ikpeng para o mundo	Rita Carelli	Editores SESI - SP	9788550408705	2018
Depois do ovo, a guerra	Ana Carvalho	Editores SESI - SP	9788550408736	2018
Dois pinheiros e o mar: e outras crônicas sobre meio ambiente	Rubem Braga	Global	9788526023673	2017
Em algum lugar do mundo	Anna Claudia Ramos	Editores do Brasil	9788510068864	2016
Greta e os gigantes	Zoë Tucker	Carochinha	9788595541191	2019
Manaus	Irena Freitas	Barbatana	9788564155275	2019
No tempo do verão	Mariana Zanetti; Rita Carelli	Editores SESI - SP	9788550408729	2018
O convidador de pirilampos	Ondjaki	Pallas	9788534705424	2018
O que tem no bairro de Ana?	Ana Cristina Melo	Bambolê	9788569470649	2019
Palermo e Neneco	Ana Carvalho; Maria Zanetti	Editores SESI - SP	9788550408712	2018
Sem palmeira ou sabiá	Bartolomeu Campos de Queirós	Global	9788526023796	2017
Ubuntu	Celina Bodenmüller; Fabiana Prando	Elo	9786586036428	2020
ODS 12: CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A garrafa	Patricia Auerbach	Brinque-Book	9788574125831	2018
Carona	Guilherme Karsten	Companhia das Letrinhas	9788574068886	2020
Chapéu fora de moda	Emily Gravett	Caramelo	9788557590021	2016
Ecologia até na sopa	Mariela Kogan; Ileana Lotersztain	Companhia das Letrinhas	9788574068633	2017
Gigi e Napoleão	Cláudia Ramos	Cortez	9788524926242	2018
Menininho	Gabriela Romeu	Panda Books	9788578887483	2019
O Lórax	Theodor Seuss Geise	Companhia das Letrinhas	9788574066820	2017
Poeminhas da terra	Márcia Leite	Pulo do Gato	9788564974739	2016
Sagatrisuitorana	Nelson Cruz; João Luiz Guimarães	ÔZé	9786599010743	2020
Terra de cabina: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão	Gabriela Romeu	Peirópolis	9788575964156	2016
Um canto para o rio	Roberta Brangioni Fontes; Taisa Borges	Peirópolis	9786586028874	2020

Um dia, um rio	Leonardo Cunha	Pulo do Gato	9788564974968	2016
ODS 13: AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A árvore	Roberto Carvalho Magalhães	Editora SESI - SP	9788550405162	2017
Cadê o bicho?	Cris Eich	Bom Bini Editorial	9788593655661	2019
Estranhas criaturas	Cristóbal León; Cristina Sitja Rubio	WMF Martins Fontes	9788546902705	2019
O amuleto da chuva	Maté	Escarlata	9788583820512	2016
O corte e a chama	Leo Cunha; Paulo Rea	Pulo do Gato	9786587704005	2020
ODS 14: VIDA NA ÁGUA				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A baleia e o submarino	Mario Vale	RHJ	9788571533707	2019
Águas encantadas	Maté	Gaia	9788575554524	2017
Antes de mim	Emmanuelle Houssais	Callis	9788545400851	2018
Bichos da terra dos bichos: africanos	Lalau; Laurabeatriz	SM	9788541815123	2016
Histórias guardadas pelo Rio	Lúcia Hiratsuka	SM	9788541820400	2017
Ludi vai à praia: a odisséia de uma marquesa	Luciana Sandroni	Escarlata	9788583820628	2017
O rio	Bartolomeu Campos de Queirós	Global	9788526024762	2019
Os animais	Camilla de La Bédoyère	Girassol Brasil	9788539423576	2019
ODS 15: VIDA TERRESTRE				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A água e a água	Mia Couto	Companhia das Letrinhas	9788574068923	2017
A alma secreta dos passarinhos	Paulo Venturelli; Elisabeth Teixeira	Edições Olho de Vidro	9788593234002	2016
A casa da árvore	Lúcia Brandão; Lino Freitas	Melhoramentos	9788506079690	2016
Bichos de um lugar mágico: australianos	Lalau; Laurabeatriz	SM	9788541815130	2016
Bichos vermelhos	Lina Rosa	Aletria	9788595260207	2018
Brasileirinhos	Lalau; Laurabeatriz	Companhia das Letrinhas	9788574068022	2016
Brasileirinhos da Amazônia	Laurabeatriz; Lalau	Companhia das Letrinhas	9788574069043	2020
Chove chuva: aprendendo com a natureza - sabedoria popular	Magali Queiroz	Alis	9788586540776	2017
Cobra-tatu	Rodrigo Naves	Companhia das Letrinhas	9788574068152	2016
Dinossauros podem ser adestrados?	Henning Wiesner	Editora SESI - SP	9788550411095	2018
Guayarê : o menino da aldeia do rio	Yaguarê Yamã	Biruta	9788578481414	2019

João Graveto e João Pessoa	Marismar Borém	Aletria	9788595260252	2019
Lendas de frutas e árvores do Brasil	Adriano Messias	Sowilo	9788568490914	2018
Lendas e fábulas de bichos do Brasil	Adriano Messias	Sowilo	9788572580120	2019
Ludi na Floresta da Tijuca	Luciana Sandroni	Escarlate	9788583820635	2017
O mistério do Colecionador	Milton Célio de Oliveira Filho	Escarlate	9788583820918	2020
O mundo nunca dorme	Natalie Rompella	Melhoramentos	9788506086292	2017
O olho do lobo	Daniel Pennac	Melhoramentos	9788506069981	2017
Pequenas armaduras	Janaina Tokitaka	ÔZé	9788564571389	2017
Poemas da minha terra tupi	Maté	Brinque-Book	9788574125732	2017
Por todos os bichos	Dave Santana	Global	9788526023475	2017
Sertão	Fábio Monteiro	Paulinas	9788535641332	2016
Uma festa na floresta	Lêda Sellaro	CEPE	9788578587109	2018
ODS 16: PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A Bola de Folhas de Bananeira	Katie Smith Milway; Shane W. Evans; Erika Nogueira Vieira	Melhoramentos	9788506086186	2020
A caixa de Zahara	Adriana Morgado	ZIT	9788579330971	2016
Amal: e a viagem mais importante da sua vida	Carolina Montenegro	Caixote	9788567767024	2019
Apontamentos	Bartolomeu Campos de Queirós	Global	9788526023383	2017
Cada um no seu lugar	Denise Rochael	Compor	9788583490159	2017
Crianças	María José Ferrada; María Elena Valdez; Carla Branco	Pallas Mini	9786586983012	2020
Em fuga	Pimm van Hest	Gaudi	9788581841564	2018
Kianda	Raul Lody; Daniel Viana	Pallas Mini	9786586983005	2020
Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró	Marcela Fernandes de Carvalho	Escrita Fina Edições	9788559090154	2017
Marcado pelo triângulo rosa	Ken Settrington	Melhoramentos	9788506072837	2017
Memórias de um adolescente brasileiro na Alemanha nazista	Elisabeth Loibl	Melhoramentos	9788506072820	2017
Mustafá	Marie-Louise Gay	Brinque-Book	9788574126265	2019
O conto do carpinteiro	Iban Barrenetxea	Companhia das Letrinhas	9788574067209	2016
O Dragão do Mar	Sonia Rosa; Anabella López	Pallas Mini	9786586983036	2020
O Haiti de Jean	Cassiana Pizaia; Rima Awada Zahra; Rosi Vilas Boas	Editora do Brasil	9788510071574	2019
Paz	Angela Leite de Souza	Abacatte	9788594680198	2018
Reis, moscas e um gole de astúcia:	Helena Gomes; Susana Ventura	Biruta	9788578482268	2018

contos de fadas para pensar sobre justiça				
Você é livre!	Dominique Torrès	Autêntica	9788551307656	2019
ODS 17: PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO				
TÍTULO	AUTOR (A)	EDITORA	ISBN	ANO
A reforma da natureza	Monteiro Lobato	Editora SESI - SP	9788550411453	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2023), com base na Câmara Brasileira do Livro (2021)